

O ÚLTIMO A MORRER

Outro suspense
eletrizante do autor de
UMA MULHER PERFEITA



**JAMES
GRIPPANDO**



O ÚLTIMO A MORRER

JAMES GRIPPANDO

Tradução DINAH DE ABREU AZEVEDO

Landscape

Copyright (c) by James Grippando, 2005

ISBN: 85-88648-20-2

Título Original: Last to die a novel.

Direitos para a Língua Portuguesa

Editora Landscape

Rua Ministro Nelson Hungria, 239

Fone/Fax (11) 3758-4422

atendimento@editoralandscape.com.br

www.editoralandscape.com.br

Para Tiffany.

Simplesmente está cada vez melhor.

AGRADECIMENTOS

CAROLYN MARINO E RICHARD PINE FORAM, como sempre, de grande ajuda na criação desta história, mas minha gratidão vai muito além disso. Sempre que aspirantes a escritores

me pedem um conselho, eu lhes digo que a regra número 1, é ter prazer.

— Não sei como conseguir isso sem a melhor editora e o melhor agente do ramo, mas tenho a sorte de não ter de me preocupar com isso.

Como sempre, sinto-me grato a meus leitores/críticos preferidos pelos comentários aos primeiros manuscritos, a dra. Gloria M. Grippando (obrigado, mãe), Eleanor Rayner, Amy Kovner e Cece Sanford. Wesley Reid ajudou mais do que imagina ao viajar para a África (cuidado com o que diz, pode acabar num livro) e, no plano jurídico, agradeço novamente ao advogado Clay Craig por suas interpretações do Estatuto do Assassino e outros procedimentos misteriosos do Tribunal dos Sussurros.

— É claro que os erros são todos meus, inclusive aqueles de meu livro intitulado FoundMoney (e aí, Clay, estamos quites agora?)

Muita gente contribuiu para a minha compreensão do tráfico escravo de crianças na África de hoje, como Sudarsan Raghavan e Sumana Chatterjee e a equipe do senador norte-americano Tom Harkin, presidente do Comitê de Agricultura do Senado; e uma longa lista de outras pessoas da Anti-Slavery International, do Ministério do Trabalho dos Estados Unidos, da Organização das Nações Unidas, da Organização Internacional do Trabalho, da Free of Slaves e da Coalizão do Trabalho Infantil. Agradeço também à Chocolate Manufacturers Association of the United States of America, ao American Cocoa Research Institute e à World Cocoa Foundation, que me deram informações sobre a indústria internacional de chocolate e da colheita de cacau.

Mais uma vez, recebi ajuda para os nomes dos personagens, dessa vez da família Roberts, cuja contribuição generosa no leilão anual em favor da Escola da Paróquia Episcopal de São Tomás, em Coral Gables, Flórida, levou-os a uma viagem fictícia à África. Por mais quinhentos dólares, eu lhes teria mandado um repelente de insetos.

Espero que tenham mais sorte no ano que vem.

Finalmente, Tiffany. Obrigado, eu te amo, poderia escrever um livro inteiro

sobre você. Mas prometo que não vou fazer isso.

PRÓLOGO: 1996

POR FIM, SILÊNCIO NA CASA. Sally Fenning estava a sós, sentada à mesa da cozinha com três maços de notas à sua frente—merecidas, mais que merecidas, e perfeitamente inúteis. Não sabia por onde começar. As gorjetas da noite tinham sido patéticas, mal compensando a barra de ser garçone. Na verdade, garçone dava uma certa dignidade ao que ela fazia: atirar copos de cerveja e travessas de asas de galinha super condimentadas a turistas bêbados que a comiam com os olhos a cada movimento que fazia. Com os minúsculos shortinhos de náilon e a blusa de malha decotadíssima e grudada ao corpo, ela às vezes achava que não haveria muita diferença se estivesse dançando nua em cima de uma mesa. Ao menos o pagamento valeria a pena.

Jogou a notificação de cancelamento do telefone na lata de lixo. Eles sempre mandavam duas antes de cortar realmente a linha.

As coisas nem sempre tinham andado tão mal. Ela e o marido já haviam sido donos de um restaurantezinho italiano em Miami Shores, que começou a ir muito bem, cresceu e logo o sucesso lhes subiu à cabeça. Não mexa em time que está ganhando, era o que ela dizia sobre expansão. Mas Mike tinha fixação pelo crescimento, e jurava que estariam vendendo franquias em cinco anos no máximo. Usaram cartões de crédito pessoal para financiar a expansão do negócio, enganados por aqueles juros baixos iniciais que duravam apenas seis meses, seguidos por uma taxa tão alta que a calculadora soltava fumacinha quando fazia as contas do que ela estava pagando pelo empréstimo.

A tinta das paredes mal secara quando uma tempestade tropical inesperada abateu-se sobre as mesinhas ao ar livre, fazendo voar as toalhas de xadrez vermelho e branco, que caíram no estacionamento. Não tinham seguro contra inundações. O restaurante nunca reabriu. Três anos depois, o marido estava trabalhando em dois empregos e ela era atendente do Hooters, daquelas que também dançavam em cima do balcão, e o que ganhava ali não era nem uma gota d'água no mar de dívidas de seu restaurante. Algumas pessoas disseram que ela não tinha vergonha na cara. Mas ela tinha, até demais—demais para jogar a toalha e pedir falência.

— Mãããeee!—A vizinha vinha do quarto de dormir que ficava no fundo do corredor. Sua filha de quatro anos não dormia muito bem e chamar pela mãe à meia-noite tinha-se tornado rotina.

Ela ergueu os olhos de seu talão de cheques, mas não se mexeu na cadeira.

— Katherine, dorme, por favor.

— Mas eu quero uma história.

Sally hesitou. Era tarde, mas trabalhar até as onze da noite, cinco noites por semana, não lhe permitia se dar ao luxo de pôr a filha na cama. Essa era uma tarefa de Mike, antes dele pegar o turno das oito à meia-noite como segurança, ou da mãe dele, que tinha a bondade de vir toda noite assistir televisão enquanto Katherine dormia, preenchendo o vazio entre a hora em que Mike saía para seu segundo emprego e a que Sally chegava do dela. A ideia de ler para a filha fez o coração de Sally derreter. Levantou-se da mesa e foi para o quarto.

— Tudo bem. Uma história.—Eba!

— Mas depois você tem de dormir. Promete?

— Prometo.

Deslizou para debaixo das cobertas ao lado de Katherine e apoiou as costas na guarda da cama. A filha aninhou-se junto a ela.

— Que história você quer?

— Essa aqui, disse a menininha enquanto pegava o livro que estava em cima do criado-mudo.

— O lar dos selvagens

disse Sally, lendo o título. Conhecia bem aquela, a história de um garotinho cuja imaginação transforma seu quarto em um lugar aterrorizante onde ele tem de enfrentar uma ilha cheia de monstros e tornar-se seu senhor. Sally lembrara que sua mãe lia essa mesma história para ela quando era pequena, durante sua fase de pesadelos.

Vinte anos depois, a mensagem ainda era a mesma: o medo só existe na sua cabeça.

— Você ainda tem pesadelos, meu bem?

— Porquê?

— Tenho medo.

— De que você tem medo?

— Do monstro.

— Não existem monstros.

— Existem sim, ali—disse ela apontando para as dobras da cortina que cobriam a porta corrediça de vidro.

— Não, meu amor. Não tem monstro nenhum ali.

— Tem sim, de verdade.

Sally sentiu o rosto da filha apertando-lhe o peito enquanto lia em voz alta. Dava a cada monstro uma voz própria, mas nada assustador demais, para não amedrontar Katherine. Ela já estava dormindo quando o menininho chamado Max voltou da ilha distante para a segurança de seu quarto. Sally deslizou devagarzinho para fora da cama, deu um beijo na testa de Katherine e saiu do quarto na ponta dos pés.

De volta às contas. Financeira Folha Verde: aquela era uma maravilha. Dois mil dólares em computadores e programas de gerenciamento do restaurante, um empréstimo de cinco anos cujo total era de vinte e oito mil dólares. Que negócio!

— Mamãe. Outro chamado vindo do quarto de dormir.

— O que é, meu bem?

— Tô com medo. Tem monstros.

Ela se afastou da mesa da cozinha e foi ao quarto, mas parou diante da porta, recusando-se a se deixar manipular para entrar ali.

— Não existem monstros.

— Mas, mamãe...

— Está na hora de dormir.

— Será que eu posso ficar com a luz acesa?

— Vou acender a luz do corredor.

— Obrigada. Você é a melhor mãe do mundo.

Era difícil ser firme com alguém que lhe dizia que você era a melhor mãe do mundo, e falando sério. Sally sorriu e disse:

— Boa noite. Eu te amo.

— Eu também te amo.

Voltou à cozinha, mas não tinha estômago para voltar àquelas pilhas de contas. Ainda não acertara o aluguel e só Deus sabia de onde ia sair o dinheiro para pagá-lo. Alugar uma casa em vez de um apartamento tinha sido uma extravagância com aquele orçamento apertado, mesmo que fosse uma casa velha e úmida de dois dormitórios e um banheiro que qualquer construtora teria considerado pronta para demolir. Mas Sally havia crescido num apartamento, sem quintal, sem privacidade e sem chaminé para o Papai Noel descer na noite de Natal. Katherine merecia coisa melhor, mesmo que significasse obrigar o senhorio a atirá-los no meio da rua.

Abriu a geladeira e serviu-se de um copo de suco de laranja.

— Mamãe, estou com sede!

Sally virou-se, mas Katherine não estava lá. Ainda estava na cama. Aquela menina tinha percepção extra sensorial.

— Vá dormir, menina.

— Mamãe, por favor. Não vi você o dia inteiro.

Aquela frase pegou-a de jeito, indo direto na culpa de uma mãe que trabalha fora. Foi ver a filha pela última vez, e sentou-se na beira da cama. A luz do corredor era suficiente para mostrar o medo que havia em seus olhos.

— Você ainda está com medo?

Katherine disse que sim com um aceno de cabeça.

Sally pôs a mão na testa da menina. Estava empapada de suor, mas ela não estava com febre. Só estava quente demais por estar na cama com as cobertas lhe cobrindo a cabeça.

— Por que está com tanto medo?

— O monstro.

— Se eu me deitar um pouquinho aqui com você, você vai dormir?

— Mas o monstro...

— Não tem monstro nenhum.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Você pode dar uma espiada, por favor?

Ela suspirou, exasperada.

— Tudo bem, vou dar uma espiada.

Desceu e olhou embaixo da cama.

— Aqui não tem nada.

— Não, não. Lá.

A menina estava apontando para as cortinas outra vez, aquelas que cobriam a porta corrediça de vidro.

Sally hesitou. Mesmo com aquela luz difusa dava para ver as imagens de pássaros, coelhos e outros alegres bichinhos cor-de-rosa que povoavam os versos dos poemas infantis que dançavam pelas cortinas enfunadas. Não era bem o material de uma capa de monstro, mas mesmo assim seu coração

começou a bater mais depressa. O medo nos olhos da filha parecia tão genuíno...

— Não tem monstro nenhum.

— Vai lá ver, mamãe. Por favor.

Ela parecia mais firme dessa vez. Estranho, mas surpreendeu-se perguntando se o coelho estava no mesmo lugar em que estivera um minuto antes, ou se tinha-se mexido.

Parecia que não estava mais na mesma linha que o pato amarelo da outra cortina. Achou que seus olhos estavam lhe pregando peças, até que viu de novo.

Aquele coelho se mexera. Por mais leve que tenha sido o movimento, ele tinha-se mexido, sim.

O aparelho de ar condicionado desligou-se com um estalido e o nó que estava sentindo na garganta diminuiu enquanto as cortinas voltavam para seu lugar. Era evidente que a corrente de ar fresco vinda do ar condicionado tinha agitado as dobras das cortinas, causando aquela mudança sutil. Não havia monstro nenhum.

— Você vai, mamãe?

— Vou o quê?

— Ver se tem monstro.

— Tudo bem. Eu vou.

Mas Sally não se mexeu.

— Vai, mamãe.

De repente, sentiu-se uma idiota. Na verdade, havia pensado em acender o abajur, mas depois se repreendeu por ter pensado em fazer alguma coisa que transmitisse seu medo irracional à filha. Toda essa conversa sobre monstros tinha acabado por afetá-la, fazendo com que se sentisse sozinha e percebesse o quanto estavam indefesas, o quanto estavam vulneráveis, separadas do mundo externo e de todos os seus habitantes por uma fechadura frágil e um simples painel de vidro. para com isso. Ela começou a atravessar o quarto, um passo de cada vez. Parecia que ia durar para sempre. Foi então que percebeu que estava dando passinhos miúdos, outro sinal de medo. Isso é loucura.

Finalmente, conseguiu. Lançou um rápido olhar para a cama e viu Katherine espiando debaixo das cobertas, só com os olhos e o topo da cabeça de fora. O pulso de Sally acelerou quando ela chegou à porta de vidro e pegou a ponta do tecido com o polegar e o indicador, sem se aproximar mais da porta

corrediça do que o absolutamente necessário. Katherine mergulhara embaixo das cobertas. Sally respirou fundo. Com um movimento lento e hesitante, puxou as cortinas.

Nada.

— Está vendo?—disse Sally.—Eu disse pra você. Não tem monstro nenhum.

Katherine ainda estava escondida embaixo das cobertas. Com a voz abafada, disse:

— A outra ponta. Dá uma espiada na outra ponta também. Sally vacilou. Não sabia direito se era o instinto ou a paranoia que estava lhe dizendo para não ir lá, mas não podia deixar Katherine perceber seus medos bobos. Deu um passinho, depois outro, aproximando-se da outra extremidade das cortinas—a ponta onde o coelhinho tinha-se mexido.

— Cuidado, mamãe.

— Não há nada com que se preocupar, meu benzinho.—Ela não gostou do som da própria voz. Era como se estivesse tentando convencer a si mesma.

Seu olhar passeou pelas cortinas, uma visão alegre de patos dançando e aves cantando. Finalmente seus olhos se fixaram no coelhinho, e ela esperou. Não tinha certeza sobre o que exatamente estava procurando, talvez só algum tipo de movimento. Mas sabia que quando você olha fixamente para alguma coisa durante muito tempo, ela parece mover-se, da mesma forma que as estrelas parecem rodopiar no céu noturno quando você fica deitado de costas e olha fixamente para elas durante muito tempo. Mesmo assim, não conseguia afastar os olhos dali. O coelhinho estava imóvel; e aí, aconteceu. Talvez tenha sido uma ilusão, como as estrelas rodopiantes, mas o peito do coelhinho parecia inchar e depois se encolher. Era como se estivesse respirando. Como se algo atrás dele tivesse acabado de respirar.

— Está tudo bem, mamãe?

Num impulso, ela agarrou o cordão e puxou. As cortinas abriram-se, e ela gelou. Estava olhando para seu próprio reflexo difuso na porta corrediça de vidro. Atrás dela, na cama, a cabeça de Katherine saiu debaixo das cobertas.

Sally deu a seus próprios medos um momento para desaparecerem, depois tentou aparentar calma.

— Está vendo, eu lhe disse que não havia monstro.

A porta do guarda-roupa abriu-se e, pelo canto do olho, Sally viu uma sombra no meio da escuridão avançar para ela. Ouviu o próprio grito, e depois o da filha:

— Mamãe!

A sombra lançou-se contra ela a toda velocidade, pegando-a de lado e esmagando-a contra a parede. Ela se virou e fez o punho voar com toda a força, mas foi tudo rápido demais e ele era muito mais forte. Um soco em sua barriga tirou-lhe o fôlego. A cabeça foi puxada para trás quando o agressor agarrou-a pelos cabelos. Enfiou-lhe as unhas no rosto, mas ele estava coberto por uma meia de náilon. Seu corpo girou, a filha gritava e os olhos de Sally arregalaram-se ao ver a lâmina brilhante cintilar no raio de luz que vinha do corredor. Estava indo em sua direção, como que em câmara lenta, mas ela era impotente para impedi-la de chegar. Girou mais uma vez, numa tentativa inútil de fugir.

A blusa subiu enquanto ela via a lâmina desaparecer quando o punho do homem encontrou sua carne.

Gritou e caiu no chão, arquejando e lutando para respirar, tentando parar o rio quente e úmido de dor que estava saindo do buraco abaixo de suas costelas.

Sangue. Muito, muito sangue.

— Mamãe, mamãe!

Os gritos de Katherine deram-lhe força e, sem saber como, ela entrou em ação e agarrou o agressor pelos tornozelos. Era como tentar derrubar uma mula, e o chute que levou fez com que o soltasse. Tentou levantar-se de novo, mas o quarto estava girando.

— Não faça nada... com minha filha—disse ela, mal conseguindo pronunciar aquelas palavras.

Ele a chutou de novo, com mais força dessa vez. Sally sentiu os dentes sendo arrancados e o gosto salgado de sangue encher-lhe a boca. Lutou para erguer a cabeça, mas ela caiu no chão.

— Mamãe, o monstro! O monstro!

Os gritos da filha foram desaparecendo e Sally mergulhou num poço negro.

PARTE UM

Cinco anos depois

UM

A TEMPESTADE CEGAVA, E SALLY ESTAVA ATRASADA. Não pretendia chegar tarde, fosse moda ou não. Só que seu sentido de localização não era lá grande coisa; esta não era exatamente a sua especialidade. Grandes jarras d'água batiam com força nos para-brisas, dando a impressão de que bolinhas de gude saltavam do vidro. Ela ajustou os limpadores, mas eles já estavam trabalhando à velocidade máxima. Fazia anos que não enfrentava uma chuva dessas, desde que ela e o primeiro marido perderam o restaurante naquela tempestade tropical inesperada.

Luzes laranjas de lanternas traseiras faiscaram a sua frente. Uma torrente de carros estava na rodovia com a lenta velocidade de lava esfriando. Ela reduziu a sua a um ponto qualquer abaixo do máximo permitido em área escolar. Consultou o relógio. Onze e vinte e cinco.

Putz! Ele teria de esperar. Ela acabaria chegando.

O encontro fora combinado por telefone. Só tinham conversado uma vez, e as instruções dele eram bem simples. Quinta-feira, 11 horas. Sem atraso. Ela não ousou propor uma mudança de horário, nem mesmo com aquele tempo. Era seu homem. Tinha certeza.

Logo à frente, um letreiro de néon piscava desregulado, como que sacudido pela tempestade. Era como tentar decifrar as letras num exame de vista feito no fundo de um lago. Ela só conseguia ver parte delas: S-P-não sei o que-não sei o que-K-Y-apóstrofe-S.

— Sparkys—leu em voz alta. Era ali. Saiu da rodovia e entrou no estacionamento lotado. Embaixo daquela água toda, só dava para adivinhar a localização exata da vaga. Ela desligou o motor e verificou como estava o rosto no espelho retrovisor. Um raio cortou o céu; bem perto. Iluminou o interior de seu carro e imediatamente ouviu-se o estrondo do trovão que lhe deu arrepios. Assustou-se mas, depois surgiu em seu rosto um sorriso divertido. Que ironia! Depois de tanto planejamento ser atingida por um raio!

Sally respirou fundo. Você não vai desistir agora. Vá à luta!

Pulou do carro e começou uma corrida alucinada pelo estacionamento, sob a chuarada. Logo em seguida um golpe de vento arrancou-lhe a sombrinha da mão, levando-a para longe. Como estava sem casaco, cobriu a cabeça com as mãos e continuou correndo, espalhando água a cada passo. Chegou à porta em questão de segundos, ensopada até a alma, a calça jeans e a blusa branca grudadas ao corpo.

Um cara sarado, usando uma camiseta da Academia Golds estava à porta de entrada, e a abriu para ela.

— O concurso de camisetas molhadas só começa amanhã, minha senhora.

— Só porque você quer—disse ela, dirigindo-se para o toalete para ver se conseguiria secar-se. Olhou-se no espelho e ficou sem ar. Seus mamilos estavam inteiramente à mostra através do sutiã e da blusa molhada.

— Deus do céu!

Dirigiu-se ao secador de mãos, esperando que emitisse ar quente. Nada. Tentou de novo, de novo, mas não adiantou. Estendeu a mão para pegar uma toalha de papel, mas não havia nenhuma. Teria de se virar com o papel higiênico. Foi até um dos compartimentos onde ficava o vaso sanitário, encontrou um rolo na parte de cima da divisória, pegou-o e começou a esfregá-lo furiosamente no corpo, da cabeça aos pés. Não era de folha dupla, não sendo, portanto, absorvente. Acabou com o rolo. Saiu do compartimento, olhou de novo seu reflexo no espelho e ficou mais boquiaberta que antes. Todo seu corpo estava coberto com restos de papel higiênico barato. Você está parecendo uma paineira.

Começou a rir, sem saber bem porquê. Riu tanto que sua barriga quase doeu. E então, com as mãos na borda da pia, inclinou-se para a frente perdendo a cabeça. Dava para sentir o nervoso subindo gota a gota até aquele eterno nó de tensão na base do crânio. Os ombros começaram a sacudir e a risada transformou-se em lágrimas. Lutou contra elas e logo recuperou o sangue frio.

— Você é um desastre total—disse ela a seu reflexo.

Arrancou o máximo possível de papel higiênico, retocou a maquiagem e mandou tudo para o inferno. Nada impediria esse encontro. Respirou fundo para reunir coragem e saiu para o bar. A multidão que estava ali a surpreendeu, não tanto por sua composição, que era mais ou menos o que esperava, e sim pelo fato de haver tanta gente fora de casa numa noite horrorosa como aquela. Um grupo de caminhoneiros estava jogando vinte e um na juke-box. Motoqueiros vestidos de couro com as namoradas, todas loiras falsas, monopolizavam a mesa de sinuca, como se estivessem esperando a tempestade passar. Camisetas, jeans e camisas de flanela pareciam ser uma senha visual para conseguir um lugar no balcão. Aquelas pessoas eram barra-pesada e este era claramente um lugar que existia em razão de seus frequentadores habituais.

— O que deseja, senhorita?—perguntou o barman.

— Nada ainda, obrigada. Estou esperando alguém.—Ah,é?Quem?

Sally hesitou, sem saber exatamente o que dizer.

— Ah, marquei um encontro com um cara que não conheço. Sabe como é, um

daqueles encontros às cegas.

— Então deve ser com o Jimmy—disse um dos homens que estava sentado diante do balcão.

Os outros riram. Sally sorriu constrangida, sem ter ideia de qual era a piada que o grupo achava tão engraçada. O barman explicou:—Jimmy é o juiz da nossa liga de softball. Ele não pode sair por aí inadvertidamente.

— Ah, entendi—disse ela.—Eles riram de novo às custas de Jimmy.

Sally afastou-se e continuou atravessando o bar antes que o interesse deles se voltasse para aquela moça perdida e encharcada. Seu olhar fixou-se no terceiro reservado a contar dos fundos, perto da mesa quebrada de pingue-pongue. Um negro, de olhos penetrantes e sem sombra de sorriso no rosto também estava olhando para ela. Usava uma camisa azul-escuro e calças pretas, o que fez Sally sorrir. Nunca o vira antes na vida, mas seu olhar e suas roupas eram exatamente o que descrevera ao telefone.

Era ele. Ela se dirigiu ao reservado e disse:

— Sou Sally.

— Eu sei.

— Como vai?—perguntou, começando a conversa. Mas então parou, pois não havia nenhuma mulher naquele bar que se parecesse com ela.

— Não quer se sentar?—disse ele.

Ela entrou no reservado e sentou-se frente a ele.

— Desculpe o atraso. Está chovendo canivete.

Ele estendeu a mão sobre a mesa e puxou um pedacinho de papel higiênico da manga da blusa de Sally.

— Está chovendo o quê? Parece neve falsa.

— E papel higiênico.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— É uma longa história—disse ela.—Estou coberta de papel higiênico. Há cinco minutos, eu estava parecendo uma paineira.

— Com seios.

Ela cruzou os braços diante do peito.

— Sim, com certeza. Não dá para evitar certas coisas.

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigada.

Ele fez girar os cubos de gelo em seu copo semi vazio. Rum e Coca-Cola, adivinhou ela, uma vez que era a bebida especial da noite. A Coca parecia completamente insípida, mais ou menos o que esperava do Sparkys.

— Vi você chegar—disse ele.—Belo carro!

— Para quem gosta de carro...

— Eu gosto. E, pelo jeito, você também.

— Não, na verdade. Meu marido é que gostava.

— Você está se referindo ao primeiro ou ao segundo?

Ela mudou de posição, sentindo-se pouco à vontade. Eles não tinham falado de sua situação conjugal ao telefone.

— O segundo.

— O francês?

— Qual é a sua? Andou me vigiando?

— Eu investigo todos os meus clientes.

— Ainda não sou sua cliente.

— Vai ser. Raramente os que se parecem com você que vêm de tão longe assim dão pra trás.

— O que você quer dizer com parecer comigo?—Jovem. Rica. Deslumbrante. Puta da vida.

— Você chama isso de deslumbrante?

— Estou supondo que você não está em seus melhores dias.

— Acertou na mosca.

— E quanto ao puta da vida? Acertei também?

— Não estou exatamente puta da vida.

— Está como, então?

— Não vejo em que meus sentimentos possam importar. A única coisa que me interessa é saber se você quer fazer o serviço, senhor, seja lá qual for seu nome.

— Pode me chamar de Tatum.

— E seu nome?

— Apelido.

— Como Tatum o’Neal?

Ele fez uma careta e tomou um gole da bebida.

— Não, não como o filho da puta do Tatum o’Neal. Tatum como o Jack Tatum.

— E quem é Jack Tatum?

— O maior jogador de futebol que já existiu. Zagueiro do Oakland Raiders. O cara que detonou o Darryl Stingley e fez dele um tetraplégico. Era chamado de Assassino Porra! Ele gostava de chamar a si mesmo de Assassino

— É assim que você se chama também? Assassino?

Ele inclinou-se sobre a mesa, com a expressão do rosto muito séria.

— Não é por isso que está aqui?

Ela estava prestes a responder, mas, de repente, o barman surgiu ao lado de seu reservado. Lançou um rápido olhar a Sally e perguntou:

— O que você quer com esse cara?

— O que foi que você disse?—disse Sally.

— O que está fazendo com esse monte de merda aí do outro lado da mesa? O que você quer com ele?

Ela lançou um olhar a Tatum. Depois virou-se para o barman.

— Para falar a verdade, não é da sua conta.

— Este bar é meu. É da minha conta, sim, senhora. Tatum manifestou-se:

— Theo, dá para fechar a matraca?

— Quero você fora daqui.

— Ainda não terminei meu drinque.

— Você tem cinco minutos—disse Theo.—Depois, suma daqui. Virou-se e voltou ao seu lugar atrás do balcão.

— Qual é a dele?—perguntou Sally.

— Cu-de-ferro. O cara encontra um advogado para tirar ele do corredor da morte e depois fica achando que é melhor do que o resto da humanidade.

— Você acha que ele sabe o que estávamos falando aqui, acha?

— Claro que não. Provavelmente acha que estou te cantando. De repente, a blusa, ensopada pela chuva, pareceu-lhe mais grudada ainda ao corpo.

- Acho que dei motivos para ele pensar essas coisas.
- Não ligue pra ele. Vamos deixar esse merda pra lá e resolver nossa parada.
- Eu não trouxe dinheiro.
- Natural. Ainda não lhe dei meu preço.
- Quanto vai ser?
- Depende.
- Do quê?
- Do grau de complicação do serviço.
- De que você precisa saber?
- Pra começo de conversa, o que exatamente você quer? Duas costelas quebradas? Uma concussão? Pontos? É pra amassar a cara dele? Para não amassar? Posso deixar o cara no hospital um mês, se você quiser.
- Quero mais que isso.
- Mais?

Ela olhou para um lado, depois para o outro, como se quisesse ter certeza de que estavam a sós.

- Quero essa criatura morta. -Tatum não respondeu.

Ela perguntou:

- Quanto quer pra fazer isso?

Ele empurrou a bochecha com a língua, pensando, como se estivesse fazendo uma avaliação completa do caso.

- Isso também depende.

- De quê?

- Bem, do seu objetivo.

Ela abaixou os olhos. Em seguida os ergueu, fixando-os nos dele:

- Você não vai acreditar. Vamos ver.

Ela quase riu, mas conseguiu se controlar.

- Estou falando sério. Você não vai acreditar.

DOIS

SEU DIA FINALMENTE CHEGARA. Sally sentiu um jato de adrenalina no corpo quando se sentou em sua cozinha para saborear o café da manhã. Nada de creme, apenas dois pacotinhos de adoçante artificial. Um pão árabe puro e levemente torrado, sem manteiga nem requeijão, só um pouquinho de geleia de framboesa em um dos lados, ainda estava intacto. Um copinho de suco recém-espremido de toranja rosa que seu jardineiro colhera da árvore que ficava em seu quintal. Era seu desjejum habitual em dia de semana, e hoje não seria diferente. Só que hoje, como ela bem sabia, tudo mudaria.

— Mais café, senhora?—perguntou Dinah, a empregada que morava na casa.

— Não, obrigada.

Ela pôs o jornal de lado e subiu as escadas para ir a seu quarto. A casa tinha duas grandes suítes no segundo andar. A sua ficava no lado leste, de frente para a baía, decorada em um gracioso estilo colonial inglês que lembrava as ilhas do Caribe. A outra ficava no lado oeste, um quarto muito mais escuro com o teto forrado de madeira e estilo africano. Sally não gostava nada dos animais mortos nas paredes, de modo que só usavam esse quarto quando seu marido não estava no exterior, o que acontecia mês sim, mês não, desde que haviam-se casado, há um ano e meio. O arranjo só durara o tempo suficiente para ela chegar ao primeiro marco financeiro, de um complicado contrato pré-nupcial. Dezoito meses correspondiam a dezoito milhões de dólares, mais a casa—uma grana preta para Sally, uns trocadinhos para Jean Luc Trudeau. Ela teve o cuidado de pedir os dezoito milhões não em dinheiro vivo, mas em ações da empresa do marido, que logo começou a vender seus títulos na Bolsa de Valores e—cabum!—de repente, ela valia quarenta e seis milhões de dólares. Ela poderia ter ganho outro quarto de milhão por mês adicional, e certamente havia homens piores que Jean Luc com os quais poderia estar casada. Ele era rico, bem-sucedido, não era feio e era muito generoso com sua terceira mulher, muito mais jovem que ele. Mas Sally não era feliz. As pessoas diziam que ela nunca estava bem. E ela não fazia questão de desmentir. Tinha lá suas razões.

Sally entrou em seu quarto de vestir, dobrou o roupão, colocou-o no encosto da cadeira e vestiu uma calcinha cor-de-rosa. Nua da cintura para cima, ficou em silêncio diante de seu espelho de três compartimentos. Ergueu lentamente os braços, com seu corpo de vinte e nove anos parecendo desafiar a força da gravidade enquanto ela se virava. No espelho de corpo inteiro, ela a viu, ainda visível depois de todo aquele tempo. Uma cicatriz rosa de cinco centímetros na base da caixa torácica. Tocou-a com a ponta dos dedos, de leve no início, depois com mais firmeza e finalmente apertando-a até doer, como se estivesse

tentando parar todo aquele sangue outra vez.

Anos tinham-se passado, e ela ainda estava lá. Uma cirurgia plástica poderia tê-la disfarçado, mas ela só teria destruído seu mais importante lembrete diário de que, na verdade, sobrevivera ao ataque. Infelizmente, o primeiro casamento não sobrevivera. Tragicamente, nem sua filha.

— Tem alguma roupa para passar hoje, sra. Sally?

Ela cobriu os seios instintivamente ao ouvir o som daquela voz, mas estava sozinha no quarto de vestir. Dinah estava esperando do outro lado da porta fechada.

— Acho que não—respondeu vestindo o roupão.

Quando o som dos passos de Dinah desapareceu de todo, Sally abriu a porta e entrou no banheiro para pentear os cabelos e se maquiar.

Voltou ao quarto de vestir para escolher uma roupa, o que demorou mais que de costume, pois ela queria que fosse algo perfeito. Acabou se decidindo por um tailleur Chanel básico com uma blusa cor pêssego e sapatos novos Ferragamo, completando o visual com um fio de pérolas e brincos combinando. Seu anel de noivado de platina e diamantes—duas fileiras de pedras num aro de ouro de vinte e quatro quilates—parecia um exagero, como sempre, mas ela o pôs assim mesmo. Achava que nunca mais o usaria depois do divórcio, mas hoje havia um bom motivo para estar em seu dedo. Sally deu um passo para trás e lançou um último olhar no espelho—um olhar atento e demorado. Pela primeira vez, em séculos, ela se permitiu o resquício de um sorriso genuíno. O seu dia chegou, menina. Agarrou a bolsa e desceu as escadas, saindo pela porta da frente rumo à garagem, onde seu Mercedes conversível estava estacionado com a capota abaixada. Seus cabelos estavam levantados num coque francês, mas mesmo assim ela parecia a princesa Grace, com uma echarpe branca e óculos escuros.

Pôs-se atrás do volante, ligou o motor e desceu pela trilha pavimentada até o portão de ferro. Ele se abriu automaticamente e ela saiu para a rua. Passou devagar pelo bairro, com o sol quente do sul da Flórida no rosto. Estava um dia lindo, mesmo para os padrões de Miami. Vinte e seis graus centígrados, umidade relativamente baixa, um céu azul sem nuvens. Quando criança, ela sempre quisera morar nas ilhas Venetian. Eram ilhas que ficavam uma ao lado da outra na baía, como quatro degraus gigantescos entre o continente e a maior ilha natural de Miami Beach. As casas à beira-mar eram o sonho de todo dono de barco, muitas com vistas deslumbrantes dos cruzadores do porto e da pitoresca linha do horizonte do centro de Miami. Tecnicamente falando,

ter uma casa de 2.700 quilômetros quadrados, no meio desse paraíso urbano, era um sonho seu que se tornara realidade. Tenha cuidado com aquilo que deseja.

Sally parou para pagar o pedágio e depois continuou seguindo pela Venetian Causeway. Alguns velhos cubanos estavam pescando no lado da ponte que pertencia a Miami, bem embaixo do letreiro que dizia: É absolutamente proibido pescar.

Estava ao norte do centro de Miami, que não era exatamente a parte mais segura da cidade, mas era uma área de transição. Num passado nem tão distante assim, ela teria se desviado quilômetros e quilômetros para evitar atravessar essa região.

Cruzou o bulevar Biscayne, fez alguns contornos e parou diante do semáforo. A rampa de entrada para a estrada interestadual estava bem à sua frente, sua única rota de fuga a cerca de uma dúzia de pistas na direção leste-oeste, bem acima de sua cabeça. Podia ouvir o burburinho do trânsito, o zumbido constante de inúmeros carros e caminhões barulhentos ecoando à sua volta. Em geral, ela calculava a hora da chegada para poder sentir a brisa, dirigindo sem luzes vermelhas, principalmente à noite, mas isso nem sempre era possível. Como um mecanismo de relógio, os mendigos saíram de suas casas de papelão embaixo do viaduto. Armados com trapos e garrafas de plástico com spray, cheias de água suja, pareciam determinados a limpar os para-brisas do mundo. Eram dois. Um veio na direção dela e o outro se dirigiu para o carro que estava a sua frente.

O carro partiu cantando pneu e furando o sinal vermelho, deixando Sally sozinha no cruzamento, só ela e seus lavadores de para-brisa. Já estavam no meio da manhã, mas nas sombras escuras parecia o lusco-fusco de um final de dia. A Interestadual 395 e as rampas que levavam até ela se entrecruzavam acima de sua cabeça como laços de concreto. O lavador de para-brisa de Sally adotou uma estratégia diferente da do cara que abordara o outro carro, aproximando-se não pelo lado, mas pela frente do veículo. Ela não poderia furar o sinal vermelho sem atropelá-lo.

— Não, obrigada—gritou ela.

Ele continuava vindo, sorridente, mirando com sua garrafa d'água com spray. O outro lavador voltou à sua casa embaixo do viaduto, parecendo ceder o Mercedes à concorrência.

— Eu já disse que não quero, obrigada.

Ele percorreu toda a distância até a frente do carro, aproximando-se o suficiente para lhe tocar a cabeça. De repente, a escuridão pareceu romper-se.

Estavam cercados por raios de sol esparsos, como se as nuvens tivessem se movido o suficiente para deixar uns poucos raios de luz atravessarem as frestas da rodovia labiríntica ali em cima. O raio mais longo e mais brilhante parecia fixo em seu grande anel de diamantes. Ele cintilava como um fogo de artifício. Em qualquer outro dia, ela teria deslizado discretamente a mão de cima do volante e feito o anel cair em seu colo. Mas não hoje.

O homem ainda estava olhando para ela através do para-brisa. E então, lentamente, ergueu o braço e mirou bem no rosto dela. Ela esperou o jato de água gordurosa atingir o vidro, mas ele não veio. Um momento depois, ela percebeu que ele não estava segurando uma garrafa de plástico.

Gelou, com os olhos fixos no buraco negro que ficava na ponta do cano de metal polido. Durou apenas uma fração de segundo, mas foi como se, de repente, ela estivesse flutuando fora do corpo, assistindo a cena se desenrolar. Em sua imaginação, via o clarão da pólvora saindo pelo cano, o para-brisa estilhaçar-se, sua cabeça jogada para trás, o corpo caindo para a frente e os borrifos de sangue nos bancos forrados de couro. Ouviu até a buzina tocar quando seu rosto bateu no volante e se deixou ficar ali. E, pela segunda vez no mesmo dia, viu-se com um sorriso genuíno no rosto.

Com o único estampido de revólver, que ficou ecoando no concreto, finalmente terminara aquele pesadelo.

TRÊS

O SOL ESTAVA SE PONDO quando o carro de Jack Swyteck rolou pela entrada de sua casa. Ele morava em Key Biscayne, uma ilha que ficava praticamente à sombra dos prédios do centro de Miami, mas estava a um mundo de distância. Do outro lado da baía, além da grande metrópole e um pouco depois dos distantes Everglades, muitas nuvens fofas, cor-de-rosa, laranja e magenta estavam desaparecendo lentamente na escuridão da noite. As cores ainda não tinham sumido totalmente do céu quando ele subitamente se deu conta de que dia era. Exatamente um ano depois daquele dia em que ele e Cindy começaram a separação que fizera seu casamento de cinco anos desembocar no divórcio.

Meus parabéns, disse a si mesmo.

Jack era um advogado que se especializara em direito penal, embora estivesse aberto a praticamente tudo que o interessasse. Pelo mesmo motivo, recusava casos que não considerava interessantes, resultando daí que ele gostava do que fazia, mas não ganhava rios de dinheiro. O lucro nunca fora seu objetivo. Passara os quatro primeiros anos da escola de direito no Freedom Institute, um grupo heterogêneo de idealistas que defendia condenados à morte. Naquela época, o pai de Jack, Harry Swyteck, era governador da Flórida, defensor da lei e da ordem, e absolutamente favorável à pena de morte. O trabalho de Jack destoava bastante nesse ambiente, mas era mais ou menos isso mesmo o que ele queria. Quatro anos num cabo-de-guerra com o pai foram mais que suficientes e, para que ninguém o acusasse de ser um liberal de coração mole, mudara completamente de rumo, tornando-se conhecido como um promotor público justo, mas agressivo, um cargo que desempenhou sem atritar com ninguém; mas, quase dois anos depois, ainda estava tentando consolidar seu escritório particular. Na verdade, tudo, de um divórcio litigioso a um cliente morto na banheira, tinha servido de

distração ao longo do caminho, e ele estava determinado a dar uma boa chance a seu escritório antes de mudar de ramo outra vez.

— Ei, Theo! gritou ele para o outro lado do gramado.

Theo parecia não tê-lo ouvido. Estava ocupadíssimo, esfregando seu barco a motor de mais de sete metros que, no momento estava suspenso por turcos sobre a água. Uma das poucas compensações da austera casa alugada de Jack era o fato de estar à beira d'água com sua própria doca. Essa era a terceira casa alugada desde o divórcio, parte de sua busca frenética por um lugar perfeito para um homem divorciado sem filhos, sem vícios e com um interesse surpreendentemente pequeno em namorar. Sua última tentativa foi uma casa Mackle uma estrutura simples de blocos de concreto com três

quartos, um banheiro, uma varandinha com tela e, evidentemente, sem ar-condicionado central. No começo dos anos 50, os irmãos Mackle construíram dezenas dessas casas de praia básicas, em geral para veteranos da Segunda Guerra Mundial e suas jovens famílias.

Naquela época, a baía Biscayne era pouco mais que um pântano habitado exclusivamente por mosquitos, razão pela qual as casas Mackle eram a solução mais barata de moradia que tinha por ali, com um preço médio de doze mil dólares. Hoje, só o terreno valia doze mil dólares, o pé, à beira d'água. Parece que duas vezes por semana aparecia uma construtora por ali, louca para entrar na sala de visitas de Jack com uma máquina de terraplenagem e plantas de engenharia. A sua era a última das casas Mackle à beira d'água que ainda estava de pé.

— Ei, Theo!

Nenhuma resposta ainda. Trabalhar num barco com a música no volume máximo era o suficiente para fazer Theo entrar em outro mundo. Como Jack não tinha barco, deixava Theo pôr o seu atrás da casa. Era perfeito para Theo, que tocava seu bar à noite e dormia o dia inteiro no barco. Era um daqueles raros amigos que parecia não envelhecer nunca, o que não quer dizer que ele não parecesse mais velho a cada ano. Simplesmente recusava-se a crescer, e por isso dava prazer tê-lo por perto. Às vezes Theo estava lavando o convés com uma mangueira quando Jack chegou.

— Pegou alguma coisa?—perguntou Jack. Theo interrompeu a faxina e disse:

— Nadinha da silva.

— É como dizem por aí: é por isso que chamam isso de pescar.—Theo apontou a mangueira para ele, empapando-lhe o terno.—De pegar alguma coisa—disse Jack. Estava pingando, mas fazia de conta que não acontecera nada enquanto limpava a água do rosto.

— Sabe, Swytek, às vezes parece que você tem tanta...—Sabedoria?

— É. Era exatamente o que eu ia dizer. Sabedoria.

— Acho que é preciso ser um verdadeiro gênio para zoar com um ex-condenado à morte que está empunhando uma mangueira de jardim—disse Jack enquanto tentava tirar a água do terno risca de giz.

Theo pulou para fora do barco, sorriu e deu um grande abraço em Jack, tão grande que seus pés se levantaram do chão. Theo tinha a altura de um astro da seleção nacional de basquete e a musculatura de um zagueiro de futebol americano.

Jack recuou um passo, surpreso.

— A que se deve um abraço desses?

— Meus parabéns, feliz aniversário, meu chapa.

Jack não tinha certeza de como Theo sabia de uma coisa dessas, mas achou que devia ter feito algum comentário a respeito daquele marco em sua vida.

— Eu não diria que é exatamente um aniversário feliz—disse ele.

— Ah, para com isso. Você não vai ficar com raiva só porque te joguei um pouquinho de água, vai?

— De que aniversário exatamente você está falando?—perguntou Jack.

— De que aniversário você está falando?

— Hoje faz um ano que Cindy e eu nos separamos.

— Cindy? Mas quem é que dá a mínima pra essa mulher? Eu estava falando de nós.

— Nós?

— É. Esta semana faz dez anos. Você e eu nos encontramos pela primeira vez. Lembra?

Jack refletiu por um momento.

— Não, pra falar a verdade, não estou me lembrando.

— Assim você vai me deixar magoado. Eu me lembro de tudo sobre esse encontro. Era uma manhã de sexta-feira: o guarda vem e me tira da cela, me diz que eu tenho uma reunião com um novo advogado, designado pelo tribunal, do Freedom Institute. Claro, estou ali sentado no corredor da morte sem porra nenhuma pra fazer, exceto ficar ali e perguntar pra mim mesmo, Theo, você prefere molho de mostarda ou manteiga temperada para sua última refeição de caranguejo com batatas fritas? Enfim, estou ali subindo pelas paredes com a perspectiva de um novo advogado. Aí eu desço e lá está você, sentado do outro lado do vidro.

— E o que foi que pensou quando me viu?—Honestamente?

— Honestamente.

— Mauricinho típico com complexo de culpa, querendo salvar os negros.

— Credo! E eu pensando esse tempo todo que a primeira impressão que eu tinha dado era horrível.

Theo apertou os olhos, como se o estivesse interrogando.

— Lembra da primeira coisa que eu te disse?

— Provavelmente alguma coisa do tipo:

Tem uma grana aí, meu?

— Não, seu animal. Olhei bem dentro dos seus olhos e disse,

Jack, tem uma coisa que você precisa saber logo de cara: sou inocente.

— Disso eu me lembro.

— E você se lembra do que respondeu?—Não.

— Você disse: sr. Knight, você me chamava de sr. Knight naquela época, tem uma coisa que o senhor precisa saber logo de cara: eu acho que o senhor é um puta dum mentiroso filho de uma vaca.

— Eu disse isso?

— Ah, disse sim. Estou fazendo uma citação exata.

— Nossa! Você deve ter pensado que eu era uma besta quadrada.

— Eu ainda acho que você é uma besta quadrada.

— Obrigado.

Theo sorriu, depois o agarrou pelos ombros e plantou-lhe um beijo estalado na testa.

— Feliz aniversário, besta quadrada.

Jack sorriu. Theo e seus beijos. Ser libertado na última hora do corredor da morte, por conta de um crime que não cometeu, deve dar vontade de abraçar todo mundo pelo resto da vida. Ou não. Tudo depende do cara.

— Você me pega aquela caixa de isopor ali, por favor?

Jack pegou-a pelas alças e Theo suspendeu as varas de pescar e as pôs no ombro. Garrafas vazias chacoalharam lá dentro da caixa de isopor enquanto os homens cruzavam o gramado rumo à entrada de carros. Theo abriu o portamalas e Jack pôs a caixa de isopor lá dentro, e depois ajudou Theo a desmontar as varas de pescar e acomodá-las no bagageiro.

— Mais alguma coisa?—perguntou Jack.

— Na verdade, sim. Preciso de um favor. Dos grandes.

— O que é?

— Você por acaso leu aquela história que saiu na seção Cotidiano dos jornais faz alguns dias? Daquela ricaça que levou um tiro na cabeça enquanto esperava a luz vermelha mudar para entrar na rodovia?

— Devo ter passado os olhos por ela. Tenho ficado muito tempo em

audiências. Estou meio por fora do noticiário.

Theo abriu a porta do carro, tirou um objeto do porta-luvas e entregou-o a Jack. Era um recorte de jornal.

— Leia isso.

Eram apenas alguns parágrafos com uma foto da vítima. Jack leu num instante.

— Muito triste.

— É tudo quanto você tem a dizer?

— Muito triste. O que mais eu poderia dizer?

— Você podia olhar para o retrato dela e dizer, porra, é a mulher mais linda que já vi na minha vida.

— Tudo bem, linda. Isso quer dizer que eu devia achar a história mais triste ainda?

— Sim, sr. Politicamente Correto isso faz a história ser mais triste ainda. Ela era o que todo mundo quer ser. Jovem, rica, bela. E agora está morta. Tem coisa mais triste que isso?

— Theo, o que você pretende com isso?

— Você viu quanto ela valia?

— Vi. Algo na faixa de... sei lá quanto.

Ele pegou o recorte de volta e apontou a cifra.

— Quarenta e seis milhões de dólares. Jack leu a notícia outra vez.

— É uma grana preta.

— Pois é. Bom, não estou querendo fazer uma pegadinha, só quero que você tente adivinhar qual foi a última vez que uma verdadeira beldade que valia quarenta e seis

milhões de dólares entrou no meu bar.

— Ela esteve no Sparkys?

— Há umas duas semanas e meia.

— E o que ela foi fazer lá?

— Conversar com um assassino de aluguel.—O quê?

— É isso mesmo.

— Você quer dizer que ela foi se encontrar com alguém que ganha a vida

matando gente?

— Eu não diria que alguém que mata está ganhando a vida. Jack coçou a cabeça, pensando, e depois perguntou:

— Tem certeza de que era ela?

— Você acha que eu ia esquecer um rosto desses?—disse ele mostrando a foto mais uma vez.

Jack entendeu o que ele queria dizer.

— E então, ela conversa com um assassino de aluguel e, duas semanas depois, é ela quem acaba morta.

— Isso mesmo—disse Theo.

— O que a gente faz com isso?

— Está cheirando mal.

— Concordo—disse Jack.—Mas o que você quer que eu faça?

— Em primeiro lugar, tem uma carta, e eu queria conversar com você sobre isso. E da advogada da mulher morta.

— Foi mandada para você?

— Não. Para o assassino de aluguel com quem ela estava conversando no meu bar.

— Você está com ela aí?

— Não. Mas vi.

— Como?

— Não tem importância. Digamos que estou dando uma de intermediário aqui.

— Mas você vai ser intermediário de quem exatamente? Theo agarrou um maço de Kools, que estava em cima do painel do carro, e acendeu um.

— De você e... você sabe.

— Do assassino de aluguel? Nem pensar.

— Me deixa falar. A carta inteira tem só duas frases. Ela simplesmente diz a ele para estar no escritório de advocacia de Vivien Grasso na segunda-feira para uma reunião importante que tratará da morte de Sally Fenning.

— Então você quer que eu aconselhe um assassino de aluguel, dizendo-lhe se deve ou não ir a essa reunião?

— Não. Quero que você vá com ele.

Jack tossiu, como se tivesse engasgado com o choque.

— O que faz você pensar que eu estaria, ainda que remotamente, interessado numa coisa dessas?

— O fato de eu estar te pedindo.

— E por que você está me pedindo isso?

Theo deu uma boa tragada em seu cigarro, soltando a fumaça enquanto falava.

— Porque acho que esse moço está numa enrascada daquelas.

— É amigo seu?

— Nem em sonhos.

— Então me dê um bom motivo para eu entrar no escritório de outro advogado representando um assassino de aluguel.

— Em primeiro lugar, exceto eu e talvez uns barras-pesadas daqui e de Las Vegas, ninguém mais sabe que ele é assassino de aluguel.

— Me dê mais um bom motivo.

— Porque você é meu amigo.

— Hummmm...

— Porque tenho sido pau pra toda obra desde que você me tirou do corredor da morte, e nunca lhe pedi nada em troca.

— Certo. Estamos chegando perto. Mas pode ir pensando em mais alguma coisa.

Theo baixou os olhos, como se relutasse em responder. Finalmente, olhou para Jack e disse num tom de voz baixo, sério:

— Porque ele é meu irmão.

Jack também ficou sério.

— E então, vai falar com ele?—perguntou Theo.

Jack não respondeu de imediato, mas não havia sombra de dúvida de qual seria sua resposta.

— Lógico—disse ele.—Por sua causa eu vou falar com ele.

QUATRO

ELE SE PARECIA MUITO COM Theo, foi a primeira impressão de Jack. Theo numa versão barra-pesada.

Jack encontrou Tatum, o irmão de Theo, no jardim ensolarado que circundava a biblioteca pública. Estava vestido de maneira semi-infor-mal, uma jaqueta esportiva sem gravata, como se Theo lhe tivesse dito que tentasse parecer respeitável. A jaqueta parecia um pouco apertada nos ombros, um problema comum em homens atléticos que penduraram as chuteiras. Era hora do almoço, e havia muita gente sentada diante das mesas em volta deles, à sombra de grandes guarda-sóis brancos. Algumas delas estavam lendo, outras conversando e outras almoçando com amigos, algumas estavam espantando pombas irritantes. As mesas ficavam suficientemente longe umas das outras para ninguém ouvir conversas que não lhe diziam respeito. Não era o ambiente normal para um encontro entre o advogado e seu cliente, mas um assassino de aluguel não é exatamente um cliente normal. Jack não estava preocupado, mas mesmo assim obedecia seus instintos e marcara o encontro, não na solidão de seu escritório de advocacia, e sim num lugar público com montes de testemunhas em potencial. Só por precaução.

— Legal te ver de novo, Mack.

— E Jack—disse ele, enquanto trocavam um aperto de mãos.

— Desculpe.

Exatamente do que o mundo precisa, pensou Jack. Um assassino de aluguel que não sabe distinguir Mack de Jack.

Sentaram-se diante de uma mesa, um na frente do outro. Jack havia chegado cedo e já terminara seu sanduíche de salada de galinha em pão de agave. Não havia garçons ali para servir as mesas, e Jack disse que esperaria enquanto Tatum pegava a fila, mas este não quis, parecendo ansioso por dar início à conversa.

— Quanto tempo faz?—perguntou Tatum.—Dez anos?

— Oito. Desde que Theo saiu da cadeia.

— Estou achando que o Theo encheu sua cabeça com tudo o que andei fazendo desde então.

— Provavelmente falou mais do que você gostaria.

— E aí, tudo bem pra você?

— Digamos que estou aqui porque Theo me pediu um favor.

— Mas você é meu advogado, certo? Tudo o que dissermos, você sabe.

— Sei direitinho.

— Você vai comer aqueles picles?—perguntou ele apontando para o prato de Jack.

— Sirva-se.

Tatum agarrou um deles, mordeu a ponta e, enquanto falava, sacudia o resto com se fosse um dedo extra.

— Bom, o Theo te falou que não estou mais no ramo, não falou?

— Ele disse que, tanto quanto sabia, você não teve um único emprego nos três últimos anos.

— É a mais pura verdade—disse ele.—Faz você se sentir melhor em relação a isso, certo?

— Olha, meu cliente típico não é uma freira. Já defendi gente que matou por dinheiro, como você. Não o estou julgando. Estou fazendo um favor a um amigo.

— Theo diz que você é bom.

— O suficiente para tirar um inocente do corredor da morte.

— Parece mais fácil falar que fazer. Principalmente porque todo mundo achava que ele era culpado.

— Todo mundo, menos seu advogado.

— E seu irmão—disse Tatum.

— E seu irmão—disse Jack, concordando.—Você estava lá, do lado dele.

— Eu fui o único que ficou do lado dele.

— Talvez essa seja a forma de ele agradecer. Você tem trinta minutos. Tatum enfiou o resto da conserva na boca.

— Por onde começamos?

— Vamos começar com Sally Fenning. Como foi que vocês dois se conheceram?

— Você tem de acabar com essas batatinhas!—disse ele puxando o prato de Jack.

— Fique à vontade.

— Ele falou com a boca cheia de batatinhas fritas.

— Ela me ligou.

— Assim, sem mais nem menos.

— É. Exatamente.

— Ela deve ter conseguido o número de seu telefone em algum lugar. O que foi que ela fez, procurou nas Páginas Amarelas na seção de Soluções para Todos os seus Problemas?

— Não tenho a menor ideia de como foi que ela me encontrou.

— para com essa baboseira, senão seus trinta minutos grátis acabam. Ele estava procurando um guardanapo para limpar os dedos engordurados, mas acabou lambendo-os simplesmente, um a um.

— O amigo de um amigo fez o contato.—Que amigo?

Tatum recostou-se na cadeira e cruzou uma perna sobre a outra. Jack sentiu que havia uma digressão a caminho.

— Não sei o que você sabe sobre essa mulher—disse Tatum.—Mas ela teve uns problemas no passado.

— Você quer dizer que ela teve problemas com a lei?

— Não, nada disso. Problemas emocionais. Ela foi atacada, ou algo assim. Não sei exatamente. Mas ela contratava um guarda-costas de vez em quando, quando estava com medo, fosse qual fosse o motivo. Seja como for, o guarda-costas dela me conhecia.

— Foi ele que te ligou?

— Não, a gente estava jogando sinuca uma noite.

— O que foi que ele disse?

— Ele disse: Tenho uma cliente que quer entrar em contato com você. Posso lhe dar o número do seu telefone?

Eu respondi que sim, lógico.

— E você achou que era para quê?

— Provavelmente ela precisava de mim para espancar alguém.

— Entendi que você não estava mais no ramo.

— Eu não mato mais ninguém. Mas mandar um cara pro hospital já é uma outra história.

— Você acha que não tem problema causar ferimentos corporais graves, mas

traça a linha divisória no assassinato. É isso?

— Por aí. Para ser honesto, é mais por causa do dinheiro.

— Não sei se entendi bem.

— Esse é um ramo difícil em Miami. Hoje em dia, você tem colombianos, russos, jamaicanos, árabes, israelenses, cubanos, italianos, nicaraguenses; todo mundo e sei lá mais quem disposto a fazer um serviço por reles quinhentos dólares. Desse jeito, como você acha que um cara vai ganhar a vida?

— Você é sindicalizado?

— Você está achando que isso é brincadeira? É um negócio, meu chapa hoje em dia, um negócio como qualquer outro. Você se especializa. No meu caso, virei aquele sujeito que sabe provocar a quantidade certinha de dor, alguém que obtém resultados sem matar a galinha dos ovos de ouro. É preciso muito talento e habilidade. E dá uma boa grana.

— Então você é especialista em extorsões.

— Não. Estou no ramo das artes.

— Que arte? Restauração facial?

Ele se inclinou para a frente, cotovelos sobre a mesa.

— A arte da persuasão.

Seu olhar endureceu, como se ele estivesse querendo dar a Jack uma certa ideia do quanto ele podia ser persuasivo. Jack não desviou os olhos.

— Então Sally Fenning queria lançar mão de sua capacidade de persuasão?

Ele se recostou novamente na cadeira, ocupando mais a ponta.

— Essa foi a minha primeira impressão.

— E você foi se encontrar com ela?

— Isso mesmo. Disse para encontrar me no Sparkys.

— Por que lá?

— Eu sempre marco encontros num lugar público. Para evitar surpresas.

— Mas por que no bar do Theo?

— Ele é meu irmão. Ele detesta o que faço para ganhar a vida, às vezes ameaça me arrancar o couro. Mas, se eu vou ao bar do Theo, de uma coisa eu tenho certeza: nenhum barman abelhudo vai ficar ouvindo a minha conversa. Theo não quer saber dos meus negócios. Você acha que eu ia ter alguma

forma de garantir minha privacidade se eu fosse a um outro bar?

— Tudo bem. Você foi ao bar do Theo. E daí?

— Ela queria me contratar.

— Para fazer o quê?

— Eu já disse. Pensei que ela queria que eu amassasse a cara de alguém.

— Mas não era isso?

— Não. Ela queria que eu matasse uma pessoa.

— Quem?

Ele riu consigo mesmo.

— É aqui que a coisa fica... estranha.

— Como assim?

— Ela queria que eu desse um tiro nela.

Jack hesitou. Já ouvira muitas histórias estranhas ao longo de sua carreira, mas essa tinha passado do ponto.

— Você diria que esse é um pedido inusitado?

— Nunca ouvi falar de nada parecido. Mas sim, eu diria que é estranho.

— Por que uma pessoa contrataria alguém para matá-la? Por que não ir simplesmente para casa e enfiar a cabeça no forno ligado?

— Está brincando? As pessoas sempre têm lá seus motivos. Certa vez, um amigo meu executou um cara que havia perdido muito dinheiro no mercado de ações. Milhões. Não dava para continuar, mas ele não queria que a mulher e os filhos pensassem que ele era um covarde. Aí ele contratou um assassino de aluguel para fazer com que sua morte parecesse um latrocínio. Funcionou às mil maravilhas. Você precisava ter lido o obituário—disse ele com uma risadinha.—Falaram muito do quanto o pobre John amava a vida.

— Era com esse tipo de coisa que Sally estava preocupada? Com o que os outros pensariam?

— Não sei.

— Foi você que atirou nela? Ele desviou os olhos, rindo.

Jack não se deu por achado e perguntou de novo.

— Você atirou nela? O sorriso de Tatum desapareceu.

— Não.

— E por que não?

— Porque, como eu já lhe disse, não faço mais esse tipo de coisa.

— E você disse isso a ela?

— Eu disse um monte de coisas. Mas o principal foi que ela estava sendo burra. Era deslumbrante, obviamente coberta de ouro. Eu disse: Isso é loucura. Procura ajuda, minha senhora. Isso não é a mesma coisa que mudar a cor dos cabelos, nem fazer cirurgia plástica nos seios. Isso aí não tem volta. Entende o que estou querendo dizer?

— Então você deixou as coisas por isso mesmo? Ela lhe pediu para matá-la e você disse não.

— É isso aí.

— Ela não lhe pediu o nome de um amigo seu que topasse fazer o serviço?

— Não. Mas eu também não dou o nome de ninguém. Ele pareceu recuperar o sangue-frio, e depois acrescentou:

— Porque eu não tenho mais amigos desse tipo.

— Fale sobre a carta que recebeu da advogada de Sally.

— Não tenho muita coisa pra contar. Só diz que ela gostaria que eu fosse a seu escritório para uma reunião importante para tratar da morte de Sally Fenning.

— Posso vê-la?

— Lógico. Está bem aqui.

Ele a tirou do bolso interno da jaqueta e depois a entregou a Jack, que a examinou rapidamente.

— Seu verdadeiro nome é Clarence Knight?

— E. Não sei bem como foi que ela conseguiu descobrir.

— Suponho que você não deu seu nome verdadeiro a Sally.

— Não. Só Tatum, meu apelido.

— Como Tatum o'Neal, né?

— Porra nenhuma. Não, não como Tatum o'Neal. Em que raios de planeta vivem vocês, brancos? Tatum, o maior, o mais fantástico jogador de futebol!

— Tá, tudo bem—disse Jack.—E então, Sally conseguiu seu nome verdadeiro de algum jeito e passou-o para sua advogada.

— Como eu disse, seu guarda-costas fez o contato, de modo que pode ter

dado meu nome verdadeiro a Sally. O que é mais uma prova de que não matei essa mulher. Você acha que meu amigo daria meu nome ou que eu lhe daria meu apelido verdadeiro se eu fosse cometer um assassinato? Estaria usando um nome falso, me garantindo.

— Num assassinato normal, sim. Mas talvez você não tivesse de tomar tanto cuidado assim em esconder seu nome quando a pessoa que o estava contratando ia estar morta depois do serviço feito.

Tatum sorriu de uma forma muito peculiar e disse:

— Você até que é um cara bem esperto, Swytek.

— Vivien Grasso—disse Jack lendo o nome da advogada nos dados do remetente.

— Você conhece?—perguntou Tatum.

— Superficialmente. Ela deu muito apoio a meu pai quando ele se candidatou a governador. Heranças e testamentos são a especialidade dela. Por isso, suponho que essa carta tem algo a ver com a administração do espólio de Sally.

— O que isso tem a ver comigo?

— Você não perguntou a ela?

— Eu estava esperando que você perguntasse. Como meu advogado. Jack pôs a carta sobre a mesa.

— Prometi ao Theo que me encontraria com você. Não disse que iria além disso.

— Posso pagar pelos seus serviços.

— Não é uma questão de dinheiro.

— O que é então, você não gostou de mim?

— Não marcamos um encontro para começarmos a namorar. Eu não sou obrigado a gostar de você.

— Ou então você acha que é o Perry Mason e só representa inocentes. Bom, vou lhe dizer uma coisa. Se alguém tentar me acusar da morte dessa mulher, eu estou dizendo, sou inocente. E então, que me diz, Perry? É meu advogado?

— Vou pensar.

Jack devolveu-lhe a carta, mas Tatum levantou as mãos, recusando.

— Fica com ela. Talvez você possa precisar.

Jack dobrou a carta e enfiou-a no bolso.

— Talvez—disse ele.

CINCO

NA SEXTA-FEIRA À NOITE, Jack voltou à escola de ensino médio. Os Cavaliers of Coral Gables Sênior High estavam batalhando contra os Miami Lakes no campo de futebol, e ele achou que seria legal levar seu Irmãozinho Menor para dar uma força à sua alma mater. Jack participava do programa local da Associação de Irmãs e Irmãos mais Velhos dos Estados Unidos, e não havia nada de que gostasse mais que levar Nate a lugares onde sua mãe não o levava—como jogos de futebol e mais jogos de futebol. Parecia uma coisa boa para uma mãe solteira que estava tentando criar o filho sozinho, o motivo que o levava a se apresentar como voluntário do programa. Nate acabou mostrando ser um ótimo menino, e era por isso que Jack adorava aquilo. Mas, naquela noite, Jack tinha um programa só seu. Como sempre, havia muita gente lá. Jack e Nate acompanharam a torrente de fãs animadíssimos que passavam pela catraca do principal portão de entrada. A banda de música estava no campo, pondo toda a sua alma coletiva no hino familiar da escola. As arquibancadas estavam se enchendo rapidamente, enquanto um placar iluminado na outra extremidade do campo mostrava que faltavam catorze minutos para o início da partida. Uma longa fila de jogadores de futebol passou subitamente por ele e Nate à toda pressa. Seus minutos de aquecimento tinham terminado e eles foram vaiados e aplaudidos durante todo o trajeto de volta ao vestiário para as instruções de última hora.

Fazia quase vinte anos que Jack jogara por um time universitário e, por um momento, mal conseguiu acreditar que algum dia tivesse parecido tão jovem em seu uniforme cinza e rubro.

— Vocês usavam capacetes quando jogavam?—perguntou Nate. Ele tinha oito anos e, às vezes, fazia Jack sentir-se com oitenta.

— Nem sempre—disse Jack.—O que explica um monte de coisas.—Como o quê?

— Nada, não—disse ele puxando Nate enquanto se dirigiam para as arquibancadas.

— Por que você sempre diz isso?

— O quê?

— Toda vez que te pergunto o que uma coisa quer dizer, você sempre diz nada.

— Não é sempre que eu faço isso.

— É, sim. A minha mãe também diz que você faz isso.

— Ah, ela diz, é?

— Ela diz que você tem medo de deixar os outros saberem o que está realmente se passando na sua cabeça.

— Ela disse isso?

— Você acha que eu ia inventar uma coisa dessas?

Jack sorriu, embora o incomodasse pensar que a mãe de Nate o via como alguém que erguia barreiras emocionais. Engraçado, mas sua ex-mulher dizia a mesma coisa.

— Não quero gente xeretando a minha cabeça né? O que será que isso quer dizer exatamente?

— Nada—disse Nate com um arzinho de superioridade.

— Cara esperto.

Era o sexto jogo da temporada, nenhuma derrota até agora, e Jack estava sentindo a excitação que havia no estádio. Tinham chegado tarde demais para conseguir os melhores lugares; seja como for, Jack não estava morrendo de pressa para se sentar. Esperou atrás das arquibancadas descobertas a uns cinquenta metros da entrada, observando os fãs que passavam. Essa seção era onde os pais dos jogadores costumavam ficar, e o zagueiro dos Cavaliers era Justin Grasso. Sua mãe, Vivien Grasso, nunca perdia um jogo.

Jack pretendia ligar para Vivien antes do fim de semana, mas foi impedido por um juízo arbitral em Orlando. A carta dela para Tatum Knight marcava a reunião misteriosa para segunda-feira à tarde. Jack tinha pensado em topar acidentalmente-de-propósito com Vivien no jogo, descobrir que história era aquela e depois concluir se parecia interessante o suficiente para compensar a barra de ter como cliente um sujeito comprometedor como Tatum. Jack não era extremamente exigente, mas esta havia sido uma daquelas semanas em que parecia, não fossem os clientes, os juizes e os outros advogados, que o exercício do direito não seria uma forma ruim de ganhar a vida.

— Vamos—disse Nate.

— Só um minuto—respondeu Jack. Vivien estava vindo na direção deles e Jack fixou o olhar nela, destacando-a da multidão. Não a via desde que o pai dera uma festa de despedida ao terminar o mandato de governador, mas ela parecia a mesma: esbelta e atlética, pouca ou nenhuma maquiagem, como se tivesse saído para uma corrida de trinta quilômetros, tomado um banho rápido e corrido para ver o filho fazer picadinho do time visitante. Ninguém tinha muitas dúvidas sobre a origem do talento do astro do Gables Highb.

— Jack Swytek—disse ela com um sorriso.—Como está seu pai?

— Tá ótimo. Acho que está pescando na Carolina do Norte este mês.

— Mas que folga! Precisamos fazê-lo esquecer a aposentadoria e se candidatar ao Senado. A não ser que seu filho esteja interessado em política.

— Meu interesse se limita a votar. Para falar a verdade, limita-se a votar em familiares próximos.

Ela riu. Jack estava prestes a apresentá-la a Nate, mas o menino já estava envolvido numa conversa animada sobre Harry Potter com o filho de dez anos de Vivien. Era a chance de que Jack precisava.

— Engraçado eu topar com você aqui—disse Jack mentindo.—Eu estava pensando em te ligar.

— Por quê?

— Aquela história de amigo de um amigo. Um cara chamado Clarence Knight.

Ela parecia estar vasculhando a memória e, de repente, pareceu lembrar-se.

— Ah, sei. Um dos herdeiros de Sally Fenning.

— Herdeiros!?—exclamou Jack.

— Mande-i-lhe uma carta convidando-o para a leitura do testamento. Você vem com ele?

— Ainda não sei.

— Contestação de testamento não é exatamente a sua praia, né?

— Houve contestação?

— Eu não devia ter dito isso. Pode haver. Acho. Mas ninguém disse nada. Ainda.

— Você está me dizendo que devo ou que não devo me envolver nessa história?

— Esquece o que eu disse—respondeu ela sorrindo.—É apenas cinismo de advogado. Toda vez que há muita grana em jogo, você espera que os herdeiros briguem.

— Tem certeza de que Tatum Knight é um herdeiro?

— Vamos, Jack, vamos! Vamos perder o começo do jogo.—Nate falou alto, o mais perto que já estivera de choramingar.

— Só um minuto, amigão.

— O menino está certo—disse Vivien.—Vamos perder o começo do jogo. Liga pra mim no escritório na segunda de manhã. Aí a gente conversa. E dê

lembranças a seu pai por mim—disse ela se afastando.

— Eu ligo. Boa sorte hoje à noite!

— Força, Cavaliers.

Jack ficou olhando para Vivien e seu filho enquanto eles desapareciam no meio da multidão. A corrente ininterrupta de espectadores continuava passando por ele para ocupar seus lugares. Nate puxou-o pelo braço.

— Ei, você aí de cima!—disse o garoto.—Será que dá pra gente assistir ao jogo agora?

Tatum Knight, um herdeiro? Jack não conseguia tirar aquele pensamento da cabeça.

— Por que você está com essa cara de bobo?—perguntou Nate.

— Que cara de bobo?

— Você está com cara de quem acabou de pisar numa caca bem fedorenta.

— Talvez eu tenha pisado mesmo.

— Nossa! É mesmo?

— Não, eu não quis dizer que pisei de verdade.

— Mas, então, o que você quis dizer?—Nada.

— Nada, nada, nada. De novo? Jack sorriu.

— De novo. Ah, vamos lá, vamos assistir ao jogo.

Pôs o braço em volta de Nate e levou-o para as arquibancadas.

SEIS

KELSEY ESTAVA COMEÇANDO A CONHECER SALLY FENNING. Kelsey Craven trabalhava para Jack Swyteck. Sua última missão fora reunir todas as informações sobre as duas tragédias que haviam marcado a vida de Sally, o tiro absurdo que levava num cruzamento e o assassinato de sua filha cinco anos antes. Kelsey não era uma investigadora, de modo que reuniu as informações disponíveis ao grande público, em geral na internet, como artigos de jornal e até um site antigo da Web, que girava em torno da busca que Sally fizera do assassino da filha.

Não era um emprego de tempo integral: algumas horas por semana era tudo que podia dar a Jack. Além de ser mãe de Nate, Kelsey estava cursando o terceiro ano da Escola de Direito da Universidade de Miami. O direito era seu segundo curso universitário, que resolvera fazer depois de se divorciar do homem que a convencera de que uma bailarina era burra demais para conseguir entrar numa escola de direito. Dançara profissionalmente durante dois anos, antes de uma lesão no joelho acabar com sua carreira; depois se casara e tivera Nate. Desde o dia em que o menino começou a andar, ficou claro que nunca seria um bailarino, mas ela tentou realizar seu sonho assim mesmo e abriu sua própria academia, dando vazão à sua paixão por crianças, principalmente por meninas pequenas. Ainda dava aulas de balé, mas não tinha mais a academia, havia vendido a empresa para pagar seu curso de direito. Ganhava um dinheirinho extra como estagiária, fazendo pesquisa jurídica e redigindo para o escritório de Jack Swyteck. Às vezes ele a mandava em missões de apuração de fatos, como aquela sobre Sally Fenning. Não era um trabalho muito exigente no plano intelectual, mas mostrara ser um dos mais interessantes. Sem sombra de dúvida, era o único que a fazia vibrar.

A campainha da porta tocou. Kelsey pôs as notas e os recortes de jornal de lado, levantou-se da mesa e foi até a porta da frente. Pelo olho mágico, viu Jack com a cabeça de Nate no ombro, o menino estava ferrado no sono. Ela abriu a porta e deixou-o entrar.

— Direto pra cama—sussurrou ela.

Jack levou Nate até o corredor com Kelsey em seu calcanhar. Ela passou na frente, entrou no quarto, ajustou o interruptor até ter apenas luz suficiente para enxergar e puxou as cobertas. Jack pôs o menino na cama e depois começou a falar em voz baixa.

— Desculpa eu trazer o Nate tão tarde.

— Tudo bem. Amanhã não há aula. Tenho certeza de que ele deve ter curtido muito.

— Foi um arraso.

— Obrigada por levá-lo.

— De nada.

Seus olhos se encontraram e não se afastaram. De repente houve um constrangimento, como se nenhum dos dois soubesse dizer boa noite quando estavam só os dois no quarto de dormir, sem um garoto travesso aprontando a maior confusão em volta deles.

— Acho melhor ir andando—disse Jack.

— Pode me dar um minuto?

— Eu, ahn... sim, acho que sim.

— Descobri uma coisa interessante sobre Sally Fenning. A gente podia tomar um café e conversar.

— Acho ótimo.

— Vai ser um minutinho só.

Jack virou-se e foi para a cozinha. Kelsey tentou pôr o pijama em Nate sem acordá-lo, mas era uma batalha perdida. Por mais delicadamente que se tente tirar a camiseta de uma criança adormecida, sempre parece que se vai arrancar a cabeça dela.

— Mamãe, para.

— Me deixa ajudá-lo.

— Não, não. Já sou grande. Posso fazer isso sozinho.

— Tudo bem. Você se troca.

— Preciso de privacidade.

Era óbvio que ele estava exausto. Ela lhe entregou o pijama.

— Leva isso aqui para o banheiro. E, já que está acordado, não se esqueça de escovar os dentes.

Ele resmungou e marchou para o banheiro. Kelsey sorriu para si mesma, embora tenha ficado ligeiramente triste ao pensar no filhinho já crescido e agora constrangido em se vestir na frente da mãe. O menino estava de volta em trinta segundos, com a parte de cima do pijama vestida ao contrário, com as costas para a frente.

— Boa noite, mamãe—disse Nate enfiando-se na cama.

— Cadê meu abraço e meu beijo?

Ele se aproximou da mãe e deu-lhe um abraço apertado.

— Puxa, como você está forte—disse ela saindo do abraço.—Dentes escovados?.

— Sim.

— Deixa eu ver.

Apertou a boca, como se estivesse espantado com o fato de sua mãe sempre saber. Baixou os olhos e perguntou:

— Você nunca pensou em... você e o Jack?

Kelsey levantou o queixo do menino e olhou-o bem nos olhos.

— Eu e o Jack, o quê?

— Você sabe. Não acha ele bonito?

— Acho. O Jack é muito bonito.

— Ele é legal, certo?

— Certíssimo.

— Você gosta dele?

— Gosto—disse ela cautelosamente, vendo no que a cabecinha dele estava ligada.—Mas nunca vai haver um romance entre nós.

— E por que não?

— Porque...—Ela não sabia o que responder. Era uma pergunta que já se fizera muitas vezes. Por que não o Jack?

— Porque ele é pior ainda que você para mudar de assunto.

— Eu não estou mudando de...

— Me deixa ver os seus dentes.

Os lábios dele separaram-se lentamente. Não havia como disfarçar quando se comia aqueles biscoitos Oreo. Kelsey apontou-lhe o caminho do banheiro de novo.

— Marcha, soldado. E não se esqueça daqueles lá do fundo.

Ele resmungou enquanto atravessava o corredor. Era um bom menino, que a obedecia, indiscutivelmente a única luz daquele casamento que durara tão pouco. O ex-marido era um professor universitário inteligente e charmoso que dava aulas de religião comparada. Infelizmente, o que ele mais gostava de comparar era o sexo conjugal com o sexo extraconjugal.

Nate estava praticamente dormindo em pé quando voltou do banheiro. Ela o pôs na cama e ele já estava sonhando quando ela saiu do quarto.

Jack estava na cozinha, admirando a colagem de fotografias nas portas da geladeira e do freezer. Era uma verdadeira mostra da vida de Nate, do nascimento à terceira série, das fraldas às luvas de beisebol. Em algumas o menino estava sozinho; mas, em geral, eram fotos de Nate com sua mãe. Ambos tinham os mesmos grandes olhos cor de mel, o mesmo sorriso. Quanto mais crescia, tanto mais Nate se parecia com a mãe, o que era bom. Todas as bailarinas tinham uma aura de beleza à sua volta quando estavam no palco, e Kelsey era uma daquelas verdadeiramente belas, que não parecia ser apenas pele e osso quando você chegava perto.

— Viu a última de você com o Nate?

Jack levou um susto ao ouvir a voz de Kelsey. A moça entrou na cozinha e depois apontou para uma foto que estava perto do puxador da porta da geladeira. Eram Nate, Jack e o Tigre, em tamanho natural.

— Puxa! Consegui chegar à geladeira—disse Jack.

— O lugar de honra dessa casa.

— É como ganhar uma estrela no Hollywood Boulevard.

— Também não vamos exagerar. É só fita durex e uns ímãs. Hoje Jack Swyteck, amanhã Derek Jeter. Está entendendo o que quero dizer?

Jack sorriu e disse:

— Ele tem oito anos.

— Sim, eu sei—disse ela, como se aquilo a tivesse comovido. Atravessou a cozinha rumo à cafeteira.

— Você toma descafeinado? Fiz pouco antes de vocês chegarem.

— Sim, obrigado.

Jack sentou-se. Ela serviu duas xícaras na bancada e depois levou-as para a mesa. Sentou-se na frente dele, perto de seu laptop.

Jack pôs uma colherzinha de açúcar em seu café, mexeu e disse:

— Dei de cara com a Vivien Grasso hoje à noite. A advogada que está cuidando do espólio de Sally.

— E?

— Ela escreveu aquela carta para o Tatum porque ele foi citado no testamento de Sally.

Ela engasgou com o café. Jack contara-lhe tudo sobre Tatum, pois suas discussões com ela estavam protegidas pelo sigilo obrigatório da relação advogado-cliente, mesmo que Kelsey ainda fosse uma estagiária.

— Espere aí—disse Kelsey.—Você está dizendo que ela contrata um cara para matá-la e depois o cita no testamento?

— Foi o que me disseram.

— Você não acha bizarro?

— Acho. Supondo que Tatum esteja dizendo a verdade.

— Bom, vamos supor que esteja, ao menos por enquanto. Por que Sally o citaria como beneficiário?

— Pode ser que sejam os honorários por ter concordado em matá-la,—disse Jack.—Mas é um jeito muito burro de pagar por um serviço.

— Pode ser uma jogada—disse Kelsey.

— Como assim?

— Ele pode não ser um beneficiário realmente. Vivien Grasso só está dizendo que ele é. Pode ser que ela ache que o Tatum matou Sally e tudo que deseja é atraí-lo para um lugar onde possa pegá-lo de jeito.

— Não tive essa impressão de Vivien.

— Bom, pode ser outra coisa. Talvez Vivien ache que outra pessoa estará presente; um dos outros beneficiários que contratou Tatum para matar Sally. Ou, então, pode ser que a advogada só esteja querendo testar a reação de cada um desses beneficiários quando Tatum entrar na sala.

— Gosto do jeito que a sua cabeça funciona, mas acho que agora já está fazendo hora extra.

Ela abriu o pote de biscoitos e entregou-o a ele. Os Oreos tinham acabado, só havia umas migalhas, que Nate adorava. Jack matou o restinho. Kelsey fechou o pote e perguntou:

— E aí, o que acha que está acontecendo?

— Já vou me dar por satisfeito se for à reunião e descobrir.

— Não está preocupado por representar um assassino de aluguel?

— Não. Mas estou preocupado por representar alguém que mente para mim.

— Então você não representa assassinos nem mentirosos?

— Só existe um tipo de gente que eu me recuso categoricamente a

representar. Posso ou não representar um assassino. Posso ou não representar um mentiroso. Mas, nunca, em hipótese alguma, vou concordar em representar alguém que mente para mim.

— Você está parecendo gato escaldado.

— É, você não está longe da verdade.

— Pessoal ou profissionalmente?—Ela pareceu reconsiderar a pergunta, e depois disse:—Desculpe. Não é da minha conta.

— Tudo bem. A resposta é ambos.

— Você acha que Tatum Knight está mentindo para você?

— Esse é o problema: não sei.

— Pelo que está em jogo, espero que você se envolva nessa história.

— E por quê?

— Eu nem conheço essa mulher, de modo que parece besteira eu dizer que estou interessada. Mas, de certo modo, sinto-me atraída por ela. A vida dela é uma tragédia só.

Ele lançou um rápido olhar para o computador de Kelsey e disse:

— Parece que você descobriu algumas coisas sobre Sally Fenning.

— Você me contou que ela foi atacada há alguns anos. Mas tem muito mais coisas além disso.

— Foi tudo quanto o Tatum me disse.

— Ele não falou do mais importante.

Ela folheou suas anotações e, depois de um momento, contou-lhe resumidamente o ataque original, a morte da filha. Jack ouviu em silêncio, perguntando-se por que Tatum não lhe dera aqueles detalhes. Supondo que tivesse conhecimento deles.

— Que coisa horrível—disse Jack.

— Foi, sim.

— Mas pode ajudar a explicar algumas coisas—disse Jack.—Talvez ela não tenha conseguido superar o assassinato de sua única filha. Ela se casou com um velho rico, talvez achando que o dinheiro pudesse torná-la feliz. E, por fim, contratou alguém para matá-la.

— O que significa que talvez Tatum esteja dizendo a verdade. Ela realmente pediu a ele que a matasse.

— Mas pode ser que ele esteja me contando só meia verdade. Talvez ela tenha pedido a ele para matá-la, e ele não disse não.

— É possível—disse Kelsey.—Só que não estou inteiramente convencida disso.

— E por que não?—perguntou Jack.—Se alguma coisa acontecesse ao Nate, que Deus não permita, será que você começaria a achar que não vale a pena viver?

— Não nas circunstâncias de Sally.—Como assim?

— Se algo horrível assim acontecesse com o meu filho, eu não descansaria enquanto não chegasse o dia em que executassem o cara que fez isso.

— Você está dizendo que nunca pegaram o cara que matou a filha de Sally?

— Nunca houve sequer voz de prisão. Esta tarde eu liguei para saber se poderia examinar os arquivos da polícia, mas não cheguei a parte alguma. Esse caso não foi arquivado. Tecnicamente, ainda é uma investigação em aberto.

— Interessante—disse Jack—Essa mulher sofre a pior tragédia imaginável. A filha de quatro anos é assassinada da maneira mais cruel em sua própria casa. Cinco anos se passam, ela acabou de pôr as mãos em quarenta e seis milhões de dólares, cortesia do segundo marido, e é aí que chega à conclusão de que não vale a pena viver.

— Supondo que devemos acreditar em Tatum.

— Aí é que está—disse Jack.

— E então, o que você vai fazer?

— A reunião com Vivien Grasso é na segunda. Isso não me deixa muito tempo, por isso acho que vou fazer a única coisa que tenho condições de fazer.

— Esquecer o caso, tocar em frente?

— De jeito nenhum.

Ele terminou de tomar seu café, olhou bem nos olhos dela e disse:

— Vou descobrir se dá para acreditar no que diz Tatum Knight.

SETE

A PRIMEIRA COISA QUE THEO KNIGHT fez na manhã de sábado foi ir de carro até a Mos Gym, a academia do Mo em Miami Beach. Miami Beach tinha uma longa tradição em matéria de boxe, que remontava a antes mesmo do jovem e superconfiante Cassius Clay treinar e lutar ali para arrancar o título de peso-pesado mundial do mais temido campeão de seu tempo, Sonny Liston. A Mos era um lugar sem frescuras que se dedicava exclusivamente a amadores. Não o tipo de amadores que lotaram os cursos de autodefesa depois dos ataques terroristas do 11 de Setembro. Eram caras sérios, durões, amadores só no sentido de que não tinham permissão de lutar boxe profissionalmente e não tinham a menor pretensão de ser o próximo Muhammad Ali. Adoravam aquilo, tudo de homem para homem, e Mos dava um bom treinamento para a luta mais importante que poderia haver fora do ringue. Seria bom para qualquer um que entrasse na Mos já conhecer as cordas, por assim dizer, e seria melhor ainda não ter xilique à vista do próprio sangue.

Theo encontrou uma cadeira perto do ringue central, onde seu irmão Tatum estava fazendo picadinho de alguém que, obviamente, não tinha a menor ideia de quem eram os irmãos Knight. Theo e Tatum tinham lutado muito, sem ringue, sem luvas, sem glória. Enfrentar gangues de rua não era exatamente o tipo de vida que Theo teria escolhido para si, mas os filhos ilegítimos de um viciado em drogas não têm muita escolha. A tia fez o melhor que pôde para criar Theo e seu irmão mais velho, mas com os cinco que já tinha, não foi fácil. Tatum sempre estava metido em enrascadas, e Theo herdara uma reputação de bandido e um punhado de inimigos sem ter contribuído em nada para isso. Não que Theo fosse santo. Na época em que abandonou o ensino médio, já tinha sua cota de roubo de carros, nada sério. Comparado à Tatum, era o irmão bonzinho—até a noite em que resolveu se servir de um pouquinho de dinheiro numa loja de conveniências e entrou num pesadelo ao vivo. Era o tipo de problema que se esperava de Tatum, não de Theo. Com o passar dos anos, ele conseguiu varrer aquela noite para um cantinho escuro de sua cabeça, um cantinho que ele nunca visitava. Mas, ali sentado vendo o irmão pulverizar o adversário, surpreendeu-se voltando no tempo com as lembranças despertadas pelo cheiro e pela visão da academia Mos, de toda aquela

luta à sua volta, a gangue dos grafites nas paredes, da conversa fiada de crianças sem futuro.

Quatro horas da manhã e as calçadas da cidade ainda estavam quentes. Miami estava no auge do verão e, durante três dias consecutivos, não houvera chuva à tarde para esfriar os ânimos. Aos quinze anos, Theo estava sentado no banco

do passageiro de um Chevy transado, com os vidros das janelas abaixados, a música explodindo dos alto-falantes, que ocupavam metade do porta-malas. Usava seu boné Nike de trás para a frente, com a etiqueta do preço ainda pendurada. O suor grudara nas suas costas a camisa Miami Heat folgada de malha preta. Um emblema da Mercedes-Benz pendia de uma grossa corrente dourada em volta do seu pescoço. Era o uniforme obrigatório dos Donos do Pedaco uma gangue de adolescentes punks barra-pesadas de Coconut Grove, liderados pelo ladrão Lionel Brown.

O carro parou diante da luz vermelha do semáforo na rua Flagler, uma das principais artérias leste-oeste que levava do centro de Miami para Everglades. Estavam bem atrás do bairro Little Havana, fora dos limites da cidade de Miami, numa área comercial deteriorada que atraía lojistas em busca de pneus usados, joias roubadas ou um bom filme pornô. Nos fins de semana a região sempre estava congestionada, mas, para uma madrugada de quarta-feira, o trânsito estava bom.

— Entorna isso—disse Lionel no banco do motorista.

Theo pegou a garrafa de rum, respirou fundo e começou a beber no gargalo. O líquido queimou sua garganta, depois seus sentidos ficaram amortecidos e ele sentiu o tapa. Bebeu até a última gota.

— Isso aí, meu camarada—disse Lionel.

De repente, Theo ficou tonto.

— Para onde a gente está indo?

— Shelby.

— O que é isso?

— O que é o quê?—Lionel estava sorrindo sem nenhum motivo aparente.—O seu bilhete de entrada, cara.

Lionel pegou à direita na Flagler. O Chevy diminuiu de velocidade ao entrar numa rua lateral, depois parou de repente na extremidade escura de uma alameda.

— Falando sério, o que é isso?—perguntou Theo.

— Uma loja de conveniências.

— O que você quer que eu compre?

— Cê num vai compra nada. Sobe aquela alameda, vira à esquerda na calçada. O Shelbys fica aberto vinte e quatro horas por dia. Cê entra, pega o dinheiro e sai correndo. Vou esperar aqui.

— E como eu vou pegar o dinheiro? E se ele tiver um revólver?

Lionel deu uma risadinha e sacudiu a cabeça.

— Theo, larga mão de ser babaca.

— Eu num sou babaca.

— Cê tá ganhando seu bilhete de entrada, tudo bem. Num costuma sê fácil assim virar um Dono do Pedaco mas seu irmão, Tatum, bom, ele conseguiu. Você entende o que eu tô falano?

— Não. O que tem de tão fácil em roubar uma loja de conveniências sem uma arma?

— Você num precisa de arma.

— O que cê quer que eu faça? Entro lá e peço por favor?

— Num vai tê ninguém pra você pedir por favor.

— Faço o quê, então?

Lionel consultou seu grande relógio esportivo.

— É quatro e vinte e cinco agora. O Shelbys só tem um empregado lá dentro das três e meia às cinco e meia. Toda madrugada, às quatro e meia, esse funcionário tem

de sair pra alameda pra mandar entregar as mercadorias na casa das pessoas.

— Ele não tranca a porta da frente?

— Às vez ele tranca. Às vez ele esquece.—Lionel entregou-lhe um pé-de-cabra pequeno e disse:—Leva isso. Para o caso dele não tê esquecido.

Theo olhou para o pé-de-cabra que tinha na mão.

— Cê quer ser um Dono do Pedaco ou num quer?

— Eu quero, merda.

— Cê tem cinco minutos pra provar isso. Depois eu vô membora, com você ou sem você.

Olharam fixamente um para o outro, e depois Theo puxou a maçaneta da porta e pulou do carro. Não era nenhum corredor de longa distância, mas cem metros alameda abaixo eram moleza para ele. A rua era estreita e escura, com apenas uma lâmpada solitária numa extremidade. Ele saiu correndo a toda velocidade, ziguezagueando para contornar uma fila de latas e pulando uma pilha de lixo. Ao chegar à calçada, diminuiu a velocidade para um ritmo de caminhada sem rumo certo e virou à esquerda, rumo ao Shelbys.

O pé-de-cabra estava enfiado no cinto, escondido pela longa camiseta negra de malha.

O Shelbys ficava na frente de um estacionamento, um espaço que a loja dividia com uma lavanderia que havia fechado horas antes. Para alívio de Theo, o estacionamento estava vazio. Continuou andando depressa, mas não a ponto de chamar a atenção. Letreiros em néon cintilavam na porta da frente da loja, que era de vidro. A lata de lixo diante da porta de entrada estava transbordando, e saquinhos brancos de plástico pontilhavam a calçada, fazendo-a parecer um campo de flores. Eram só uns poucos metros, mas pareceu levar uma eternidade chegar à porta. Olhou lá dentro. Não havia o menor sinal do empregado. Devia estar nos fundos, exatamente como lhe garantira Lionel. O pé-de-cabra parecia mais pesado em seu bolso quando ele chegou à porta e girou a maçaneta. O trinco soltou um estalido e a porta abriu. Theo quase teve uma vertigem ao ver que o empregado se esquecera de trancá-la.

Que merda!

Theo entrou, passou pelo mostruário de quase dois metros e meio, cheio de refrigerantes em lata, pelas prateleiras de salgadinhos, por setecentos tipos diferentes de goma de mascar e balas de hortelã. Andava com cuidado, mas depressa, sem fazer o menor ruído com seus tênis. Chegou ao balcão de saída onde eram feitos os pagamentos das mercadorias e parou. A caixa registradora estava bem à sua frente. Prestou atenção, tentando ouvir alguma coisa que lhe dissesse onde o empregado tinha ido, mas só escutou o zumbido das geladeiras às suas costas.

Theo consultou o relógio. Dois minutos tinham-se passado. Ele tinha três minutos para pegar o dinheiro e se encontrar com Lionel outra vez. Seu pulso acelerou. Sentiu que estava suando e, por um momento, não conseguiu se mexer, paralisado pelas vozes em sua cabeça, a tia dizendo-lhe para sair dali chispando, Tatum, o irmão mais velho, gritando: Mariquinha, mariquinha, mariquinha! Sem pensar em mais nada, saltou para o outro lado do balcão, tirou o pé-de-cabra do bolso da calça e abriu a caixa registradora. A gaveta deslizou, abrindo-se, e ele estendeu a mão para pegar o dinheiro. Mas não havia dinheiro algum. Estava completamente vazia. Que porra é essa?

—Me ajuda!

Theo gelou com o som da voz do homem. Era uma voz abafada, tão abafada que ele quase se perguntou se não era sua imaginação lhe pregando peças.

— Por favor, tem alguém aí?

A voz estava vindo do cômodo dos fundos. O coração de Theo estava lhe

saindo pela boca, seus pensamentos uma confusão só. Obedecendo a seus instintos, pulou para o outro lado do balcão e correu para a porta.

— Ai, meu Deus, por favor, me ajuda!

Theo parou gelado a poucos centímetros da porta. Lionel desapareceria em apenas noventa segundos, mas aqueles patéticos pedidos de socorro o tinham físgado como um peixe no anzol. A voz do homem dava a impressão de que ele estava morrendo, e Theo nunca vira ninguém morrer antes. Não sabia o que fazer, mas se aquele era o som da morte, ele tinha certeza absoluta de que não queria ser um Dono do Pedaco Virou-se, correu na direção do depósito e depois parou completamente gelado diante da porta. Minha nossa!

O empregado estava deitado de bruços, o peito arfando enquanto ele lutava para respirar. Por toda a extensão do cômodo, do freezer enorme até a saída do depósito, havia uma mancha vermelho-escuro. Era exatamente da largura de seu corpo, marcando o caminho pelo qual havia-se arrastado, centímetro por centímetro sobre a barriga, sangrando profusamente.

O homem ergueu os olhos para Theo e estendeu a mão. Seu rosto estava machucado e sangrando, as roupas empapadas de sangue. Ele não parecia muito mais velho que Theo, praticamente uma criança, talvez da idade de Tatum.

— Me ajuda—disse ele com uma voz fraca.

Theo só ficou ali, aterrorizado e sem saber o que fazer.

O homem arquejou e seu rosto bateu no chão. E então, tão de repente que deixou Theo gelado, seu peito parou de se mexer, seus pulmões pararam de lutar pelo ar. Theo olhava horrorizado e depois começou a tremer à vista do pequeno pé-de-cabra em sua mão, aquele que Lionel lhe dera—havia uma coisa nele que não havia reparado antes.

Havia uma mancha de sangue seco nele.

— Puta que pariu—disse ele em voz alta, e o instinto assumiu novamente o comando. Ele se virou e correu em direção à porta da frente, caindo no chão enquanto esmagava a prateleira de salgadinhos e derrubava o mostruário de refrigerantes em lata. O tornozelo virou e ele rolou pelo chão em agonia.

E então escutou aquele som—o som de sirenes que se aproximavam.

No impulso, levantou-se, atravessou correndo a porta da frente e saiu feito louco para a alameda, lutando contra a dor no calcanhar torcido, sabendo, no fundo da alma, que seu amigo Lionel já teria ido embora há muito tempo quando ele chegasse lá.

— Theo, meu camarada!

Era Tatum chamando-o do ringue, convencido como sempre, socando um jovem latino que tinha mais ou menos metade de seu peso. Não era seu estilo socar pobres diabos, mas era sempre o sr. Machista com setenta centímetros de cintura que gostava de demolir o maior almofadinha da academia. Era como se aquelas ervas-daninhas cheias de músculos tivessem de provar alguma coisa, como aqueles poodles chatinhos na praça que ficam latindo para os rottweilers. Mais cedo ou mais tarde, aqueles cachorrões mordem.

Felizmente para Theo, Tatum girou como um moinho de vento, brincando com seu adversário.

Theo só sorriu. Não gostava de tudo no irmão, mas tinha de gostar dele. Jack Swytek, o advogado designado pelo tribunal para defendê-lo, foi o cara que finalmente o tirou do corredor da morte pelo assassinato daquele empregado da loja. Mas, durante todo o processo, só houve uma pessoa que ficou do seu lado o tempo todo. Numa relação fraterna de dar e tomar, de amor e ódio, que duraria por toda a vida, aquilo era a única coisa que realmente fazia diferença, a dívida que nunca poderia pagar. Pelo menos era assim que Theo via as coisas.

Theo foi em direção ao canto do ringue onde estava o irmão e inclinou-se por cima das cordas do lado de fora do ringue. O cheiro inconfundível de suor e couro velho chegou às suas narinas. Dava para ouvir os lutadores grunhindo a cada golpe, dava para sentir a intensidade da concentração. Só os intelectuais esnobes do mundo das ideias acham que o boxe não tem nada a ver com a cabeça.

— Já sabe por que um ringue de boxe é quadrado?—perguntou Theo.

Theo sabia confundir a cabeça do irmão melhor que ninguém; distraí-lo com pensamentos irrelevantes, vê-lo levar uma porrada. Mesmo do outro lado do ringue, Theo sabia que havia quebrado o ritmo de Tatum.

— Você conseguiu seu circo pessoal—disse Theo com um tom filosófico.— Ringues deviam ser circulares, pois você deve estar lembrado de que, em inglês, *ring* também quer dizer *anel*, *aro*, *círculo*. Pense nos círculos olímpicos. No aro dos óculos. Nos anéis de fumaça de cigarro. No círculo de fogo.

— Cala a boca!—disse Tatum.

O pixote estava ganhando confiança, movendo-se em torno de Tatum como uma mariposa em volta de uma lâmpada. Theo deu uma risadinha.

— Anéis de diamante, anéis para os dedos do pé, anéis para os mamilos, anéis para o umbigo, anéis para o escroto, até mesmo um anel de sujeira em volta do colarinho. E tudo círculo.

— Cala a boca, poooooooo!

— Bom, aí a gente tem o ringue de boxe—disse Theo.—Eu queria saber por que ele não é um círculo.

Tatum levou um rápido direto no queixo, que o surpreendeu.

— E isso aí—disse ele enquanto mandava um gancho de esquerda que fez a mariposa sair voando até o outro lado do ringue.—Chega aqui, Theo.

— Pensei que você nunca ia me convidar pra entrar—disse Theo passando por entre as cordas. O garoto hispânico ferido ajudou-o a pôr as luvas. E Theo deu mais um passo para dentro do ringue com sua elegância habitual, recusando o protetor dos dentes para não se privar de sua arma mais eficaz: golpes verbais.

— Regras internacionais?—perguntou Theo.

— An-ham. Regras de cavalheiros. Regras dos irmãos Knight. Theo sempre se movimentara melhor que o irmão mais velho, e esta manhã em particular, pois estava completamente descansado.

E parecia estar particularmente inspirado quando chegou a hora de lançar confusão entre as linhas inimigas.

— E aí, Tatum, quantas vezes por dia você acha que cai um raio?

Tatum não respondeu. Theo ligou-se na combinação esquerda-direita.

— Tenta adivinhar—disse Theo, sempre rápido com os pés.

— Cai onde?—perguntou Tatum com um grunhido. O protetor dos dentes fazia sua voz parecer mais grossa.

— No mundo inteiro. Quantas vezes por dia?

Theo podia vê-lo pensando, podia ver sua perda de foco na luta só por um momento de fraqueza. Dessa vez, avançou com um soco violento de direita, seguido de outra combinação de esquerda-direita que fez a cabeça de Tatum ser lançada para trás.

— Quantas?—perguntou Theo.

— Num sei. Cinquenta?

— Rá!—disse ele enquanto dava um golpe rápido na barriga do outro. Os olhos de Tatum saltaram, como que para confirmar que sentira o golpe.

— Tenta de novo—disse Theo.

Era claro que Tatum estava machucado. Theo não estava poupando esforços.

— Cem—disse Tatum.

— Cem vezes por dia?—disse Theo zombando do irmão.—É isso que você acha?

Tatum deu um golpe lateral, mas Theo se esquivou com um rápido passo para o lado e atingiu Tatum com outro golpe na cabeça. Tatum cambaleou, mas não caiu.

Theo deixou-o recuperar o equilíbrio, só para manter a luta interessante.

— Você podia ter dito cem vezes por segundo—disse Theo.—É essa a quantidade de vezes que cai um raio do céu todo dia.

Andaram lentamente em círculos em torno um do outro, avaliando a situação, esperando um descuido. Tatum partiu para cima dele, mas Theo revidou com um soco violentíssimo na testa do irmão.

— Agora é que vem a melhor parte—disse Theo, ainda dançando no ringue.
—Quantas pessoas você acha que são mortas por um raio?

Tatum não respondeu. Parecia estar lutando para manter a concentração.

— Umas cinquenta—disse Theo, respondendo à própria pergunta.—Por ano.

Tatum cambaleou. Aquele último golpe na testa tinha sido um direto daqueles.

— Em todos os segundos de todos os minutos de todos os dias, o raio cai cem vezes na terra. Mas só umas poucas pessoas levam uma boa porrada de um deles durante o ano todo. O que isso lhe diz, Tatum?

— Fica parado aí que eu te falo.

Deu outro golpe lateral. Uff.

— Quando alguém diz quais são as chances de Theo Knight sair do corredor da morte ou quais são as chances de Tatum Knight ficar fora da prisão são as mesmas que ser atingido por um raio, o que isso te diz?

Mandou outra combinação de esquerda-direita, depois recuou antes de Tatum conseguir responder.

— De que porra você está falando aí, Theo?

— Você não entendeu? Não é que não caíam raios. Você só tem de estar no lugar certo.

— Cê tá falando merda.

— Estou falando de oportunidades perdidas. Tem um milhão de jeitos de perder oportunidades. Está certo, Tatum?

Tatum só grunhiu.

— Você sozinho pode acabar com todas elas—disse Theo enquanto lhe dava outro soco e depois se esquivava rapidamente.—E, às vezes, você não precisa fazer nadinha.

As oportunidades simplesmente passam por você. Porque seu irmão mais velho foi em frente e fodeu toda a sua vida.

Theo podia sentir aquele velho ódio subindo lá dentro. Partiu para cima de Tatum desfechando uma sequência de murros que o jogou nas cordas. Continuou aplicando golpes laterais, e Tatum só conseguia se encolher, tentando defender-se.

— Chega!—gritou Tatum.

Por um instante, era como se não estivessem mais no ringue. Estavam na esquina da rua em frente ao apartamento da tia na Cidade da Liberdade, e Theo estava dando porradas no irmão por ele ter empenhado o anel de noivado da tia para comprar drogas. Theo esqueceu as regras do boxe e lutou com o irmão no chão, imobilizando a cabeça de Tatum numa chave-de-cabeça que poderia ter-lhe quebrado o pescoço. Theo falou diretamente no ouvido do irmão com um sussurro raivoso, mas bem baixinho, para que ninguém mais pudesse ouvir.

— Eu fui falar com o Swytek de você. Garanti a ele que você não matou aquela mulher.

— Eu não a matei.

— Não minta pra mim!

— Não estou mentindo, cara. Não a matei.

— O Swytek foi como o raio para mim, está entendendo? Você acha que um sujeito feito eu, sai do corredor da morte sem um Jack Swytek? Você acha que um sujeito como eu vai a algum lugar sem um amigo como o Swytek?

— Estou ouvindo, tudo bem.

Ele esfregou o rosto de Tatum na lona.

— Ele vai ajudá-lo também, cara. Se você deixar. Mas a última coisa que ele precisa no mundo é de outro cliente difícil que minta pra ele.

Theo apertou a chave-de-cabeça. O irmão fez uma careta e disse:

— Nada de mentiras, prometo.

— Eu juro, mano. Se você mentir e complicar a vida do meu amigo vai acabar com a oportunidade que estou te dando, e eu te racho ao meio!

— Não estou mentindo.

— A Sally Fenning contratou você para matá-la?

— Tentou.

— Você a matou?

— Não. Não toquei num fio de cabelo da piranha.

Theo deu-lhe uma joelhada na barriga e depois o empurrou para a lona.

— Ela não era piranha—disse ele enquanto caminhava em direção às cordas.

—Era mãe.

Theo usou os dentes para desamarrar o cadarço das luvas, tirou-as e jogou-as no engradado de plástico que havia no canto. Deu um murro em cada um dos sacos de couro para treinamento de pugilistas que encontrou no caminho até o vestiário, num ritmo que combinava com o da caminhada. Ao chegar a seu armário, tirou seu celular e apertou os números do telefone de Jack, prendendo a respiração enquanto o telefone tocava cinco vezes em seu ouvido.

— Oi, Jack, sou eu.

— O que há?—perguntou Jack.

— Digamos que Tatum acabou de passar por um teste do detector de mentiras. Ele não matou Sally Fenning.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Ela o contratou para matá-la?

— Tentou. Ele jura.

Theo sentou-se no banco, esperando que Jack falasse. Sentiu que ainda havia alguma coisa incomodando o amigo.

— O que é agora?—perguntou Theo.

— É sobre uma coisa que a Kelsey e eu conversamos a noite passada. Temos aqui uma mulher que passou pelo pior pesadelo que se possa imaginar, o assassinato brutal da própria filha, mas são precisos cinco anos, um novo casamento e um dote de casamento mega milionário para ela chegar à conclusão de que não vale mais a pena viver.

— Talvez tenha sido uma coisa que ficou roendo ela por dentro esse tempo todo.

— Pode ser, mas também pode ter havido outra coisa que empurrou Sally para o abismo. Alguma coisa mais horrível que ter a própria filha assassinada em sua própria casa.

— O que pode ser pior que isso?

— Não sei. Mas estou a fim de descobrir.

Um leve sorriso passou pelo rosto de Theo.

— Como sempre, chefe, estou a fim de ajudar.

OITO

A UMA DA TARDE, Jack estava no escritório de advocacia de Vivien Grasso. Seu cliente, Tatum Knight, estava a seu lado. Vivien ainda não dera o ar da graça. A secretária escoltara Jack e seu cliente até a sala de reunião principal, onde os três e uma mulher ficaram esperando sentados diante da longa mesa de mogno. Eram os outros beneficiários, na opinião de Jack, mas ele estava relutante em saltar para qualquer conclusão definitiva.

Jack apresentou seu cliente ao restante do grupo, o que levou apenas cada um a dizer seu nome. Todos pareciam cautelosos, quando não desconfiados, relutantes em deixar escapar qualquer coisa a seu respeito.

— Deirdre Meadows—disse Jack repetindo a última pessoa a se apresentar, como se reconhecesse aquele nome. Ela também parecia familiar. Sem graça, mas potencialmente atraente, roupas simples, maquiagem mínima e eficientes cachos castanhos combinavam com uma mulher constantemente pressionada pelos prazos.

— Você não escreve para o Tribune?—perguntou Jack.

— Escrevo—respondeu ela.

— Gente, eles mandaram você cobrir essa história aqui dentro?

— Não. Fui convidada para essa reunião. Como todos os outros.

— Você conheceu Sally Fenning?

— Mais ou menos.—Ela desviou os olhos, como se estivesse se surpreendendo numa mentira.—Superficialmente.

— Você é beneficiária do testamento?

— Acho que logo vamos saber.

Jack passou os olhos pelas outras pessoas presentes.

— Alguém mais está achando esse convite estranho? Estou com a impressão de que todo mundo sabe que tem uma montanha de dinheiro em jogo, mas ninguém sabe exatamente porque está aqui.

— Eu sei porque eu estou aqui—disse o cara do outro lado da mesa. Miguel era seu nome, ele havia-se apresentado apenas com seu nome de batismo, como se tivesse recebido ordens estritas de ficar de bico calado.

— Fica quieto—resmungou o homem mais velho sentado a seu lado. Era baixo e atarracado, como um hidrante num terno de abotoamento duplo. Os cabelos eram lisos e tingidos de preto, o bigode muito bem aparado, a barriga mole e redonda como se ele passasse o dia inteiro se olhando no espelho por

cima do ombro. Seu nome era Gerry, só Gerry, pois era evidente que ele também havia adotado a mesma estratégia brilhante de só usar o nome de batismo.

— Vocês dois estão juntos?—perguntou Jack.

Os dois responderam ao mesmo tempo.

— Mais ou menos—disse Miguel.

— Não é da sua conta—disse Gerry.

— Deixem-me adivinhar. Gerry, você é o advogado de Miguel—disse Jack.

Gerry não respondeu.

— Ele é Geraldo Colletti—disse a repórter.—Advogado especializado em divórcio. Tenho certeza de que já ouviu falar dele. Tornou-se muito conhecido nas varas de família aprontando com os outros advogados. A primeira coisa que aconselha seus clientes a fazer é gastar algum dinheiro entrevistando os cinco melhores advogados da cidade que trabalham com divórcio. Assim, o outro cônjuge não pode procurá-los e contratá-los, porque o cliente de Gerry já fez um número suficiente de confidências para tornar eticamente impossível para eles representar o outro lado.

— Isso é intriga da oposição—disse Gerry.

— Mas eu ouvi mesmo falar de você—disse Jack.—Não trabalho com divórcio, mas você não é aquele Gerry que se meteu numa enrascada por causa de um anúncio publicitário que dizia que você era

Gerry, o Gênio?

— Gerry, o Gentil—disse ele obviamente aborrecido.—E o anúncio não me meteu numa enrascada. Só foi ineficaz. Parece que ninguém quer um advogado que trate de divórcios e seja gentil.

— Entendo. Me diga uma coisa, Gerry Gentil. Qual é a sua nessa história?

— Logo, logo a gente vai ver.

Miguel fez uma careta.

— Ora, por que diabos estamos sendo tão melindrosos? Sou Miguel Rios, o primeiro marido de Sally.

Jack ficou surpreso.

— O que você está fazendo aqui?

— Fui convidado, exatamente como todos os outros.

— Eu não sabia que você e Sally estavam... numa boa um com o outro.

— Eu não diria que estávamos numa boa. Não me entenda mal. Não que eu estivesse esperando que ela me deixasse um monte de bosta de um quilômetro de altura com uma colher extra grande. Simplesmente não esperava que ela me deixasse coisa alguma. Mas, quando você vale quarenta e seis milhões de dólares, talvez seja o suficiente para ser generoso com todo mundo. Até com seu ex. Portanto, cá estou eu.

— Por causa do dinheiro?—perguntou Jack.

O advogado levantou-se de um salto, como se tivesse sido ferroadado pelas palavras de Miguel.

— Já é informação demais, sr. Rios. Viemos aqui para ouvir, lembra?

— Ora, fecha a matraca, Gerry. Você não está me representando aqui, portanto não me diga o que fazer.

— Espera aí—disse Jack.—Você está dizendo que Gerry, o Gênio, está participando desse encontro com alguma outra função além de ser seu advogado?

— Desculpe—disse o advogado.—É Gerry, o Gentil.

— O gênio aqui recebeu a mesma carta que eu. Ele também foi citado no testamento de Sally—disse Miguel.

Jack recostou-se na cadeira, pensando: Interessante. Temos um espólio no valor de quarenta e seis milhões de dólares e, até agora, as únicas pessoas que parecem estar no páreo para herdar uma fatia qualquer dele são uma repórter de jornal, um ex-marido, o advogado do ex-marido que tratou do divórcio e meu cliente. Todos os olhos se voltaram para o homem que estava na outra ponta da mesa.

— Quem é o senhor?

— Outro advogado—disse Jack.

— Estou aqui em nome de Mason Rudsky.

Rudsky era um nome que todos, menos Tatum, pareceram reconhecer imediatamente.

— Mason Rudsky—disse Jack—o assistente da promotoria pública do nosso estado.

— Isso mesmo.

— O mesmo Mason Rudsky que dirigiu a investigação do assassinato da filhinha de Fenning?

— Sim.

Miguel lançou-lhe um rápido olhar e disse:

— O mesmo Mason Rudsky que, em cinco, vejam bem, cinco anos, nunca indiciou ninguém pelo assassinato de minha filha.

Havia ódio na voz do pai, que atravessou a sala como uma rajada de vento ártico.

A porta abriu-se e todos se levantaram quando Vivien Grasso entrou na sala de reuniões.

— Sentem-se—disse ela enquanto ocupava seu lugar na cabeceira da mesa.

— Obrigada a todos por terem vindo. Desculpem o meu atraso, mas eu queria dar a todos a chance de estar aqui. Eu gostaria de começar dizendo que havia mais um convidado, mas até agora não consegui descobrir seu endereço atual.

— Quem é?—perguntou Jack.

— Não é importante para as questões em pauta. Vocês logo vão saber, quando o testamento for levado ao tribunal. Ele não vai perder nenhum de seus direitos de beneficiário só porque não compareceu à leitura do testamento.

— Isso significa que todos aqui são beneficiários?—indagou Jack.

— Vamos deixar o testamento falar por si, está bem?—Vivien abriu sua pasta de couro e tirou o testamento e último desejo de Sally Fenning lá de dentro. Jack sentiu o coração disparar quando ela começou, tentando imaginar o que os outros estariam sentindo. Eles, ou pelo menos um deles, podia estar a apenas alguns minutos do lado certo de uma herança de quarenta e seis milhões de dólares.

Mas, por quê?

— Eu, Sally Fenning, no pleno exercício de minhas faculdades físicas e mentais...

Vivien lia devagar, e Jack prestava atenção a cada palavra. Afinal de contas, era um advogado. As palavras eram o seu negócio, e as palavras são tudo o que você tem quando se trata dos desejos dos mortos. Mas ele estava começando a achar que, fosse quem fosse que tivesse redigido esse testamento, devia ter sido pago por palavra escrita, a julgar pelo número de páginas, secas e infernalmente repetitivas, mais ou menos tão insuportável quanto uma reunião da família Swytek sem Zanax.

— Quando chegamos ao que interessa?—perguntou Tatum. Jack lançou um rápido olhar a seu cliente. Os olhos do grandalhão estavam prestes a ficar vidrados.

— Estou chegando lá agora—disse Vivien enquanto retirava outro documento de sua pasta.—O instrumento fiduciário.

— Fiduciário?—repetiu Jack.

— Acompanhe meu raciocínio—disse Vivien.—Afinal de contas, trata-se de um espólio multimilionário. É um pouco mais complicado do que deixar a máquina de fazer macarrão e um velho par de chuteiras para o tio Ralph.

— Fique à vontade—disse Jack.

Vivien leu durante mais quinze minutos. Embora a linguagem fosse igualmente seca e jurídica como antes, ela conseguiu prender a atenção de todos os que estavam na sala. Principalmente no fim, quando mencionou o nome de cada um dos beneficiários.

Jack rabiscou cinco nomes enquanto ela os lia.

— O sexto?

— Como já disse, vocês saberão quem é o sexto depois que eu tiver a oportunidade de me reunir com ele.

Vivien voltou ao documento, lendo absolutamente tudo o que estava lá, até a data e o local onde ele fora feito. Quando terminou, colocou a papelada na mesa à sua frente, sem dizer mais nada.

Os outros olharam para ela, depois uns para os outros, como se não soubessem se tinham ouvido bem. Ou talvez só estivessem perplexos demais para dizer alguma coisa.

Finalmente, o ex de Sally disse.

— Está nos dizendo que ela nos deixou mesmo o seu dinheiro?

— Quarenta e seis milhões de dólares?—perguntou o Gênio. Parecia estar pasmado, algo entre atordoado e prestes a ter um ataque de pânico, falando como que consigo mesmo.—Não acredito que ela deixou para nós todos.

— Bem, tecnicamente, ela não deixou o dinheiro para todos vocês. Deixou para um só—disse Vivien.

Tatum coçou a cabeça, fez uma careta.

— Não estou entendendo patavina. Quem fica com o quê, e quando a gente pode pôr a mão na grana?

Vivien sorriu pacientemente e disse:

— Sr. Knight, deixe-me dizer isso em termos que todos aqui possam entender. Todos esses bens do espólio da senhora Fenning serão entregues a um

fideicomisso. Há seis beneficiários em potencial. Um por um, seus direitos se extinguem com sua morte. Até restar apenas um de vocês. Só então a herança será entregue, o principal e todos os juros acumulados. O último sobrevivente terá todos os direitos.

— Fale na nossa língua—disse Tatum.

Vivien olhou friamente para ele e disse:

— O último a morrer fica com tudo.

A repórter levantou os olhos de suas anotações.

— A lei permite isso?

— Claro que sim—disse Vivien.

— Deixa ver se eu entendi bem—disse Tatum.—Se todos esses outros aqui viverem até os oitenta e nove anos, e eu viver noventa, eu fico com o dinheiro, mas tenho de esperar fazer noventa anos para pôr a mão num único centavo que seja.

— Exatamente. Mas você vai receber os juros.

— Que absurdo!

— Deixe-me dar um outro exemplo—disse o Gênio.—Digamos que todos nós saímos daqui, e que essa gente fina é atropelada por um ônibus. E eu não. Isso significa que fiquei milionário?

— Não. Ainda temos o outro beneficiário que não está presente.

— Ele também—disse o Gênio.—Digamos que todos eles estejam no mesmo ônibus e que ele caia num despenhadeiro. Hipoteticamente falando, é claro.

— Bom, nesse caso, sim, você tirou a sorte grande. Você herda quarenta e seis milhões de dólares assim que todos os outros estiverem mortos. A única condição é que você ainda esteja vivo quando todos os outros estiverem mortos.

— Não importando de que forma morram?

— Não. Só importa quando.

Um silêncio tenso tomou conta da sala, prolongado por uma troca ansiosa de olhares entre um grupo de estranhos que, agora, por uma certa razão, pareciam ligados para sempre uns aos outros. Finalmente, Gerry, o Gênio disse:

— É como se ela estivesse querendo que a gente se matasse. Mais silêncio.

Vivien olhou todos eles nos olhos e depois disse:

— Não estou insinuando que alguém aqui tenha esse tipo de inclinação, mas se algum dos beneficiários deste testamento eliminar fisicamente os outros na esperança de ficar com o bolo todo; bom, esquece. Seus motivos serão óbvios, de modo que essa pessoa nunca usufruirá o dinheiro.

Miguel soltou uma risadinha, mais filosófica que zangada, como se a beleza do esquema de sua ex-mulher tivesse se revelado de súbito.

— Então ela está brincando com a gente. Faz nos sentirmos perto do dinheiro, mas ninguém pode realmente pôr as mãos nele. Pelo menos não a tempo de ele ter alguma serventia para nós no tempo que nos resta de vida. Simplesmente vamos continuar vivendo na esperança de ficarmos ricos um dia desses, mas todos vamos morrer tão pobres quanto sempre fomos.

— Se está se sentindo insultado—disse Vivien—sempre pode optar por cair fora. Ninguém impede um beneficiário de recusar seu direito a uma herança.

Ele passeou os olhos pela sala, parecendo estar fazendo cálculos rápidos de cabeça quanto às suas chances de sobreviver a todos os outros presentes.

— Não, participarei do joguinho. Vou adorar ficar com os quarenta e seis milhões dela.

— E ela ia adorar que você ficasse com eles—disse Vivien.—Estou falando sério. Sério mesmo.

— Então, tudo que temos a fazer é esperar?—perguntou a repórter.—Simplesmente continuar tocando a vida e aguardar que os outros morram?

— Absolutamente certo—disse Vivien. Gerry, o Gênio mostrou seu sorriso mecânico.

— E, evidentemente, todos podemos ficar sossegados e viver bem mais, sabendo que ninguém aqui é assassino profissional.

Riu alto demais da própria piada. Todos riram, mas aquilo só tornou aquele momento mais constrangedor ainda.

— É—disse Tatum, percebendo o olhar de Jack sobre ele enquanto falava.—Graças a Deus.

NOVE

As COISAS ESTAVAM ANDANDO DEPRESSA. Na manhã de terça-feira, Jack e Tatum já estavam no tribunal. A intenção era fazer as coisas andarem mais rápido ainda. Jack não frequentava o tribunal da vara de família, e sua presença ali estava exigindo alguns ajustes de sua parte. De certa maneira, era o mais incivil dos lugares de todo o sistema jurídico civil, a arena sangrenta onde irmãs lutavam contra irmãos e filhos traíam mães, todos atrás da fortuna da família. No entanto, era considerado um lugar estranhamente bem-educado, ao menos entre os membros do tribunal. Os advogados seguravam a porta uns para os outros, diziam bom dia, trocavam apertos de mãos, conheciam-se pelo nome de batismo. Pareciam até falar em voz baixa ao se dirigir aos membros do tribunal, como se quisessem mostrar respeito pelos mortos. Aqui, o que estava em jogo era tão importante quanto em qualquer outra sala de audiências, mas o estilo era diferente. Era por isso que era chamado de Tribunal dos Sussurros

— Bom dia—disse o juiz Parsons sentado em sua cadeira. Era um dos membros mais respeitados do sistema judiciário do condado Miami-Dade, um afro-americano magro, mas vigoroso, com grossas sobrancelhas grisalhas e a cabeça raspada que chegava a brilhar como uma bola de boliche novinha em folha.

— Bom dia, meritíssimo.—A resposta foi um coro de vozes de advogados e clientes. Desde a reunião no escritório de Vivien Grasso, o número de jogadores relevantes aumentara bastante. Evidentemente, nenhum dos beneficiários estava disposto a participar do jogo de quarenta e seis milhões de dólares de Sally sem a melhor representação jurídica de que pudessem dispor. Miguel Rios, o ex-marido, contratara Parker Aimes, que fora presidente da vara de família do Tribunal da Flórida por cinco vezes, e era um parente distante do falecido Will Rogers (o engraçado é que ele nunca conhecera um morto de quem não gostasse). A repórter Deirdre Meadows estava sendo representada não por um, mas por dois advogados do maior escritório de advocacia de Miami. O assistente da promotoria pública Mason Rudsky já havia mandado seu primeiro advogado embora e o substituíra por um professor de direito aposentado que redigira—literalmente—o livro mais importante e decisivo sobre a lei de espólios e fideicomissos da Flórida. Com Vivien Grasso como inventariante do espólio de Sally, as apresentações estavam começando a parecer um quem-é-quem no tribunal da vara de família, com uma exceção notável.

— Meritíssimo, sou Gerry Colletti... aqui presente em nome de Gerry Colletti.

Ouviu-se o som de risadinhas sarcásticas ao fundo, o que pareceu irritar Gerry. Ele parecia ser a única pessoa na sala de audiências que não achava engraçado o cliente apresentar-se como seu próprio advogado.

— Sr. Swyteck—disse o juiz—foi sua moção que nos trouxe aqui. O senhor tem a palavra.

— Na verdade, trata-se de algo muito simples, meritíssimo. Como o senhor sabe, Vivien Grasso é a inventariante legal do espólio de Sally Fenning. A lei lhe dá dez dias a partir da data da morte da senhora Fenning para entregar ao funcionário do tribunal uma cópia do último desejo e do testamento da senhora Fenning. Mas hoje, passados mais de dez dias dessa data, o testamento ainda não foi entregue.

— Mas, segundo a senhora Grasso, ela leu o testamento inteiro para vocês em seu escritório.

Vivien levantou-se e disse:

— Foi exatamente isso que aconteceu, meritíssimo.

— Não foi exatamente isso que aconteceu,—disse Jack.—Ela leu o testamento inteiro para nós, exceto o nome do sexto beneficiário.

— Posso explicar, meritíssimo—disse Vivien.

— Por favor.

— Estamos falando de um espólio de cerca de quarenta e seis milhões de dólares. Veja o interesse que esse caso está despertando—disse ela enquanto se virava e apontava para o público sentado atrás dela.

Jack virou-se e olhou, como todos os outros. A galeria estava praticamente lotada, seis fileiras de bancos.

— De onde surgiu esse alvoroço todo, assim tão de repente?—perguntou o juiz.

— É óbvio que o senhor não leu os jornais esta manhã—disse Vivien.—Todo tipo de histórias possíveis e imagináveis sobre o herdeiro desconhecido de um jogo de quarenta e seis milhões de dólares, em que ganha tudo quem morre por último. Não é preciso muito tempo para a notícia se espalhar quando um dos beneficiários é uma repórter.

Deirdre Meadows afundou na cadeira.

Vivien continuou:

— Bom, por que vocês acham que uma sala de tribunal está praticamente lotada para assistir a um filme do Mickey Mouse como esse aqui? Vou

explicar. É porque todo ser vivo que está sentado na galeria esta manhã trabalha para um advogado. Estão loucos de impaciência, só esperando que eu divulgue o nome do sexto beneficiário para eles saírem correndo atrás dele com um cartão de visitas na mão.

Jack virou-se de novo, passeando os olhos por um mar de rostos que pareciam culpados da acusação feita.

Um leve sorriso passou pelo rosto do juiz, que disse:

— Engraçado, mas de repente me lembrei de uma coisa que assisti outro dia no canal Discovery. Um gamo desesperado estava cercado por um bando de coiotes famintos com os dentes à mostra. O bando cercou-o lentamente, rosnando com aquelas bocarras abertas, até que finalmente um deles se lançou para a frente e agarrou uma das patas. Os outros se amontoaram em cima dele. Em questão de segundos, o gamo estava de costas, os membros estendidos, estripado e esquartejado enquanto aqueles coiotes esfaimados mordiam sem dó em busca de sua parte da refeição. Seja como for, estou fazendo uma digressão. Acho que é minha forma de dizer que um terço de quarenta e seis milhões de dólares é um honorário de advogado pelo qual vale a pena lutar.

— Pode apostar que sim—disse Vivien.—E é por isso que não quero tornar público o nome do sexto beneficiário enquanto não conseguir localizá-lo. Se for obrigada a revelar o nome, temo que um desses coiotes, como diz o senhor, encontre-o antes de mim. Francamente, acho essa uma forma extremamente desagradável de alguém descobrir que é beneficiário de um testamento.

— Concorde—disse Jack.—É por isso que não pedi ao tribunal que ordene à senhora Grasso que entregue o testamento à lei.

— Mas, então, o que está querendo?—perguntou o juiz.

— Essa é uma situação muito peculiar—disse Jack.—O testamento da senhora Fenning está estruturado de tal forma que o beneficiário sobrevivente herda todos os seus bens.

— É exatamente a isso que a senhora Grasso está se referindo—disse o juiz.

—A menos que os beneficiários estejam dispostos a esperar cinquenta anos ou mais pelo dinheiro, terão de encontrar uma forma de desqualificar os outros, ou trabalhar por um acordo. Isso significa que precisarão de um advogado muito bom, e não tenho dúvidas de que haverá muitos deles caçando nosso beneficiário misterioso assim que seu nome for revelado.

— Este é um dos lados da questão, meritíssimo.—disse Jack.—Mas considere outra possibilidade. Imediatamente após a leitura do testamento no escritório

da senhora Grasso, acho que foi o sr. Colletti quem fez uma piada dizendo que, felizmente, nenhum dos beneficiários é um assassino profissional, isto é, que talvez todos devessem começar a pôr as barbas de molho. Depois de sair do escritório, ocorreu-me o seguinte: como saber se esse sexto beneficiário não identificado não é um assassino profissional?

— Tem algum motivo para achar que ele é perigoso?—perguntou o juiz.

Jack hesitou. Ele não podia informar o juiz que Sally Fenning tentara contratar seu próprio cliente para matar alguém, nem que o verdadeiro motivo de sua moção era testar sua teoria de que o beneficiário número seis era o assassino profissional que havia matado Sally.

— Não sei nada sobre ele—disse Jack.—Mas, por uma questão de segurança pessoal e paz de espírito, todos os beneficiários deviam conhecer o nome do sexto. Por isso, peço ao tribunal que ordene à senhora Grasso que divulgue o nome para nós imediatamente, sob sigilo, para nossos ouvidos somente. Desse modo, assim que o encontrar, ela pode divulgar o nome para o grande público.

— Senhora Grasso, há algo de errado com esse pedido?—perguntou o juiz.

— Em teoria, nada—replicou ela.—Mas temos de considerar a realidade aqui. Se eu simplesmente desse o nome ao sr. Swytek, que eu conheço e em quem confio, não haveria com o que nos preocuparmos. Mas vamos encarar os fatos. Assim que os coiotes que estão daquele lado da divisória souberem que todos os que estão do lado de cá sabem quem é o sexto beneficiário, não há como dizer quanto dinheiro podem dar a um de nós por essa informação.

Gerry levantou-se de um salto.

— Protesto, meritíssimo! A senhora Grasso estava olhando para mim quando fez essa acusação implícita.

— Eu não estava olhando para o senhor.

— Ele tem muita imaginação—disse Jack.

— Chega!—disse o juiz, lançando as mãos para o alto.—Não vou admitir advogados alfinetando uns aos outros em meu tribunal.

Ai, não, pensou Jack, do céu direto para a Picaretagenlândia. Não no Tribunal dos Sussurros.

Os advogados pediram desculpas, mas o juiz já havia tomado sua decisão.

— Senhora Grasso, entendo suas preocupações, mas não posso suspender o cumprimento de prazos com base em seu temor abstrato de que alguns advogados podem agir antieticamente por conta de honorários polpudos.— Olhou por cima dos óculos de leitura, examinando a área onde ficava o

público.—Isso posto, gostaria de deixar absolutamente claro para a galeria que, se alguém ultrapassar os limites da ética e do bom gosto na procura deste sexto beneficiário, terá de se haver comigo.

— Isso quer dizer que sou obrigada a entregar o testamento ao tribunal?— perguntou Vivien.

— Sim. Até o final do dia. E, no interesse de evitar um estouro de boiada na sala do funcionário do tribunal, vamos fazer o seguinte: por favor, dê o nome do sexto beneficiário.

— Aqui e agora, em plena sessão?

— Não há hora melhor que a presente.—Tudo bem. Se é essa a decisão do tribunal...

— Essa é a minha decisão.

— O nome é Alan Sirap.

Um ruído surdo e prolongado se fez ouvir entre a multidão sentada atrás de Jack enquanto dezenas de espiões do tribunal pegavam papel e caneta para escrever o nome.

Jack lançou um olhar a seu cliente, mas Tatum deu de ombros, como se o nome nada significasse para ele.

— Algo mais?—perguntou o juiz.

Ninguém disse nada.

— Então a sessão está encerrada.

Depois de bater o martelo, o juiz desceu de seu lugar e saiu rapidamente por uma porta lateral, rumo à sua sala.

Os advogados e seus clientes levantaram e pegaram suas pastas. Colletti preferiu o caminho mais longo, contornando a longa mesa de mogno, e não parou enquanto não estava prestes a invadir o espaço pessoal de Jack. Falou com firmeza, mas em voz baixa, de modo que ninguém, exceto Jack, pudesse ouvir.

— Se você acha que está em vantagem só porque é unha e carne com Vivien Grasso, está muito enganado. Não estou nessa para perder. Principalmente para um cliente como o seu.

— Vou fazê-lo ganhar de seu cliente qualquer dia desses, Gerry.

— É o que vamos ver.

Jack ficou olhando enquanto Colletti se dirigia para a saída principal, nos

fundos da sala de audiências, abrindo caminho pela multidão como se estivesse decidido a liderar o bando de coiotes que estava saindo dali.

DEZ

FALTAVA UMA HORA PARA O PÔR-DO-SOL e só alguns minutos para o sinal de partida quando Jack pegou uma bandeja com cerveja, batatas fritas e molho de pimenta para assistir ao jogo do Knicks contra Heat na televisão. Havia muita coisa em jogo. Se o Heat perdesse de novo, Jack receberia um dilúvio de telefonemas e e-mails de amigos de Nova York. Knicks é o máximo. Tadinho do Heat etc. e tal. Mas estava fazendo uma daquelas noites mágicas de Miami quando Jack finalmente caiu no sono diante dos sons e dos cheiros reconfortantes da baía de Biscayne, bem diante da janela aberta de seu quarto de dormir, enquanto seus amigos lá do norte só tinham mais um dia para decidir que par de ceroulas usar por baixo de suas fantasias de Halloween; portanto, quem era mesmo o perdedor?

— Tenho uma notícia boa e outra ruim—disse Theo. Estava olhando pelo binóculo no quintal de Jack, ao lado da televisão portátil que levara para fora para ver o jogo. Jack ajustou a antena, depois pôs os comes e bebes na mesa, embaixo do guarda-sol. Nada como cerveja, seu melhor amigo e um jogo de basquete à luz das estrelas.

— O que é agora?—perguntou Jack. Theo baixou o binóculo.

— A boa notícia é que a pessoa que mora ao lado gosta de andar pela casa sem uma única pecinha de roupa.

— É um velho de setenta e oito anos—disse Jack piscando um olho.

— É. Bom, essa é que é a má notícia.

Jack riu enquanto pegava a cerveja e se deixava cair na chaise-longue. Theo instalou-se a seu lado e pôs a tigela de batatas fritas no colo.

— Você vai deixar alguma coisa para mim?—perguntou Jack.

— Sirva-se.—Theo estendeu a mão para pegar o controle remoto, mas Jack o pegou antes.

— É aqui que eu traço a linha divisória, amigão—disse Jack.

— Eu só queria ver se a Sally Fenning está no noticiário outra vez.

— O que leva você a pensar que estaria?

— O nome do sexto beneficiário está lá agora. Eu não ficaria surpreso se a mídia encontrasse esse Alan Sirap antes dos advogados.

— Ponto para você.

— Lógico que é ponto para mim. Eu sempre estou com a razão. Não abro a boca se não for para falar alguma coisa que preste. A não ser que eu arrote,

claro.—E arrotou como uma buzina de nevoeiro.

— Você não poderia ser mais repugnante nem se quisesse.

— Só quando estou tendo um dia bom.—Pôs a tigela de batatas fritas de lado e perguntou:

— E aí, que cê vai fazer com o Tatum? Cê vai representá-lo?

— Já estou representando.

— Não estou falando dessa besteira por hora que você está fazendo como se fosse um favor para mim. Você vai entrar nesse caso para valer ou não vai?

— Ainda não sei.

— Ora essa! Como disse o juiz, sempre vai haver um monte de facadas pelas costas, daquelas permitidas pela lei, com todos esses beneficiários tentando eliminar os outros. E essa história também está dando muito o que falar. Qual foi a última vez que você teve um caso que estivesse nos noticiários como este?

Jack lançou-lhe um olhar mau.

Theo tossiu, como se se lembrasse de repente do último caso que dera muito o que falar e quase levava o próprio Jack a ser indiciado.

— Tudo bem, vamos esquecer o ângulo publicitário. Vamos falar de dólares e de juízo. Você foi parar nas cordas com o seu divórcio. A única coisa que a Cindy não lhe tirou foi seu carro e seu melhor amigo, e provavelmente podia consegui-los, se quisesse. Imagine eu usando uma porra de um quepe e conduzindo Miss Daisy por Coral Gables num Mustang conversível.

— Não valia a pena brigar. Eu só queria tocar a minha vida.

— O que não muda os fatos. Você tem uma bela casa aqui, Jack, mas não é sua, e estamos aqui sentados ao ar livre assistindo televisão, não porque está fazendo uma noite linda como esta, mas porque você não tem nem ar-condicionado.

— E daí, aonde você quer chegar?

— Um terço de quarenta e seis milhões de dólares; é aí que quero chegar.

— Você acha que eu devia ser o advogado de Tatum?

— Se não for, outro será. Por que não você? Todos os outros beneficiários estão contratando os melhores advogados da praça.

— Os outros advogados têm o consolo de saber que seu cliente não matou Sally Fenning.

— Você também.

Jack tomou sua cerveja, mas não disse nada.

— Não posso te garantir 100% que Tatum não matou essa mulher—disse Theo.—Mas ele me deu sua palavra de honra, de irmão para irmão, no ringue de boxe, e provavelmente não há lugar mais sagrado para os irmãos Knight que o ringue. Não existe certeza nenhuma nessa vida, principalmente quando você está falando de uma bolada, de honorários percentuais no valor de um terço de quarenta e seis milhões de dólares.

— Entendo o que está me dizendo.

— Não parece. Não estou falando só de dinheiro. Estou falando de quem você é, e de quem vai ser pelo resto de sua vida patética.

— Não vamos nos deixar levar por isso.

— Não é pouca coisa. Tatum e eu tínhamos um ditado. Há dois tipos de pessoas neste mundo, as que assumem riscos e as que chafurdam na merda.

Jack riu, mas Theo ficou sério.

— Pode ser que Tatum não seja sua versão ideal de cliente, mas vai lhe dar a chance de responder a uma pergunta muito importante. Portanto, pense bem sério antes de vomitar uma resposta. O que você quer ser pelo resto de sua vida, Jack Swytek? Um cara que assume riscos? Ou um cara que chafurda na merda?

Seus olhos se encontraram e depois Jack desviou os seus, deixando-os perambular pela água e por um barco à vela que se via a distância, vindo a dois ventos para o continente.

— Diga a seu irmão para passar no meu escritório amanhã. Vamos assinar um contrato de honorários percentuais.

PARTE DOIS

ONZE

O HARMATÃO VOLTARA A SOPRAR EXATAMENTE NA DATA PREVISTA. Era o terceiro outono de Renê na África Ocidental, e não era preciso ninguém lhe dizer que aquele vento carregado de poeira chegara com força total. Seus olhos secos e a ardência nas narinas não mentiam. O vento vinha dos desertos do norte, começando já em outubro e, normalmente, durava até fevereiro. Mas, com a poeira, às vezes vinham temperaturas mais amenas à noite, embora amenas fosse um conceito relativo num lugar onde as horas mais quentes do dia costumavam ser de 33 graus e, em geral, a melhor maneira de descrever o clima era um calor asfíxiante. Nos cinco meses seguintes, havia apenas cinco dias de chuva, mas ao menos não haveria aqueles devastadores rios de lama que carregavam gado, crianças e aldeias inteiras das encostas para o vale. A vida na África Ocidental era uma questão de toma lá, dá cá, e Renê aprendera a aceitar isso. Durante o futuro próximo, viveria com poeira no cabelo, poeira nas roupas, poeira na escova de dente, e era realmente uma pena que os amigos lá do seu país não tivessem condições de entender porque as fotos que lhe mandavam, dava aquela impressão de aridez total. Mesmo nas melhores circunstâncias, era difícil fazer justiça fotográfica às pastagens do norte da Costa do Marfim, que se estendiam a perder de vista, a menos que você fosse um profissional, e Renê era tudo, menos isso.

Renê era uma pediatra que se apresentara como voluntária por um período de três anos com a Children First, uma instituição que defende os direitos humanos e estava lutando contra a escravidão de crianças nas plantações de cacau. A inspiração de ir para lá lhe ocorrera em seu último ano de residência no Boston Childrens Hospital. Certa noite, enquanto descansava e engolia seu jantar típico de refrigerante diet com barra de cereais, leu um artigo sobre o ressurgimento da escravidão. Estudos feitos pela ONU e pelo Ministério do Exterior dos Estados Unidos confirmaram que aproximadamente quinze mil crianças, entre nove e doze anos de idade, tinham sido vendidas para trabalhos forçados em plantações de algodão, café e cacau na Costa do Marfim. As previsões eram de que a situação só iria piorar, à medida que o preço do cacau continuava caindo, e quase metade do cacau do mundo provinha exatamente da região que apelara ao trabalho infantil para aumentar sua lucratividade. De repente, sua barra de cereais já não parecia mais tão doce. As coisas aconteceram de tal forma que ela começou a se perguntar por que estava na escola de medicina. Estava na hora de se mudar para Brookline e começar a limpar o nariz das crianças que vinham fazer checkups acompanhadas pelas avós, ou devia aspirar a algo mais? Antes de ter tempo de pensar duas vezes, estava num avião para Abidjã, sendo seu destino final Korhogo, a capital do Senoufo, que ficava a nove horas de ônibus para o

norte.

A Costa do Marfim tinha sofrido um golpe militar em 1999, e Renê chegara justo a tempo de ser assediada por uma miríade de problemas médicos—desnutrição, AIDS, mortalidade infantil e até mutilações genitais entre algumas tribos migrantes. Enfrentou todos eles, mas tentou concentrar-se na missão que a mobilizara. Oficialmente, os governos locais negavam a existência da escravidão infantil. Mas logo Renê teve condições de dar um rosto à crise, o rosto das crianças que eram mandadas para sua clínica em busca de assistência enquanto lutavam para encontrar o caminho de volta ao lar, que ficava nos países mais empobrecidos do mundo, países que faziam fronteira com a Costa do Marfim. Crianças que lhe falaram dos homens que as haviam atraído para longe de sua família em pontos de ônibus e mercados movimentados de países como Mali, Benin ou Burkina Fasso. Muitas viajaram por mar, embotadas em velhos navios lotados em portos como Cotonou, ironicamente um centro florescente de tráfico de escravos em séculos anteriores. Outras chegaram por terra, andando de caminhão pelo cerrado e de canoa para atravessar rios até chegarem às plantações que ficavam muito longe da civilização e mais ainda de casa. Só paravam quando chegava a hora dos homens saírem e negociarem com os plantadores de cacau de perto do lago Kossou, quando duas, três ou doze crianças de uma vez iriam encontrar outras crianças com o mesmo destino. Viviam em cabanas apinhadas sem camas, sem esgoto e sem eletricidade, mas com regras estritas que as proibiam de falar, porque falar levava à queixas e as queixas levavam à revoltas. Falaram com Renê sobre seus dias de trabalho de doze horas nos campos, de sol a sol, e da fome que sentiam por conta da comida nojenta, em geral bananas queimadas, às vezes um cará, quando tinham sorte. Mostraram a Renê as cicatrizes de seus braços, pernas e costas, contaram-lhe dos espancamentos quando não trabalhavam com a rapidez exigida. Dos espancamentos quando não trabalhavam o tempo exigido. Dos espancamentos quando tentavam fugir. Espancamentos, espancamentos e mais espancamentos. Sem nenhum centavo pago à criança, só a promessa de uma soma total de dez ou quinze dólares à família dela, um pagamento que muitas vezes nunca era feito. Ninguém queria dizer que aquilo era escravidão, mas uma das primeiras regras que Renê aprendeu na escola de medicina foi que, se uma ave parece um pato e grasna como um pato... As galinhas cacarejaram atrás dela, assustando-a.

— Isugri, nassara—disse o homem enquanto passava por ela na rua.— Desculpe, mulher branca.

Renê deu um passo para o lado. O homem levava um longo pedaço de pau atravessado nos ombros, equilibrado em ambas as pontas por galinhas vivas

que, coitadas, estavam suspensas pelos pés. A língua oficial da Costa do Marfim era o francês, mas poucos africanos a falavam, principalmente no norte. Com base na língua e nas roupas daquele homem, ela adivinhou que ele era de Burkina Fasso, um país desolado que não tinha acesso ao mar, ao norte da Costa do Marfim, e fazia este país parecer um modelo de prosperidade.

Renê acompanhou a torrente de vacas, mulas e pedestres até o mercado da cidade. Algumas das ruas eram calçadas, mas outras eram apenas caminhos empoeirados que cortavam a cidade como as trilhas de séculos atrás. Ela conhecia o caminho, mas era fácil para qualquer um achá-lo nessa época do ano, pois toda aglomeração de vulto levantava uma nuvem de poeira avermelhada visível em toda a cidade. Não havia muita coisa para fazer em Korhogo, e o mercado da tarde era fonte certa de diversão, se você conseguisse suportar o calor.

Renê parou na esquina para tomar um gole d'água de seu cantil.

Dois anos antes, ela nunca teria saído a essa hora do dia, mas o tempo a tornara mais resistente. Ou mais louca.

— Uanuana? Uanuana?—ouviu os turistas perguntando. Os viajantes conseguiam chegar a Korhogo, principalmente a caminho de outro lugar, quase sempre em busca de suas toiles pintadas, grosseiras e inusitadas, uma forma nativa de arte que acabara chegando a todos os hotéis e lares de expatriados do país em forma de tapeçarias, colchas, guardanapos e toalhas de mesa. A pergunta feita no mercado da tarde era sempre a mesma: Quanto?

— O preço está bom—sussurrou ela ao passar por alguns australianos que pareciam gostar de pechinchar.

— Obrigado, colega—disse um deles, e depois voltou a pechinchar.

Pechinchar era um modo de vida no mercado, embora Renê tenha visto mais de um turista não entender que, depois de negociar com um desses artistas, baixando o preço até um certo ponto, era um insulto você não comprar a peça.

Uma rajada de vento fez a poeira rodopiar, e Renê cobriu o rosto com a echarpe. Aquela foi uma rajada particularmente agressiva, trazendo o fedor do esgoto a céu aberto. Talvez tivesse chovido um pouco no norte, na noite passada, ou talvez as autoridades simplesmente tivessem chegado à conclusão de que estava na hora de descarregar o excedente.

O vento diminuiu um pouco, e Renê abriu os olhos. A poeira continuava rodopiando e, de repente, o mercado ficou envolto numa nuvem, como se ela estivesse sonhando.

O labirinto de muros e construções marrons feito de adobe parecia confundir-

se com a terra. Xales e mantas eram agitados pela brisa empoeirada. Os animais excitavam-se com os mais sutis odores do deserto que chegavam do norte. E os turistas continuavam pechinchando.

Poucos momentos depois ela conseguiu focar a vista de novo, e seus olhos se fixaram num menino pequeno que estava na esquina, um menino como muitos outros que já vira. Pernas fininhas, calças enlameadas, sandálias de plástico. A camisa em frangalhos, um olhar amedrontado. Qualquer um acharia que ele estava perdido. Mas Renê conhecia aquele olhar.

Aquele menino estava fugindo.

Ela começou a andar lentamente na direção dele, tomando cuidado para não espantá-lo. Continuou observando a criança, mas sem estabelecer um contato de olho no olho, abrindo caminho no meio da multidão, fazendo uma trajetória tortuosa rumo à esquina que o menino parecia ter reivindicado para si; ele e dezenas de outras crianças que passavam os dias mendigando nas ruas.

A investida começou quando ela se aproximou, criança após criança com a mão estendida.

— Si vous plait, mademoiselle. Si vous plait.—Se você fosse branco, até as crianças de rua conheciam francês suficiente para pedir por favor na língua oficial do país.

Era difícil ignorá-las, mas Renê não podia ajudar todas elas. Só as que tinham sido escravizadas.

Mesmo cercada pelas outras crianças, ela não perdia aquele menino de vista. A uns trinta centímetros de distância, suas suspeitas se confirmaram. Dava para ver as bolhas nas mãos e o ziguezague das cicatrizes nas pernas e calcanhares. Os meninos do campo cortavam os pés de cacau com facões. Era preciso um ou dois golpes fortes para abrir a casca dura e retirar as favas. Um bom menino conseguia abrir cinquenta favas por hora, embora o cansaço ou a falta de experiência muitas vezes fizessem com que eles se ferissem. Ao menos este ainda tinha todos os dedos das mãos e dos pés.

Finalmente, depois de um esforço contínuo, ela conseguiu se plantar a seu lado.

— Si vous plait, mademoiselle—disse ele com a mão estendida.

Seu francês era extraordinariamente bom, de modo que ela respondeu na mesma língua.

— Não tenha medo—disse ela.—Vim para ajudá-lo.

Ele deu um passo para trás. Era claro que havia entendido.

— Já ajudei um monte de meninos como você—disse ela.—Meninos que trabalham nas plantações de cacau.

Outros mendigos tentaram separá-los, mas Renê continuou firme, falando com ele.

— Sou médica.

Tirou do bolso uma fotografia de sua clínica. Em outros casos, mostrar alguma coisa aos meninos havia facilitado as coisas.

— Fica aqui pertinho. Venha comigo. Posso ajudá-lo a voltar para casa. Ele sacudiu a cabeça numa negativa, como se já tivesse escutado aquilo antes.

Ela deu um passo em sua direção, mas depois parou, com medo de estar forçando a barra.

— Por favor—disse ela.—Você não se parece com as outras crianças, entende? Venha comigo. Deixe-me ajudá-lo antes que os homens que vendem crianças encontrem você de novo.

Ele olhou bem dentro dos olhos dela, e ela não ousou desviá-los—Ser mulher era uma enorme vantagem ao conversar com um menino que havia sido enganado por muitos homens.

Ele acenou a cabeça lentamente em sinal de concordância, e ela o pegou pela mão na mesma hora. Era a mão áspera e calejada de um velho, não a do menino que ele era.

Renê o conduziu pelo mercado, tomando um atalho poeirento que ela conhecia para chegar à sua clínica.

— Como você se chama?

— Camun.

— Quantos anos você tem?

— Não sei.

— Quer um pouco d'água?

— Quero. Obrigado.

Ela sorriu e passou-lhe a mão na cabeça.

— De nada.

No fim da trilha empoeirada ficava a clínica da Children First, que não tinha exatamente a aparência de uma clínica. Era uma das construções mais antigas daquele lugar, paredes grossas de adobe com o teto de sapé. Mas tinha uma unidade barulhenta de ar-condicionado presa na janela, que pareceu encantar

o menino.

— Fresco—disse ele sorrindo.

— Sim. É sim. Entre.

Ele a seguiu para dentro da clínica e ela fechou a porta depois que ele entrou. Ele parecia nervoso outra vez, e por isso ela o pegou pela mão e deixou-o ficar bem embaixo do aparelho de ar-condicionado, e ligou-o na velocidade máxima.

Ele sorriu, chegou até a rir um pouco enquanto o ar frio secava o suor de suas sobrancelhas.

Pelos buracos da camisa ela viu cicatrizes nas suas costas, e perguntou-se quanto tempo se passara desde que ele rira assim pela última vez.

— Venha cá—disse ela. Levou-o para o outro cômodo—só havia dois—e sentou-o na mesa de exames.

— Quero que você me ouça com a maior atenção—disse ela. Colocou o estetoscópio no joelho dele e ouviu.

— Não estou ouvindo seu coração—disse ela.

Ele riu, finalmente.

— Meu coração não fica aí—disse ele.

— Ai, desculpa—disse ela colocando o estetoscópio no cotovelo do menino.

Ele riu de novo, e ela também. Mas, se ele estava achando graça naquele procedimento, provavelmente era mais novo do que ela imaginara. Colocou o estetoscópio em cima do coração e ouviu.

— Um coração bom e forte—disse ela.

— Sim. Foi o que Le Gros disse. Le Gros, o Gordo.

— Era para ele que você trabalhava?

— Era.

— Durante quanto tempo?

— Seis.

— Meses?

— Não. Colheitas.

Renê já estava no país há tempo suficiente para saber que a maioria das fazendas de cacau tinha uma colheita principal que durava vários meses e outra intermediária que levava vários outros. Seis colheitas significavam que

Camun devia ter trabalhado direto por quase três anos.

Não será fácil levar esse menino para casa.

— O que você fazia lá?

Ele não respondeu, o que era de se esperar. Em geral era preciso um certo tempo para quebrar o gelo.

— Posso tirar sua camisa?

Ele sacudiu a cabeça em sinal de negativa.

— Notei umas marcas em suas costas. Só queria dar uma olhada. Ele cruzou os braços num gesto de recusa.

— Tudo bem. A gente faz isso depois.

Ela fez uma pausa, preparando-se para lhe fazer a única pergunta que sempre fazia. Sabia qual seria a resposta ao conversar com uma criança que nunca conhecera uma casa com leite e açúcar no guarda-comida. Mas fez a pergunta assim mesmo, esperando que a resposta a ajudasse a ver o sentido de seu trabalho e fortalecer sua determinação, esperando que não fosse apenas lhe baixar o astral e partir seu coração.

— Camun, você já provou chocolate?

— Chocolate?

— Sim, chocolate. Já experimentou? Ele sacudiu a cabeça.

— O que é chocolate?

A porta principal abriu-se e um homem e uma mulher entraram.

— Correio.

Em voz baixa, Renê garantiu a Camun que eram amigos. Eram Jim e Judy Roberts, voluntários que não eram médicos e cuidavam da parte administrativa da clínica Children First. Renê tinha gostado deles desde o primeiro dia de trabalho, um casal sensato e equilibrado que viera de Oklahoma e não fazia caridade só para aparecer nas colunas sociais, e encontrara uma forma significativa de passarem juntos os seus anos de aposentadoria. Estavam de volta de sua viagem diária ao correio com Jim, ex-jogador de futebol americano do estado de Iowa, vindo na frente. Renê saiu da sala de exames e perguntou:

— O de sempre?

— Não—disse o sr. Roberts.—Na verdade, há algo para você hoje.

— É mesmo? Pode deixar aí em cima da mesa. Estou com um paciente.

— É de um advogado—disse ele.

Aquela observação despertou seu interesse. Cruzou a sala e deu uma olhada. Não reconheceu o nome.

— Quem é o menino?—perguntou a sra. Roberts.

— O quê?—disse Renê, ainda concentrada no envelope.

— O paciente. Quem é?

— O nome dele é Camun. Vou apresentá-lo a vocês num minuto. Isso aqui parece importante. Talvez seja melhor abrir logo.

O sr. Roberts passou-lhe uma faquinha. Ela abriu o envelope num instante, de ponta a ponta, depois tirou a carta lá de dentro. Tinha uma página. Seus olhos corriam da esquerda para a direita enquanto lia; depois suas pestanas bateram e sua mão começou a tremer.

— Está tudo bem, Renê?—perguntou o sr. Roberts. Instintivamente, ela levou a mão à boca.

— É a minha irmã.

— Ela está bem. Espero.

Renê ergueu os olhos da carta e disse:

— Está morta.

Renê sentou-se na ponta da mesa, o lugar mais próximo.

— Levou um tiro. Um roubo, ou algo do gênero. Eles não sabem exatamente. Em Miami.

O sr. Roberts pegou sua mão.

— Sinto muitíssimo, querida.

— Ela era um doce de coco- disse a sra. Roberts. Quer dizer, parece que estive aqui conosco há tão pouco tempo...

— Faz mais de dois anos que ela foi embora.

— Tudo isso? Puxa! Nossa, o tempo voa! Mas ainda era tão jovem. Acho que vou chorar.

— Não, por favor—disse Renê.

O sr. Roberts lançou um olhar à mulher, como que lhe dizendo para ser forte, por causa de Renê. Ela limpou a garganta e logo recuperou o controle.

— Obrigada—disse Renê.

— Você quer ficar sozinha por uns minutos?—perguntou a sra. Roberts.

— Sim, acho que seria bom. Mas obrigada a ambos. É bondade sua mostrar simpatia por mim numa hora dessas.

— A gente pode providenciar para você tirar um tempo de folga, se quiser—disse a sra. Roberts.

— Não vou a lugar nenhum.

— Não tem problema, se você quiser ir para casa.

— Sally era toda a família que eu tinha. Agora ela se foi. Não há ninguém para quem voltar.

A velha senhora sorriu sem graça, como se estivesse tentando entender.

— Você é quem sabe, querida. Seja o que for que quiser fazer. Renê retribuiu um sorriso triste, depois voltou à sala de exames.

Parou no umbral, depois se virou e olhou para os dois.

— Não quero que vocês, nem a instituição fiquem preocupados comigo. Não vou a parte alguma.

— Já dissemos, Renê, a decisão é inteiramente sua.

Com um aceno final de concordância, ela tentou dizer que aquilo encerrava a questão. Depois entrou na sala de exames e concentrou sua atenção em Camun.

DOZE

AO MEIO-DIA DA QUINTA-FEIRA, Jack levou o ex-marido de Sally Fenning para almoçar. Passara a manhã no tribunal, no Centro de Justiça Criminal, razão pela qual se encontraram a apenas alguns quarteirões descendo o rio Miami, no Big Fish restaurante—o Restaurante do Peixão, um dos lugares onde Jack mais gostava de almoçar. Apesar de todos os deslumbrantes quilômetros de rios e praias, era incrível que Miami tivesse tão poucos lugares que realmente lhe permitisse sentar-se à beira d'água e comer frutos do mar. O Big Fish ficava bem diante do rio Miami, nada de excepcional,

só um lugar relaxante onde você pode escolher golfinho, atum ou camarão fresco enquanto se impregna de um pedaço histórico do rio onde iates de vinte e sete metros, com destino às Índias Ocidentais, dividiam o direito de passagem com velhos navios enferrujados que transportavam contêineres cheios de carros roubados para a América do Sul. Era uma espécie de ponto de referência—um pedaço da Miami antiga para onde os marinheiros, das casas flutuantes da margem ocidental do rio, ficavam lado a lado com banqueiros e advogados das torres de escritórios da margem leste—onde a foz de quase nove quilômetros desembocava na baía de Biscayne. Jack também adorava esse lugar. Foi diante de uma garoupa ensopada e batatas fritas que, em sua condição de promotor público federal, conversara com seu primeiro membro de quadrilha a prestar declarações para o governo.

Jack achava que nunca mais teria a mesma impressão de simetria que tivera ao prender Tony Atunção Dilabio num lugar como o BigFish. Mesmo assim, sentiu um jato de adrenalina ao trocar um aperto de mãos com o ex-marido de Sally Fenning.

— Obrigado por vir—disse Jack.

— Na boa.

Ocuparam uma mesinha ao—lado da janela, que dava para um velho molhe de cais de pesca que estivera semi-submerso no rio desde que Jack começara a frequentar o restaurante.

Miguel estava usando uma camisa branca de mangas curtas e calças azuis de ciclista coladas ao corpo. Entrara para a Secretaria de Segurança Pública de Miami perto do final de seu casamento com Sally, e agora fazia parte da brigada de ciclistas do centro da cidade, uma pequena equipe de oficiais que patrulhava as praças e as ruas pedalando a doze quilômetros por hora.

O nome completo de Miguel era Miguel Ortiz Rios, uma primeira geração de

cubanos-americanos. A mãe de Jack nascera em Cuba, mas ele não disse isso a Miguel. Ela morreu poucas horas depois de seu nascimento, razão pela qual sua ligação com os latinos era puramente genética, e ele tinha tanto de cubano quanto uma carne assada ianque. Sabia por experiência que, se dissesse a Miguel que era meio cubano, Miguel começaria a falar em espanhol, Jack faria o melhor possível para lhe responder na mesma língua e Miguel logo voltaria ao inglês, achando que Jack era um mentiroso ianque filho da puta que estava tentando estabelecer uma relação afetiva instantânea afirmando ser latino.

— Suponho que não tenha-me convidado para eu provar os bolinhos de frutos do mar.

Jack sorriu de leve e disse:

— É verdade, os bolinhos de frutos do mar daqui são muito bons.

— É isso que vou querer—disse ele à garçonete.—Só água para beber.

— Vou querer o atum grande—disse Jack.

— Eles são todos do mesmo tamanho—observou ela. Jack se deu conta de seu ato falho freudiano.

— Desculpe. Eu quis dizer só o atum. Grelhado, ao ponto. E um chá gelado.

A garçonete pegou os cardápios e deixou-os a sós na mesa. A multidão que vinha almoçar estava chegando e as conversas à volta deles fundiram-se num único burburinho ininterrupto.

— Antes de começarmos, Mike...

— Miguel. Só Sally é que me chamava de Mike.

— Desculpe. Eu só queria lembrar que você tem o direito de ter um advogado aqui.

— Esquece. Parker Aimes vai ganhar uma boa grana se eu levar os quarenta e seis milhões para casa, mas eu ainda vou lhe pagar honorários por hora, com desconto, se perdermos. Estou utilizando seus serviços o mínimo possível.

Interessante, pensou Jack, que o maior advogado testamentário de Miami não julgasse as chances do ex-marido grandes o bastante para fazerem um contrato de honorários percentuais.

— Há umas coisas que eu queria perguntar sobre você e Sally—disse Jack.—Mas, antes gostaria de fazer a grande pergunta: o que você acha que Sally estava tramando?

— Como disse na reunião, tanto quanto eu sei, não há uma única pessoa

naquela lista de beneficiários de quem Sally gostasse. E algumas delas, sei com certeza que Sally odiava.

— Então ela resolveu deixar quarenta e seis milhões de dólares para gente que ela odiava?

— Não—disse Miguel.—Ela deixou seus inimigos lutarem por quarenta e seis milhões de dólares, tanto que provavelmente nenhum deles jamais vai pôr as mãos nessa grana.

— Você se considera um dos inimigos dela?

— A história é meio complicada.

— Manda bala.

— Nunca pensei em Sally como inimiga. Nunca. Nem mesmo nas horas mais negras.

— Mas você contratou um advogado da pesada da área de divórcios.

— Na verdade, não o contratei. Gerry Colletti me representou porque é meu amigo. De graça.

— Ele ainda é seu amigo?

— Não o considero como tal.

— O que aconteceu?

— Nada, na verdade. Só acabei me tocando que Sally estava absolutamente certa a respeito dele. É nojento.

— Você acha que esse é um dos motivos pelos quais Sally considerou você um inimigo? Por você ter usado os serviços de um advogado nojento?

— Entendo porque você está perguntando isso, mas a resposta é não. A verdade é que eu não deixaria o Gerry intimidá-la ou coagi-la. Vou lhe dar um exemplo: Sally e eu tínhamos um restaurante. Na verdade, nós o compramos do Gerry. Aconteceu uma fatalidade e tivemos de fechá-lo. Aquela dívida toda estava em meu nome. Todos os bens que tínhamos ficaram com Sally. Da maneira como eu via as coisas, ela nunca se recuperaria psicologicamente se eu a enfiasse num buraco financeiro.

— Muito legal da sua parte.

— Depois do que aconteceu com nossa filha, as coisas ficaram um pouco diferentes. A gente tenta fazer planos.

— Era assim que Sally via a situação?

Um sorriso triste apareceu em seu rosto enquanto ele sacudia lentamente a

cabeça.

— Infelizmente, não. Sally era um doce de pessoa. Mas mudou.

— O que a fez mudar? O sorriso desaparecera.

— Nossa filha foi assassinada em nossa casa. Está aí uma coisa que pode mudar a gente, você não acha?

Jack baixou os olhos, um pouco constrangido por ter feito aquela pergunta.

— É a coisa mais horrível que eu posso imaginar. Sinto muito pelo que aconteceu com você e Sally.

— Obrigado.

Um grupo de seis pessoas passou por eles a caminho de uma outra mesa. Jack esperou que eles se acomodassem e depois disse:

— Mas mesmo uma coisa horrível como a morte de uma criança nem sempre acaba com um casamento. Às vezes os pais se voltam um para o outro para se ampararem.

— Você está falando dos casais que não acusam um ao outro pelo que aconteceu.

A garçonete trouxe as bebidas e afastou-se tão depressa quanto chegara. Jack colocou um pacotinho de açúcar em seu chá gelado e perguntou:

— Foi o que aconteceu entre você e Sally? Troca de acusações?

— Não sei o que aconteceu conosco. Tentamos. Eu tentei realmente lhe dar uma força. Mas ela simplesmente não queria ajuda. Não minha, pelo menos.

— Ela acusava você pelo que aconteceu à sua filha?

— Não.

— Você a acusava?

Ele fez uma pausa, como se não soubesse o que responder. Finalmente, disse:

— Ela achava que eu a acusava.

— De onde ela tirou isso?

— Não sei bem.

— Qual é sua opinião?

Ele fez outra pausa, parecendo estar lutando consigo mesmo.

— Sally tinha aquele... emprego. Não era uma coisa da qual eu gostasse.

— Aquele negócio de dançar em cima do balcão?

Ele piscou duas vezes, como se estivesse envergonhado por Jack saber daquilo.

— Olha, não quero que você tenha uma ideia errada de Sally. Era uma mãe maravilhosa. Não é que ela gostasse de dançar em cima de uma mesa ou algo assim. É que tínhamos aquela porra daquele restaurante sobre o qual eu estava falando para você. Houve uma inundação terrível, não tínhamos seguro e perdemos tudo. Estávamos atolados em dívidas até o pescoço, a precisão que a gente tinha de dinheiro é uma coisa que você não acreditaria. Ambos tivemos de pegar tudo o que aparecia para tentar nos levantar de novo. Eu só queria que ela tivesse encontrado alguma coisa melhor.

— Você pediu a ela para largar esse bico?

— Pedi. Foi um grande erro.

— Como assim?

Miguel abriu um pacote de biscoitos água e sal.

— Ela acabou sendo perseguida por algum filho da puta.

— Perseguida?

— Era o tipo de coisa que eu mais temia. Alguns desses vermes que vão nesses bares acham que todas as garçonetes querem transar, que são fáceis. Sabe do que estou falando?

— O que aconteceu? Alguém começou a ligar para ela, a segui-la até em casa? O que foi?

— Não sei de todos os detalhes. Ela nunca sequer tocou no assunto antes de nossa filha ser morta.

— E por que não?

— Ela sabia que eu a obrigaria a pedir demissão se achasse que alguém estivesse assediando-a no trabalho. E também sabia que eu quebraria o pescoço do desgraçado se descobrisse quem ele era.

— Você nunca descobriu quem ele era?

— Não, o nojento filho de uma puta. Sally disse que ele só a aborrecia com as besteiras que dizia em ligações anônimas de telefones públicos, ou então ligava e não falava nada, esse tipo de coisa. Ela nunca lhe pôs os olhos em cima. Talvez os tiras tivessem ajudado, se ela os tivesse procurado, mas ela não queria provocar o cara. Achava que, se o ignorasse, ele acabaria indo embora.

— E ele foi embora?

— Não.—Miguel baixou os olhos e disse com tristeza:—E foi a nossa filha quem pagou o pato.

Jack parou no meio de um gole de chá e pôs a xícara em cima da mesa.

— Está dizendo que esse sujeito matou sua filha?

— Não posso provar. Principalmente porque Sally nunca disse a ninguém que estava sendo seguida até nossa filha ser morta. Se o tivesse denunciado, teríamos alguma coisa de que partir. Do jeito que as coisas aconteceram, o cara simplesmente desapareceu depois do assassinato. Os tiras não tinham nenhuma pista para seguir.

— Então ele nunca foi indiciado?

— Ninguém nunca foi indiciado.

— Eles não têm sequer o nome de nenhum suspeito?

— Não. Mas eles me obrigaram a passar pelo detector de mentiras. Caralho! Não podendo achar o cara que fez o serviço, eles começaram a fazer pressão sobre o pai.

Jack fez uma pausa, tentando ser delicado.

— E no que deu tudo isso?

— Exatamente no que Sally e eu sabíamos que daria. Eles me fizeram a mesma pergunta de três formas diferentes: Você matou sua filha? Você esfaqueou sua filha? Você fez algum mal à sua filha? Tirei de letra.

— Você ainda acha que foi o tal sujeito que estava perseguindo Sally que matou sua filha?

— Não tenho a menor dúvida. Quem mais faria uma coisa dessas? Quantos inimigos uma criança inocente pode ter?

— Então você culpa Sally pelo fato dele ter escapado impune?

— De jeito nenhum. Sou um policial. Não sou do tipo de cara que culpa a vítima.

— É bom ouvir isso.

— Mas, por um motivo ou por outro, Sally encasquetou que eu achava que a culpa era dela. Depois que isso aconteceu, nosso casamento acabou. Tenho certeza de que é por isso que estou no joguinho dela agora. Provavelmente fui o primeiro de sua lista.

— Mas não é o único.

— Não. Claro que não.

— E por que os outros estão lá? Tem alguma ideia? A garçonete trouxe a comida.

— Aqui está—disse ela colocando os pratos na frente deles.—Querem mais alguma coisa?

— Não, obrigado—disseram os dois ao mesmo tempo.

A garçonete foi embora. Miguel colocava molho em seus bolinhos de frutos do mar enquanto Jack ainda esperava a resposta; mas, com a interrupção da garçonete, parecia que Miguel se esquecera da pergunta. Jack a fez de novo.

— Sabe por que os outros estão na lista de Sally?

Miguel estava com a boca cheia de bolinho. Deu de ombros e disse:

— Você vai ter de perguntar a eles.

Jack concordou com um aceno de cabeça e depois olhou para seu prato de comida. Mas, de repente, perdera o apetite.

— É o que vou fazer—disse ele.

TREZE

ÀS TRÊS DA TARDE, Jack estava de volta ao escritório. Teve uma audiência depois do almoço, e esperava que durasse o restante do dia, mas a oposição tinha saído mais cedo, pisando duro, quando Jack se recusou a parar de pedir à testemunha que explicasse como havia queimado suas sobrancelhas se, como alegava, tinha sido o cliente de Jack quem tocara fogo em sua própria loja.

— Sr. Valentes, vou continuar fazendo essa pergunta até o senhor explicar exatamente o que aconteceu com suas sobrancelhas.

— Que sobrancelhas?

— Eis a questão.

— Então está bem, Swytek. Nós estamos saindo daqui agora! Miami era uma antologia viva da História de Criminosos Burros. O cheiro forte de café cubano entrou-lhe pelas narinas assim que chegou ao escritório. Maria já tinha preparado sua dose de cafeína da tarde. Era sua secretária há quase sete anos, tendo começado no segundo dia de Jack como promotor público, e o acompanhara quando abriu seu escritório particular. Com a poeira de seu divórcio baixando, era reconfortante para ele saber que era capaz de uma relação estável, de longo prazo, com alguém do sexo oposto. Não se considerava exigente em matéria de vida amorosa, mas depois de seu casamento com Cindy Paige, passara a impor certas condições mínimas—sendo a sanidade mental uma das principais. É claro que sua avó materna, a abuela, como ele a chamava, dispensaria o exame de sanidade mental se Jack trouxesse para casa uma boa moça cubana. Que pena Maria ser casada!

— Como foi a audiência, Jack?—perguntou ela enquanto lhe entregava sua taça de café expresso.

— O de sempre, o de sempre.

Ela sorriu e sacudiu a cabeça, como se soubesse muito bem que uma observação como aquela podia significar qualquer coisa que estivesse entre o tédio mais absoluto e uma briga daquelas, onde vale tudo.

Jack entrou no corredor que levava a sua sala, passando pela sala de reuniões que também funcionava como sua biblioteca. Notou que Kelsey estava ocupada à mesa, fazendo pesquisa na internet. Estava usando tênis e uma daquelas calças justíssimas de fazer ginástica que revelavam o suficiente da ex-bailarina para confirmar que, embaixo daquela camiseta larga, havia um corpo escultural.

— Esperando clientes hoje?—perguntou ele enquanto enfiava a cabeça

naquela sala.

Ela examinou as próprias roupas.

— Desculpe. Só dei uma passadinha aqui a caminho da Corpo e Alma.

Ele supôs que ela não estava falando de um algum tipo de religião da Nova Era.

— Boa ginástica.

— Obrigada.

Ele saiu porta afora, depois parou e voltou à sala.

— Na verdade, queria lhe pedir um favor.

— Claro. O que é?

— É sobre o caso Sally Fenning. Almocei com o ex-marido dela.

— E daí?

Ele levou um minuto para lhe despertar o interesse, contando-lhe tudo sobre o sujeito que perseguia Sally e Miguel julgava ser o responsável pela morte de sua filha.

Também contou que Sally parece ter começado a achar que ele a acusava pela tragédia.

— O que você acha?—perguntou Kelsey.—Ele é o tipo de cara que acusa a vítima?

— Ele diz que não. E não me deu essa impressão.

— Um cara legal, ou apenas um cara que sabe jogar?

— Não sei bem. Fui dar uma olhada nos arquivos do divórcio deles, só para ver se podia me dar alguma luz.

— E?

— As coisas parecem ter sido exatamente como ele disse. Mesmo que esse urubu do Gerry Colletti tenha sido seu advogado, Miguel o manteve com a rédea bem curta. Sally ficou com todos os bens. Miguel ficou com a dívida. Não foi uma briga sensacional.

— O que leva você a se perguntar por que o advogado que tratou do divórcio está em sua lista de inimigos.

— Exatamente—disse ele.—E é exatamente aí que você entra. Kelsey pegou caneta e papel, como se estivesse ansiosa por uma missão.

— Tudo bem.

— Esquece a caneta. Não se trata de pesquisa. Ela sorriu.

— Você quer dizer que vou mesmo fazer alguma coisa fora da biblioteca?

— Talvez. O negócio é o seguinte: posso aceitar o fato de Sally ter estruturado seu espólio de forma a torturar o ex-marido, levando-o a pensar que um dia desses ele pode pôr as mãos numa grana preta. Eu não tenho filhos, mas a julgar pela minha relação com o Nate, sei que, se alguém me acusasse pelo assassinato brutal de meu próprio filho, a raiva que eu sentiria não teria limites.

— Concordo.

— Mas, como você disse, isso não explica o advogado do divórcio. Na verdade, da minha conversa com Miguel Rios não surgiu nada que lançasse alguma luz sobre o motivo pelo qual Sally sentia ódio de qualquer dos outros beneficiários.

— Você acha que há alguma coisa que o sr. Rios não está querendo contar?

— Alguma coisa que ele não está querendo me contar, ou alguma coisa que ele simplesmente não sabe.

— Como a gente vai descobrir?

— Conversei com Tatum logo depois do almoço. Ele conheceu Sally por uma referência do guarda-costas dela. Tatum diz que o guarda-costas está disposto a conversar comigo hoje à noite. Ele trabalha à noite como leão-de-chácara num clube de South Beach e disse que me concederia alguns minutos durante seu horário de descanso.

Ele pode ser uma verdadeira janela para entrarmos na cabeça de Sally.

— Não tenho a menor dúvida. E eu? Como posso ajudar?

— Gostaria que viesse comigo.

— Nossa. Um verdadeiro trabalho de detetive. O tipo de coisa pela qual qualquer aluno do terceiro ano de direito daria o braço para fazer.

— Tenho de confessar que me sinto um pouco culpado por lhe pedir uma coisa dessas.

— E por quê? Porque você precisa entrevistar um brutamontes da Idade da Pedra e acha que ele estaria mais disposto a conversar com uma mulher bonita do que com Jack Swyteck?

Jack deu um passo para trás, surpreso.

— Como... você sabe?

— Em primeiro lugar porque, de certa maneira, você é tanto da Idade da Pedra quanto ele, o que dá a nós, mulheres, uma clara vantagem na hora de saber o que vocês, homens, realmente querem.

— Entendi.

— Além disso, Tatum ligou para o escritório há meia hora. Conversamos. Ele disse que seria um encontro muito mais produtivo se eu fosse com um bom decote.

— Eu não pedi para você usar um decote—disse Jack.

— Você quer que eu vá, ou não? Ele não respondeu.

— Jack?

— Estou pensando—disse ele.—Não tenho certeza de ter uma resposta para essa sua pergunta.

— Se você não se sentir à vontade, podemos esquecer a história toda. Não vou.

— Não, eu quero que você vá. Se não for por mais nada, será uma boa experiência prática para você.

— Se tudo quanto eu quero fosse experiência, eu não teria o menor problema em pôr um terno risca de giz e sair por aí como clone de Jack Swyteck. Mas, como sou mulher, contribuo para a equipe com coisas que você não tem. E não há nada de errado nisso.

— Não?

— Não—disse ela exasperada.—Estou tão cansada desse dogma politicamente correto que tentamos viver na prática... Todos celebramos a diversidade, mas Deus não permita que alguém diga que somos completamente diferentes. Isso não pira sua cabeça?

— Eu só não quero que você pense que tem de fazer alguma coisa que a leve a se sentir que está sendo coagida.

— Pelo amor de Deus, vamos entrevistar um homem numa casa noturna de South Beach. Não me sinto coagida por me vestir como uma mulher deve se vestir. Você é muito velha guarda, Jack.

— Velha guarda?

— E a velha história de miolos contra a beleza. Por que uma mulher deveria renunciar a lançar mão de sua sexualidade?

— Por que é degradante?—sugeriu ele.

— É? Se você pensar bem, que diferença há entre mostrar sua beleza e mostrar sua inteligência? Você nasceu com seu cérebro, do mesmo jeito que nasceu com sua beleza. É 98% de genética. Você não pode querer mais crédito pessoal por seu QI do que pelo tamanho dos seus poros. Se você me perguntar, as únicas pessoas que têm o direito legítimo de dizer que são melhores que as outras são aquelas que resolvem ser do bem. Essa é a única característica que nos define e sobre a qual temos controle total. Mas, evidentemente, se você é realmente uma pessoa legal, não sai por aí se vangloriando de ser melhor que o restante do mundo. Jack pensou por um momento, em silêncio.

— Você escutou o que eu disse?—perguntou Kelsey.

— Escutei. Só estou pensando.

— Pensando o quê?

— Se isso significa que você vai ou não usar um decote esta noite. Ela amassou um pedaço de papel e jogou nele.

— Troglodita. Jack sorriu e disse:

— Pego você às dez.

— Espero que não seja pelos cabelos.

— Só se você estiver vestida com uma pele de leopardo—disse ele, e foi para sua sala.

CATORZE

A SEDE DO PRINCIPAL JORNAL DE Miami ficava na extremidade norte do centro da cidade, bem em frente da cintilante baía de Biscayne que, durante o dia, dava vista para os cruzadores atracados no porto de Miami e para a linha do horizonte art decô de Miami Beach a distância. Mas, depois que a noite caía, transformando as vidraças em espelhos e sem as paisagens de tirar o fôlego, a sala de redação do Miami Tribune, que ficava no quinto andar, dava uma impressão de aridez de fábrica. Entre os pisos cobertos de carpete bege e as luzes fluorescentes havia uma rede confusa de divisórias na altura dos ombros que compartimentalizava aquela sala inusitada, fazendo dela um local de trabalho aberto onde cento e cinquenta repórteres e jornalistas trabalhavam, todos eles diante de um terminal de computador, uma mesa de metal cinza e um telefone que não parava de tocar.

Deirdre Meadows olhava para seu reflexo no monitor, pensando.

Desde que soubera que Sally Fenning fizera dela um dos seis beneficiários de seu espólio de quarenta e seis milhões de dólares, Deirdre estava em pleno brainstorming, tentando descobrir o melhor ângulo para uma matéria. Essa história tinha todos os elementos necessários para um belo texto. Sally era uma mulher jovem e bela, com um passado trágico, um segundo marido multimilionário e um grande talento para planejar um espólio que parecia impelido por motivos misteriosos, que Deirdre estava louca para descobrir. Deirdre se resolvera finalmente por uma investigação em três passos: Sally e sua filha como vítimas, o casamento de Sally com um milionário e sua morte violenta, e Sally como a mão que saía do túmulo para controlar a vida de seis herdeiros aparentemente sem ligação nenhuma entre si, entre os quais apenas um herdaria todos os seus bens. Levava a ideia ao editor-chefe no fim daquela tarde, mas suas asas foram cortadas na mesma hora.

— Sinto muito, Deirdre. Simplesmente não temos espaço no orçamento para outra matéria que dependa de investigação.

— Mas já existe uma tonelada de pesquisas prontas...—Já vi esse filme.

— É verdade—disse ela.—Sou a pessoa que fez a cobertura do assassinato da filha de Sally há cinco anos, de modo que a primeira parte já está praticamente pronta.

— E qual é exatamente a parte da história que ainda não saiu nos jornais?

— O restante não vai dar tanto trabalho quanto você está pensando. Por algum motivo, sou uma das beneficiárias citadas no testamento dela. Em nome de meus próprios interesses, vou ter de investigar essa história de qualquer jeito; portanto, por que não escrever uma matéria a respeito?

Ele fez uma careta.

— Esse é que é o principal problema. Pode dizer que sou antiquado, mas, francamente, não gosto de histórias escritas por repórteres que fazem parte da trama.

— Não faço parte realmente. Estou nessa de alegre. Acho que a única razão para ela transformar uma repórter em beneficiária era para que essa história fosse escrita.

— E você acha que isso é motivo para nós publicarmos a história?— perguntou ele incrédulo.— Parece uma forma criativa de jornalismo mercenário.

As coisas só iam piorar dali para a frente. Deirdre não gostou da resposta, mas não queria forçar a barra e acabar tendo de passar os dois meses seguintes escrevendo matérias sobre torneios de consumo de pimenta e eleições para a administração de escolas de ensino médio.

Deirdre deixou os dedos descansarem sobre o teclado. Uma opção era simplesmente começar a escrever, produzir algumas páginas irresistíveis e fazê-lo engolir suas palavras. Era arriscado, mas era impossível se dar bem nesse ramo sem assumir riscos. As salas de redação de todo o país estavam cheias de repórteres talentosos. Ninguém jamais ganharia um Prêmio Pulitzer acovardando-se diante de uma recusa. Principalmente quando o cara que dava as cartas era um idiota.

Ela deixou os dedos começarem a dançar, digitando as palavras, mas logo foi interrompida pelo telefone tocando.

— Meadows—disse ela.

— Quer saber quem matou Sally Fenning?—perguntou o homem do outro lado da linha. Era uma voz grave, mecânica. Era evidente que estava falando com um daqueles dispositivos que mudam a voz, vendidos em lojas especializadas em material de espionagem e eletrônica encontradas em praticamente todos os bairros do centro de Miami.

Deirdre não respondeu imediatamente. O zumbido contínuo da sala de redação, cheia de outras inúmeras conversas, fazia-se ouvir a seu redor. Ela tampou o ouvido livre, como se quisesse se certificar de que ouvira direito.

— O que foi que você disse?

— Acho que você entendeu.

— Quem está falando?

— Você acha que eu estaria disfarçando minha voz se eu quisesse lhe dizer

quem sou?

— Por que está me ligando?

— Porque tenho uma história que precisa ser contada. Não gostaria de escrevê-la para mim?

O coração dela disparara. Segurou o fone com o ombro e tateou em busca de caneta e papel.

— Estou ouvindo.

— Eu estava na rampa que leva à 395 quando ela levou o tiro. Vi a coisa acontecer.

— O que foi que você viu?

— Tudo.

— Vamos começar do começo. O que você estava fazendo lá?

— Não, vamos começar do começo mesmo. O que eu ganho com isso?

Ela fez uma pausa para poder escolher as palavras.

— Não sei se entendi bem o que você quer dizer.

— Entendeu, sim.

— Olha, eu não tenho condições de pagar por uma história.

— Como repórter do respeitado jornal Miami Tribune, é verdade. Você não tem condições. Mas, como uma curiosa herdeira dos bens de Sally Fenning, o que há de errado em compensar alguém pelo seu tempo e por se dar ao trabalho de lhe dar informações?

Ela apertou ainda mais o fone. Queria aquela história. O que não era bom.

— E por que motivo eu acreditaria em uma palavra sequer do que você diz?

— Porque posso lhe mostrar o anel de noivado de diamantes e ouro de vinte e quatro quilates que Sally Fenning estava usando quando levou o tiro; o qual certamente não estava em seu dedo quando a polícia encontrou o corpo.

Deirdre sentiu arrepios. Instintivamente, olhou por cima do ombro numa confirmação inconsciente de que seus supervisores não aprovariam.

— Podemos conversar.

— Você quer ver o anel, não quer?

— Quero.

— Então vamos nos encontrar em meu território, não no seu. Ela hesitou por

um momento, e depois perguntou:

— Onde?

Ele deu uma risadinha.

— Não tão depressa. Me dê o número do seu celular. Eu ligo e digo aonde você tem de ir.

Ela deu o número e depois perguntou:

— E quando devo esperar sua ligação?

— Eu trabalho até meia-noite. Deixe o telefone ligado nesse horário.

— À meia-noite de hoje?

— Sim. A menos que você queira adiar esse encontro, ou simplesmente esquecer a história toda, porque aí eu ligo para alguém do Sun-Sentinel.

— Não—disse ela procurando controlar a ansiedade.—Tudo bem. Hoje à noite está ótimo para mim.

— Só mais uma coisinha.

— O quê?

— Não quero saber de público. Somos só eu e você, entendeu? Ela engoliu em seco, e depois respondeu:

— Entendi.

Ele disse até logo. O telefone foi desligado e o cara que havia ligado sumiu.

QUINZE

JACK ESTAVA DIRIGINDO SEU MUSTANG, a dez minutos da casa de Kelsey, quando seu celular tocou. Era Nate.

— Você tem de falar bem alto, amigão. Não estou te ouvindo direito.

— Não posso—disse Nate.—A mamãe acha que estou dormindo. Estou embaixo das cobertas.

— Então acho que você deve desligar e ir dormir.

— Não, não, espera. Quero te fazer uma pergunta. Jack parou no farol vermelho.

— O que é?

— Você e a mamãe vão sair para namorar?

Jack podia sentir a esperança na voz de Nate, exatamente o que impedia Jack de sequer pensar em tentar começar um romance com Kelsey. Namorar a mamãe era expressamente proibido pela Associação de Irmãs e Irmãos Mais Velhos. Se não desse certo, sempre era a criança quem sofria.

— Não—disse Jack.—Não é para namorar. É trabalho.

— Então por que ela experimentou quinze vestidos diferentes? Jack lembrou-se da discussão sobre decotes, mas ele não entraria naquela fria de jeito nenhum.

— É o que faz toda mulher, Nate. Você vai entender uma hora dessas.

Nate tentou levar a conversa sobre namoro adiante, mas Jack pôs um ponto final na história.

— Vejo você neste fim de semana, tá bom, amigão?

— Tá bom—disse ele resmungando. Deram-se boa noite e ele desligou.

Jack diminuiu a velocidade do Mustang ao se aproximar da casa de Kelsey, mas estava adiantado alguns minutos. Esperou na entrada de carros, dando a ela tempo suficiente para experimentar o décimo sexto vestido; e então, às dez em ponto, foi até a porta da frente e bateu. Kelsey atendeu com um sorriso.

— Pronta?—perguntou ele.

— An-ham.

Ela estava usando vermelho, uma bela cor para o circuito de boates de South Beach. Em vez de um apelo sexual evidente com a ajuda de um decote generoso, ela optara por um visual mais elegante, mais discreto, e acertara na mosca. Os cabelos estavam presos num coque e o vestido era tomara-que-

caia, o que destacava a beleza de seu longo pescoço e dos ombros arredondados. Jack nunca havia notado antes, mas Kelsey tinha belos braços, maravilhosamente bem esculpidos. O jeito de andar mostrava claramente a bailarina, leve e gracioso, uma postura perfeita sem sombra de rigidez.

— Belo vestido—disse Jack.

— Esse aqui? Obrigada. Enfieei a primeira coisa que me caiu nas mãos.

Jack sorriu com seus botões, resolvendo não contar que Nate já havia dado com a língua nos dentes.

Foi um trajeto de quinze minutos até South Beach e uma espera de trinta na entrada do estacionamento do Clube Vertigo na movimentada avenida Washington. Quando conseguiram entrar, já passava das onze, o que era cedíssimo nesse bairro onde todo mundo dormia até o meio-dia, depois de chegar da balada ao amanhecer.

Parecia ter passado uma eternidade desde que Jack frequentara a vida noturna de South Beach, e mais tempo ainda desde que saíra com uma mulher que chamava a atenção como Kelsey. Uma coisa que nunca mudava em South Beach era a total falta de sutileza na forma como as pessoas se olhavam. Não havia nada de fortuito naqueles olhares.

Era uma forma de avaliar o poder de fogo de cada um. Se South Beach estivesse no Vale do Silício, as pessoas estariam usando no peito o equivalente high-tech dos contadores dos sites da Web. Naturalmente, os que estivessem mais cotados ficariam nos primeiros lugares da fila por trás das cordas de veludo.

— Está vendo o seu amigo guarda-costas em algum lugar?—perguntou Kelsey.

— Eu nunca o vi mais gordo.

— É só procurar o cara que tem o pescoço mais grosso. Jack riu.

— Ele pediu para a gente dar o nome à mulher que prepara as bebidas no bar. Ela vai mandar chamá-lo.

A fila estava andando devagar, e eles estavam chegando perto da entrada. Toda vez que as portas se abriam, Jack era atingido por um clarão de luzes rodopiantes e uma rajada de música, e dava para sentir a vibração nos pés. De repente teve um pensamento enervante, que o fez ficar satisfeito de não estar saindo com uma namorada.

Estava entrando num clube de dança com uma profissional. Mais ou menos como ir para a cama com uma terapeuta sexual. Não, não, não. Seus quadris estão fazendo o movimento errado. Quem precisava de uma coisa dessas?

Finalmente estavam diante da corda de veludo. O brutamontes que estava à porta lançou um rápido olhar a Jack e depois se concentrou em Kelsey. Seu proverbial placar estava mostrando uma contagem de pontos vertiginosa.

— Está com ele?—perguntou o cara, como se não estivesse acreditando.

Jack estava prestes a lhe dar o que merecia, mas Kelsey aproximou-se mais e ficou de braço dado com Jack. Era claro que ela só estava fazendo um jogo e provocando o brutamontes, mas Jack gostou daquilo assim mesmo.

— Algum problema?—perguntou ela friamente.

Estilo era uma coisa que governava South Beach, e Jack achou engraçado e fascinante ver que era uma coisa que não faltava a Kelsey. O brutamontes soltou a corda do gancho e, com um movimento brusco da cabeça, fez um sinal de que podiam entrar.

O Clube Vertigo ficava num velho hotel que fora inteiramente reformado por dentro, reconstruído com um pátio interno elevado e estreito de quatro andares. O bar principal e a pista de dança central ficavam no meio do andar térreo e, se você erguesse os olhos para o pátio que se elevava como uma torre do centro da pista de dança, o mistério do nome do clube era revelado imediatamente. Vários espelhos grandes, suspensos em ângulos diferentes, às vezes tornavam difícil saber se você estava olhando para cima ou para baixo. Até mesmo o leve burburinho, a música retumbante, as luzes que não paravam de girar e a aglomeração de corpos suados já era o bastante para dar uma sensação de vertigem. E essa sensação era uma faca de dois gumes, com hordas de observadores olhando dos balcões do segundo, do terceiro e do quarto andares a multidão que dançava.

Jack deu seu nome à moça que preparava as bebidas no bar principal e disse-lhe que queria ver Javier. Ela pegou um telefone para uma conversa de cerca de dez segundos, depois olhou para Jack e disse:

— Segundo andar, Sala B.

Jack e Kelsey abriram caminho em meio à multidão e pegaram as escadas que levavam ao segundo andar. Um sujeito musculoso, vestido com uma roupa preta apertada e usando uma grossa corrente dourada em volta do pescoço estava do lado de fora da Sala B. Era uma das suítes de luxo, uma sala privativa longe da comoção, onde as pessoas podiam ter encontros mais íntimos. Uma espécie de clube de sexo e drogas dentro de um clube de sexo e drogas. A noite ainda era uma criança e, por isso, a maioria das suítes estava vazia.

— Você é o amigo de Tatum?—perguntou ele. Jack apertou-lhe a mão e depois apresentou Kelsey.

— Prazer em conhecer—disse ele, olhando para um ponto atrás dela. Javier parecia latino-americano, mas falava como um italiano de Nova York. Parecia que todo mundo em South Beach estava querendo se fazer passar por algo que não era.

— Por favor—disse ele convidando-os a entrar na suíte. Jack e Kelsey entraram primeiro. Javier seguiu-os e fechou a porta atrás dele, deixando o barulho lá fora.

A solidão repentina era uma sensação estranha, como submergir no silêncio da morte. O quarto em si não tinha nada de espetacular, apenas um sofá de couro falso, uma poltrona, uma mesa com tampo de vidro fume e um papel de parede barato imitando veludo vermelho.

Jack começou a explicar o que queria, mas Javier o interrompeu.

— Tatum já me pôs a par das coisas—disse ele.—E só tenho dez minutos para vocês.

— Então vamos lá—disse Jack.—Kelsey, por que não começa você? Kelsey sorriu de leve, como que agradecendo a Jack por cumprir sua promessa de deixá-la assumir um papel ativo. Sentou-se imediatamente na ponta do sofá e inclinou-se ligeiramente para a frente, tentando olhar nos olhos de Javier. Ele parecia estar olhando para um ponto qualquer atrás dela, exatamente como fizera quando trocaram um aperto de mão, como se alguém na parede atrás dela tivesse lhe chamado a atenção.

— Por quanto tempo trabalhou para Sally?—perguntou ela.

— Poucos meses, mas não direto.

Kelsey fez uma pausa, como se esperasse que ele a olhasse nos olhos, mesmo que por um instante, ao responder suas perguntas. Mas ele ainda parecia obcecado com algo acima ou atrás dela.

— O que exatamente você fazia para ela?—perguntou Kelsey.

— Eu era guarda-costas.

— E ela precisava mesmo de um guarda-costas?

— Era uma mulher rica. E ficava assustada facilmente. Passava muito tempo sozinha. O velho dela, e era velho mesmo, era da França ou coisa assim. E você deve estar sabendo do que aconteceu com ela e com a filha há uns anos.

— Sim—disse Kelsey—nós sabemos.

— Então, ela ficava sozinha, às vezes com medo de ir a um lugar qualquer. Ela me contratou como motorista. Para levá-la aos shoppings, a restaurantes, enfim, aonde ela quisesse ir. Não estou dizendo que ela precisava de mim.

Mas eu lhe dava segurança.

— Ela não tinha amigas?—perguntou Kelsey.

— Devia ter. Mas nunca vi nenhuma. Eu achava que ela era uma pessoa solitária. Muito bonita mesmo, mas não era muito feliz. Entende o que quero dizer?

Javier estava falando com Kelsey, mas não estava olhando para o rosto dela. O foco de sua atenção parecia passar da parede atrás dela para o alto de sua cabeça.

Kelsey tentou sentar-se no braço do sofá e estabelecer um contato olho no olho, mas o olhar dele erguia-se com ela, como se tivesse adquirido alguma fixação bizarra com o topo de sua cabeça.

— Desculpe a pergunta—disse Kelsey—mas para o que está olhando?

— Hein?

— Tem cocô de passarinho no alto da minha cabeça, ou algo do gênero?

— Acho que não.

— Então o que há? Você está olhando para o alto da minha cabeça desde a hora que abri a boca.

— Não estou olhando para sua boca—disse ele.

— Eu sei. Está olhando para o alto da minha cabeça.

— Eu entendi que é isso o que você acha. Mas, na verdade, o que estou fazendo é não olhar para sua boca.

— Não estou entendendo.

— Sou um viciado em pornô em processo de recuperação.

— O quê?

— Eu era viciado em pornô. Não posso olhar para a boca de uma mulher sem ter pensamentos impuros, o que é uma coisa que distrai muito quando você está tentando ter uma conversa inteligente. Por isso não olho para a sua boca.

— Sei.—Kelsey lançou um rápido olhar para Jack.—E por quê não assume agora, chefe?

— Boa ideia.

Jack entregou a Javier uma lista dos beneficiários do testamento de Sally: o ex-marido, o advogado, a repórter, o promotor, Tatum e um sexto beneficiário desconhecido, Alan Sirap.

— Alguma vez ouviu Sally mencionar qualquer dessas pessoas?

— Tatum, evidentemente. Depois que fiz o contato entre os dois.

— Chego lá num minuto. E os outros?

— Tenho certeza de que ela falou umas coisas a respeito de Miguel Rios. Mike, era como ela o chamava. O ex dela, certo?

— Certo. O que ela falava dele?

— Não me lembro de nada em particular.

— E os outros? Alguma vez ela disse alguma coisa sobre eles?

Ele passou os olhos pela lista outra vez e sacudiu a cabeça e, de repente, parou.

— Este cara, Gerry Colletti. Se não estou enganado, era o advogado do ex-marido que o representou durante o processo de divórcio.

— Isso mesmo.

— Nele eu lembro dela falar.

— E o que dizia?

— Nós estávamos indo para algum lugar de carro, certa noite, e passamos por esse restaurante da rodovia. E ela diz que antes ele se chamava Alfredo's.

— Alfredo's?

— Sally e o ex-marido tinham um restaurantezinho italiano que faliu. Levou tudo o que eles tinham.

— Miguel me falou a respeito—disse Jack.—Na verdade, ele diz que foi o Colletti quem o vendeu para eles.

— Isso mesmo. Acho que ele e o Gerry eram velhos amigos, ou algo assim.

— Na verdade, acho que Miguel não gosta mais dele tanto assim. Mas estou mais interessado no que Sally lhe disse sobre o Gerry.

— Tanto quanto me lembro, ela tinha tomado uns copos de vinho e estava com a língua solta. Começou dizendo que não suportava esse Gerry desde o dia em que o conheceu.

— É mesmo?

— Do jeito que o descreveu, ele era um desses caras falsos que fazem revirar o estômago de uma mulher. Ela me contou que Gerry levou ela e a irmã para jantar uma noite, para tentar convencer Sally a deixar o marido comprar o restaurante dele.

— Sally tem uma irmã? -Tem.

— E como é o nome dela?

— Renê... eu acho. Ela mora na África, ou coisa assim. Segundo Sally, a irmã é mais deslumbrante ainda que ela. Mas eu acho difícil de acreditar.

Jack lançou um rápido olhar a Kelsey, como que dizendo: “Me lembra de retomar essa história depois.”

— Seja como for—continuou Javier—,Gerry levou Sally e a irmã para jantar fora, pagou-lhes três garrafas de vinho. Sally estava convencida de que esse fracassado estava pensando em completar um triângulo com duas irmãs quentíssimas. Enquanto isso, Sally e a irmã estavam fazendo o possível para não vomitar com aquela ideia. Mas o que quero dizer é que Sally tinha uma lembrança muito clara dessa noite. Ela se lembrava de todos os detalhes. Achei meio estranho.

— Como assim?

— Vou dar um exemplo: ela chegou à parte da história em que Gerry estava lhe dizendo que esse restaurante Alfredo’s era uma mina de dinheiro. Gerry continuava fazendo propaganda, até o ponto de ela achar que ele devia ter dois livros de contabilidade, porque o que ela conhecia não mostrava lucro nenhum. Finalmente, ela começou a imitar o Gerry. Para mim, era um daqueles momentos fantasmagóricos, como no momento em que você sabe que uma pessoa removeu aquelas horas muitas e muitas vezes. Ela repetiu todos os maneirismos, o tom de voz, tudo. Do jeito que ela falou, Gerry inclinou-se sobre a mesa, olhou-a nos olhos e pediu-lhe que se aproximasse com um gesto do dedo indicador, como um molestador de crianças tentando atrair uma criancinha para dentro do carro. Depois ele pôs aquele sorriso de bêbado na cara e sussurrou no ouvido dela, como se fosse algum grande segredo que ele estava revelando: “O Alfredo’s é uma mina de ouro, meu bem.”

Jack sentiu um arrepio. Era quase convincente demais a forma como Javier interpretara a analogia pedófila.

— O que Gerry queria dizer com mina de ouro?—perguntou Kelsey.

— Estava chovendo dinheiro lá?

— Que nada—disse Javier descartando a possibilidade.—Gerry adorava contar vantagem. Mas o joguinho dele deu certo. Sally deu o sinal verde ao marido para ele comprar o restaurante. Daquele dia em diante, foi uma hemorragia de dinheiro. Por fim, acabou com eles.

— Era por isso que ela odiava o Gerry?—perguntou Jack.

— Pelo que ela me disse, ela achava que esse tal de Gerry era a fonte de todos os seus problemas. Foi o fim de seu casamento feliz e da vida com a filhinha. O começo de nada mais além de preocupações com dinheiro. Depois ela começou a trabalhar no Hooters, ou em algum outro lugar desse tipo, e foi aí que aquele sujeito começou a persegui-la. Você sabe disso, certo?

— Sei, o Miguel me contou. Ele acha que foi esse sujeito que assassinou a filha dele.

— É, para você ver. Na cabeça de Sally, todos os seus problemas, inclusive aquele sujeito que a assediava, começaram quando o Gerry vendeu para eles aquele restaurante de beira de estrada que eles nem conheciam direito.

— Interessante. Como eu disse, não acho que o Gerry continue na lista dos melhores amigos de Miguel, mas ele não parece sentir o ódio que Sally sentia desse cara.

— Se você pudesse perguntar a Sally, ela diria que é porque Miguel é um burro. Ele acha que o restaurante deu com os burros n'água por causa da inundação que arruinou todas as melhorias que eles haviam feito. Ele simplesmente não queria admitir que seu próprio amigo o tapeou desde o começo.

Jack e Kelsey trocaram um olhar, como se ainda estivesse faltando alguma coisa.

— Não se lembra de mais nada Javier?—perguntou Jack.

— Não, é só isso mesmo.

— Vamos falar de Tatum por um minuto. Por que ele é beneficiário do testamento de Sally?

— Óbvio, você não acha?

— Não. Pode explicar?

— Tanto quanto eu sei, Sally fez disso um jogo: a sobrevivência do mais forte.

— De certo modo, sim. O último sobrevivente fica com tudo.

— Mas tem mais coisas aí, certo?

— Como assim?—perguntou Jack.

— Tatum diz que existem duas formas de ficar com o dinheiro. Uma é sobreviver a todos os outros. A outra, é ser o único que não, como vocês dizem?—renunciou à herança.

— Certo—disse Kelsey.—Qualquer um pode pular fora, se quiser.

— Aí é que está—disse Javier.—Ou você sobrevive a todos os outros, ou você convence os outros a jogarem a toalha. Nesse tipo de jogo, não faz sentido ter ao menos uma pessoa como Tatum no grupo, que não desmaia ao ver sangue?

Os olhos de Jack se apertaram e ele disse:

— Você está dizendo que Sally queria que essas pessoas brigassem pelo dinheiro. Não estou me referindo a batalhas jurídicas. Estou falando de briga mesmo.

— Se o ex-marido dela e esse Gerry estão na lista, sim, pode ter certeza absoluta. Acho que não tem nada que daria mais prazer a ela do que esses dois caras acabarem se matando na tentativa de ficar com o dinheiro dela.

— Então ela fez de Tatum um beneficiário para isso? Para haver um quebra-pau?

— Tudo quanto eu posso lhe dizer é que, certa noite, Sally me perguntou se eu conhecia algum cara da pesada. Mas da pesada mesmo. Eu respondi que sim, claro. Foi isso. Não fiz mais perguntas. Pus ela em contato com o Tatum, e foi tudo.

— Em seguida você fica sabendo que ela foi morta a tiros—disse Jack—e que Tatum é um dos beneficiários do testamento.

— Mais ou menos isso.—Javier consultou o relógio e disse:—Olha, eu tenho de voltar para o trabalho. Só ganho o que me dão de gorgeta, e encher essas suítes é o que eu tenho para fazer o restante da noite.

— Claro—disse Jack.—Já estamos de saída.

— A menos que você e a moça queiram ficar. É um lugar muito discreto.

— Não, não—disse Jack.

— Vamos nessa—disse Kelsey.

— Vocês têm certeza?—perguntou Javier.—Temos um serviço completo aqui. Qualquer coisa que vocês quiserem, eu trago. Bebidas, pó, ecstasy, camisinhas...

Kelsey pulou como se tivesse sido empurrada por uma mola do sofá à menção de camisinhas, como se tivesse sido impulsionada pela ideia daquilo em que podia estar sentada. Jack teve a impressão de que seu maravilhoso vestido vermelho era só para fazer tipo.

— Quem sabe um outro dia?—disse Jack.

Trocaram um aperto de mãos e despediram-se. Depois Jack e Kelsey

desceram as escadas até o andar térreo e continuaram andando rumo à saída, até chegarem à calçada.

Era quase meia-noite, e a avenida Washington estava no auge da animação, uma mistura eclética de gays e héteros, turistas e nativos. Uma limusine passou por eles, com a música tocando altíssimo pelas janelas abertas. A parte de trás era uma banheira quente ao ar livre, transbordando de corpos exuberantes de vinte e poucos anos rindo alto e falando português.

— Mil desculpas por tudo isso—disse Jack ao chegarem ao meio-fio.

— Mil desculpas pelo quê?

— Eu lhe pedi para vir aqui porque achei que você ia se divertir. Um lado mais excitante do exercício da advocacia. Não quis jogar você em cima de um viciado em pornô em processo de recuperação.

— Você não me jogou em cima de ninguém. Eu me apresentei como voluntária. Não vou secar e morrer porque um fracassado patético não pode olhar para o meu rosto sem pensar em... bom, no que quer que ele não estivesse querendo pensar naquela hora.

— Então você está bem?

— Estou. Mas e quanto ao sermão que lhe passei no escritório hoje; quando disse que não vejo diferença entre usar o corpo e usar a cabeça?

— O que tem?—perguntou Jack.

— Depois de conhecer o Javier, digamos que meus pensamentos estão girando em torno dessa questão.

— Muito justo—disse ele com um sorriso. Ficaram em silêncio por um momento, um pouco constrangidos, enquanto Jack se debatia quanto ao que fazer em seguida. A luz amarela do letreiro em néon do Clube Vertigo estava bem na frente dos olhos de Kelsey, arrancando reflexos dourados daquelas fascinantes poças cor de mel. O divórcio deixara-o bem enferrujado em termos de paquera, mas ele não perdera completamente a capacidade de interpretar a expressão do rosto de uma mulher ou a sua postura, as coisinhas que diziam, “E agora?”, em contraposição a “Estou cansada e quero ir para casa.” Parte dele queria fazer uma tentativa e convidá-la para um café ou algo do gênero, mas simplesmente não parecia certo estar cantando a mãe de Nate.

— Eu tenho de despachar a baby-sitter—disse ela.—Talvez um outro dia.

— Como assim, um outro dia? Ela sorriu meio sem graça.

— Durante os últimos trinta segundos, você estava com um olho em mim e o outro no Starbucks, ali no outro lado da rua. Por isso... talvez um outro dia.

Ele procurou nervosamente a carteira e tirou o tíquete do estacionamento para entregar ao manobrista.

— Claro—disse ele, perguntando-se se ele era mesmo tão óbvio, ou se ela era mesmo muito perspicaz.

— Outro dia.

DEZESSEIS

A UMA DA MANHÃ, o distrito dos armazéns, a oeste da via expressa Palmetto, tinha todo o charme e a personalidade de Leavenworth depois de fechado. Os prédios pareciam todos iguais, construções simples de blocos de concreto e lâminas de metal. Fora de cada estabelecimento, todo centímetro de terreno estava coberto de pilhas indefinidas de mercadorias em cima de estrados. Protegendo tudo aquilo havia uma cerca de malha de metal de três metros de altura com arame farpado de ponta a ponta em cima, parecendo um monstro antropófago.

Uma grossa camada de nuvens cobrira a lua, deixando a noite muito escura, e as luzes dos postes de rua eram poucas e muito afastadas umas das outras. O carrinho vermelho Honda batia e chacoalhava em buracos tão fundos que o veículo todo ficou coberto de salpicos de lama. A manutenção da rua era uma batalha perdida aqui, pois numerosos caminhões com peso acima do permitido martelavam o pavimento de sol a sol, seis dias por semana.

Deirdre Meadows estava muito longe de casa, mas o instinto lhe dizia e que ela estava perto de seu destino. Parou no fim de uma rua deserta para se orientar, semicerrando os olhos para conseguir enxergar o letreiro mal iluminado à sua frente.

— Italian Tile and Marble—disse ela, lendo em voz alta.

Conferiu com suas anotações. É isso. Finalmente, depois de rodar em círculos e ter ido a pelo menos uma dúzia de outros lugares chamados: “Alguma Coisa” Italian Tile and Marble, encontrou o que procurava.

Desligou o motor e os faróis do veículo. A escuridão súbita deu-lhe uma pausa para respirar. Estava mais escuro na rua do que ela imaginava. Acendeu a luz interna para pegar a bolsa. Caneta e papel, evidentemente. Gravador. Celular, bateria carregada. Não era nenhuma panaceia, mas, desde que comprara o celular, Deirdre iria a qualquer lugar com ele; isto é, a qualquer lugar que lhe rendesse uma boa história.

O telefone chamou pouquinho antes da meia-noite. Deirdre estava na sala de visitas da sua casa, assistindo Letterman na televisão, com o telefone sem fio do lado. Tinha um identificador de chamadas, que só lhe mostrou que a ligação estava sendo feita de um telefone público. Tocou duas vezes antes dela atender. E uma última vez, que tocou em sua cabeça.

— Alô.

— Está pronta?—perguntou ele. Era de novo aquela voz grave, mecânica, que quase parecia vir de algum lugar embaixo d’água.

— Pode apostar que sim—respondeu ela.

— Vá até o Italian Tile and Marble no Pátio 132, a oeste do 826. Dê a volta e procure o portão de entrada na cerca de malha de metal. Ele tem um cadeado, mas vou deixá-lo aberto. Entre e caminhe uns cem metros em linha reta, na direção da doca de carga e descarga.

— Por que lá?

— Porque eu quero.

— Olha, não estou muito ansiosa para encontrar um homem que nunca vi na vida atrás de um prédio qualquer no meio da noite.

— Então não venha.

— Você vai me contar a história se eu não for?

— Não, se você não vier. Aliás, quando eu digo venha, quero dizer sozinha.

— Por que está fazendo as coisas desse jeito?

— Porque quero saber.

— Saber o quê?

— O quanto você quer saber a verdade sobre Sally Fenning.

— Por que você acha que eu quero tanto assim?

— Porque essa história vai lhe render uma boa grana. Tipo quarenta e seis milhões de dólares.

— De que maneira a identidade do assassino de Sally vai me fazer ganhar quarenta e seis milhões de dólares?

— Não vai ser mole, não, mas você vai dar um passo na direção dessa grana.

— Como assim?

— O assassino de Sally não pode herdar nada dos seus bens. É o que diz a lei, certo?

Pingentes de gelo desceram-lhe pela espinha. Ela supôs que o homem com quem estava conversando ao telefone não era nenhum gênio, mas parecia suficientemente esperto para conhecer o Estatuto do Assassino.

— Certo—disse ela.—Os assassinos são proibidos de herdar qualquer coisa de sua vítima.

— Então é isso. Um a menos, restam cinco.

— Está me dizendo que o assassino de Sally é um de seus seis beneficiários?

— Estou dizendo para você estar no JJ's Italian Tile and Marble em noventa minutos ou menos. Fim de papo. Por enquanto.

Deirdre consultou o relógio do painel do carro. Mais de uma hora se passara desde aquela conversa, mas a pergunta ainda lhe queimava o ouvido. O quanto desejava saber aquela história? Quase tanto quanto o dinheiro.

Instintivamente, estendeu a mão para pegar a maçaneta da porta. A porta abriu-se e ela saiu do carro. A via expressa não estava à vista, ficava em algum lugar além do quarteirão de prédios sem janelas, mas dava para ouvir o zumbido contínuo do trânsito para os lados do leste. Parecia estranho que centenas de veículos estivessem passando por ali em alta velocidade a cada minuto, mas ela se sentiu sozinha, sem outro carro ou ser humano à vista. Antes de fechar a porta, estendeu a mão para o painel do carro e acendeu e apagou os faróis. Lançou um rápido olhar por cima do ombro e depois observou longamente a rua escura. Um par de faróis laranja piscou em resposta, e ela voltou à escuridão. Seu namorado. Sua presença a fez se sentir um pouco mais segura, sabendo que ele estaria a apenas algumas centenas de metros e a uma rápida digitação de números no celular. Fechou a porta do carro, respirou fundo e caminhou em direção ao portão, com o cascalho rangendo sob seus pés. Acho bom que dê tudo certo, disse a si mesma.

DEZESSETE

ESTAVA NA HORA DE TOMAR A SAIDEIRA NO JOHN MARTIN’S, na Miracle Mile, centro comercial de Coral Gables; o lugar que mais se aproximava de um autêntico pub irlandês, estava na hora de fechar. Paredes recobertas de madeira escura, cerveja Harp de barril e comida clássica de pubs, como torta de carne de cordeiro moída com cobertura de batatas, ou salsichas com purê de batatas, não eram exatamente a norma no sul da Flórida, mas o John Martin’s era um bom programa a se fazer. A longa mesa de mogno do bar, entalhada por artesãos locais, era uma beleza e, de vez em quando, o dono contratava uma banda irlandesa autêntica que certamente faria as pessoas dançarem martelando os pés no chão e batendo palmas. Mas nem garçonetes bonitas de cabelos ruivos e sardas conseguiriam fazer esquecer por completo que ali não era exatamente o condado Corty, principalmente no happy hour, quando o John Martin’s era afetuosamente chamado de “Juan MartinoV” atendendo sobretudo uma multidão de latinos que, mesmo no dia do santo patrono da Irlanda preferiria um mojito temperado com hortelã a um caneco de cerveja verde. Pode parecer estranho, mas era provar aquilo e apaixonar-se.

— Outro Jameson’s com água?—perguntou a garçonete.

Gerry Colletti mexeu nos cubos de gelo de seu copo quase vazio e depois chegou à conclusão de que bastava.

— Não, obrigado. Acho que por hoje já terminamos.

Ficou olhando o traseiro da garçonete mover-se de lá para cá enquanto ela se afastava e depois voltou o olhar para a papelada em cima da mesa. Sentado à sua frente estava Bill Hanson, um homem com aparência e postura de um contador no dia 14 de abril, só tomava café. Na verdade, Hanson tinha diploma na ciência de expressar a proverbial duração da vida de uma pessoa em termos de probabilidades matemáticas. Assim que Gerry ficou sabendo que teria de sobreviver aos outros beneficiários citados no testamento para herdar todos os bens de Sally, contratara Hanson para fazer uma análise estatística, e saber se passaria no teste de longevidade que o testamento de Sally criara.

Gerry passou os olhos pelos diagramas e gráficos mais uma vez e depois os empurrou para o lado.

— Tudo isso impressiona, mas eu detesto ter de interpretar esse negócio. Não daria para você explicar isso aí pra mim?

Hanson pareceu decepcionado, como se os diagramas e os gráficos fossem seu maior orgulho na vida.

— Quer a versão longa ou a resumida?

— Quero uma resposta à pergunta que contratei você para me responder. Temos seis beneficiários citados no testamento de Sally Fenning. Quem viver mais, fica com quarenta e seis milhões de dólares. Portanto, vamos aplicar somente os critérios normais que as companhias de seguro usam para avaliar os riscos que corre qualquer pessoa que deseje fazer um seguro de vida. Quem vai viver mais?

— Não dá para saber quem vai viver mais. Tudo quanto posso fazer é classificá-los de acordo com os números atuários que lhes atribuí.

— E esses números significam o quê?

— Quanto maior o número, tanto maior o risco para a companhia de seguros. O que, em seu contexto, significa maior probabilidade de ter morte prematura.

— O que significa que eu quero que todos esses outros tenham números altos.

— Exatamente. Mas, veja bem, isso não é tão confiável quanto o que eu apresentaria no caso de alguém querendo realmente fazer um seguro de vida. Exige-se dessas pessoas que dêem todos os tipos de informações relativas aos antecedentes familiares e ao estado de saúde. Só usei o que consegui descobrir sobre essas pessoas.

— Entendi.

— Também acrescentei aos cálculos alguns fatores que não poderia considerar juridicamente, no caso de alguém querendo fazer um seguro de vida. Coisas que, francamente, podem levar uma companhia de seguros a ser processada.

— Mas não sou uma companhia de seguros, e qualquer um que seja burro o bastante para me processar devia mandar examinar a cabeça. Me fale das conclusões a que conseguiu chegar.

— Tudo bem.—Ele limpou a garganta, verificando as anotações. A nota mais alta é a do promotor. Emprego muito estressante, fuma que nem chaminé, parece estar com vinte quilos acima do peso. Tem cinquenta e oito anos e o pai morreu de um ataque cardíaco aos cinquenta e cinco.

— Beleza. Ele pode partir dessa para melhor a qualquer momento. Hanson lançou-lhe um olhar curioso, parecendo pouco à vontade.

— O que você tem?—perguntou Gerry.

— Acho que nunca fiz uma análise em que o meu cliente está realmente querendo que alguém morra.

— Não estou querendo que ninguém morra. Só quero que me diga a quantas

andam as coisas.

— Fico satisfeito de você dizer isso. Porque a segunda maior nota é a sua.

— A minha? Mas eu nem fumo.

— Fuma, sim.

— Socialmente.

— Deixando isso de lado, a principal coisa contra você é algo que só levo em consideração porque você é um amigo meu e eu conheço seu modo de vida. Basicamente, você é um advogado devasso que trabalha com divórcio e transa com metade das mulheres que entram em seu escritório.

— Como é?

— Sinto muito, Gerry. Você pediu uma análise honesta. Por conta de todas as pessoas com quem você já transou e vai continuar transando, vejo você com um risco muito grande de ter HIV.

— Mas eu uso camisinha.

— Não usa não.

— Como você sabe?

— Eu vi aquelas imagens que a Lisa Bartow pôs na internet. Você se lembra de sua antiga cliente Lisa, certo? Você a processou porque ela não pagou seus honorários, e ela se vingou pondo na Web aquelas fotografias de você e ela fazendo...

— Tá, tá, tá, eu me lembro.

— Engraçado. Nunca mais ouvi falar desse processo. Acho que terminou em acordo, né?

Gerry não estava sorrindo.

— Para um contador, você parece achar que é um cara muito engraçado.

— Só estou encarando os fatos.

— Ótimo. Então você me pôs em segundo lugar.

— Isso mesmo. No terceiro está o ex-marido.

— Que coisa mais ridícula! Como você explica que tanto o Miguel quanto eu corremos um risco maior de morte prematura do que aquele negro, o Tatum Knight?

— Boa pergunta. Na verdade, tive dificuldade em atribuir uma nota ao sr. Knight. Não tenho nenhuma informação confiável sobre ele. Por exemplo: o

histórico médico da família é incompleto. Não se sabe quem é o pai.

— Que surpresa, não?

— Foi criado por uma tia. A mãe era viciada em drogas, e não consegui nem descobrir se está viva ou morta.

— Não perca seu tempo atrás disso. Para os meus objetivos, vou supor simplesmente que ele é o tipo de cara que pode morrer baleado na semana que vem, assaltando uma loja de bebidas à mão armada.

— Você talvez tenha razão.

— E então? Qual é a conclusão final?—perguntou Gerry.

— É difícil tirar conclusões definitivas. Como já disse, Tatum Knight é uma incógnita. E também tem aquele sexto beneficiário que não apareceu para a leitura do testamento. Enquanto você não me arranjar o número dele na Previdência Social, não tenho como conseguir informações para poder classificá-lo.

— Está me dizendo que o paguei por uma análise que não vale nada?

— Não. Partindo unicamente de um ponto de vista estatístico, não acho que tenha muita importância saber quem é o desconhecido, nem que nota ele ganha.

— Por que diz isso?

— Com toda a probabilidade, sua maior preocupação ainda é a repórter do jornal.

— Nota baixa?

— Baixíssima. Ela acabou de fazer vinte e nove anos, no mês passado. Vegetariana. Participa de maratonas. Não fuma. E tem um histórico familiar incrível. Os pais estão com mais de setenta anos. Os casais de avós também continuam vivos. O mais velho está com noventa e dois. Se eu fosse fazer uma aposta em quem vai vencer a corrida da longevidade, poria meu dinheiro nela.

Gerry levantou o copo e piscou.

— Não jogue seu dinheiro fora, meu amigo.

— O que você está querendo dizer?

— Nada. Obrigado pela ajuda. Ligo se precisar de mais alguma coisa. Gerry pôs uma nota de vinte dólares para pagar a conta do bar.

Hanson juntou a papelada, apertou-lhe a mão e dirigiu-se para a porta da

frente, saindo em Miracle Mile. O carro de Gerry estava nos fundos do estacionamento, por isso ele foi sozinho para a porta de trás, passando pelo banheiro dos homens e pelo letreiro entalhado na madeira com a seguinte pérola irlandesa: “Que você esteja no céu uma hora antes do diabo saber que você morreu.” O trecho final era o corredor da fama do John Martin’s, duas paredes cobertas de fotografias em branco e preto autografadas, provavelmente por todas as celebridades que algum dia tomaram cerveja, de Roy Black, famoso advogado de defesa de criminosos, a Dave Barry, o homem mais engraçado da face da terra. Gerry ficou de mau-humor quando viu aquilo. Quase um ano inteiro se passara desde que Gerry presenteara o dono com uma foto emoldurada e autografada de vinte por vinte e cinco centímetros.

Ainda não está aqui, seu filho da puta.

O cheiro de lixo cumprimentou-o quando abriu a porta e entrou na vilazinha dos fundos. Um gato cinza pulou de cima da lata de lixo e correu para a saída de incêndio.

A noite de outono estava desagradavelmente quente. Já passava da meia-noite e ainda estava mais fresco dentro do bar enfumaçado. Gerry jogou o paletó esporte em cima do ombro e foi para o estacionamento. Uma lâmpada fraca do poste iluminava os fundos do bar e de vários outros estabelecimentos que tinham fechado horas antes.

Não estava mais escuro que o bar mal iluminado de onde acabara de sair, mas estava diferente, mais amarelo, e levou tempo para seus olhos se acostumarem. Notou que o braço de madeira listrado estava levantado na saída norte do estacionamento. Parece que o atendente tinha desistido de conseguir qualquer gorjeta daquele punhado de vagabundos.

Gerry enfiou a mão no bolso para pegar suas chaves ao se aproximar de seu BMW. Contando com o seu, só três carros e uma van ainda estavam no estacionamento. Evidentemente, aquela van detonada estava estacionada bem ao lado de sua BMW edição limitada negro-esmeralda, pela qual pagara uma grana extra. Foi até a frente de seu carro e examinou o lado do motorista, para ver se havia algum raspão recente. Parecia que não, mas estava escuro demais para ter certeza. Pensou em se vingar riscando o lado da van com a chave, mas assim que entrou na estreita abertura que havia entre seu carro e a van, a porta do passageiro abriu-se e bateu-lhe violentamente no rosto. Gerry foi lançado para trás e caiu em cima da capota de seu carro. Alguém pulou para fora e agarrou-o pelos colarinhos.

— para!—gritou Gerry.

O atacante o fez girar e acertou um murro no olho direito de Gerry, seguido

por uma rajada de socos, um atrás do outro. O homem usava luvas de couro, mas isso não amenizou em nada a violência dos golpes. Os punhos dele pareciam de ferro, como se pesassem toneladas. Gerry não teve chance, não tinha condições de revidar. Um soco na barriga deixou-o sem ar, seguido por um direto no lado da cabeça que desencadeou um som agudo no ouvido.

— para já!

Houve uma pausa na série de golpes, e Gerry caiu de costas, estatelando-se em cima da capota do carro. Não estava vendo nem pensando com clareza, e assim que levantou a cabeça e tentou focar os olhos, seu atacante agarrou-o pelos cabelos e bateu sua nuca na capota do carro. Tonto, Gerry deslizou para o lado do carro e desabou no chão.

Não se moveu, não conseguia nem levantar a cabeça. Uma porta bateu e um motor foi ligado. A van arrancou. Gerry continuava com o rosto no chão, o olho que levava o soco inchando enquanto ele via a van meio indistinta desaparecer na escuridão.

DEZOITO

O LETREIRO DO PORTÃO DE METAL DIZIA: ENTREGA SOMENTE DE MERCADORIAS DA TILE, como que confirmando que Deirdre estava no lugar certo. O cadeado que estava no trinco da porta estava aberto, como lhe prometera o homem que lhe telefonara. As dobradiças rangeram quando Deirdre empurrou o portão. Passou pela cerca de malha de metal, parou na escuridão e ficou ouvindo. Não escutou nada além do som da própria respiração. Os pêlos da nuca estavam eriçados, mas a noite estava quente e ela sabia que era só nervoso.

Era arriscado, claro, mas ela já correria riscos maiores antes por histórias menos importantes. Como a noite que passara no centro da cidade, dormindo numa caixa de papelão embaixo da via expressa como parte de sua pesquisa de campo, para uma matéria sobre a vida de um morador de rua viciado em crack que nunca foi publicada. Ou aquela vez em que foi numa festa rave de adolescentes e experimentou êxtase para poder escrever em primeira mão sobre os efeitos da droga. Quase fritara o cérebro e acabou numa sala de pronto-socorro, tudo por oito colunas de texto que os editores reduziram três parágrafos. Em retrospectiva, aqueles pareciam riscos bobos.

Mas essa história era diferente. Havia muito mais coisa em jogo do que uma matéria assinada.

No começo, Deirdre descartara a possibilidade de fazer aquele teste de sobrevivência de quarenta e seis milhões de dólares preparado por Sally Fenning. Não levou a sério a possibilidade de algum dia nem sequer ver o dinheiro. No entanto, quanto mais pensava no assunto tanto mais se perguntava por que não ela. Eram seis beneficiários. Uma em seis pessoas morre de acidente—afogamento, desastre de carro, queda de avião, caçadas com débeis mentais que não distinguem os amigos de um pato. Nesse sentido, suas chances caíam de um para cinco. A Flórida já tinha pena de morte, de modo que se a fonte de hoje eliminasse mais um beneficiário por este ser um assassino de Sally, suas chances ficariam reduzidas a um para quatro. Quem não entraria num jogo desses? Ela era jovem e saudável. Tinha mais chances que todos os outros. Ficaria rica. Obscenamente rica.

E, com essa história, poderia ficar famosa, ainda por cima.

Respirou fundo e entrou no terreno dos fundos. O homem que telefonara dissera-lhe para ir até a doca de carga e descarga. Viu que estava bem à sua frente, razoavelmente bem iluminada por duas lâmpadas de onde jorrava uma luz brilhante. Mas, para chegar lá, era preciso atravessar um desfiladeiro feito pelo homem. A longa entrada de veículos mal deixaria passar dois caminhões em direções opostas, e ambos os lados estavam cercados por pilhas

incontáveis de telhas de cerâmica encaixotadas, algumas de dois metros ou mais.

Ela deu um passo para a frente, mas parou ao ouvir seu celular tocar. Pegou-o imediatamente, reconhecendo o número do namorado.

— Por que está ligando?

— Só queria ter certeza de que está tudo bem—disse ele.

— Eu disse para você que ligaria se me metesse em encrenca.

— Eu sei. Mas está escuro demais, deserto demais. Não estou gostando nada dessa história, querida.

Deirdre detestava quando ele a chamava de “querida”.

— Atenha-se ao combinado, tá bom? Onde Woodward e Bernstein estariam hoje se tivessem se recusado a se encontrar com Garganta Profunda no estacionamento escuro de um prédio?

— Isso aqui não é exatamente Watergate. Vamos nessa. Vamos nos mandar daqui.

— Não, foda-se. Não vou jogar essa chance fora. Agora fica aí quietinho até eu te ligar.

Desligou o telefone e jogou-o na bolsa. Por mais estranho que parecesse, a ligação do namorado deixou-a muito mais determinada a ir até o fim. Continuou descendo a escura entrada de veículos em direção à doca de carga e descarga, passando por uma pilha após a outra. Entre elas havia fendas estreitas, esconderijos perfeitos.

Enquanto passava por elas, espiava o longo túnel negro para se certificar de que não havia ninguém espreitando na escuridão. Com fileiras incontáveis de pilhas de caixas, era como olhar para a entrada de um labirinto.

O celular tocou de novo, fazendo seu coração dar um pulso. Tirou-o da bolsa e respondeu com uma voz irritada:

— O que é agora?

— Calma, moça.

Deirdre gelou. Não era o namorado. Era aquela voz grave, mecanicamente alterada de sua fonte.

— Onde você está?

— Não tem importância.

— Como assim, não tem importância? Estou aqui. Vamos nos encontrar ou

não vamos?

— Não vamos.

— Seu filho da puta. Você disse...

— Eu disse que você poderia ver o anel de Sally primeiro. A raiva dela desapareceu.

— Ele está aqui?

— Continua andando em direção à doca de carga e descarga.

Ela estava a apenas trinta metros de distância. Olhou à esquerda, depois à direita, procurando o homem nas fendas escuras entre as pilhas de caixas. Mas não viu nada.

— Tudo bem—disse ela pondo um pé na frente do outro.—Estou indo.

— Continua andando.

— Você está me observando?

— Está se sentindo observada?—perguntou ele. Ela olhou por cima do ombro.

— Um pouco.

— Isso é bom. Assim você não foge com o anel.

— E o que devo fazer com ele?

— Olhe, mas não toque.

— Como vou saber se é mesmo dela?

— O aro tem uma gravação por dentro. Leia. Depois vá verificar. Vai ver que é o anel dela mesmo.

Deirdre estava a quinze metros de distância quando entrou no círculo de luz que cercava a doca de carga e descarga.

— Quando vou ficar sabendo quem a matou?

— Assim que fecharmos nosso negócio.

— Que negócio?

— Minha parte na sua herança de quarenta e seis milhões de dólares.

— O que o leva a pensar que vou herdar isso?

— É que você vai viver mais que todos os outros.

— Como sabe disso?

— Porque eu vou garantir que seja assim.

Deirdre parou. Não foi uma coisa que ela resolveu fazer. Seus pés simplesmente pararam de se mexer.

— O que você disse?

— Você e eu. Uma dupla.

— Não estou interessada em fazer dupla com ninguém.

— Não é essa a resposta que eu quero ouvir.

— Não estou nem aí. Isso está ficando esquisitíssimo.

— Não desperdice essa chance, Deirdre. Você fica com metade, eu fico com metade. Você fica com a história de lambuja.

— Que tipo de filho da puta doente da cabeça é você?

— Um filho da puta doente da cabeça, ganancioso como você. Só que não tenho sua ambição.

O aperto no telefone aumentou.

— Olha aqui, acho que estou entendendo o que você está dizendo, por isso quero deixar as coisas bem claras. Não quero participar de nenhum plano que você tenha feito para matar qualquer um daqueles outros beneficiários em potencial.

— Mas, então, o que é que você veio fazer aqui?

— Vim por causa da história.

— E por causa do dinheiro.

— Você disse que sabia quem era o assassino de Sally.

— E estou disposto a lhe contar. Mas não sem um trato a respeito da herança.

— Não estou interessada em fazer esse tipo de trato com você. Portanto, você pode ficar com o seu anel e com a sua história. E fique longe de mim. Entendeu?

Ela esperou uma resposta, e o silêncio na linha só aumentou sua sensação de estar sendo observada.

— Sei que ainda está aí—disse ela.—Vou desligar agora. Escuta o que estou lhe dizendo. Não quero saber de você nunca mais. Entendeu?

— Entendi—disse ele. Sua voz estava especialmente grave, e o aparelho de alterar a voz parecia enfatizar a raiva dele.—Entendi.

O telefonema acabou e Deirdre imediatamente ligou para o namorado.

— Johnny, vem aqui correndo.

— Você está bem?

— Estou, só estou com medo. Me encontra no meu carro.

Desligou, girou num pé só e correu para o portão. Foi uma corrida de cem metros no escuro até chegar à saída. Deirdre correu com todas as forças que tinha, percorrendo num instante o mesmo trecho da entrada de carros que levava vários minutos para cobrir antes, ao entrar timidamente naquele lugar. Usando os braços como alavancas e batendo vigorosamente os pés no chão, ela voava fileira após fileira das pilhas de caixas. Mantinha os olhos fixos no portão em frente, ignorando as fendas escuras entre as caixas que a tinham assustado ao entrar. Estava na sua velocidade máxima quando chegou à cerca de malha de metal e praticamente se chocou com ela.

Lá fora, o carro do namorado estacionou ao lado do dela. Ele saltou fora do carro e correu para o portão.

Deirdre estendeu a mão para o trinco e deu um puxão no cadeado. Ele não se mexeu.

— Você está bem?—perguntou o namorado do outro lado da cerca.

— Estou, estou. Só que... não consigo sair daqui! Ele tentou abrir o cadeado.

— Está trancado.

— Puta que pariu—disse ela.—Aquele psicopata me trancou aqui dentro.

— Não dá para você pular?

Ela ergueu os olhos para o emaranhado de arame farpado que cobria toda a extensão da cerca de malha de metal.

— Eu acho que não.

De repente, o rosto do namorado petrificou-se.

— Acho melhor você tentar.

Deirdre virou-se e gelou. Um par de doberman pinschers surgiu da escuridão. Estavam se aproximando lentamente, como guepardos desengonçados atrás da presa, rosnando com os dentes à mostra.

— Não se mexa—disse o namorado.

Os cães de guarda chegaram mais perto. Deirdre olhou para um deles, depois para o outro. O maior latiu e tentou morder, mas depois se afastou. Deirdre jogou-se contra a cerca.

— Não se mexa—disse o namorado num sussurro urgente.

— Estou com medo!

— E também não olhe nos olhos deles. Eles vão pensar que você os está desafiando.

— Johnny, faça alguma coisa!

— Estou chamando a polícia. Não mexa nem um músculo.

— Tenho uma lata de pimenta em pó na bolsa.

— Deixa pra lá. Esses cães são treinados para atacar pessoas que estendem a mão para pegar uma arma.

Os cães rosnaram, a saliva pingava. A voz de Deirdre tremia quando ela disse:

— Eles vão me matar.

— Não, se você não se mexer.

— Temos de fazer alguma coisa.

— Fique imóvel.

O cão maior latiu de novo, seis ou sete latidos em rápida sequência, que matraquearam como uma metralhadora. Deirdre gritou, o que fez o cão tentar mordê-la. Deirdre estendeu a mão para pegar sua pimenta, e o outro cão tentou abocanhar-lhe a perna. Ela o chutou para longe, mas o grandão meteu os dentes em seu pulso e jogou-a no chão.

— Deirdre?

Ela chutava e socava feito louca, tentando desesperadamente proteger a cabeça e rolar para longe. O braço golpeou violentamente os dentes do cachorro. E então, de repente, ele soltou seu braço e ambos os cães ficaram imóveis. Deirdre estava tremendo, apavorada demais para fazer um movimento que fosse. Os cães pararam de rosnar, como se tivessem perdido completamente o interesse por ela. Pareciam estar ouvindo alguém ou alguma coisa, mas Deirdre não escutou nada.

Tão depressa quanto a haviam atacado, viraram-se e correram para a doca de carga e descarga. Os pensamentos de Deirdre não estavam claros, mas era como se tivessem ouvido um apito de cães.

Ainda no chão, Deirdre examinou o braço. Os dentes do cão tinham rasgado as roupas e penetrado na pele. Ela arquejou à vista do próprio sangue.

— Fique quieta—disse Johnny, ainda do outro lado da cerca.—A polícia já está a caminho.

Ela se assustou com o som de seu celular tocando. A bolsa tinha voado de

suas mãos durante o ataque, mas o barulho estava vindo de baixo dela. Arrastou-se de gatinhas, agarrou o telefone e atendeu.

— Somos uma dupla?—perguntou ele.—Era aquela voz mecânica de novo.

Deirdre fez uma careta, sentindo o braço latejar de dor da mordida do cachorro.

— Mas o que diabos você acabou de fazer?

— Um vigia noturno faz qualquer coisa por um dinheirinho extra. Até desaparecer e me emprestar esse apito de cães. Engraçado como isso funciona, não é?

— Não estou achando a menor graça. Me deixa sair daqui!

— Relaxa. Estou lhe dando uma opção, Deirdre.

— Que opção?

— Uma opção muito simples. Você pode ser uma vencedora, ou pode ser uma fracassada. Simples assim.

— De que diabos você está falando?

— A gente conversa mais tarde, depois que você tiver se acalmado. Enquanto isso, se você disser uma única palavra sobre isso a alguém, e estou querendo dizer qualquer pessoa, você estará dizendo claramente que é uma fracassada. Uma grande fracassada. Está ouvindo?

Ela não respondeu.

— Está ouvindo?—perguntou ele.

— Sim.

— Ótimo. A chave do cadeado está colada com fita durex no poste de luz. Agora saia imediatamente daqui.

Um clique em seu telefone lhe disse que a ligação terminara. Deirdre rolou para o lado e pressionou o braço para estancar o sangue, engolindo as lágrimas na escuridão.

DEZENOVE

O JUIZ LEONARD PARSONS ESTAVA SOLTANDO FOGO PELAS VENTAS. Pior ainda, estava olhando do alto de sua cadeira para o banco e bem nos olhos do cliente de Jack. O telefonema na sala do juiz fora às nove da manhã. Um Gerry Colletti todo quebrado havia feito uma moção de emergência e o juiz ordenara a todos os beneficiários do testamento de Sally Fenning que estivessem na sala de audiências às onze em ponto.

— Bom dia—disse o juiz. Seu tom de voz era cordial, mas os olhos eram duas brasas ardentes por baixo das vastas sobancelhas brancas. Um juiz mal-humorado era mau sinal em qualquer sala de audiência, mas sobretudo no mundo relativamente bem-educado do Tribunal dos Sussurros.

— Bom dia meritíssimo.—A resposta foi um coro de vozes de advogados e clientes. Até Gerry Colletti, extremamente confiante em seus talentos, tinha pedido conselho para essa audiência. Contando com Jack e seu cliente, havia dez pessoas ao todo. Oito delas—Colletti, o ex-marido de Sally, o promotor, a repórter e seus respectivos conselheiros—estavam se comprimindo em volta de uma mesa perto da tribuna dos jurados, no lado oposto da sala onde estavam Jack e seu cliente, como se de repente não conseguissem interpor uma distância suficiente entre eles e Tatum Knight. Sentada atrás deles estava Vivien Grasso, a inventariante do espólio. Parecia estar adotando uma postura de neutralidade, não se sentando diante de nenhuma das mesas, preferindo um lugar ao lado da balaustrada que separava os lugares dos advogados do público.

Fora eles, a sala de audiência estava vazia, observou Jack, o que significava que o sexto beneficiário ainda não dera as caras.

— Sr. Anderson—disse o juiz dirigindo-se ao advogado de Gerry Colletti.

— O senhor poderia apresentar sua moção, por favor?

Colletti continuou sentado. O lado direito de seu rosto estava roxo e inchado, e ele estava com um band-aid enorme na testa. Seu advogado se levantou, agradeceu ao tribunal e deu um passo a frente.

— Senhor juiz, é bem óbvio que o sr. Colletti está em péssimo estado. Embora isso seja prova de agressão, pedimos ao tribunal que aceite a declaração escrita e juramentada de meu cliente como substituto de seu depoimento ao vivo. Se os outros advogados aqui presentes quiserem interrogá-lo, ele está à disposição.

— Parece-me razoável. Alguma objeção?—perguntou o juiz.

— Nenhuma—disse o coro do outro lado da sala.

— Sem objeções—disse Jack.

— Obrigado—disse Anderson.—Basicamente, a evidência diante do tribunal é que, no fim da noite passada, o sr. Colletti foi violentamente atacado quando ia pegar seu carro no estacionamento que fica atrás do John Martin's Pub, em Coral Gables. Recebeu um grande número de ferimentos, em sua maior parte contusões e equimoses, para não falar da concussão. Felizmente, nenhum deles ameaça sua vida. Como disse o sr. Colletti em sua declaração, o homem que o atacou é um outro beneficiário do testamento de Sally Fenning, Tatum Knight.

— Que nojento!—resmungou Tatum.

— Nada de interrupções, por favor—disse o juiz secamente.—Sr. Knight, olha a linguagem.

— Eu usei algum palavrão?

— Chegou perto. Na dúvida, lembre-se de que estamos no Tribunal dos Sussurros.

— Nossas desculpas—disse Jack.—Não acontecerá mais. O advogado de Colletti continuou:

— Como eu estava dizendo, o espancamento ocorreu no final da noite passada. Hoje de manhã bem cedo, o sr. Colletti encontrou um e-mail interessante em seu computador.

Foi enviado eletronicamente na noite passada às seis e quarenta e três da tarde, algumas horas antes do ataque, mas ele só o recebeu depois. Nós imprimimos uma cópia para o tribunal. É bem curto. Diz apenas: “A vida é muito curta. Caia fora do jogo—agora.”

Jack lançou um olhar a seu cliente. Tatum inclinou-se para Jack e murmurou o mais baixo possível:

— Eu nem tenho computador.

— Quem o enviou?—perguntou o juiz.

— Não sabemos. Foi mandado de um desses centros de comércio e cópias de documentos de Miami que aluga terminais de computador por hora, por isso não é possível rastreá-lo. Mesmo assim, acho que essa mensagem se encaixa bem logicamente com o espancamento que o sr. Colletti sofreu nas mãos do sr. Knight. Como o tribunal bem sabe, estamos operando sob um testamento muito inusitado. Há seis beneficiários, mas só um herdará os bens. A única forma de ganhar esse jogo, como o e-mail o denomina, é sobreviver aos outros beneficiários, ou persuadi-los a cair fora e renunciar à herança. O sr. Colletti acha que era exatamente esse o objetivo do espancamento que sofreu

nas mãos do sr. Knight. Foi uma tentativa de espalhar o medo entre os outros beneficiários e de incentivar todos eles, e o sr. Colletti em particular, a sair da disputa.

— Isso é um absurdo!—disse Tatum no ouvido de Jack.

— Sr. Knight!—disse o juiz.—Mais uma explosão desse tipo e vou considerar desacato.

— Explosão? Meu próprio advogado mal me ouviu.

Jack mandou-o calar a boca, consciente de que todos aqueles sussurros do Tribunal dos Sussurros deviam ter melhorado a acuidade auditiva do juiz. Ou então seu aparelho de surdez estava ligado no volume máximo.

— Desculpe, meritíssimo—disse Jack.

O juiz fechou a cara e depois voltou novamente sua atenção para o advogado de Colletti.

— Que compensação você quer?

— O sr. Colletti ainda não teve tempo de avaliar todas as suas opções legais. A essa altura, só pedimos ao tribunal para entrar com uma medida cautelar que impeça o sr. Knight de se comunicar com os outros beneficiários, exceto por meio de seu advogado. Além disso, pedimos que o tribunal proíba o sr. Knight de chegar a menos de quinhentos metros de qualquer um dos outros beneficiários, exceto nas audiências do tribunal ou em reuniões convocadas com o representante legal.

— Tudo bem—disse o juiz.—Sr. Swytek, o que o sr. Knight tem a dizer em sua defesa?

Jack começou a se levantar, mas Tatum agarrou seus braços e murmurou:

— Eu quero ir ao banco das testemunhas.

— Não, nós combinamos...

— Não importa o que a gente combinou. Eu quero prestar depoimento.

— Sr. Swytek, por favor,—disse o juiz.

Confuso, Jack ergueu os olhos para o juiz, depois voltou a olhar para seu cliente com uma expressão ansiosa.

— Meritíssimo, eu gostaria de ter uns minutinhos para falar com meu cliente.

— Tudo bem. Mas fique sabendo que determinei que essa audiência terá uma hora. Todo minuto que passar matraqueando com seu cliente é um minuto a menos para você apresentar sua defesa. Vamos fazer um receso de cinco

minutos—disse ele batendo o martelo.

— Que todos se levantem—disse o oficial de justiça.

Jack e os outros já estavam de pé, assistindo em silêncio o juiz Parsons desaparecer pela porta de saída. Jack pegou seu cliente pelo braço e disse:

— Vamos conversar.

Saíram rapidamente do recinto pela porta dos fundos e foram para o corredor. Jack encontrou uma sala de espera aberta ao lado dos elevadores, puxou Tatum lá para dentro e fechou a porta.

— Eu juro, não encostei um dedo em Colletti.

— Eu lhe disse hoje de manhã, quando Colletti apareceu com seus papéis: isso não tem importância.

— Você deu uma olhada na cara do Colletti?—perguntou ele em tom de zombaria.—Trabalho da porra de um amador. Se fosse eu que tivesse feito o serviço, de uma coisa você pode ter certeza: ele não estaria ligando o computador para verificar seus e-mails hoje de manhã. Ia levar uma semana para ele lembrar do próprio nome, quanto mais de sua senha.

— É essa a sua defesa, Tatum? É isso que você quer dizer ao juiz?

— Eu não tenho de dizer isso ao juiz. Só queria lhe dizer que não foi eu.

— É exatamente essa a questão. Se você se sentar no banco das testemunhas, será interrogado pelo advogado da parte contrária. O advogado de Colletti pode fazer picadinho de você.

— Nada que eu não consiga dar um jeito.

— É mesmo? Então vamos ver como que você se sai dessa.—Jack deu um passo, chegando mais perto de Tatum, fazendo de conta que era o advogado de Gerry que o estava

interrogando.

— Sr. Knight, a primeira vez que viu o sr. Colletti foi na leitura do testamento de Sally Fenning, na terça-feira da semana passada, correto?

— Sim, está certo.

— Menos de duas semanas depois de conhecê-lo, o sr. Colletti está numa sala do pronto-socorro.

— Não foi eu quem mandou ele para lá.

— Sr. Knight, como o senhor é um beneficiário do testamento de Sally Fenning, estou supondo que também a conheceu em algum momento de sua

vida, certo?

— Sim, uma vez.

— Quando?

— Algumas semanas antes dela morrer.

— O senhor quer dizer algumas semanas antes dela ser assassinada, não é?

— Sim, qualquer que seja o nome que dêem.

— Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta, sr. Knight: quantas outras pessoas acabaram mortas ou no hospital duas semanas depois de um único encontro com o senhor?

Tatum lançou um olhar enviesado.

— Gente demais para eu saber a porra do número. Jack saiu de seu papel.

— Bela resposta, Tatum.

— Que merda, Jack, eu só quero subir no banco das testemunhas e dizer ao juiz que não foi eu.

— As coisas não funcionam desse jeito. Sinto muito, mas se você prestar depoimento, o advogado de Colletti vai acabar com a sua raça. Antes de você se dar conta, todo mundo que estiver na sala de audiência saberá o que você fazia para ganhar a vida. Saber do encontro que você teve com Sally Fenning e saber que ela tentou contratar você para lhe meter uma bala na cabeça. Bom, a menos que você queira pular para o alto da lista dos suspeitos do assassinato de Sally, sugiro que siga o meu conselho.

Tatum estava muito agitado, mas parece que Jack estava levando a melhor.

— O que exatamente você quer que eu faça?

— Que guarde seus segredos para si mesmo—disse Jack.—Não se sente no banco das testemunhas. Vamos estipular as condições da medida cautelar.

— O que será isso?

— Vou fazer o melhor que puder. Vou dizer ao juiz que o sr. Knight nega veementemente as alegações, mas que, seja como for, não tem nenhuma necessidade de chegar a menos de quinhentos metros de qualquer dos outros beneficiários. Portanto, vamos estipular quando a medida cautelar entra em vigor.

Tatum foi até a janela e olhou para o estacionamento lá embaixo.

— Sabe, não tenho de falar nada para eles sobre o meu encontro com Sally.

— Se você subir ao banco das testemunhas e prestar um juramento falso, pode começar a procurar outro advogado.

Ele deu uma risadinha desconsolada.

— Bem que o Theo me avisou que você é todo certinho.

— O Theo também me avisou sobre você. E cá estamos. E então, como vai ser?

Ele se afastou da janela e encarou Jack.

— Tudo bem. Vamos estipular. Só tem uma coisa que você precisa entender.

— O quê?

— Se aquele pussuca do Gerry Colletti acabar ficando com todo esse dinheiro, vou acabar com a raça dos dois na porrada.

— Não tenho medo de ameaças, Tatum.

Ele deu um grande sorriso para seu advogado e um tapinha no ombro.

— Estou brincando, Jack amigão.

Jack não retribuiu o sorriso. Abriu a porta e se pôs a caminho da sala de audiência.

VINTE

JACK ACHOU QUE ESTAVA SENDO OBSERVADO, e estava certo.

Depois da audiência ele se despediu de Tatum na porta de entrada do tribunal e saiu sozinho para pegar o carro. Dois homens o seguiram passo a passo pelo asfalto esburacado e deformado, todo o percurso até o estacionamento protegido por uma cerca. O mais jovem andava com um ar petulante, o queixo para cima, os olhos vendo seu reflexo em todo vidro escuro de carro pelo qual passavam, como se a canção-título de Shaft estivesse tocando sem parar em sua cabeça. O mais velho tinha uma leve corcunda e a expressão melancólica de alguém que se preocupava demais com problemas que não conseguia resolver, problemas que o mantinham trabalhando até tarde, que o mantinham acordado à noite e que mantinham a entrada de grana. Mesmo que Jack não conhecesse Rick Larsen, teria adivinhado que ele era um veterano da seção de homicídios.

Não eram exatamente amigos, mas Jack e ele tinham um certo respeito um pelo outro. Com o correr dos anos, muitos policiais de nível tinham dado a Jack o benefício da dúvida, ainda que não fosse porque o pai de Jack havia sido tira antes de pegar uma longa estrada política que culminou com dois mandatos na mansão do governador.

A história pessoal de Jack com o investigador Larsen ia muito além disso. Quando era muito mais jovem, Larsen trabalhara no caso de Theo Knight, parte da equipe que tinha posto o homem errado no corredor da morte. Enquanto os exames de DNA não chegaram, ele não confessou a Jack—oficiosamente, é claro—que suas dúvidas de iniciante a respeito da culpa de Theo haviam sido descartadas por seus supervisores.

— Quem é o novo cara que faz dupla com você?—perguntou Jack virando-se para ficar de frente para eles.

Larsen sorriu enquanto tirava o charuto apagado de entre os dentes.

— Está falando do Calvin Klein aqui?

— O que significa isso?—perguntou seu parceiro.

— Se você não sabe, não vai fazer carreira como investigador.—Piscou para Jack e perguntou:—Tem um minuto?

Jack colocou sua pasta de couro em cima da capota do carro.

— Lógico. O que há?

— Sally Fenning. Tenho certeza de que você sabe que estou investigando o assassinato dela.

— Sim, gostei de saber disso.

— Por quê?

— Vocês nunca pegaram o assassino da filha dela. Parece-me que o mínimo que ela merecia é um detetive que consiga pegar o sujeito que a matou.

— Estou trabalhando nesse sentido.

— O que o levou até mim—disse Jack.

— Na verdade, não. Levou-me a Tatum Knight, que me levou a você.

— Você quer interrogá-lo?

— Adoraria. Mas ele não vai falar conosco.

Jack disfarçou a surpresa. Tatum tinha deixado de lhe contar que a polícia entrara em contato com ele.

— Você pediu com educação?

— Claro. Disse-lhe que podia jogar bola ou ser a bola. Seja como for, pretendo fazer um gol.

Jack soltou uma risadinha.

— Tenho de lhe confessar uma coisa, Larsen. Você é o único detetive que eu conheço que leva essa frase a sério.

— Sabe que às vezes até dá certo? Mas, brincadeiras à parte, se o seu cliente não falar, vou ter de fazer pressão em cima dele.

— O que você quer saber?

Ele tirou os óculos escuros, como se quisesse olhar bem nos olhos de Jack.

— Ele matou Sally Fenning?

— A resposta é não.

— Ele sabe quem a matou?

— Não.

— Você espera que eu entenda essas respostas literalmente?

— De jeito nenhum.

— Foi ele que deu uma surra no Gerry Colletti?

— Não.

— E então por que ele não se sentou no banco das testemunhas e não disse ao juiz Parsons que ele não tinha feito nada disso?

— Porque essa foi uma decisão do seu advogado.

— O que você está escondendo?

— Nada.

— Eu assisti à audiência. Você está escondendo alguma coisa, sim.

— Pura especulação de sua parte.

Do outro lado da cerca, um ônibus desceu a rua com estrondo. De repente, o ar ficou cheio de fumaça de óleo diesel, mas o detetive não perdeu o fio da meada.

— Me diga só uma coisa: por que diabos Sally Fenning citou um bandido violento como o Tatum Knight em seu testamento?

— Eis aí uma pergunta que eu gostaria de fazer a ela.

— Eu gostaria de fazê-la a Tatum.

— Qual é a dele nessa história?

— Ele pode jogar bola, ou...

— Ai, por favor. Conta outra. Larsen sorriu com afetação.

— É isso que me intriga. Dos cinco beneficiários identificados até agora, quatro têm uma ligação direta com o casamento anterior de Sally e com a morte de sua filha.

Como Tatum se encaixa nesse grupo?

Evidentemente, Jack não poderia dizer nada a respeito do encontro de Tatum com Sally antes dela ser morta, mas um dialogozinho não dói.

— Que interessante!—disse Jack.—Você parece tão certo de que todos os outros quatro beneficiários conhecidos têm uma relação qualquer com a vida pregressa de Sally...

— Só um pouco de raciocínio dedutivo de minha parte.

— Acho que é mais do que isso. O ex-marido de Sally, o advogado que o representou no divórcio e o promotor que não conseguiu indiciar ninguém pelo assassinato da filha de Sally estão todos obviamente ligados ao passado dessa mulher. Mas a repórter só escreveu alguns artigos recheados de fatos sobre um crime horrível, o que não parece suficiente para colocá-la na mesma categoria ultrajante dos outros.

— Está aí uma coisa que posso lhe garantir. Ela é um animal um pouco diferente.

— Se supusermos que Sally resolveu deixar seu dinheiro para seus inimigos lutarem por ele, o que exatamente essa repórter fez para se transformar num dos piores inimigos de Sally?

— Agora é você quem faz as perguntas?

— Se me responder essa, vou ver o que posso fazer a respeito de Tatum.

— Preciso de uma promessa mais consistente.

— Vou aconselhá-lo a falar com você. É tudo que posso prometer.

Larsen lançou-lhe um olhar frio.

— Tudo bem. Mas só porque sei que você é um homem de palavra, vou lhe contar o seguinte: Deirdre Meadows fez mais que escrever alguns artigos no jornal sobre Sally Fenning.

— Mais quanto?

— A porra de um livro inteiro. Tudo sobre o assassinato da filha de Sally. Até agora nenhuma editora comprou, mas acho que ela ainda está tentando vendê-lo.

— E?

— E é isso, cara, isso é tudo. Pelo menos até eu me sentar com Tatum Knight e conversar com ele.

Jack pegou sua pasta.

— Muito justo. Obrigado pela informação. Vou ver o que posso fazer.

— Ligo para você amanhã—disse Larsen.

Jack concordou com um aceno de cabeça e abriu o carro. Larsen deu um tchauzinho ao se afastar. Depois parou, olhou para trás e disse:

— Mais uma coisa.

— O quê?

— Você arranjou um cliente difícil, Swytek.

— É. Exatamente como o irmão.

De repente ele ficou mortalmente sério.

— Tome nota em seu caderninho: ele não se parece em nada com o Theo.

— Está tentando me dizer alguma coisa?

— Só para você não deixar de fazer o dever de casa.—Já fiz. Toneladas.

— Faça de novo. Para o seu próprio bem.

— Eis aí uma coisa que todo mundo me falava sobre o Theo. Até eu provar que ele era inocente.

Larsen virou-se como se não tivesse registrado a última frase de Jack, que ficou ali observando, quase cego pelo sol, enquanto os investigadores atravessavam o estacionamento e se dirigiam para o portão.

VINTE E UM

THEO ERA BOM DEMAIS PARA O SEU BAR. Era a frase de bêbado que ele ouvia dos outros membros de sua banda sempre que eles tocavam no Sparky's. Não que se considerassem muito melhores que um ninho de ratos vulgar como o Sparky's. O comentário dizia respeito estritamente ao público. Tão grande quanto o desejo de Theo de possuir um verdadeiro bar de jazz era sua preocupação em ter um público cativo. Seus fregueses eram leais, mantinham a lucratividade do estabelecimento e acreditavam piamente que a história da música tinha atingido seu apogeu com Achy-Breagy-Heart e, desde então, estava em declínio. O sax era a paixão de Theo, mas quem pagava o aluguel eram os brancos pobres do Sul agrícola.

Charlie Parker, perdão.

Encerrou a apresentação com um solo digno do Blue Note. Duas mulheres de chapéu de vaqueiro entraram correndo em direção jukebox, provocando um ataque de pânico em Theo com Electric Slide. A mesa da frente estava cheia de empregados do revendedor de carros do outro lado da rua. Nem se davam conta da música: um deles ria tanto que a cerveja estava lhe saindo pelas narinas. Mas algumas pessoas aplaudiram, e uma mulher que estava no fundo levantou os dois polegares para Theo, o que o fez sorrir. Lentamente, a clientela do Sparky's mudaria, ele tinha certeza.

Com o maior cuidado, Theo pôs o sax na caixa, um velho Buescher que lhe havia sido passado pelo homem que o ensinara a tocar. Seu tio-avô Cyrus tinha sido um astro de boates no velho Overtown, o Harlem de Miami, e teria gostado de saber que nem mesmo quatro anos no corredor da morte haviam acabado com a paixão que ele injetara no sangue de um adolescente.

— Que que vai ser, amigão?—perguntou Theo enquanto ia para trás do balcão e amarrava o avental branco na cintura.

— Água mineral com gás.

— Está numa pior?

— Não posso beber. Estou tomando analgésico.

Theo levantou os olhos do balcão para dar uma espiada melhor. Não havia muita luz, mas até na sombra era óbvio que aquele mauricinho estava com dor.

— Putz, que chato! Já vi gente se arrastando para fora daqui com a cara toda arrebitada. Mas é a primeira vez que vejo alguém chegar aqui desse jeito.

— Levei porrada de um verdadeiro profissional. Filho da puta!

— É o que parece.

— Do seu irmão.

Theo pôs o copo em cima do balcão. Nunca tinha visto aquele cara mais gordo, mas Theo já ouvira muita coisa de Jack.

— Você deve ser Gerry, o Gênio.

— Você e seu amiguinho Swytek adoram fazer piadinha, não é? Pela última vez, é Gerry, o Gentil.

— O que o traz aqui, Gentil?

— O que cê acha?

— Burrice.

Gerry sorriu, depois estremeceu de dor.

— Merda, dói até quando eu rio.

— Isso não é problema meu.

Ele levou o copo aos lábios com cuidado, mas o lado esquerdo da boca estava muito inchado, fazendo um fio d'água escorrer-lhe pelo rosto.

— Você tem razão. O problema é meu. E do seu irmão.

— Só porque você gosta de sair por aí falando umas coisas absurdas.

— Está pensando seriamente em ficar aí na minha frente me dizendo que não foi obra do seu irmão?

— Entendeu direitinho.

— Quem é você, o álibi dele?

— Não. Sou o pugilista com quem ele se exercita. Ele e eu treinamos boxe um com o outro há anos. Portanto, posso olhar para sua cara e, depois de dois segundos, dizer que não foi Tatum quem fez isso.

— É mesmo?

— O gancho de esquerda do Tatum é um horror. Ninguém vê o dito cujo chegando. Certa vez, meu olho direito ficou fechado por três dias. Mas o seu olho direito está perfeito. É o lado esquerdo da sua cara que está todo amassado. Então, agora me diga se eu estou certo ou não estou.

— Seu irmão não é um bandido maneta. Ele sabe dar outros golpes.

— Ele tem cérebro também. Se ele te pegar, não vai deixar você ver a cara dele.

— Não tenho a menor dúvida em relação ao que vi.

— Não acredito em você.

Gerry forçou um sorriso torto, fazendo o possível para ignorar a dor provocada por qualquer movimento facial.

— Tudo bem. Talvez eu não tenha visto tão bem assim o atacante quanto levei o tribunal a acreditar. Mas não vim aqui para discutir a respeito da evidência.

— E então, por que está aqui?

— Porque tenho algo a dizer a seu irmão. Na verdade, sinto-me mais seguro falando com você. Tenho certeza de que vai lhe dar meu recado.

— Talvez.

— Estou querendo fazer um trato com ele.—Olhou por cima de ambos os ombros, como se quisesse ter certeza de que ninguém à sua volta poderia escutar.—Se Tatum renunciar à sua possibilidade de entrar nessa herança e sair da jogada, refaço meu depoimento.

— Você o quê?

— Digo ao juiz que cometi um erro. Estava escuro, eu havia bebido, aconteceu muito rápido. Depois de pensar melhor, cheguei à conclusão de que não foi Tatum Knight quem me espancou, afinal de contas.

— E, em troca disso, você quer que meu irmão desista de receber uma herança de quarenta e seis milhões de dólares?

Uma garçonete parou na ponta do balcão.

— Duas Buds, Theo.

Ele pôs duas garrafas abertas na bandeja, e lá foi ela.

— E tem mais—disse Gerry.—Se Tatum cair fora, pago a ele um quarto de milhão de dólares em dinheiro vivo, agora. Não vai depender de eu herdar o dinheiro, nem de mais nada. Ele cai fora. Eu lhe dou a grana. Simples assim.

— Você está tentando abrir caminho até o prêmio com grana? Gerry pegou um cubo de gelo de sua água gasosa e aplicou-o ao lábio inchado.

— Cérebro, não força bruta. É isso que é necessário para ganhar o jogo de Sally Fenning.

— Engraçado, você não parece tão esperto assim.

— Não sou eu que está com uma medida cautelar contra mim, sou?

— Você deve estar muito a fim desse dinheiro mesmo.

— Não há nada de ilegal em fazer um trato com os outros beneficiários para induzi-los a cair fora. Trata-se apenas de um negócio. Do ramo da mineração.

Gerry forçou mais um sorriso torto e pediu a Theo que se aproximasse com um gesto do indicador, como se fosse lhe contar um grande segredo.

— É isso que eu chamo de mina de ouro.

— Está usando acusações falsas de ataque para levar meu irmão a cobrar baratinho para cair fora.

— Eu disse que vou retirar as acusações. Eu não disse que são falsas. Theo sacudiu a cabeça e depois soltou uma risadinha.

— Com quem você acha que está falando, seu idiota?

— O quê?

O sorriso desapareceu quando Theo inclinou-se mais para se aproximar dele e disse:

— Isso é chantagem.

— Não é assim que vejo essa questão.

— Pouco importa como você vê. Eu vejo como chantagem. Tatum vai ver como chantagem. E isso não é nada bom para você.

— Devo ficar com medo agora?

Theo chegou bem perto do rosto dele, pressionando as mãos enormes no balcão. Gerry estava tentando dar uma de durão, mas a pálpebra que não parava de repuxar o traiu.

Mas, para surpresa sua, Theo recuou. Gerry parecia satisfeito de ter ganho a luta de olhares, até que Theo foi até o tablado, pegou o microfone e disse:

— Senhoras e senhores, sua atenção, por favor.

O barulho diminuiu bastante, embora o silêncio não fosse completo.

Gerry girou nervosamente em seu banco, claramente apreensivo. Theo continuou:

— Não estou querendo acusar ninguém, mas acabei de ficar sabendo que o sr. Gerry Colletti está aqui conosco esta noite, sentado bem ali na ponta do balcão. Vocês talvez gostem de saber que o sr. Colletti é um ex-deputado do estado de Massachusetts, onde foi o autor da primeira lei que obriga os motoqueiros a usar capacete nos Estados Unidos dos Mauricinhos, palmas pra ele.

Um coro de vaías se fez ouvir no bar. Os motoqueiros da mesa grande

lançaram uma rajada de olhares mortíferos que fez Gerry se afundar no banco. Dois caras com bíceps proeminentes levantaram-se e dirigiram-se ao balcão. O feio tinha tatuagens idênticas em ambos os antebraços, com a palavra “vilão” escrita errado: “vilãu” como se dissesse que era burro demais para consultar um dicionário. O altão estava sem camisa, só com uma calça jeans rasgada e um colete de couro preto.

As chapinhas de identificação de cães que ele estava usando retiniam toda vez que batiam na ponta grossa de um taco de bilhar que estava em sua mão.

Theo estava todo orgulhoso ao voltar para trás do balcão.

— Com água gasosa pra cima de mim, Gênio? Espero que tenha uma bela caminhada até o carro.

VINTE E DOIS

JACK E KELSEY ESTAVAM CERCADOS DE LIVROS.

A dica do investigador de homicídios, de que Deirdre Meadows tinha escrito uma história verídica do crime cometido contra Sally Fenning era boa, mas Jack não sabia o que fazer em seguida. Ir direto falar com Deirdre era uma opção, mas ele queria mais fatos antes de fazer essa tentativa. Era ali que Martin Kasptan entrava.

Just Books era de longe a melhor livraria de Coral Gables, e Martin fez por merecer essa reputação. A loja em si era linda, um velho prédio de estilo mediterrâneo, inteiramente restaurado e com um monte de cômodos cheios de livros para as pessoas folhearem. Com lançamentos e palestras quase toda noite, seria difícil citar um autor de sucesso nacional dos últimos vinte anos que não tenha dado o ar da graça na Just Books. Mas foi Martin quem transformou a livraria em sucesso. Começou como professor de ensino médio e, na verdade, nunca perdeu aquele gosto de ensinar. Todo aspirante a escritor do sul da Flórida lhe pedia conselhos e, de alguma forma, ele sempre encontrava tempo para dá-los. Alguns tiveram êxito. Todos tiveram um pouco de estímulo. Kelsey achava que se alguém sabia de alguma coisa sobre o texto inédito de Deirdre, seria Martin.

— Pó, a gente devia ter vindo a noite passada—disse Kelsey. Estava examinando o calendário de eventos pregado na porta. Tinham perdido ninguém menos que Isabel Allende.

Kelsey trabalhara durante um verão na Just Books antes de Nate nascer, antes da escola de direito, antes de ser estagiária de Jack, antes de sua esfera intelectual ter começado a encolher a ponto de ela sentir que não sabia de absolutamente nada, exceto daquilo com que por acaso estivesse trabalhando no momento. Parecia um pouco embaraçada por causa de todo o tempo que passara desde sua última visita, mas Martin cumprimentou-a com seu habitual sorriso simpático e suas maneiras bem-educadas.

Apresentou Jack e os três saíram para tomar um café no pátio central. Martin e Kelsey passaram alguns minutos pondo o assunto em dia, e depois Martin perguntou:

— Há quanto tempo vocês dois estão namorando? Ambos soltaram uma risadinha nervosa, e Kelsey disse:

— Ah, a gente não está...

— Não, não estamos... somos amigos—disse Jack.—E trabalhamos juntos.

— Ah! Eu achei que estavam, por causa do jeito como Kelsey falou ao

telefone sobre...

Martin parou no meio da frase, como se alguém lhe tivesse chutado a canela.

— O quanto o Nate gosta do Jack—disse Kelsey com um sorriso amarelo.

Pela expressão do rosto de Martin, parecia que ele estava com outra coisa na ponta da língua.

— Certo. Entendi que você e o Nate são grandes amigos.

— Eu sou o Irmão mais Velho dele.

— Que legal!

— É, tem sido muito legal, sim.

Todos os três começaram a tomar seu café, como que agradecidos pelo silêncio. Depois Martin disse:

— E então, em que lhes posso ser útil?

— Você por acaso andou acompanhando as histórias publicadas pelos jornais sobre uma mulher muito rica chamada Sally Fenning?—perguntou Jack.—Ela morreu baleada no centro da cidade há umas duas semanas.

— Li sobre isso, sim.

— Kelsey e eu representamos um dos herdeiros de seus bens.

— Sei, ela me falou a respeito quando conversamos por telefone.

— Acontece que um dos outros herdeiros estava escrevendo um livro sobre Sally. É uma repórter do Tribune. Seu nome é Deirdre Meadows.

— Conheço a Deirdre.

— E por acaso você não sabe de alguma coisa sobre o livro que ela escreveu?

— Para falar a verdade, sei.

Kelsey sorriu orgulhosa, olhou para Jack e disse:

— Bem que eu te disse.

— Não quero me meter em nada que ela lhe tenha dito em confiança, mas será que pode me falar sobre ele?—perguntou Jack.

— Receio não ter muito para contar. Nunca o li. Ofereci-me para lê-lo, mas Deirdre não quis mostrá-lo.

— E por que não?

— A explicação que me deu foi que seu advogado a aconselhou a não deixar ninguém lê-lo, exceto seu agente literário e os editores para quem o enviou.

— De que ela tem medo? Que alguém lhe roube a ideia?

— Acho que sua verdadeira preocupação era um processo por difamação e calúnia.

Jack ficou duplamente surpreso.

— Mas quem faria isso? Sally?

Martin concordou com um aceno de cabeça e continuou:

— Pelo que entendi, ela começou a escrever o livro com a colaboração de Sally. Depois de uns seis meses, Sally chegou à conclusão de que não gostava do ângulo escolhido por Deirdre. Bom, dizer que ela não estava gostando é dourar a pílula. Ela ameaçou Deirdre com um processo por difamação e calúnia.

— E aí o advogado dela lhe disse para não deixar ninguém ler o livro?— perguntou Kelsey.

Jack deu uma resposta de advogado.

— Provavelmente ela estava querendo se arriscar o menos possível a ser processada. É óbvio que se as únicas pessoas que leram o material supostamente difamatório foram alguns editores em potencial, os danos que Sally poderia sofrer deviam ser insignificantes.

— É a minha visão da história—disse Martin.

— Você sabe o que exatamente Sally afirmava ser difamação ou calúnia?— perguntou Jack.

— Não. A conversa que tivemos foi estranha. Deirdre queria saber se eu achava que um processo por difamação e calúnia ajudaria ou prejudicaria suas chances de ser publicada. Parecia achar que era uma boa, que os editores gostariam da publicidade extra.

— E o que foi que você lhe disse?

— Eu disse que sim, claro, o departamento de propaganda ia gostar. Pó, eu conheço alguns publicitários que fariam uma escritora pôr fogo nos cabelos e sair correndo nua pela livraria se isso ajudasse a vender mais alguns livros. Mas as editoras também têm departamentos jurídicos, e os advogados provavelmente não estariam doidos para enfrentar um processo por difamação e calúnia.

— Você não lhe disse exatamente o que ela queria ouvir.

— Não acho que o que eu disse a tenha tirado do sério. Ela disse que podia provar tudo que escreveu. Parece que teve toda a cooperação do promotor do

caso.

— Mason Rudsky?

— Ela não mencionou o nome dele.

— Só pode ser o Mason. Foi ele o promotor designado para esse caso.

— Ele também é beneficiário do testamento de Sally—disse Kelsey.

— Como Deirdre.

Martin deu de ombros, como se não tivesse certeza da resposta a dar ao último comentário de Kelsey. Seu pager apitou e ele foi ver o que era.

— Vocês me dão um minutinho?—perguntou ele.

— Claro—respondeu Jack.

Martin deixou seu café na mesa, como quem promete voltar logo. Assim que ele saiu, Kelsey olhou para Jack e disse:

— Um processo por difamação e calúnia. Acho que é por isso que Deirdre está na lista de Sally. Estava contando mentiras a seu respeito.

— Seria bem legal saber que mentiras são essas.

— O que você acha?—perguntou Kelsey.

— Nem desconfio. Mas se Deirdre estava espalhando inverdades sobre Sally e o assassino de sua filha, isso explicaria porque Sally a odiava e a pôs na mesma categoria dos outros beneficiários que a fizeram achar que não valia mais a pena continuar vivendo.

— Mas temos de considerar outras possibilidades—disse Kelsey.

— Certo—disse Jack seguindo sua linha de raciocínio.—E se as acusações contidas no original de Deirdre, quaisquer que sejam, forem verdadeiras?

— Talvez Sally tenha ficado com raiva não porque Deirdre estivesse falando mentiras, mas porque descobriu algumas verdades horríveis que Sally preferiria manter em segredo.

— Pode ser—disse Jack.

— Principalmente se ela contou com a total colaboração de Mason Rudsky—disse Kelsey.

Olharam-se nos olhos, ambos pensando.

— Se o livro estiver cheio de mentiras ou pequenas verdades desagradáveis, uma coisa é certa—disse Jack depois de alguns instantes.

— O quê?

Ele se reclinou em sua cadeira com o olhar vagando em direção à vitrine da loja e à parede coberta de livros lá dentro.

— Eu quero saber o que foi que Deirdre Meadows escreveu.

— Eu também.

Aí ele olhou para Kelsey e disse:

— Quase tanto quanto quero saber o que você e Martin conversaram ao telefone.

— O quê?

— Seja o que for que você tenha dito, fez o Martin pensar que estávamos namorando.

Ela corou e baixou os olhos.

— Deixa de ser bobo. Ninguém nunca lhe disse? Atenha-se aos mistérios que pode resolver.

— Nenhum mistério é insolúvel. Só que alguns são mais divertidos do que outros.

Kelsey levou a xícara aos lábios e olhou para ele, sem dizer nada.

— Não concorda?—perguntou Jack.

Nenhuma resposta, porém ela não desviou os olhos.

— Sabe, você não vai poder me ignorar para sempre—disse Jack. Silêncio. Mas Jack sabia que havia um sorriso por trás daquela xícara de café.

— Ah—disse ele com um sorriso.—Agora é isso que está ficando divertido.

VINTE E TRÊS

NA AUDIÊNCIA QUE HOVE NO TRIBUNAL NA MANHÃ DE TERÇA-FEIRA, Jack recebeu um olhar de Mason Rudsky, assistente da procuradoria-geral, que mais parecia um raio laser.

Era claro que Rudsky não estava gostando de estar no banco das testemunhas, principalmente por ser interrogado por um advogado criminalista. Assumir a promotoria pública não era o sonho dourado de Jack, mas ele estava num beco sem saída. Depois que ele e Kelsey saíram da Just Books no começo da noite de sexta-feira, Jack ligou para Deirdre Meadows e lhe fez perguntas sobre o livro. Ela não quis falar sobre ele. Na manhã da segunda-feira seguinte, Jack visitou Rudsky e explicou que Deirdre se vangloriara para o dono da Just Books de que o promotor dera “toda a sua cooperação” Rudsky recusou-se a confirmar ou negar a alegação, e dava o mesmo sorriso falso e a mesma resposta firme toda vez que Jack lhe fazia uma pergunta:

— Sinto muitíssimo, mas a investigação do assassinato da filha de Sally Fenning ainda está em aberto. Não posso discuti-la.

Jack não era de aceitar um “Vá catar coquinho!” como resposta. Se a repórter não queria lhe dizer o que escrevera em seu livro, e se o promotor não podia falar sobre a investigação, então Jack consultaria os arquivos pessoalmente. Entrou com uma ação relativa à Lei Sunshine, que é a versão muito ampla da Lei de Liberdade de Informação da Flórida. A lei foi redigida para se ter certeza de que o governo seria conduzido “à luz do dia” para que os cidadãos comuns tivessem acesso aos arquivos do governo. A lei aplicava-se a questões criminais, exceto no caso de investigações em andamento. Uma coisa que Jack aprendera como promotor foi que os juizes não vêem com bons olhos os promotores que tentam contornar a lei afirmando que arquivos já prescritos estavam “ativos”

Jack deu um passo na direção da testemunha. A velha e cavernosa sala de audiências estava excepcionalmente quieta; o máximo que se ouvia era uma tosse ou o arrastar de pés na galeria. A audiência estava interdita ao público, ao menos até o tribunal concluir se o arquivo devia ou não ser aberto a todos.

— Bom dia, sr. Rudsky.

— Bom dia.

Rudsky era um promotor de carreira que levava o trabalho e a si mesmo muito a sério. Tinha uma cabeça inusitadamente grande e, quando ficava com raiva, seu rosto tornava-se vermelho, como se sua gravata estivesse apertada demais. Já estava cor de beterraba, e Jack não tinha nem sequer começado.

— Sr. Rudsky, o senhor foi o assistente da promotoria pública designado para o caso do assassinato da filha de Sally Fenning há cinco anos, não foi?—Está correto.

— O senhor também foi encarregado do assassinato de Sally Fenning?

— Não. Patrícia Compton está dirigindo essa equipe.—Com um aceno de cabeça, apontou para a advogada sentada do outro lado da sala de audiências. Compton era sua advogada nessa audiência.

— O senhor faz parte da equipe dela?—Não.

— E por que não?

— Protesto—disse Compton.—Senhor juiz, o que a composição de uma equipe de promotoria completamente diferente tem a ver com o fato da investigação do assassinato da filha de Sally Fenning estar em aberto ou já ter sido encerrada?

— Protesto aceito.—disse o juiz.

— Deixe-me perguntar de outra forma—disse Jack.—Sr. Rudsky, o fato de o senhor não ter sido nomeado para investigar o assassinato de Sally Fenning tem algo a ver com o fato de ser um dos beneficiários citados em seu testamento?

— Protesto novamente.

— Esse eu não vou aceitar. A testemunha deve responder—ordenou o juiz.

— Não sei—disse Rudsky.—Não sou eu quem faz as nomeações.

— Além de seu papel como promotor no caso do assassinato da filha de Sally Fenning, Katherine, o senhor teve algum tipo de relação com a senhora Fenning?

— Não.

— Ficou surpreso ao saber que era um dos beneficiários do testamento de Sally Fenning?

— Muito.

— Sabe de algum motivo que a tenha levado a citá-lo como beneficiário, além de seu papel de promotor?

— Eu não arriscaria nem sequer um palpite.

— Sally Fenning estava satisfeita com sua forma de conduzir o processo?

Compton estava em pé novamente.

— Protesto. Isso está muito longe da questão em pauta.

— Protesto aceito. Eu lhe dei uma certa liberdade, sr. Swytek, mas, por favor, nada de exorbitar.

— Sim, senhor juiz. Deixe-me colocar a questão em termos mais concretos. Sr. Rudsky, ninguém nunca foi preso pelo assassinato da filha de Sally Fenning, correto?

— Correto.

— Ninguém nunca sequer foi indiciado.

— Verdade.

— O senhor nunca nem sequer pediu a um tribunal do júri encarregado de analisar e determinar se há ou não necessidade de um julgamento posterior que se pronunciasse.

— Nunca pedi, não.

— O senhor nunca sequer fez um sorteio de jurados para um tipo de júri como esse, fez?

Ele mudou de posição no banco.

— O senhor está entrando na questão do sigilo que envolve um júri desse tipo.

— Responda a pergunta—disse o juiz.

— Pode repetir a pergunta, por favor?

— Claro—disse Jack.—O senhor nunca fez o sorteio de jurados para um júri encarregado de analisar e determinar a necessidade de um julgamento posterior.

— Está se referindo ao assassinato de Katherine Fenning?

— Não, na verdade eu estava falando do assassinato de Lincoln.

— Protesto!

O juiz deixou escapar um sorriso discreto.

— Aceito, mas o sr. Swytek fez uma pergunta. Por favor, responda.

— Não. Não fiz o sorteio dos jurados.

— E por que não?

Compton levantou-se de um salto, resmungando:

— Juiz, essa linha de interrogatório não leva à única questão relevante desta

audiência, que é muito simples; se a investigação do assassinato de Katherine Fenning está em aberto ou não. Essa é uma tentativa evidente de desrespeitar o sigilo e o santuário do processo de um júri encarregado de analisar e determinar a necessidade de um julgamento posterior.

O juiz olhou para Jack e disse:

— Poderia fechar o leque de sua pergunta, sr. Swytek?

Jack deu mais um passo em direção à testemunha e perguntou:

— É justo dizer que o senhor não pediu o sorteio de um júri especial por não dispor de evidência suficiente para tal?

— Suponho que seja uma das razões.

— Vamos falar sobre seu empenho em conseguir as evidências, pode ser? Quantas ordens para comparecer em juízo e prestar depoimento ou apresentar provas foram dadas nos últimos três anos?

— Nenhuma.

— Quantas audiências foram feitas nos últimos três anos?

— Nenhuma.

— Quantas testemunhas foram interrogadas nos últimos três anos?

— Nenhuma.

— Há algum suspeito que o senhor esteja investigando atualmente?

— Agora não.

— Não nos últimos três anos, está certo, senhor?

— Está correto.

— Quando um júri especial será convocado?

— Não sei.

— E, apesar disso, o senhor afirma que este é um processo em andamento e não tenho o direito de examinar os arquivos.

— O caso ainda está em aberto.

— Tão em aberto quanto sempre esteve?

— Sim, tão em aberto quanto sempre esteve.

— Não é de se admirar que nunca tenha pego o assassino.

— Protesto!

— Retiro o que disse. Sr. Rudsky; o senhor conhece uma mulher chamada Deirdre Meadows?

Ele hesitou, como se só aquele nome já o deixasse nervoso.

— Sim. Ela é repórter do Miami Tribune.

— O senhor já teve alguma discussão com Deirdre Meadows sobre o assassinato da filha de Sally Fenning?

— Sim. Tive discussões genéricas com muitos repórteres sobre esse caso.

— Que o senhor saiba, quantos desses repórteres escreveram um livro sobre o assassinato da filha de Sally Fenning?

Ele se contorceu de puro nervosismo.

— Só um.

— Deirdre Meadows, correto?

— Correto.

— O senhor deu-lhe algum tipo de ajuda na redação desse livro?

— Depende do que o senhor quer dizer com ajuda.

— Deirdre Meadows afirma que teve toda a sua cooperação. O senhor chamaria isso de ajuda?

— Protesto!

— Com base em quê?—perguntou o juiz.

Compton ficou em silêncio, procurando ganhar tempo, como se o depoimento de seu cliente fosse novidade para ela.

— Questão de relevância—gaguejou ela.

— Improcedente.

Jack repetiu a pergunta.

— Deirdre Meadows teve toda a sua cooperação, sr. Rudsky?

— Depende do que o senhor quer dizer com toda a minha cooperação.

— Ela o entrevistou?

— Sim.

— O senhor mostrou-lhe algum material da investigação?

Ele fez uma pausa. Jack esperou. A representante do governo esperou. Finalmente Rudsky respondeu.

— Pode ser.

Compton ficou branca. Levantou-se de um salto e perguntou:

— Poderíamos fazer um pequeno recesso, meritíssimo?

— Não agora!—disse o juiz.—Agora que as coisas estão ficando interessantes, eu queria pedir ao sr. Swytek que continuasse.

Jack foi até sua mesa e consultou suas anotações, mas não porque tivesse de fazer isso; era só para deixar a testemunha sofrer um pouquinho naquele silêncio desconfortável.

— Senhor, sabia que Sally Fenning ameaçou entrar com um processo de difamação e calúnia contra Deirdre Meadows se o livro que ela escreveu fosse publicado algum dia?

— Ouvi falar disso, sim.

— Também sabia que um processo de difamação e calúnia não pode ser feito em favor de uma pessoa morta?

— Não entendi sua pergunta.

— É uma pergunta bem simples. O senhor sabe que, depois que uma pessoa morre, qualquer um pode dizer o que bem entender a seu respeito? Não há responsabilidade jurídica para se poder fazer um processo por difamação.

— Sim. Aprendi isso na escola de direito.

— Portanto, a morte de Sally Fenning deixa Deirdre Meadows livre para publicar seu livro sem medo de um processo. Concorde?

— Suponho que isso esteja correto.

— E qualquer um que dê sua cooperação total a Deirdre Meadows na redação de seu livro teria a mesma proteção, não teria?

Os olhos de Rudsky apertaram-se.

— O que está insinuando?

Jack deu mais um passo na direção da testemunha, apertando seu cerco figurado.

— O senhor tem algum tipo de interesse financeiro no livro de Deirdre Meadows?

Compton levantou-se de seu lugar.

— Senhor juiz, por favor.

— É melhor não me pedir um recesso outra vez.

— Não—disse ela.—Mas tenho uma proposta a fazer.

— Temos uma questão pendente—disse Jack.

— Então eu protesto—disse Compton.—Não há fundamento para nenhuma dessas perguntas, e fazê-las é totalmente irrelevante. Antes de perdermos um dia inteiro com essa busca de provas incriminatórias, eu gostaria que o tribunal ao menos considerasse minha sugestão.

— Que sugestão?—perguntou o juiz.

— Num esforço de boa-fé no sentido de facilitar esse processo, o governo concorda em fornecer ao sr. Swytek todo o material e todas as informações que o sr. Rudsky deu a essa repórter, Deirdre Meadows.

— Talvez isso satisfaça as necessidades do sr. Swytek.

— Talvez não—disse Jack.

— Se não satisfizer—continuou Compton—então o sr. Swytek tem perfeitas condições de entrar com outra ação, de acordo com a Lei Sunshine, pedindo a liberação de todos os arquivos relativos à investigação.

— E por que não deixar o sr. Swytek terminar o interrogatório de sua testemunha e ver se não podemos resolver a questão inteira aqui e agora?—perguntou o juiz.

— Porque há uma certa sobreposição entre o assassinato de Sally Fenning, cuja investigação estou dirigindo, e o assassinato de sua filha, cuja investigação esteve a cargo do sr. Rudsky. Concordo que o sr. Swytek tem o direito de ver tudo que o sr. Rudsky mostrou à repórter. Mas ordenar que todo o material seja liberado não vai criar o equilíbrio necessário entre o direito que o público tem de saber e a necessidade de preservar a integridade das investigações criminais.

O juiz olhou para Jack e perguntou:

— Parece-lhe aceitável?

— Eu gostaria muito que o sr. Rudsky respondesse a minha pergunta.

— Sr. Swytek—disse o juiz—eu perguntei se o que acabou de ser dito lhe parecia aceitável.

Jack queria forçar a barra, mas o juiz parecia estar inclinado em seu favor, e ele não queria perder aquela vantagem por exagerar na dose.

— Por enquanto—disse Jack.—Mas, se eu não conseguir tudo o que eu preciso, vou voltar.

— Muito bem—disse o juiz.—O governo tem dois dias para entregar o

material da investigação ao sr. Swytek. E estou avisando: nada de joguinhos. Não vou gostar nada se essa questão voltar para mim.

Com a batida do martelo, a audiência foi encerrada. Rudsky desceu do banco das testemunhas olhando para Jack o tempo todo. Enquanto Jack colocava seus papéis na pasta, Patrícia Compton foi até sua mesa e disse:

— Parabéns.

— Obrigado.

— É uma pena que ninguém nunca tenha sido indiciado pelo assassinato da filha de Sally.

— Você tem toda razão.

— Não pretendo ter o mesmo problema com o assassinato de Sally Fenning. Achei que você podia querer dizer isso a seu cliente.

Jack nem pestanejou.

— Com toda a certeza. Assim que eu puser os olhos nos seus arquivos. Ligue-me quando estiverem à minha disposição—disse ele; depois se virou e foi em direção à porta de saída.

VINTE E QUATRO

ERAM DUAS DA MANHÃ e Deirdre Meadows estava na cena de um crime. Uma van branca ficara estacionada em frente ao supermercado durante quase uma semana. As portas estavam trancadas, mas um segurança detectara o cheiro pútrido de algo como carne estragada e ovos podres. Deirdre ouviu a notícia na rádio policial—ela sempre a mantinha ligada no carro, só para o caso de acontecer alguma coisa inusitada—e chegou poucos minutos depois que a polícia interditou a área com um cordão de isolamento. Um dos policiais presentes confirmou oficiosamente que havia um corpo lá dentro, o que fez o coração de Deirdre disparar. Jogo sujo era a música segundo a qual dançavam os repórteres criminalistas de Miami, e um homicídio era o suficiente para fazer Deirdre bailar la bamba.

— Homem ou mulher?—perguntou Deirdre. Ela estava de pé bem do outro lado da fita amarela da polícia, conversando com um policial de uniforme.

— Ainda não sei—disse ele.

As perguntas que fazia em rápida sucessão mais pareciam uma rajada de metralhadora, coletando fatos, escrevendo a história na cabeça à medida que assimilava as informações.

Era o que ela fazia dia após dia, noite após noite, por um salário surpreendentemente pequeno e um reconhecimento menor ainda. Esperava que isso mudasse logo, com um pouco de sorte no caso de Sally Fenning.

Seu celular tocou. Ela enfiou o bloco de anotações na bolsa e atendeu a chamada.

— Alô, Deirdre—disse o homem do outro lado da linha.

Parecia uma contradição, porém ela reconheceu a voz disfarçada imediatamente. Era o mesmo som distorcido e mecânico do último telefonema.

— O que está fazendo acordado numa hora dessas?—perguntou ela.

— Não é da sua conta.

Ela estendeu a mão para a bolsa, puxou seu gravadorzinho e segurou-o junto ao celular.

— Afasta esse gravador—disse ele um momento antes de ela apertar o botão record.

Ela gelou, sem ter certeza de como ele sabia.

— Estou te vendo—disse ele.

Ela olhou em volta. Duas vans do pessoal de mídia tinham entrado no estacionamento e os caras estavam se preparando para gravar uma fita de vídeo. Três carros de polícia e uma van com o médico-legista estavam parados do outro lado da cena do crime. Fora isso, o grande estacionamento estava vazio, um acre inteiro de asfalto banhado pelo fulgor amarelo das luzes de segurança.

— Onde você está?—perguntou ela.

Ele riu, e seu riso soou como estática através do dispositivo para alterar a voz.

— Estou em todo lugar para onde você vai.

Ela engoliu em seco, tentando se manter firme.

— O que você quer?

— Em primeiro lugar, dar-lhe os parabéns.

— Pelo quê?

— Por ficar quieta na audiência do tribunal. Você não disse nadinha sobre o ataque do cão do lado de fora do armazém. Mostrou que tem juízo. O mesmo juízo que mostrou não contatando a polícia.

— Como sabe que não contatei a polícia?

— Porque é uma cadela ambiciosa.

— O que isso tem a ver com qualquer outra coisa?

— Eu sei que você não iria à polícia contar o que sabe. Você é daquele tipo de pessoa que esperaria ganhar alguma coisa em troca das suas informações, alguma coisa bem suculenta que apareceria no jornal. Mas não vi nada de interessante em uma única linha que você escreveu ultimamente. Por isso, só posso supor que não foi à polícia.

Deirdre ficou em silêncio, um pouco nervosa pelo quanto ele parecia conhecê-la.

— O que quer agora?

— Por que supõe que eu quero alguma coisa? Sou uma pessoa muito generosa, Deirdre.

— E o que está oferecendo?

— Um furo de reportagem. O primeiro dos seis beneficiários de Sally Fenning vai morrer.

Ela sentiu calafrios, mas tentou manter a conversa.

— Quando?

— Daqui a duas semanas.

— Qual deles?

— Isso depende de você.

— Não entendi.

— Vamos fazer um trato: pode ser você, pode ser outra pessoa. Se for você, não será rápido, nem indolor. Você decide. Quer viver e dividir os quarenta e seis milhões de dólares comigo, seu sócio? Ou quer morrer?

— É essa a opção de que você falou da última vez?

— Exatamente. Você pode escolher ficar com a boca fechada e tornar nós dois ricos. Ou pode escolher avisar os outros, me deixar louco da vida e assinar sua sentença de morte.

— E como espera que eu faça uma opção dessas?

— Fácil. Funciona da seguinte forma: você fica quieta por mais algumas semanas; vou considerar seu silêncio uma forma de aceitação. Vou supor que fizemos um trato.

A mão dela estava tremendo enquanto falava ao telefone.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Porque sei que vai tomar a decisão certa.

— Não tenha tanta certeza.

— Não seja idiota, moça. Sua metade de quarenta e seis milhões de dólares pode comprar um montão de terapia. Portanto, lembre-se, duas semanas a contar de hoje, a primeira vítima cai. Se for esperta, não será você.

— Você é doente.

— Você tem razão. Mas também estou certo a respeito de uma coisa: se você está pensando que deve fazer alguma coisa para ajudar os outros, acredite em mim, não vale a pena salvar nenhum deles.

Ela pensou por um momento, perguntando-se o que ele queria dizer com aquilo, mas um momento foi tempo demais. Houve silêncio do outro lado da linha. A ligação terminara.

Deirdre pôs o celular na bolsa e saiu da cena do crime, tendo perdido o interesse por uma história sobre o corpo de mais uma vítima na parte de trás de uma van.

VINTE E CINCO

JACK ESTAVA ANSIOSO por ver que parte do arquivo de cinco anos das investigações do promotor estava pronta para ser liberada. O juiz dera dois dias a Mason Rudsky para ele entregar tudo o que contara a Deirdre Meadows sobre o assassinato da filha de Sally, e o governo esperou até o quinquagésimo novo minuto da quadragésima sétima hora para notificar Jack de que o material estava pronto para inspeção. Jack podia ter interferido nesse ritual, mas esteve ocupado durante dois dias tentando convencer o júri que estava considerando um outro caso de que não se tratava realmente de roubo se o seu cliente pegou quarenta dólares e uns trocados da caixa registradora, mas perdeu a carteira na saída com cinquenta e oito dólares lá dentro. Era uma espécie de versão da teoria econômica de ganho líquido real. Não deu certo, talvez porque o réu tenha deixado a carteira de identidade com foto e seu número da Previdência no local do crime.

Todos os frutos que o governo colheira durante a investigação do assassinato de Katherine Fenning resumiam-se a uma fita de vídeo. Estava num envelope lacrado com uma declaração de Mason Rudsky na qual o promotor jurava que não havia passado nenhuma outra informação a Deirdre Meadows. Jack levou Kelsey. Seria bom ter outro ponto de vista.

— Mas o que é isso?—perguntou Jack.

Um policial estava sentado numa cadeira de dobrar ao lado da porta que levava para a sala de reuniões. Não respondeu.

— Desculpe, seu guarda. Eu perguntei o que há na fita.

— Sinto muito—disse ele.—Tenho ordens estritas do sr. Rudsky de não responder a nenhuma de suas perguntas.

— E então por que está aqui?

— Para ter certeza de que a fita não sairá desta sala.

— Como esta sala não tem janelas, talvez seja um trabalho que o senhor possa fazer do outro lado da porta. Minha colega e eu gostaríamos de ficar à vontade para conversar enquanto assistimos à fita.

O tira considerou a proposta.

— Acho que não tem problema.

Jack agradeceu-lhe e fechou a porta. Kelsey estava examinando a fita.

— “Entrevista de S. Fenning”—leu na etiqueta.—Tem quase cinco anos.

— O ex-marido de Sally me disse que ambos foram entrevistados. A fita deve

ter sido gravada na casa dela.

— E por quê?

— É uma boa fazer valer a lei quando há alguma chance de obter uma bela confissão voluntária que vai pegar bem com o júri.

— E o que Sally teria para confessar?

— Vamos ver a fita e descobrir.—Jack colocou a fita no aparelho de videocassete e ligou a televisão. Uma barra horizontal apareceu na brilhante tela azul, seguida de chuva e estática. Quando desapareceu, Sally Fenning estava na frente deles com um olhar fixo.

Era a imagem mais desfavorável que Jack já vira de Sally. As pálpebras pareciam inchadas, a pele pálida. Uma luz agressiva contra seu rosto não ajudou. Sally não era o tipo de mulher que precisasse de maquiagem para ficar bonita, mas até uma beleza natural como ela tinha seus limites, principalmente num close-up de cabeça e ombros como esse.

— Ela parece muito cansada—disse Kelsey.

— Algo me diz que eles não começaram a gravar no começo da entrevista. Dá a impressão de que foi depois de várias horas de interrogatório.

— Isso aqui foi gravado quanto tempo depois do assassinato da filha dela?

Jack verificou a data na capa da fita.

— Alguns meses, acho.

Na tela, Sally continuava olhando fixamente para a câmera, esperando. Finalmente uma voz se fez ouvir.

— Está pronta para continuar, senhora Fenning?

O foco continuava no rosto de Sally, e a voz do homem viera de algum ponto fora da tela.

— É o Rudsky—disse Jack.

— Estou—disse Sally.

— Gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas sobre esse sujeito que a senhora disse que a estava perseguindo. Em primeiro lugar, poderia descrevê-lo para mim?

— Na verdade, não. Só o vi uma vez, de costas. Uma noite eu olhei pela janela e vi alguém indo embora correndo. Não tive condições de dar uma boa olhada nele.

— Que impressão lhe deu?

— Não tenho muita certeza. Sempre que ele ligava, a voz era distorcida por algum tipo de aparelho mecânico.

— A senhora suspeita de alguém? Algum freguês do bar que a incomodava, que a paquerava lá?

— Uma garçonete de bar é paquerada por caras nojentos o tempo todo. Uma espécie de risco profissional. Na verdade, podia ser qualquer um.

A câmara continuava gravando, mas houve um silêncio. Sally tomou um gole d'água.

— Senhora Fenning,—disse Rudsky—tenho um relatório sobre os resultados do teste do detector de mentiras.

Kelseu desviou os olhos da tela e fez uma pergunta a Jack:

— Ela passou pelo polígrafo?

— Evidentemente—disse Jack.

Na fita, a voz de Rudsky continuou:

— Os resultados são interessantes, para dizer o mínimo. Sua resposta a uma pergunta, em particular, tem sinais óbvios de que estava mentindo.

— Não tenho a menor ideia do que pode ser.

— Vamos explorar essa questão, pode ser? A pergunta era a seguinte: A senhora algum dia foi infiel a seu marido? Sua resposta foi “não”.

— Isso mesmo.

— A senhora estava mentindo, não estava?

Jack olhou para a fita com a maior atenção. Sally parecia estar lutando enquanto piscava duas vezes e dizia: “Posso explicar”.

— Então explique, por favor—disse Rudsky.—Aconteceu antes de nos casarmos.

A risada sarcástica de Rudsky provocou um estalido nos alto-falantes.

— Como a senhora trai seu marido antes de estarem casados?

— Mike e eu namoramos durante dois anos. Alguns meses antes de nosso casamento, tivemos uma briga e rompemos. Eu fiquei arrasada. Apoiei-me num homem que eu achava que era meu amigo, e ele... foi um erro. Tecnicamente, não foi traição, porque Mike e eu não éramos casados. Não estávamos nem namorando naquele momento em particular. Mas, no fundo, eu senti que o havia traído. Por isso é que eu não estava mentindo quando respondi “não” à pergunta feita diante do detector de mentiras. Mas senti

como se estivesse mentindo, de modo que tenho certeza de que foi isso que a máquina registrou.

Houve silêncio de novo, como se Rudsky estivesse tentando deixá-la constrangida. Finalmente veio a pergunta seguinte:

— A senhora espera realmente que eu acredite nisso? -Éa verdade.

— Estou começando a me perguntar se alguma coisa que a senhora disse até agora é verdade.

Os lábios dela se apertaram, como se estivesse partindo para a defensiva.

— O que o senhor está querendo dizer?

— A senhora afirma que era assediada por um desconhecido.

— E era.

— Mas não sabe nos dizer que aparência ele tinha.—Não.

— Não pode nos dizer nada sobre ele, exceto que poderia ser qualquer um.

— Eu gostaria de poder dizer mais coisas.

— E essa história começou quanto tempo antes de sua filha ser assassinada?

— Vários meses.

— Mas a senhora nunca disse à polícia coisa alguma sobre um desconhecido que a assediava até sua filha ser morta.

— Chamar a polícia só o teria irritado.

— A senhora não falou disso sequer a seu marido.

— Achei que ele ia me obrigar a largar meu emprego, e não podíamos nos dar a esse luxo. E eu não queria que ele saísse por aí e fizesse uma besteira, como comprar uma arma. Eu não queria uma arma em minha casa, onde havia uma criança de quatro anos.

— Vamos deixar as mentiras de lado, está bem, senhora Fenning?

Jack aproximou-se mais da tela, sentindo que o promotor estava preparando o xeque-mate. Sally estava ficando emotiva, e era óbvio que a pressão do tom acusatório de Rudsky estava se fazendo sentir.

— Não estou mentindo—disse ela com a voz trêmula.

— O verdadeiro motivo pelo qual a senhora não falou com seu marido a respeito do sujeito que a perseguia é porque tinha medo de que ele achasse que o estava traindo de novo.

— Isso é loucura.

— A senhora o estava traindo de novo, não estava? É por isso que não disse à polícia que estava sendo perseguida por alguém.

— O senhor está redondamente enganado.

— É por isso que a senhora não contou a seu marido que estava sendo perseguida.

— Não é verdade.

— O que aconteceu, Sally? Não queria deixar seu marido, e seu namorado pirou?

— Não.

— Pirou tanto que começou a persegui-la?

— Não! Não!

Sally estava praticamente chorando. Ninguém lhe ofereceu um lenço. Ela limpou os olhos com a manga da blusa.

— Vamos jogar limpo, Sally. A verdade já veio à tona com seu polígrafo. Havia indícios de que estava mentindo numa outra resposta.

— Qual?

— Você respondeu não à seguinte pergunta: sabe quem matou sua filha? Ela ficou de boca aberta.

— O senhor acha que estou mentindo a respeito disso?

— Está aqui, no relatório do detector de mentiras. Sua resposta mostra indícios de que estava mentindo.

— Então a máquina está enganada—disse ela.

— Ou então você está mentindo—disse Rudsky.

Sally parecia chocada, como se mal conseguisse falar.

— Está insinuando que estou acobertando o homem que matou minha própria filha?

— Vou lhe dizer exatamente o que estou falando.

Jack viu a mão de Rudsky estender-se repentinamente para a câmera. Assim que o botão foi apertado, a tela ficou negra.

— Não há mais nada?—perguntou Kelsey.

— Aperte aí ofastforward para a gente ver.

Ela apertou o botão do aparelho, mas a fita não tinha mais nada.

— Parece que é o fim—disse Kelsey.—Estou falando em sentido figurado. Mas estou realmente começando a ter uma ideia do que se passou.

— Eu também—disse Jack com uma voz oca.—E não é nada bonito.

VINTE E SEIS

KELSEY TINHA UMA AULA DE TARDE, por isso Jack a levou para a Escola de Direito da Universidade de Miami. Ficaram em silêncio durante a maior parte do trajeto, ouvindo o rádio. Segundo o Noticiário Em Cima da Hora, um homem suspeito de ser terrorista foi detido no Porto de Miami e seria deportado.

— Aiiiii—disse Kelsey com uma ponta de sarcasmo na voz.—Deportação. Agora eles estão ficando bem rigorosos.

— É—disse Jack em tom de zombaria.—Você fica achando que eles pegaram um cachorrinho fazendo xixi no tapete. “Seu terrorista mau! Mau, mau, mau, mau, mau. Agora volte a seu campo de treinamento e só volte quando souber entrar neste país sem ninguém perceber, como se deve.

Ela deu uma risadinha nervosa, era a sintomática da época; e depois continuaram em silêncio enquanto passavam por todos aqueles estudantes, por todos aqueles campos onde os universitários sem camisa e queimados de sol estavam jogando futebol. Era como se ambos precisassem de um tempo para assimilar a fita de vídeo. Só quando Jack entrou no estacionamento que ficava em frente à biblioteca da Escola de Direito é que pareceram estar prontos para conversar sobre o que realmente estava lhes passando pela cabeça.

—Jack, o que você acha que aconteceu quando Rudsky desligou a câmera?

— Tenho certeza de que a ameaçou. Obstrução da justiça, autoria intelectual do crime e qualquer outra coisa que lhe tenha ocorrido no momento.

— Certo. Ele ameaçou jogá-la na cadeia a não ser que... a não ser o quê?

— A não ser que ela lhe dissesse quem matou sua filha.

— Na minha opinião, é aí que a porca torce o rabo. Talvez seja porque sou mãe, mas é difícil para mim aceitar que Sally teria se recusado a identificar o homem que matou sua filha, por mais tórrido que tenha sido o caso amoroso. Supondo que tenha havido realmente um caso amoroso.

— E Susan Smith?

— Quem?

— Aquela mulher casada da Carolina do Sul que trancou os dois filhos no carro e mandou-os para o fundo de um lago para deixar de ter filhos e ficar mais atraente para o amante.

— Você acredita honestamente que Sally Fenning chegaria a um extremo desses?

— Se formos acreditar em Tatum Knight, ela era extrema o bastante para contratar alguém para matá-la.

— Isso foi cinco anos depois que a filha foi brutalmente assassinada. Você está falando de uma época completamente diferente de sua vida. Antes de uma tragédia como essa, ela provavelmente era uma mulher muito diferente.

Jack lançou um rápido olhar pela janela, pensando.

— Isso é verdade. Mas há outros motivos pelos quais Sally teria se recusado a identificar o assassino, outros motivos que não uma concepção doentia de amor.

— Tipo?

— Ela pode ter tido medo de identificá-lo. Como você disse, ele já a tinha esfaqueado e assassinado sua filha. Talvez ela tivesse medo de ele voltar para terminar o serviço.

— Era para esse ponto que Rudsky estava se dirigindo na fita?—perguntou Kelsey.

— Não ficou claro. Talvez nem o Rudsky tivesse certeza se ela estava acobertando deliberadamente o amante ou se recusou a identificar o assassino por medo. Seja como for, ele estava claramente convencido, pelos resultados dos testes do polígrafo, de duas coisas: a primeira era que Sally estava tendo um caso extraconjugal; a segunda, que ela conhecia a identidade do assassino da filha.

Kelsey sacudiu a cabeça e disse:

— Se ela estava de fato acobertando o amante, era mesmo uma pessoa desprezível.

— Todos concordariam quanto a isso. Mas, se Rudsky estivesse completamente enganado, se ela não estava acobertando ninguém, e se nem estava tendo caso nenhum, então Sally foi difamada de uma maneira que mãe alguma devia ser.

— E se Deirdre Meadows pretendia repetir essas mesmas acusações em seu livro, seria tão culpada quanto o promotor.

— O que pode explicar porque ambos acabaram na lista de beneficiários de Sally. Sua lista de inimigos mortais.

O silêncio caiu entre eles. Kelsey consultou o relógio, calculando de quanto tempo ainda dispunha antes da aula começar.

— E onde isso nos leva?—perguntou ela.

— Tudo volta à mesma pergunta. Eles eram seus inimigos porque suas acusações maldosas eram falsas? Ou porque revelavam a terrível verdade?

— Como você acha que vamos conseguir uma resposta para essa pergunta?

— Do único jeito que conheço. Continuar escarafunchando. Kelsey acenou para três mulheres que passaram pelo carro. Colegas de classe, deduziu Jack.

— É melhor ir andando—disse ela.—Me liga se houver algo mais que eu possa fazer.

— Ligo. Na verdade, provavelmente vou ver você amanhã à noite.

— Amanhã à noite?

— É, quando eu passar para pegar o Nate. Prometi levá-lo para comer uma pizza no Big Cheese na sexta.

Ela deu um tapa na cabeça como quem diz: “Ai, que idiota!

— Desculpe. Eu me esqueci de lhe dizer. Minha mãe o convidou para ir lá para o condomínio; vai haver uma espécie de maratona de jogo de marelas ou algo assim para os netos.

— Cara, isso aí vai lhe custar caro.

— É, vai sim. Ele vai ficar impossível.—Ela deu uma risadinha, depois desviou os olhos e disse:—Acho que isso significa que você estará livre amanhã à noite, né?

— Evidentemente.

— Nesse caso...

— Nesse caso o quê?

Um sorriso travesso lhe passou rapidamente pelos lábios.

— Por que não saímos para jantar?

— Sem o Nate?

— É, só nós dois.

A boca de Jack abriu-se, mas as palavras demoraram alguns segundos para sair.

— Algo errado?—perguntou Kelsey.—De repente você ficou com uma cara... parece que eu lhe propus ser o provador oficial da comida de Saddam Hussein.

— Simplesmente isso leva você e eu para um outro nível.

— É isso aí.

— E provavelmente seria uma bela pedida, em outras circunstâncias. Mas eu achava que a gente tinha uma espécie de acordo implícito de que essa é uma coisa que a gente nunca iria fazer. Por causa do Nate.

— Eu achava a mesma coisa, até você começar a me provocar no just Books. Você parecia tão encantado com o fato de eu ter dado a Martin, de algum jeito, a impressão de que estávamos namorando... Aquilo me fez pensar que talvez não fosse uma ideia tão louca assim.

Jack respirou fundo. Lembrava-se da conversa, e tinha-se arrependido dela. Na hora havia parecido bem inocente; um cara divorciado com a auto-estima em baixa, brincando de paquerar uma mulher jovem e bela. Não tinha esperado que aquilo desse em alguma coisa, mas em retrospecto ele entendeu onde ela o interpretou mal.

— Kelsey, olha, desculpa.

— Agora você é quem vai me escutar, está bem? Com a maioria dos caras com que eu saio, ser mãe solteira é uma barra. Primeiro, temos de chegar a gostar um do outro, e depois ter a esperança de que ele goste do meu filho. Você é o oposto. Olha aí um cara legal que adora o meu filho. E não devo namorar você porque... por que mesmo?

— Porque, se não der certo...

— Estou cansada de levar a minha vida dessa forma, Jack, com medo das coisas não darem certo. E se derem?

Jack refletiu, dando-se ao luxo de pensar que não estava condenado a ficar carregando as cicatrizes da batalha de seu divórcio para sempre.

— Não posso negar que já andei pensando nisso. Teoricamente.

— Vamos sair juntos uma noite. Não temos nem de contar ao Nate. Se não parecer a coisa certa a fazer, a gente promete dar uma de gente grande e volta para onde estávamos. Feito?

Ele procurou sorrir, só o bastante para lhe dar a deixa. Ela apertou a mão dele e sacudiu-a pelos dois.

— Onde você quer ir?—perguntou ele.

— Você decide. Gosto de surpresas.

— Táí uma coisa que você faz bem.

— É, eu sei. Mas não é só isso que eu faço bem.

— Não, quero dizer que esse negócio de surpresa dá certo comigo. Não estou tentando fazer um joguinho de poder lembrando que você trabalha para...

Ela pôs a mão nos lábios dele, obrigando-o a calar a boca.

— Eu sei o que você quis dizer. Agora para de ser chato antes que eu mude de ideia e deixe você passar mais uma noite de sexta-feira com seu amigo Theo.

Ela sorriu e saiu do carro. Jack tentou não gostar tanto assim da visão que estava tendo de Kelsey indo para a sala de aula. Taí uma coisa que faz bem pra mim.

Miguel Rios estava tentando enfiar a chave da porta da frente de sua casa. Tinha tomado margaritas demais durante o jantar, mas já era tarde quando percebeu o quanto eram fortes. A namorada oferecera-se para levá-lo para casa e passar a noite com ele, mas ele não quis. Ela partira para cima dele com tudo desde que lhe contara que estava numa parada para ganhar uma herança de quarenta e seis milhões de dólares—e o fato do dinheiro vir de sua ex-mulher não pareceu tê-la incomodado nem um pouco.

Na quarta tentativa, encontrou a fechadura, virou a chave e abriu a porta com um empurrão. A caixa do correio ficava bem embaixo da luz da varanda e estava cheia de correspondência de pelo menos dois dias. Ele pegou aquilo tudo e entrou. Suas pernas estavam cansadas de pedalar o dia inteiro, uma das desvantagens de ser um tira ciclista. Deixou-se cair no sofá, colocou as pernas para cima, ligou a televisão com o controle remoto e folheou a correspondência. Pôs o lixo de lado e abriu uma carta sem remetente.

Dentro havia uma nota datilografada numa única folha de papel. Não estava endereçada a ninguém em particular, era apenas um cumprimento genérico, “A meus colegas beneficiários. A mensagem dizia o seguinte:

Isso não é uma ameaça. Só estou dando uma informação a vocês. Todos os beneficiários do testamento de Sally Fenning estão correndo grande perigo. Quero dizer todos nós, inclusive eu. Eu gostaria de poder dizer mais coisas, mas isso é tudo que posso falar. Se você resolver continuar no jogo, tenha cuidado. Tenha o maior cuidado.

Por favor, leve isso a sério.

A carta não estava assinada, mas havia um nome datilografado embaixo. Miguel o leu, depois pegou o telefone e ligou para seu advogado.

A secretária eletrônica de Parker Aimes atendeu, com instruções cordiais para a pessoa falar claramente depois do sinal.

— Aqui é Miguel Rios, ligando para falar do testamento de Sally Fenning. Eu queria que você fosse informado sobre uma carta que recebi pelo correio. É de Alan Sirap.

O sexto beneficiário.

VINTE E SETE

ESTAVA NA HORA DE SABER MAIS A RESPEITO DE ALAN SIRAP.

Jack recebera um telefonema de Tatum na quinta-feira à noite e, no meio da manhã de sexta, Jack já havia confirmado que todos os outros cinco beneficiários haviam recebido a mesma carta. Mesmo assim, ninguém parecia saber quem era o sr. Sirap, ou pelo menos ninguém estava disposto a contar o que sabia. Jack marcou um almoço com Vivien Grasso. Como a advogada que redigira o testamento de Sally e como inventariante de seu espólio, Vivien ficou com a responsabilidade de localizar todos os herdeiros. À luz da última carta, Jack queria saber a quantas andava a busca do paradeiro de Alan Sirap.

— Que carta estranha!—disse Vivien. Jack mostrara-lhe a cópia de Tatum, que ela leu rapidamente.

Jack ergueu os olhos do cardápio, que só estava fingindo ler. Old Lisbon era seu restaurante português favorito em Miami e, para o almoço, ele sempre pedia a especialidade da casa, lula grelhada com batatas fritas. Não era para qualquer um, mas era claramente para alguém que estava cansado da lula típica servida às sextas em tudo quanto era lugar—empanada, nadando em gordura e com tanto molho escabeche que faz um disco de borracha de hóquei parecer uma iguaria.

— “Estranha” é uma palavra que pode ser usada neste caso—disse Jack.
— “Assustadora” também me veio à mente.

Ela sorriu amarelo e devolveu-lhe a carta.

— Ora essa, Jack. Algo me diz que seu cliente não se assusta facilmente.

— Também tenho essa impressão de sua cliente.

— Sally teve uma vida difícil. Mas sim, ela era bem durona também.

— Você a conhecia bem?

— Você conhece bem algum cliente seu?

— Alguns mais que outros.

Vivien espremeu uma fatia de limão em seu chá gelado.

— Lido com clientes muito ricos. A maioria deles protege ferozmente a sua privacidade. Sally não era diferente.

— Então, está me dizendo que...

— Eu a conhecia o suficiente para redigir seu testamento. É isso que estou dizendo.

Um garçom trouxe pão fresco e um prato de azeite de oliva. Jack arrancou um pedaço do pão, mas continuou falando.

— Vivien, você conhece meu pai há anos. Me conhece há quase tanto tempo quanto a ele. Portanto, sabe que estou falando sério quando lhe digo que qualquer coisa que eu disser aqui fica apenas entre eu, você e essa lula grelhada, certo?

— Bom, vamos lá!

Jack sorriu, depois ficou sério.

— Era intenção de Sally Fenning propor um jogo doentio de sobrevivência do mais ganancioso?

Ela batucou na mesa com as unhas, como se estivesse sem saber exatamente o que responder; ou talvez se devia responder.

— Não estou tentando pôr você em palpos de aranha—disse Jack. Mas alguma coisa esquisita está acontecendo.

— Tudo bem. Para ser honesta, a última coisa que eu quero é você, ou pior ainda, seu pai, pensar que eu me permitiria fazer parte de uma campanha sangrenta de vingança.

Portanto, deixe-me explicar da seguinte maneira. Admito que redigi o testamento de Sally de tal forma que tudo fica para o sobrevivente dos seis herdeiros potenciais, e isso certamente não é lá muito católico. Mas nunca imaginei que ameaças e lesões corporais fizessem parte do plano de Sally.

— E então, qual era o plano dela?

— Foi dessa forma que entendi: para Sally, o dinheiro não tinha um lado bom. Quando precisou dele, não teve. Quando teve, não foi feliz.

— Até aí eu acho que podia imaginar.

— No que diz respeito a ela, o dinheiro era uma maldição. Por isso resolveu que, quando morresse, dividiria a maldição com pessoas de quem não gostava. Da forma como estruturamos o testamento, cada um dos herdeiros de Sally poderia passar a vida toda pensando que, a qualquer momento, poderia herdar quarenta e seis milhões de dólares. Mas só um deles veria a cor do dinheiro um dia e, quando lhe pusesse as mãos, ele ou ela provavelmente estaria velho demais para aproveitá-lo. Era uma vingança, mas não era um crime.

— O que foi que ela lhe contou sobre seus inimigos? Quero dizer, seus herdeiros?

— Ela me deu os nomes, endereços, números da Previdência. Mas não me

passou os dados de Alan Sirap. Quanto a ele, só recebi o nome. Sally prometeu que me daria o endereço e o número da Previdência, mas nunca se preocupou em cumprir essa promessa. Francamente, com uma mulher saudável de vinte e nove anos como cliente, eu não a estava pressionando todos os dias para ela me passar esses dados. O testamento era válido sem eles.

— A partir do que está me dizendo, suponho que você não verificou os antecedentes de nenhum dos beneficiários do testamento de Sally.

— Não, não verifiquei.

— Então não tem nenhuma ideia do porquê meu cliente foi citado como beneficiário.

— Para falar a verdade, não. Você tem?

Jack ficou na proverbial saia justa, sem poder lhe dizer que Tatum era um assassino profissional.

— Com base no que fiquei sabendo sobre os outros, só posso supor que Sally o considerava um inimigo.

— Sally nunca explicou em detalhes porque escolheu Tatum Knight, nem qualquer um dos outros.

— E você não achou isso estranho?

— Quando um cliente não quer lhe contar todos os detalhes sórdidos sobre a vida das pessoas que escolheu como herdeiras, francamente, não é da minha conta. Era prerrogativa dela deixar seu dinheiro para quem desejasse, até mesmo para seus inimigos. Mesmo que isso significasse deserdar a irmã.

— Renê, certo?

Jack vinha pensando em entrar em contato com a irmã de Sally desde que seu nome viera à baila na conversa com o guarda-costas de Sally, mas não era fácil para um único profissional, com outros clientes pagantes, sair atrás de toda e qualquer pistazinha que lhe aparecesse pela frente.

— Certo. É a única parente viva de Sally.

Apareceu um ajudante de garçom e encheu novamente os copos de água. Jack esperou que ele se afastasse e perguntou:

— O que sabe sobre ela?

— Sei que, durante algum tempo, Sally trabalhou lado a lado com a irmã numa missão humanitária na África.

— Quando?

— Antes de Sally se casar de novo.

— Elas tiveram algum desentendimento?

— Não que eu saiba. A única impressão que Sally me deu era de que adorava a irmã.

— Mas não lhe deixou nada no testamento.

— Para você ver como são as coisas.

Jack olhou pela janela. Os carros que passavam pela movimentada Coral Way eram apenas um borrão.

— Acho que a vingança pode ser doce—disse ele numa voz distante.

— Mas porque uma mulher sem nenhum outro familiar deserdaria uma irmã a quem amava?

— Isso eu não sei responder—disse Vivien.

— Provavelmente, só existe uma pessoa na face da terra que sabe. Será que Renê ainda está morando na África?

— Sim. Dei-lhe a notícia da morte de Sally.

— Então você tem o endereço exato dela?

— No escritório. Ela está na Costa do Marfim.

Jack pensou durante um segundo.

— Sempre quis ir à África.

— Agora já tem um bom pretexto.

O garçom voltou à mesa deles e perguntou:

— Já querem pedir?

— Estou me perguntando se eu não devia puxar o carro—disse Jack. O garçom lançou-lhe um olhar indignado.

— Não! Desculpe, eu queria dizer... Ah, deixa pra lá.

VINTE E OITO

DE ACORDO COM O ESPÍRITO de China Grill, Smith & Wollensky, Joe Allen's e numerosos outros bons restaurantes de Nova York, o Nobu parecia trabalhar ainda melhor com o bronzado de Miami Beach.

O Nobu foi a escolha de Jack para sua primeira noite a sós com Kelsey, e parecia perfeita: um jantar japonês sem pressa, uma atmosfera cheia de vida e uma multidão típica de South Beach que tornava impossível duas pessoas ficarem sem assunto para conversar. De sua parte, Kelsey também tinha apostado no clássico, usando preto com uma joia de ouro simples, um visual diferente do vestido vermelho chamativo que havia usado em sua viagem de negócios ao Clube Vertigo. Mas Jack a achara mais atraente ainda esta noite, não porque não tivesse notado antes o quanto ela era bonita, mas porque não se sentia mais obrigado a ignorar as pequenas coisas que o fariam sorrir muito tempo depois que a noite tivesse terminado. O jeito como os cabelos lhe acariciavam o pescoço. A leve virada de cabeça sempre que ela sorria.

Jack ainda era seu patrão, e ela sempre seria a mãe de seu “Irmãozinho Menor” Mas hoje era um encontro de verdade, um encontro de namorados, ou pelo menos uma experiência nesse sentido, e ele foi obrigado a tirar o chapéu para a forma pela qual ela estava tentando dar a impressão de que mais nada lhe importava.

— Tenho um segredo para lhe contar—disse ela.

Eram 10h40 da noite e eles estavam de volta ao ponto de partida de três horas antes, diante da porta da frente da casa de Kelsey.

— O que é?—perguntou Jack.

— Tenho uma baby-sitter de quinze anos.

— E por que isso é segredo?

— Ela tem de estar em casa às onze, e foi exatamente por isso que a contratei.

— Como assim?

— Ela era o meu pretexto, caso eu tivesse segundas intenções. Você podia me convidar para tomar um drinque num lugar qualquer, e isso permitiria que eu o olhasse bem nos olhos e dissesse, honestamente, que tinha de estar em casa às onze.

— Ah!

— Não fique tão pra baixo. Agora eu estou achando que devia ter contratado a irmã dela, que é mais velha.

Jack sorriu.

— Que bom que você gostou... Eu também gostei.

— Ainda temos uns minutinhos antes de dar a hora da baby-sitter.

— Ela lançou um rápido olhar para o balanço que havia na varanda e disse:

— Quer se sentar por alguns minutos?

— Lógico.

Jack seguiu-a pela varanda. Era um balanço pequeno, provavelmente construído para ela e Nate. Sentaram-se lado a lado, olhando para o gramado, com as palmeiras e os canteiros de flores iluminados pelo luar. Uma brisa suave agitava as folhas do carvalho, fazendo lembrar o som do mar.

— Nem me lembro mais da última vez em que me sentei num balanço desses —disse Jack, dando um pequeno impulso com os pés.

— Isso aqui é um balanço de varanda, Jack, não um foguete espacial.

— Desculpe.

— Tudo bem.

Kelsey deu um tapinha delicado nas costas da mão dele, e não a retirou. A pele macia da ponta de seus dedos e a palma suave da mão ficaram em cima da dele. Com uma virada lenta do pulso de Jack, seus dedos se entrelaçaram. Era uma daquelas pequenas coisas, mas ele sentiu como se fosse muito mais.

— Que bom!—disse ele.

— É, não é?

O balanço continuou indo e vindo, e eles usufruíram a companhia um do outro em silêncio. Finalmente Jack disse:

— Não quero falar de negócios.

— Então não fale.

— Isso só diz respeito ao trabalho em parte. Na verdade, estou empolgado com a coisa. Estou indo para a África.

— Por quê?

— A irmã de Sally vive lá. Quero conversar com ela. Mas o principal é que eu quero ir. Acho que vai ser legal.

— Onde?

— Cote d'Ivoire. É a Costa do Marfim em francês.

— Eu sei. Falo um pouquinho de francês.

— Maravilha. Talvez possa me ensinar algumas coisas. O francês é a língua oficial de lá.

— Você não fala nada de francês?

— Nem uma palavra. A não ser que você conte os versos de Lady Marmalade. Sabe, aquela velha canção de Patti LaBelle. Voulez-vous croquet avec moi?

Kelsey riu e Jack perguntou:

— Qual é a graça?

— É coucher, e não croquet. Você simplesmente mudou “Você quer ir para a cama comigo?” para “Você quer tricotar comigo?”

Os dois riram. O silêncio que se seguiu não foi desagradável: parecia um reconhecimento implícito de que ambos estavam pensando seriamente em como seria “tricotar” um com o outro. Seus olhos se encontraram e Jack sentiu seus lábios se moverem lentamente na direção dos dela.

Um barulho vindo da casa assustou-os. Viraram-se ao mesmo tempo e só conseguiram ter um vislumbre do rosto de Nate na janela, seguido rapidamente pelo fechamento das persianas verticais.

— Nathan, você não devia estar acordado—disse Kelsey.

Podiam ouvir sua risadinha enquanto ele se afastava correndo. Kelsey sorriu para Jack e disse:

— E então, você quer mesmo namorar uma mãe solteira?

Ele hesitou. Num certo plano, parecia uma boa pedida, mas ele ainda tinha suas reservas.

— Tenho de pensar no Nate.

— Você é muito bom para ele. E eu gosto disso.

— Ele é um menino muito legal.

— Ele é, sim, mas estou falando de você. Já conheci muitos voluntários da Associação de Irmãs e Irmãos mais Velhos. Tenho a impressão de que se dedicam a esse tipo de coisa porque os faz se sentirem bem consigo mesmos, como se estivessem retribuindo e cumprindo seu dever cívico. Mas os melhores simplesmente gostam de criança.

— Provavelmente faço parte do segundo grupo.

— O que me deixa perguntando de onde vem isso.

— Não sei bem. Minha ex-mulher e eu não tivemos filhos, mas não foi porque eu não quisesse.

— Desculpe. Não era minha intenção que a pergunta acabasse sendo tão pessoal assim.

— Tudo bem. Não sou um daqueles caras que ficam pensando que ainda estariam casados se tivessem posto uma criança no meio de um casamento falido.

— Não dá certo. Posso lhe garantir.

— Mas ainda vou querer ter filhos um dia. Ela sorriu e disse:

— Fica se perguntando como seria o mundo com um Jack Júnior dentro dele?

— Na verdade... ah, deixa pra lá.

— Deixa pra lá o quê?

— Bom, essa não é exatamente uma boa troca pelo segredinho que você me contou de contratar uma baby-sitter de quinze anos, mas já existe um Jack Júnior, por assim dizer.

— O quê?

— A mulher que eu namorei antes de me casar com a Cindy teve um filho e deu-o para ser adotado. Ela diz que é meu. Eu nem sabia da existência dele até mais ou menos um ano atrás.

— Ela te contou depois que você e Cindy estavam casados?

— Muito tempo depois.

— Nossa! Que notícia! “Oi, to de volta, como você passou todos esses anos? Deixa eu te contar: tenho um filho seu.”

— Foi uma surpresa daquelas.

— Você tem ideia da idade que o menino tem agora?

— Mais ou menos a idade do Nate.

— Acha que vai conhecê-lo algum dia?

— Duvido. Mas, se acontecer, Nate certamente terá sido um bom treino.

Ela retirou a mão.

— Treino?

Jack viu a expressão do rosto de Kelsey e disse:

— Provavelmente essa não é a palavra certa.

— Não. Na verdade, eu diria que é uma palavra horrorosa.

— Desculpe. O que eu queria dizer é que Nate é um típico garoto travesso que me preparou para enfrentar praticamente qualquer coisa.

— O que se parece muito com treino.

— Kelsey, por favor. Você sabe o que o Nate significa para mim. Ela se levantou do balanço e foi para outra ponta da varanda. Jack

também se levantou e foi até onde ela estava, mas ela não se virou.

— Escuta!—disse ele falando bem perto da nuca de Kelsey. Ela continuou olhando para o gramado, sem responder.

— Nate não é um treino.

— Eu sou?

— O quê?

Ela se virou e ficou de frente para ele.

— A hora certa é uma coisa tão importante numa relação afetiva, você não acha?

— Claro que sim.

— Jack, seja honesto. Quantas mulheres você namorou desde o divórcio?

— Algumas.

— Então sou a primeira mulher de quem você veio atrás?

— Fui atrás?—disse ele com a voz um pouco mais alta do que pretendia.— Para falar a verdade, Kelsey, foi mais uma ideia sua do que minha.

— Bom, desculpa por ter encostado um revólver em sua cabeça.

— Você não encostou.—Ele parou no meio da frase, depois levou uma das mãos à testa, confuso.—O que está acontecendo aqui? Num minuto a gente estava sentado no balanço de mãos dadas e, no minuto seguinte, não estou entendendo mais nada.

A porta da frente abriu-se só o suficiente para a baby-sitter pôr a cabeça para fora e dizer:

— Desculpe, Kelsey, mas se eu não estiver em casa às 11h, meus pais não vão me deixar trabalhar para você de novo.

— Não precisa pedir desculpas. Se o sr. Swytek sair agora, você vai estar em casa a tempo. Está pronto, Jack?

Ele tinha-se oferecido antes para dar uma carona à moça.

— Acho que sim.

A moça passou por eles na ponta dos pés e começou a descer os degraus. Jack olhou para Kelsey e disse:

— Será que a gente podia conversar melhor sobre isso? Por favor.

— Eu te ligo.

— Quando?

— Em breve.

Eles estavam a poucos centímetros de distância, mas nenhum dos dois se mexeu, como se agora parecesse constrangedor que poucos momentos antes eles estivessem prestes a se dar um beijo de boa noite. Kelsey forçou um sorriso e disse apenas:

— Boa noite, Jack.

Ela entrou e Jack esperou que olhasse para trás, que o olhasse nos olhos e telegrafasse algum sinal de encorajamento. O sinal não veio. Jack virou-se quando a porta se fechou, depois alcançou a baby-sitter na entrada de carros, que estava espiando com um ar malicioso por baixo das mechas de cabelo que lhe haviam caído sobre a testa.

— Desculpe ter estragado a despedida, sr. Swytek.

Ele coçou a cabeça com a chave do carro enquanto lançava um rápido olhar para a casa de Kelsey.

— Não se preocupe. A única coisa de que eu tenho certeza é que não foi você quem a estragou.

VINTE E NOVE

— VOU PARA A ÁFRICA COM VOCÊ—DISSE Theo. Jack fizera um desvio depois de deixar a baby-sitter em casa. Theo e sua banda estavam cumprindo seu compromisso de sexta-feira à noite num clube de jazz da avenida Washington. Jack surpreendeu-o em sua pausa da meia-noite sentado na ponta de um longo balcão, embora tivesse praticamente dado um encontrão nele sob aquela luz difusa. Era o ambiente perfeito para os frequentadores pós-meia-noite, dezenas de velas tremeluzentes num grande número de formas e tamanhos num candelabro primoroso atrás do outro. Theo estava pegando uma gota de cera que havia escorrido e endurecido em cima do balcão.

— Você não vai para a África—disse Jack.

— Olha, você é um advogado branco, o que não tem conserto, querendo ir para um país de seis milhões de africanos, cuja média salarial por semana não paga nem o prato de amendoim que acabei de devorar. Você devia estar dando pulos de alegria de ter um cara como eu do seu lado.

— Tudo bem. Depois a gente fala sobre isso.

— Foi o que você disse ontem. Está resolvido. Se você for, eu vou.

— Ele ergueu o copo fazendo um brinde e, depois de vários longos momentos de reflexão, Jack fez o mesmo gesto com sua garrafa de cerveja.

— Só que não vou pagar sua passagem de avião—disse Jack.

— Eu consigo as passagens para nós dois. O amigo de um amigo meu é piloto de uma companhia aérea que viaja duas vezes por mês para executivos do petróleo. Nunca tem mais da metade dos lugares ocupados. Partimos nesta terça. Tudo que você tem de fazer é pagar nossas passagens para Houston.

— De que tipo de avião você está falando?—perguntou Jack com um ceticismo óbvio.

— Jack, por favor. Você acha que eu ia tratá-lo como se você fosse menos que o astro de rock que é?

— Foi o que disseram a Buddy Holly.

O celular de Jack tocou e ele reconheceu o número de Kelsey no identificador de chamadas.

— Volto num instante—disse a Theo, enquanto abria caminho

apressadamente pelo bar lotado em busca de um lugar sossegado perto da escada dos fundos.

— Alô.—Estava com o telefone encostado num ouvido enquanto apertava o outro para diminuir o zumbido dos barulhos da casa noturna que vinha da sala vizinha.

— Desculpe pela minha reação exagerada—disse ela à guisa de resposta.

— Tudo bem. Que bom que você ligou.

— O Nate adora você. Ele nunca teve ninguém como você na vida. O pai dele e eu nos divorcíamos quando ele tinha três anos.

— Como já disse, ele é o máximo.

— É por isso que não tenho muita certeza quanto a nós dois. Jack parou de andar de um lado para o outro.

— Foi o que eu lhe disse no meu carro quando você sugeriu que a gente saísse para jantar.

— Eu sei, e devíamos ter dado ouvidos a seus instintos, não aos meus.

— Por que essa súbita mudança de opinião?

— Quando você e eu estávamos sentados no balanço da varanda, e eu olhei para trás e vi a carinha do Nate na janela, meu coração gelou. Ele estava tão feliz de nos ver juntos... Mas, depois, uma outra imagem me passou rapidamente pela cabeça: eu, daqui a um mês ou dois, tentando explicar a ele porque o Jack não viria mais.

— Mas você mesma disse no começo que estava cansada de levar sua vida se preparando para o pior.

— Às vezes eu fico cansada disso.

— É como o meu amigo Theo sempre diz: há dois tipos de pessoas neste mundo, as que assumem riscos e...

Ele parou. Pessoas que assumem riscos e pessoas que chafurdam na merda. Não parecia haver o menor problema em dizer aquilo depois de algumas cervejas com o Theo, mas lhe pareceu grosseiro dizer aquilo a Kelsey.

— E as que não assumem—disse ele, achando que ficou faltando alguma coisa à sua improvisação.—Seja como for, você sabe do que estou falando.

— Sei. Mas sou a mãe do Nate. Tenho de tomar cuidado com os riscos que assumo.

— Concordo em número, gênero e grau.

— Então você entende?

— Entendo. E não entendo. Acho que o que estou querendo dizer é que não esperava ter curtido tanto essa noite com você.

— É complicado, eu sei.

— Até as coisas irem para o brejo ali na sua varanda, eu estava começando a achar que você tinha tido uma boa ideia. Andei saindo com duas mulheres desde o meu divórcio.

Ambas tinham filhos no segundo grau que, francamente, me deixaram assustadíssimo. Se eu pretendo continuar namorando mães solteiras, por que não namorar aquela que tem o filho mais incrível do mundo?

— Eu sei perfeitamente que tudo tem dois lados, mas...

— Mas agora está achando que era o meu instinto que estava certo. Olha só do que os advogados são capazes—disse ele brincando.—Já convencemos um ao outro a trocar de papel.

— Olha, não vamos resolver isso esta noite. Talvez seja bom você estar indo para a África. Vai nos dar tempo para pensar.

— Certo. Um pouco de tempo é uma boa coisa.

— E então, estamos combinados? A gente só vai dar um tempo, até as coisas voltarem ao normal.

Jack teve a sensação frustrante de que as palavras certas estavam flutuando em algum lugar entre eles, completamente inacessíveis.

— Tudo bem. Voltar ao normal.

— Obrigada. Faça uma boa viagem, tá?

— Vou fazer.

— Boa noite.

— Boa noite.

Ele fechou o telefone e sentou-se num degrau, sozinho. Não estava gostando de voltar ao “normal”.

TRINTA

O MICTÓRIO DO BANHEIRO DOS HOMENS estava quebrado de novo, e dois caras estavam muito ocupados transando no único compartimento fechado com vaso sanitário e, por isso, Theo saiu pela porta dos fundos e entrou na alameda que ficava atrás do clube. Encontrou um lugar escuro bem apropriado entre dois carros estacionados, mas acabou descobrindo que alguém tinha tido a mesma brilhante ideia alguns minutos antes.

— Filho da puta—disse ele saindo dali.

Continuou pela alameda escura, embora de repente estivesse pensando mais em sua conversa com Jack do que na bexiga prestes a arrebentar. Não contara ao amigo toda a história sobre as razões pelas quais estava indo para a África. Claro, seria legal e, com toda certeza, Jack precisaria de um cara como Theo para mantê-lo longe de encrencas. Mas o verdadeiro motivo de Theo era muito mais pessoal. A polícia estava de olho no irmão como um suspeito do assassinato de Sally Fenning, e só Theo sabia do tamanho de sua dívida com Tatum.

A alameda ficava mais escura a cada passo que ele dava, e Theo finalmente parou e olhou em volta. Viu, de ambos os lados, os fundos despojados dos edifícios—bares, farmácias, lavanderias. A meio quarteirão dali, as luzes da rua Dezesseis eram um grande ponto luminoso na escuridão, como a luz no fim daquele túnel proverbial.

As paredes eram blocos de concreto pintados de bege e branco. Toda a porta e toda a janela estavam cobertas por grades de segurança negras. Se apertasse os olhos, Theo quase veria um par de mãos segurando aquelas grades de ferro, mãos sem rostos, mãos que ele associava a vozes ansiosas vindas de dentro das caixas durante os anos que passou no corredor da morte. Eram lembranças que ele gostaria de varrer da memória. Mas, com seu próprio irmão numa enrascada daquelas, e com todas aquelas portas e janelas gradeadas à sua volta, seus pensamentos voltaram para uma noite no corredor da morte em que ele tinha realmente pensado que seria a última sobre a face da terra.

Theo estava sentado num dos lados do vidro da prisão; o irmão Tatum, do outro. Seu irmão parecia surpreendido com sua calvície.

— O que aconteceu com seu cabelo, cara?

— É assim que eles fazem—disse Theo.—O barbeiro da prisão já tinha raspado sua cabeça e os tornozelos para que houvesse uma boa conexão entre sua carne e a voltagem mortal da cadeira elétrica.

— O Swytek está começando a me assustar—disse Tatum.—Que porra é essa que está fazendo ele ir tão longe dessa vez? Ele nunca chegou a esse

ponto antes.

— Ele está fazendo o que pode. Às vezes você simplesmente fica sem merda para jogar na parede.

— Então arranje outro advogado.

— Eles não deixam você arranjar outro advogado na véspera de uma execução.

— Mas você precisa de mais tempo. Eu preciso de mais tempo. Desde o dia em que Theo foi condenado, Tatum jurou que iria atrás de todos os membros dos “Donos do Pedaco, para ameaçá-los, espancá-los, rachá-los ao meio—faria o que tivesse de fazer para descobrir quem havia entrado naquela loja de conveniências e matado aquele caixa. Theo disse:

— Sou muito grato por tudo o que você fez por mim, mas...

— Mas coisa nenhuma. Não começa com essa merda de despedida agora.

— A gente tem de encarar os fatos.

— O fato é que não foi você.

— Você acha que sou o primeiro inocente a ficar no corredor da morte?

— Estar aqui é uma coisa. Eles não podem te executar, porra.

— Podem sim, Tatum. E é exatamente isso o que vão fazer. Tatum consultou o relógio da parede.

— Mas onde se meteu a porra do seu advogado?

— Ele ficou de aparecer daqui a meia hora.

— Ótimo. Quero falar com ele.

— Pra quê?

— Preciso saber se é isso mesmo o que vai acontecer.

— A gente logo vai saber.

— Não diz isso. Porque, se ele estiver sem ideias, eu tenho uma.

— O que é?

Com uma caneta, ele rabiscou no bloco que estava na sua frente. Depois se inclinou em direção ao vidro e virou o bloco para que Theo pudesse vê-lo. Dizia: Nós vamos dizer que fui eu.

Theo olhou o irmão nos olhos.

— Dizer que você o quê?

— Sou um monte de bosta perto de você—disse ele com a voz trêmula.— Você tem um cérebro na cabeça, cara. Você pode ser alguém. Então vamos simplesmente dizer que fui eu que matei o cara. A gente é parecido. Aquela testemunha ocular estava muito abalada. Talvez ela tenha enxergado mal, pode ter nos confundido, tá entendendo?

— Você faria isso por mim?

— Você é meu irmão menor, cara. Você e eu; ai, merda, não me obriguei a dizer. A gente é tudo que a gente tem, tá entendendo?

Theo sentiu um nó na garganta, sentiu vontade de poder passar pelo vidro que os separava.

— Obrigado, mano—disse ele enquanto pressionava o punho contra o vidro. Tatum fez o mesmo do outro lado, era o aperto de mãos da cadeia.

— O que me diz?—perguntou Tatum.

— Você é um espanto. Mas mesmo que eu deixasse você tentar, agora é tarde demais.

— Vá se foder, para de falar que é tarde demais.

— Seja como for, não daria certo.

— Eu vou fazer dar certo—disse ele com o ódio subindo.—Posso fazer aqueles filhos da puta acreditarem.

Uma porta se abriu atrás de Theo e o burburinho dos ruídos do clube rolou pela alameda. Ele se virou e viu um homem entrar no fulgor difuso da luz de um poste ao lado de uma lata de lixo.

— Jack?

— Eu achei que tinha visto você pegar esse caminho. Sua banda está se preparando para a próxima rodada.

Theo foi na direção dele e disse:

— Acho que perdi a noção do tempo.

— O que cê tá fazendo aqui fora?

Ele pôs o braço em volta dos ombros de Jack e levou-o até a porta.

— Só dando uma voltinha pela ladeira da memória, amigo. E você tem de estar lá para saber que lugar cheio de merda ela é.

— Eu estava lá, lembra?

— O que é isso? Eu me lembro de todo mundo que esteve lá. De todo mundo

mesmo.

Voltaram para o clube; as grades retiniram quando a porta se fechou atrás deles.

PARTE TRÊS

TRINTA E UM

A COSTA DO MARFIM é mais ou menos do tamanho da Alemanha ou do Novo México. O problema de Jack era que sair da Alemanha para o Novo México é incrivelmente mais fácil do que sair do aeroporto de Abidjã para as pastagens do norte.

— Eu não ando de pula-poças—disse Jack.

— Você o quê?—perguntou Theo.

— Simplesmente não ando. Tive algumas experiências ruins e simplesmente não viajo mais em pula-poças.

— Você representa um barra-pesada feito o meu irmão e tem medo de voar num bimotor?

— Não. Tenho medo de cair com o bimotor. Não tenho nenhum problema em voar.

E assim começou a parte da viagem por terra, um trajeto de doze horas de ônibus depois de um voo internacional de dezessete horas. O sistema rodoviário da Costa do Marfim é um dos melhores da África Ocidental, o que devia ser suportável quando a viagem de nove horas até Korhogo era o fim da linha. Infelizmente, a irmã de Sally não estava em Korhogo, o que surpreendeu Jack. Antes de partir de Miami, ele conseguira entrar em contato com ela por e-mail e ela confirmara o encontro pela internet num cibercafé da cidade. Um simpático casal de aposentados que administrava a sede da Children First deu a má notícia a Jack.

— Ela foi para Odienné—disse o sr. Roberts.

— Então danou-se.

— Não, Odienné—disse a sra. Roberts.

— Eu sei; eu queria dizer... Quando ela volta?

— Não sei. Houve uma emergência médica, e ela se apresentou como voluntária.

— Como a gente chega a Odienné?

Era um fato inquestionável que qualquer viagem, por mais bem planejada que fosse, por mais experientes que fossem os viajantes, tem o potencial de se tornar um desastre.

Também era inquestionável que, em geral, o problema começava com uma pergunta do tipo: “Como a gente chega a...”

Alugaram um velho Land Rover em Korhogo e se alternavam ao volante, em

direção ao ocidente. As estradas entre as maiores cidades da Costa do Marfim eram asfaltadas, com uma única grande exceção. A estrada de Korhogo para Odienné só era asfaltada até Boundiali, uma cidade cujo nome significa “tambor seco ao sol, mas que podia ter recebido um nome mais a propósito: “tanta poeira que não dá nem para ver a cabra que está a sua frente. Se todas as estradas fossem como os últimos cento e sessenta quilômetros de Boundiali a Odienné, talvez a roda nunca tivesse sido inventada.

Chegaram à periferia de Odienné pouco antes do crepúsculo. Em duas horas, tinham visto só um outro viajante, um menino nu ossudo montado numa vaca marrom e branca.

Num certo plano, parecia que eles estavam no fim do mundo, mas Jack estava entendendo porque os líderes de outra era tinham escolhido esse lugar para a capital de todo o império cabadugu. Para os lados do ocidente, a cordilheira de Dienguélé ondulava até a fronteira com a Guiné. A leste erguia-se o monte Tougoukoli, um pico de oitocentos metros de altura; impressionante, ainda que fosse apenas por estar no meio de pastagens aparentemente infinitas. Jack saiu para o acostamento, dando a si e a Theo um momento para sacudir a poeira e saborear a vista antes de entrar na cidade.

— Minhas costas estão me matando.

— A culpa não é minha—disse Theo.

— Ninguém está culpando ninguém de nada.

— O que só prova que sou um grande cara.

— O quê?

— Da próxima vez a gente vai esperar um avião de Abidjã. Não me importo se tiver de te dar umas coronhadas e amarrá-lo na porra da asa.

Jack refrescou o rosto com um pouco d’água de seu cantil. Theo estava na segunda garrafa gigante de cerveja Bock, que estava estupidamente gelada quando saíram de Korhogo, mas uma tarde de 30 graus a tinha esquentado em pouco tempo.

— Acha que vamos encontrá-la?—perguntou Jack.

— Acho.

— Como é que pode ter tanta certeza?

— Bom, se a gente não tiver, você vai me torrar o saco no trajeto de volta, xingando e resmungando feito uma adolescente, dizendo que essa viagem não adiantou de nada. Portanto, põe uma coisa na cabeça, Jack. A gente não vai embora enquanto não achá-la.

— Que forte!—disse Jack.—Já pensou em seguir carreira no ramo das palestras motivacionais?

Theo acabou com a última gota de cerveja e fez de conta que estava coçando o lado da cabeça só com um dedo, o médio, bem esticado.

Entraram na cidade por volta das seis e meia, depois da população de quarenta e sete mil pessoas, a grande maioria muçulmana, ter terminado a oração do crepúsculo.

Era uma cidade agrícola histórica, mas a mesquita principal foi tudo quanto restou de seus tesouros arquitetônicos. O restante dos bairros antigos haviam sido demolido às pressas como parte de um plano radical de urbanização que substituiu ruas sombreadas e velhas casas tradicionais por prédios modernos absolutamente insossos, mais uma faceta da mania de desenvolvimento que custou à Costa do Marfim uma parte maior de sua floresta tropical do que a qualquer outro país da terra.

— Que cheiro é esse?—perguntou Jack.

— Parece carvão—disse Theo.

Foram até o Hotel Lês Frontières, um dos melhores da cidade, que não era onde Renê Fenning estava. Seus coleguinhas lá da sede da Children First em Korhogo não sabiam onde ela estava hospedada, e só disseram a Jack que ela estava em alguma espelunca perto do Hotel Lês Frontières. Acabaram descobrindo que era o Hotel Touristel, cujo orçamento dependia basicamente de viajantes que estavam indo ou vindo de Mali. O funcionário que estava atrás da mesa não era exatamente fluente em inglês, mas dava para eles se entenderem.

— Teve incêndio no mercado três dias atrás—disse ele.

— O que explica o cheiro—disse Theo.

— A dra. Renê veio aqui ajudar. Vem. Sigam.

Ele levou Jack e Theo para fora, até uma calçada empoeirada que levava aos fundos do prédio, onde uma grande lanchonete tinha sido transformada em hospital. Havia uma meia dúzia de leitos enfileirados junto a uma parede, outras tantas camas de lona perto da outra parede e dúzias de esteiras coloridas espalhadas pelo chão.

A maioria delas estava vazia, como se a situação de emergência já tivesse passado. Jack contou onze pacientes ali, muitos com as mãos ou os braços cobertos de ataduras.

Uma mulher usando uma máscara de cirurgia improvisada, a única branca presente naquele cômodo, aproximou-se deles e disse:

— Você deve ser Jack Swytek.

— Sim. Este é meu amigo Theo.

Ela tirou o pano que estava em volta do rosto e Jack percebeu que não era uma máscara cirúrgica, e sim um véu, apropriado para uma mulher numa comunidade muçulmana, principalmente uma norte-americana loira que estava fazendo de tudo para não desagradar ninguém.

— Sou Renê—disse ela enquanto trocavam um aperto de mãos.

— Amigos, vocês se importariam de sair comigo? Estão um pouco empoeirados, e estamos fazendo de tudo para reduzir o risco de infecção.

Ela os fez sair pela porta dos fundos. A noite caíra e Jack ficou surpreso com o quanto a temperatura baixara em tão pouco tempo.

— Desculpe ter de fazê-los sair às pressas de Korhogo—disse ela.

— Tudo bem. É óbvio que se tratava de uma emergência.

— O pior já passou. Deu um pouco de trabalho, mas finalmente conseguimos mandar os que tiveram ferimentos mais graves para Abidjã.

— Aposto como eles não tiveram medo de voar—disse Theo.

— O quê?

— Esqueça o que ele disse—respondeu Jack, lançando ao amigo um olhar que perguntava, “Não há nada sagrado para você neste mundo?”

— Desculpem a minha aparência—disse Renê.—Faz dois dias que não durmo. Eu sei que vocês fizeram uma longa viagem e gostariam de conversar sobre Sally.

— A gente pode fazer isso de manhã—disse Jack.

— Na hora do almoço seria muito melhor—disse ela com um sorriso cansado.

— Está ótimo para nós.

— Tem um maquis aqui do lado.

— O que um maquis?

— Vocês acabaram de chegar, não é? É uma espécie de café. Vamos nos encontrar lá ao meio-dia.

— Combinado. Até lá, então.

Ela sorriu e entrou. Quando a porta se fechou atrás dela, Jack e Theo olharam um para o outro, como se estivessem tendo o mesmo pensamento.

— Nossa!—disse Theo.

— Fantástica, não é? Ela é igualzinha à irmã.

— Dez minutos embaixo do chuveiro e ela vai matar a pau.

— Minha nossa, todos esses anos eu achei que você era um cara superficial, e cá está você, capaz de passar pela camada externa de uma mulher e vê-la nua e crua, capaz de ver a essência dela escorrendo feito mel.

— Mas de que porra você está falando?

— Eu só to falando que, mesmo sem um chuveiro, ela é bonita pra caralho.

— Foi o que pensei que você havia dito.

— Vamos lá—disse Jack dirigindo-se ao hotel.—Vamos pedir um quarto.

TRINTA E DOIS

— ONDE ESTÁ O SEU AMIGO?—perguntou Renê. Ela e Jack estavam no maquis, o café ao ar livre que ficava ao lado do hotel. Era a epítome do restaurante informal, só alguns bancos e mesas bambas de madeira na areia. Estavam sentados de frente um para o outro no círculo sombreado que havia embaixo de uma paillote coberta de sapé.

Havia cheiro de peixe ensopado no ar, assim como algum tipo de carboidrato cozinhando, um cheiro que despertava o apetite, embora fosse preciso um tempo para se acostumar com as moscas e com o calor opressivo. Jack estava suando só de estar ali sentado, embora Theo estivesse certo a respeito de Renê. Um chuveiro e uma boa noite de sono tinham feito que ela mudasse de patamar.

— Theo ainda está dormindo—disse ele.

— Problemas de fuso horário?

— Acho que é mais por problemas de combustível. Ele e uns belgas que estavam a caminho de Man ficaram até tarde tomando um negócio chamado pitasi.

Passou-lhe rapidamente pelos lábios um sorriso de compreensão, como se ela tivesse estado lá.

— Gin africano. É de matar.

Um garçom trouxe-lhes refrigerantes e recitou o cardápio em francês. Jack deixou Renê escolher para ambos, confiando em que não acabaria com olhos ensopados de impalas.

— Você e Theo fazem uma dupla de amigos muito interessante.

— Já ouvi isso um monte de vezes.

— Faz tempo que se conhecem?

— Faz. Ele foi condenado por assassinato quando era adolescente. Eu levei o caso para o tribunal de apelação, quando ele já estava no corredor da morte. Você fica muito íntimo de uma pessoa depois de contar as horas que faltam para ela morrer cinco ou seis vezes. Principalmente quando a pessoa é inocente.

— E você o tirou de lá?

— Culpados saem de lá. O Theo se ferrou, mas finalmente conseguimos pôr as coisas em seu devido lugar.

Ela tomou um longo gole de refrigerante sem gelo, saboreando-o antes que

ficasse quente demais no calor do meio-dia.

— É a sua especialidade? Trabalhar com penas de morte?

— Não mais. Nos meus primeiros quatro anos fora da escola de direito eu trabalhei num lugar chamado Freedom Institute. Que só trabalha com penas de morte.

— Parece bem lúgubre.

— Não tanto quanto algumas outras coisas. Trabalhei para uma companhia de Wall Street no verão antes de me formar na escola de direito. No último dia, entro no elevador e aperto o quarenta e dois, como todos os dias. Aí um jovem advogado entra atrás de mim, aperta o quarenta e três e finalmente entra uma advogada veterana e; bom, não sei que botão ela apertou. Saí correndo dali, literalmente. De repente não pude suportar a ideia de que a minha vida ia ser assim, dia após dia, entrando naquele mesmo elevador, apertando aquele mesmo botão, indo para aquela mesma caixinha suspensa no ar.

— Entendo perfeitamente.

— É mesmo?

— Olhe à sua volta. Não é exatamente a pedida normal em termos de carreira para alguém que acabou de terminar sua residência em pediatria.

Ela sorriu de orelha a orelha, notou Jack, e ele retribuiu. Nunca pensara nisso antes, mas eles tinham de fato algo em comum, tendo ambos escolhido um ponto de partida pouco convencional para sua carreira. Ele disse:

— Se a sua experiência tem algum ponto em comum com a minha, tenho certeza de que você tem um monte de amigos lá em nosso país ganhando um monte de dinheiro.

— Dinheiro nunca foi o meu sonho dourado na vida.

— Para mim também não, mas...

— Mas o quê?

A expressão dele ficou mais séria.

— E para Sally?

Ela suspirou, como se soubesse para onde aquela conversa acabaria levando.

— Sally era uma pessoa muito complexa.

— Vocês eram próximas?

— Sim, a maior parte do tempo.

— A maior parte do tempo? Ela deu de ombros e disse:
— Éramos irmãs. Tivemos nossas diferenças, superamos nossas diferenças.
— Eu soube que ela passou algum tempo aqui com você.
— É. Eu fiquei um pouco surpresa quando ela veio, mas acho que de uns anos para cá eu não me surpreendo mais com nada.
— Como assim?

— Trabalhar numa instituição de caridade na África não era a coisa que Sally mais gostaria de fazer na vida. Não me entenda mal. Não é para a maioria das pessoas.

Mas, depois que a filha dela foi assassinada, a única coisa que Sally queria era uma forma de se recuperar do trauma. Foi de um extremo a outro, de procurar uma religião e fazer obra de caridade a se casar com um milionário. No fundo, acho que nada disso adiantou.

O garçom trouxe a comida, um prato coberto por um monte de caroços que pareciam grãos de arroz misturados com um pouco de carne. Jack experimentou com cautela, mas era surpreendentemente saboroso.

— Boa pedida—disse ele.—Gostei.

— Gostou mesmo? A maioria das pessoas leva tempo para gostar de macaco-aranha.

—Ahn?

— Estou brincando.

Sorriram um para o outro, e depois Jack ficou sério outra vez.

— Sinto muito o que aconteceu com sua irmã e, por isso mesmo, quero lhe pedir desculpas por algumas das perguntas que tenho de lhe fazer.

— Eu entendo.

— Pode parecer uma pergunta esquisita, mas você tem algum motivo para acreditar que Sally teria se matado?

— Suicídio? Ela levou um tiro no carro quando estava esperando num cruzamento.

— Eu sei disso. Mas o que estou querendo saber é se você acha possível que ela tenha contratado alguém para matá-la.

Renê desviou os olhos, mas mesmo assim Jack conseguiu ver a expressão perturbada de seu rosto.

— Não sei. Eu me preocupei com ela. Ela tinha um monte de problemas, muitos dos quais tenho certeza de que você já conhece. Seus problemas de dinheiro, o sujeito que a perseguia, o assassinato da filha, o casamento falido.

— E o livro que a repórter do Miami Tribune estava escrevendo? Você sabe alguma coisa a respeito?

Ela fez uma pausa e depois disse:

— Sei. Se havia uma coisa que eu acho que poderia ter levado Sally ao suicídio, seria esse livro. Quer dizer, não o livro em si, mas sua premissa.

— Como você via essa questão?

— Sally achava que estava sendo acusada pelo fato do assassino da filha nunca ter sido pego. Conversamos muito sobre isso. Ela estava passando por um mau bocado por conta dessas acusações.

— Alguma vez você conversou com ela sobre o teste do polígrafo pelo qual ela passou? Não estou insinuando nada, mas, pelo que entendi, ele mostrou indícios de que ela estava mentindo quando respondeu não à pergunta: “Você sabe quem matou sua filha?”

— Até você! Alguém que trabalhou com gente condenada à pena de morte! Devia saber que os testes do detector de mentiras não são infalíveis. A meu ver, se aquele teste mostrou indícios de que ela estava mentindo, a máquina estava errada.

— Houve outra coisa sobre a qual o teste disse que ela estava mentindo. Tem a ver com uma pergunta sobre um caso extraconjugal.

— Se está me perguntando se Sally traiu o marido, eu não sei. Ela nunca me falou que tinha um amante. Nunca recebi nenhum telefonema constrangedor de Miguel me perguntando se eu e Sally tínhamos realmente saído para jantar na noite anterior. Sabe como é, o tipo de coisa que você espera de um marido quando sua mulher o está traindo.

— Vamos supor que ela estivesse tendo um caso. Ela era do tipo de pessoa que... como posso dizer?

— Que acobertaria o assassino da própria filha para proteger o amante? De jeito nenhum. Eu sei o que o promotor disse, e sei o que Deirdre Meadows queria escrever naquele livro estúpido. Desculpe a linguagem, mas aquilo é um monte de bosta. Katherine era tudo para Sally. Ela jamais teria acobertado o assassino da própria filha por amor a um homem.

— E por medo?—perguntou Jack.

— O que você está querendo dizer?

— Repito, não estou fazendo nenhuma acusação. Só quero levar em conta todas as possibilidades. É possível que Sally estivesse com medo de identificar o homem que matou sua filha porque tinha medo que ele voltasse para matá-la também?

— Não. De jeito nenhum.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu conheço... porque eu conhecia minha irmã.

— Você sabia que um sujeito a estava perseguindo antes da filha ser assassinada?

— Descobri isso na mesma hora que todos os outros, depois do assassinato.

— Se ela estava sendo perseguida, como você descarta por completo a teoria do promotor de que esse sujeito fosse seu amante e Sally estava com medo de identificá-lo como o homem que matou sua filha?

— Porque sei de outras coisas. Sei que, depois do assassinato, Sally ficou obcecada por descobrir quem era o cara que a perseguia. Ela promoveu uma verdadeira caçada humana.

Jack pôs o garfo em cima da mesa, digerindo o que ela acabara de dizer.

— Eu não sabia disso.

— Pois é verdade. A menos que Sally fosse a maior atriz do mundo, estou convencida de que ela nunca nem sequer encontrou o sujeito que a perseguia, quanto mais se apaixonar por ele.

— Como você sabe que ela promoveu uma caçada para encontrá-lo?

— Como já disse, Sally veio para a África para tentar superar o passado. Era uma alma atormentada pelo fato do assassino de sua filha nunca ter sido pego. Finalmente, mais de dois anos depois do crime, o sujeito que a perseguia entrou em contato com ela por e-mail, quando ela estava aqui na África. Estávamos juntas lá naquele cibercafé, verificando nossos e-mails, quando ela topou com a mensagem dele.

— O que aconteceu?

— Eu vi a lista das minhas mensagens, e Sally viu a lista das dela. De repente, ela ficou completamente branca. Perguntei o que havia de errado, e ela disse: “É uma mensagem do mesmo cara que me perseguia antes?”

— Você a leu?

— Li. Era benigna, pode crer. Dizia apenas: “Oi, como tem passado? Você jamais saberia que era de um sujeito que perseguia mulheres. Mas acho que é

assim que as comunicações de todos eles começam.

— E o que a Sally fez?

— Começou a se corresponder com ele. Chegaram até a bater papo on-line uma ou duas vezes. Ela tinha um plano.

— Que plano?

— Estava tentando marcar um encontro cara a cara com ele.

— Na África?

— Não. Ela estava disposta a pular no primeiro avião e voltar a Miami se ele topasse encontrá-la.

— Não era meio arriscado?

— Acabei dizendo a ela o seguinte: “Escuta, Sally, esse pode ser o cara que matou Katherine e enfiou uma faca embaixo das suas costelas” Finalmente consegui convencê-la a tentar uma abordagem mais segura.

— Qual seria?

— Continuar com as conversas on-line, ver se ele deixaria escapar alguma coisa que pudesse ajudar a polícia a encontrá-lo.

— Deu certo?

— Ela tentou. Semana após semana, fazendo tudo o que podia para levá-lo a dizer alguma coisa sobre o lugar onde vivia, que tipo de carro ele tinha, qualquer coisa.

Mas ele era esperto. Nunca revelou muita coisa a seu respeito. Sempre contornava as coisas e fazia perguntas sobre ela: o que andava fazendo, o que estava usando, se gostaria de um grande você-sabe-o-que no lugar onde-você-sabe.

— E ela conseguiu arrancar alguma coisa dele?

— Certa noite, ela estava totalmente frustrada. Ameaçou nunca mais falar com ele on-line se ele não lhe dissesse seu nome. Ele lhe deu um nome, mas Sally e eu sabíamos

que não era o verdadeiro.

— E que nome era esse?

— Ai, meu Deus, não me lembro. Um nome besta.

— para um pouquinho. Tente se lembrar.

Suas sobrancelhas cerraram-se como se ela tivesse mudado de marcha na sua

cabeça.

— Acho que era... não. É. É isso. Alan Sirap. Jack gelou.

— Alan S-I-R-A-P?

— Sim. Você o conhece?

Era óbvio que ela não tinha a menor ideia de que Sirap era o nome do sexto beneficiário de Sally, o “desconhecido” que não tinham conseguido identificar. Jack recostou-se na cadeira e disse:

— Não, não o conheço. Mas estou começando a achar que gostaria de conhecê-lo.

TRINTA E TRÊS

DEPOIS DO ALMOÇO, Jack deu uma espiada no capô do carro.

Oferecera-se para levar Renê de volta a Korhogo, pois seu trabalho terminara, de modo que ela aceitou na hora. Mas, infelizmente, seu Land Rover estava com o equivalente à tosse seca dos fumantes. Jack estava longe de ser um mecânico, mas aprendera uma coisinha ou duas com seu adorado Mustang velho lá do outro lado do mar, o bastante para saber que devia ao menos verificar os filtros antes de voltar pela mesma estrada poeirenta que os trouxera a Odienné.

Theo estava reclinado no banco do passageiro, os pés em cima do painel, abanando-se com um jornal dobrado.

— Sabe, acho que vai dar certo.

Jack estava inspecionando um dos filtros depois de lhe soprar a poeira.

— Como você sabe? Não levantou uma palha o dia todo.

— Não estou falando do Rover. Estou falando desse chapalo.

— Desse o quê?

Ele levantou a garrafa e disse:

— É uma cerveja de painço que meus amigos da Bélgica me deram. Disseram que ia curar minha ressaca.

— Você acha que tomar mais álcool é a melhor forma de se recuperar de uma bebedeira?

— Não é só o álcool. É a pimenté, o jeito dos marfinenses tomarem ela. Acrescentam pimenta para lhe dar um tchans extra. Tudo que sei é que ela está acabando com a minha ressaca.

— Brilhante—disse Jack.—Da próxima vez que eu comer demais, vou me locupletar com um cheeseburger pimenté.

— Hummm! Parece muito bom.

Jack fechou o capô, foi até o lado do motorista e inclinou-se na janela aberta. Estavam estacionados na alameda ao lado de seu hotel, aproveitando a sombra muito limitada do prédio de dois andares.

— A sua cabeça já parou de martelar há tempo suficiente para você pensar no Alan Sirap?—perguntou Jack.

Theo tomou mais um gole de sua cerveja e fez uma careta, como se estivesse sofrendo de uma breve sobrecarga de pimenta.

— Não faz o menor sentido.

— Você está falando de Sally tê-lo citado como o sexto beneficiário?

— Esse é o cara que esfaqueou Sally e matou sua filha. E Renê diz que a irmã queria voltar a Miami para encontrá-lo? É isso que não faz o menor sentido.

— Bom, Renê conversou com ela a respeito. Ela se tocou do quanto aquilo poderia ser perigoso.

— Ou de que não adiantaria nada.

— Estou pensando que talvez a razão pela qual Sally não tinha medo de encontrá-lo é que estava convencida de que ele não era o homem que matara sua filha.

— Então você está dizendo que ela estava tentando provar que não tinha sido ele?

— Ahn?

— A única razão para ela querer encontrar o sujeito que a perseguia era excluí-lo como um possível suspeito do assassinato de sua filha.

— É possível, não é?—perguntou Theo.

— É. Mas também é possível que ela soubesse o quanto ele era perigoso, mas não estava com medo de morrer. Exatamente como não estava com medo de morrer dois anos depois, quando tentou contratar seu irmão para lhe dar um tiro.

Theo semicerrou os olhos. O sol tinha-se movido o suficiente para criar um clarão irritante no topo do para-brisa.

— Seja como for, acho que ela odiava esse sr. Sirap tanto quanto os outros herdeiros.

— Evidentemente—disse Jack.—Foi esse sujeito que levou o promotor público a acusar Sally de estar tentando acobertar o homem que matou sua filha.

— Certo. Isso significa que cinco dos seis herdeiros estão ligados à vida pregressa de Sally. O que deixa uma boa pergunta a respeito de seu irmão: qual é a relação de Tatum com ela?

Jack desviou os olhos, mas depois os fixou novamente no amigo.

— Talvez ele seja o cara que possibilitou todo o plano dela. Ela o recompensou por matá-la.

— Não, não, não bate. Ela não deixou seu dinheiro para recompensar

ninguém. Estava querendo castigar essas pessoas. A única razão para ela punir Tatum não é que ele tenha possibilitado a realização de seu plano ao matá-la, mas porque ele quase impossibilitou a realização desse plano. Ele se recusou a matá-la.

— Pense bem. Não é um castigo ainda maior para os outros cinco se ela faz de Tatum o sexto beneficiário?

— Ela não precisaria de Tatum para isso. Já tinha Alan Sirap, ou seja lá qual for seu verdadeiro nome. Por que ela haveria de precisar de dois?

Jack esperou que o amigo terminasse a frase e, então, se deu conta de porque ele parou.

— Dois assassinos? É isso que você ia dizer?

Theo esvaziou a garrafa de cerveja e depois a jogou pela janela aberta. Ela se despedaçou ao bater na parede de tijolos.

— É você quem está dizendo isso, não eu—disse ele com raiva.

— Theo, tenha a santa paciência...

— Tenha a santa paciência uma pinoia. Eu não fiz essa viagem toda para provar que meu irmão é culpado. Seria bem legal se você ao menos fingisse por dez minutos que acha ele inocente.

— Eu não...

Theo levantou-se e foi para o hotel. Jack o seguiu, mas Theo passou direto pelo vestíbulo e entrou no restaurante, provavelmente para pegar outra garrafa de chapalo.

Renê estava na mesa da recepção fechando a conta.

— O que ele tem?—perguntou ela.

— É um caso grave de irritação pimenté.—Jack pegou a mala da moça e disse:—Vamos pôr as malas no carro.

Saiu na frente e pôs a mala de Renê no banco de trás. Ela se sentou no banco do passageiro e Jack atrás do volante. Mesmo com as janelas abertas, não havia brisa para amenizar o sol do meio-dia. O simples ato de carregar a mala de Renê até o automóvel fez Jack suar.

Renê estava examinando seu reflexo no espelho retrovisor, levantando os cabelos para a viagem longa e tórrida que tinham pela frente. Jack desviou os olhos quando ela o surpreendeu, embora não pareça ter se importado com a atenção.

Com um grampo na boca, ela perguntou:

— Quando você vai me fazer a pergunta?

— Que pergunta?

— Aquela que deve estar na sua cabeça: por que Sally não deixou um único centavo de seus quarenta e seis milhões de dólares para sua querida irmã Renê?

Jack tirou seu chapéu empoeirado de estilo australiano e limpou o suor da nuca com um lenço estampado.

— Essa aí está mesmo bem perto do topo da minha lista.

— E o que está esperando?

— Honestamente, meu plano era deixar passar um dia ou dois para conhecer você um pouquinho, a fim de saber se está mentindo ou não. Aí, então, eu ia perguntar.

Ela desviou os olhos e disse:

— Você acha que vai chegar a me conhecer tão bem assim?

— Não, não foi bem isso que eu disse, eu próprio sou um estudo bem rápido, é isso que estou querendo dizer.

Ela parecia estar se divertindo com o constrangimento dele. Pegou na mão de Jack e disse:

— Ponha o dedo bem aqui, por favor.

Jack apertou o dedo na direção do centro de uma longa trança que lhe saía da nuca. Renê amarrou tudo com um cordão colorido, do tipo que ele vira mulheres africanas vendendo nas ruas de Korhogo. Em segundos, ela transformou completamente seu visual e, por algum motivo, Jack não se surpreendeu com o fato dela ser igualmente deslumbrante com todo aquele cabelo entuchado no chapéu.

Ela olhou para Jack e perguntou:

— Devo lhe falar agora?

— Falar o quê?

— Sobre mim e Sally. E seu testamento.

— Pode ser agora, sim.

— Tem certeza? Posso esperar, se você achar que vai julgar melhor se estou falando a verdade ou não depois de sacolejarmos juntos durante todo o caminho de volta a Korhogo.

Era óbvio que ela estava zombando do “plano” dele.

— Vou assumir o risco. Vá em frente—disse ele.

Ela respirou fundo, adotando uma expressão mais séria.

— A verdade é que Sally e eu tivemos uma pequena desavença.

— Pequena?

— Bom, na verdade, não foi tão pequena assim. Mal estávamos nos falando quando ela foi embora da África.

— O que aconteceu?

— Tudo correu muito bem enquanto ela estava aqui. Todo mundo da Children First a adorava. Duas irmãs trabalhando lado a lado por uma boa causa, lutando contra o uso de crianças como mão-de-obra escrava nas plantações de cacau. Eu fiquei muito triste quando ela resolveu ir embora, e pensei que tinha entendido. Até uns dois meses depois. Foi aí que fiquei sabendo que Sally ia se casar.

— Com o tal milionário.

— Não com um milionário qualquer. Na verdade, o megamilionário de Sally tem uma plantação de cacau que explora crianças escravas.

— Eu não tinha a menor ideia—disse ele sacudindo a cabeça. Nossa! Você deve ter se sentido completamente traída.

— Virei bicho.

— E ainda está com raiva?

— Em retrospecto, dei-me conta de que Sally estava completamente pirada com o assassinato da filha. Como já disse, ela tentou de tudo, desde trabalhar para uma instituição

de caridade até se casar por dinheiro. Nada a deixou feliz.

— Exceto uma coisa, talvez—disse Jack.

— O quê?

— A julgar pelo testamento, eu apostaria na vingança.

Seus olhos se encontraram e não se afastaram. Finalmente ela disse:

— Você é a primeira pessoa com quem converso sobre isso. Acho que nem a advogada responsável pelo espólio de Sally sabe de tudo.

— Obrigado por me dizer. Eu tinha esperanças de que, se fizesse essa viagem, chegaria à verdade.

— Talvez esteja na hora de eu também saber a verdade. Toda a verdade.

— Como assim?

— Estava pensando no que você me disse ontem, que se perguntou se Sally havia chegado ao fundo do poço, a ponto de contratar alguém para lhe dar um tiro. Além de mim, só consigo pensar em mais uma pessoa que a teria conhecido o suficiente para responder essa pergunta.

— Estou ouvindo.

Um clarão passou-lhe pelos olhos, como se de repente ela tivesse se energizado.

— Gostaria de conhecer o segundo ex de Sally?

— Pensei que ele morava na França.

— Ele é francês, mas vive aqui a maior parte do tempo.

— E daria para você nos apresentar?

— Não posso prometer nada, mas com seu amigo Theo com a gente, acho que posso conseguir praticamente qualquer coisa. Miolos, beleza, músculos. Não há como não dar certo!

— Eu sei qual de nós tem músculos. De modo que eu devo ser o...

— A baggage—disse Renê com uma piscadela, como que confirmando que ela tinha duas daquelas três qualidades.—Agora vamos pegar seu amigo cheio de músculos. O tempo urge.

TRINTA E QUATRO

A ESTRADA PARA O SUL era toda asfaltada até Man, uma cidade de uns 150.000 habitantes que ficava no meio de uma paisagem de tirar o fôlego. Era chamada de “cidade dos dezoito picos, talvez um nome exageradamente romântico para um conjunto confuso de distritos urbanos que, a bem da verdade, não tinham nenhum atrativo, espalhados por um vale e cercados de montanhas. Jack não tinha nenhuma ideia preconcebida a respeito das cidades da África Ocidental, mas Man o fez lembrar de algo inteiramente diferente, um lugar sobre o qual simplesmente não poderia localizar no mapa, até que Theo disse.

— Parece uma cidade de merda do Colorado sem todos aqueles brancos.

Passaram a noite em Man e, de manhã cedo, saíram em busca de café e da região de plantações de cacau da parte ocidental da Costa do Marfim. O ar havia sido lavado por uma chuvarada que caíra mais cedo, uma última rajada tropical bem no fim de uma estação de chuvas de sete meses. Dirigir nas altitudes mais elevadas era uma mudança bemvinda depois da estrada poeirenta que cortava as pastagens ressequidas do norte, mas não mostrava toda a beleza que Jack imaginara que veria ali. Cordilheiras elevadas e cobertas de florestas davam uma ideia do que toda a região deve ter sido anos antes, antes das madeireiras e da agricultura darem fim às florestas tropicais.

— Ainda estamos aqui?—perguntou Theo.

Jack e Renê estavam na frente, Theo atrás. Theo lhe dera um grande sorriso pelo espelho retrovisor, revelando não seus dentes, mas uma fatia de laranja que, por alguma razão infantil, fez Jack rir. Fez Jack se lembrar de algo que Nate teria feito, e o fez pensar em Kelsey, que o fez se sentir ligeiramente culpado por ter admirado de forma discreta, mas frequente, a forma das pernas de Renê, desde que tinham saído de Man. E o fez pensar que talvez não estivesse interessado em Kelsey, afinal de contas. Talvez ela só tivesse conseguido insuflar vida numa parte dele que dera por morta desde o divórcio.

Ainda bem que a gente cortou o mal pela raiz, pensou ele. Talvez não fosse mera coincidência ele ter agarrado a oportunidade de sair do país ao primeiro sinal de algo sério entre eles.

— Mais uma meia hora—disse Renê.

Theo resmungou e voltou a dormir. Durante os quilômetros seguintes, a estrada transformou-se numa trilha poeirenta. Todos os resquícios da floresta haviam desaparecido, dando lugar a fila após fila de cacauzeiros. Milhares deles se estendiam a perder de vista pelas encostas e pelo vale, todos com

cerca de sessenta centímetros de altura, com folhas verdes largas e brilhantes.

— Mais devagar—disse Renê.

Jack diminuiu bastante a velocidade quando ela apontou para um grupo de trabalhadores no campo. Os líderes da equipe eram homens jovens sem camisa, todos armados com uma vara comprida que tinha uma lâmina na ponta. Era tarefa sua selecionar os frutos maduros de cacau, colhê-los da árvore e deixá-los cair no chão. Atrás deles vinham trabalhadores que pareciam mais jovens ainda; aliás, mais pareciam crianças de facão em punho e um cigarro entre os dentes cerrados enquanto realizavam o ritual de se abaixar para colher os frutos e abri-los para pegar um punhado de grãos de cacau.

— Aquele menino ali—disse ela.—Provavelmente não tem mais de dez anos.

Jack pensou em Nate outra vez.

— De onde vêm essas crianças?

— De toda a parte. Mali, Burkina Fasso. Os países mais pobres que você pode imaginar.

— E como eles chegam aqui?

— Às vezes são roubados. Em geral, são enganados. Locateurs, recrutadores, vão a pontos de ônibus, mercados das cidades, onde for, e prometem uma vida boa a essas crianças. Tudo mentira. Aquele grupo de cinco ali, o ex-marido de Sally provavelmente pagou a um locateur uns sessenta dólares pelo lote todo.

— Essa plantação é dele?

— Uma delas. Uma de vinte mil.

— Vinte mil?—perguntou ele surpreso.

— Parece muito, mas há mais de seiscentas mil fazendas de café e cacau neste país.

— É um bocado de árvores.

— É um bocado de dinheiro—disse ela, deixando o olhar vagar pelos trabalhadores do campo.—E um bocado de crianças.

Ele lançou um rápido olhar na direção dela, rápido, mas suficiente para ver uma preocupação genuína nos olhos da moça. Surpreendeu-se em meio a uma onda de sentimentos contraditórios: tristeza pela tragédia contra a qual ela estava lutando e admiração pela paixão com a qual lutava. Parecia um pensamento estranhamente egoísta, como lhe ocorrera enquanto simples crianças labutavam nos campos à sua volta, mas Renê era claramente o tipo

de mulher que poderia fazer um homem divorciado sentir-se vivo de novo.

— Entre aqui nessa estrada—disse ela.

As trilhas empoeiradas transformaram-se numa rodovia asfaltada, e Jack percebeu que seu desviozinho terminara.

— Para onde agora?—perguntou ele.

— Para um lugar quase tão longe quanto Daloa. Jean Luc tem uma casa lá.

Jack teve de refletir por um momento, tendo quase esquecido que Jean Luc era o nome do segundo ex de Sally.

— Você o conhece pessoalmente?

— Não.

— Sabe alguma coisa sobre ele?

— É cidadão francês, mas passou a maior parte da vida aqui.

— Obviamente rico.

— Obviamente. Eu só lhe dei uma ideia dos custos de sua mão-de-obra.

— Suponho que ganha uma boa grana com chocolate.

— Depende do que você quer dizer com “boa”.

— Imagino que Sally soubesse o quanto era rico quando pôs os olhos nele.

— Ele até que não era feio, a julgar por uma fotografia que vi. Mas estava com uns sessenta e cinco anos. Tire suas próprias conclusões.

Pararam diante do portão que ficava no fim da estrada asfaltada. Um guarda armado saiu da guarita.

Theo espreguiçou-se no banco de trás e disse:

— Você quer que eu resolva essa parada?

— Pode deixar comigo—disse Renê.—Este é um daqueles casos em que parecer com minha irmã deve me dar uma boa vantagem.

— Se é que algum dia foi desvantagem—disse Theo.

Ela sorriu de leve e depois saiu do veículo. O guarda aproximou-se e encontrou-a no meio do caminho. Jack ouviu-os conversando, mas estavam falando francês.

— O que ela está dizendo?—perguntou Theo.

— Quem você acha que eu sou, Maurice Chevalier? A essa altura, tudo quanto podemos fazer é confiar nela.

— E isso o deixa tranquilo?

— Deixa.

— Ótimo. Porque se ela resolver me vender pra esse cara, vou atrás de você com aquele facão ali.

Jack começou a cantarolar *Thank Heaven, for Little Girls*. Renê e o guarda terminaram sua conversa com uma troca de sorrisos e múltiplas repetições de *merci, merci*, o que Jack entendeu como um bom sinal. Ela voltou para o carro e o guarda abriu o portão para deixá-los passar.

— O que foi que lhe disse?—perguntou Jack.

— Um mágico nunca revela seus truques—disse ela.

— Truques, o caralho—disse Theo.—Você lhe prometeu cinquenta dólares na saída.

— Vinte e cinco. Como você sabe?

— Dessas coisas eu entendo—disse Theo.

— Toca em frente—disse ela. Jack seguiu a estrada que passava por mais cacaueiros, árvores de pequeno porte que cresciam à sombra das bananeiras e dos pés de café, bem maiores. Depois de uns oitocentos metros de poeira e superfície irregular, a estrada transformou-se numa entrada de carro com uma manutenção relativamente boa.

Contornava um lago, levando a um casarão à beira do rio que ficava no sopé da montanha. Era a mais bela casa que Jack vira desde que aterrissara na África, mas estava muito longe da mansão que tinha esperado.

— Meio simplesinha para um multimilionário—disse Jack.

— Típica—disse Renê.—Se você ostenta por aqui, atraí bandidos. É lá dentro que está o luxo.

Estacionaram do lado de outros dois carros. Jack levou uma pasta que continha sua papelada jurídica. Um africano saiu e cumprimentou-os na varanda coberta. Parece que o guarda o alertara a respeito da presença das visitas por rádio. Ele e Renê conversaram em francês, e depois ela se virou para Jack e disse:

— Este é o sr. Diabate, secretário particular de Jean Luc. Quer saber o porquê de nossa visita.

Jack abriu a pasta e mostrou-lhe uma cópia do testamento de Sally e o atestado de óbito.

— Diga-lhe que sou um advogado dos Estados Unidos e tenho algumas

perguntas a fazer ao segundo ex-marido de Sally.

Renê traduziu, depois olhou para Jack e disse:

— Que tipo de perguntas?

— Diga-lhe que tem a ver com o dinheiro...

— Jack, corta essa—disse Theo.—Renê, faz seu truque de novo. Pergunte a ele se quer encontrar Andrew Jackson mais um monte de vezes.

— Não vai doer—disse o homem em inglês.

Jack ficou duplamente surpreso, mas bem que valia uns bons dólares se o cara falava inglês. Jack abriu a carteira e tirou o dinheiro.—Jean Luc por acaso está aqui?

— De certa forma—respondeu o homem.

— Como assim?

Diabate bateu o pé no chão, esperando. Jack entregou-lhe algumas notas e observou-o em silêncio enquanto o africano contava os dólares. O homem enfiou o dinheiro no bolso da camisa, parecendo satisfeito, depois olhou para Jack e disse:

— Monsieur, esin Luc está morto.

TRINTA E CINCO

TATUM SABIA QUE NÃO DEVIA FAZER AQUILO. Mas, com o advogado longe de casa, o cliente pinta e borda. Principalmente quando seu irmão viajou com ele.

Jack falara sério com ele antes de partir para a África. Em nenhuma circunstância Tatum devia se comunicar com os outros beneficiários de Sally. Fazer isso seria uma violação direta da medida cautelar. Tatum prometera “ficar quietinho” e “não fazer nenhuma besteira” Tecnicamente falando, ele nunca prometera realmente seguir à risca o conselho de Jack. Além disso, só havia um beneficiário com o qual ele queria falar, o que significava que ainda sobravam outros quatro que ele não contataria, o que correspondia a 80% de obediência das instruções de seu advogado. Na contabilidade de Tatum, aquilo era algo de que ele podia ter um orgulho danado.

Gerry Colletti estava na rua, depois de sair de casa, levando o cachorro para passear, quando Tatum emparelhou com ele. Era de manhã cedo, e Colletti estava de roupão e chinelos, com o jornal ainda intacto embaixo de um dos braços. Tatum aproximou-se por trás, num momento em que o outro estava mais distraído, no exato momento em que Colletti parou para recolher com uma pazinha o cocô que o cachorro havia acabado de fazer.

— Eu achava que você só falava merda, Colletti. Não sabia que a pegava na rua.

Colletti deixou o jornal cair e olhou para trás, obviamente assustado. Enfiou o cocô num saco plástico e disse:

— Você está violando sua medida cautelar. Suma daqui, ou eu ligo para o juiz.

— Não estou machucando ninguém.

— Você está a menos de quinhentos metros de mim. Não importa se você está me machucando ou não.

— Não importa? Já que é assim, eu bem que podia te transformar em massa de bolo. Não faz sentido ir para a cadeia só por causa de uma conversa.

Colletti deu um passo para trás, tentando aumentar a distância entre eles. Seu cachorrinho rosnou e mostrou os dentes.

— Calma, Bolinho.

— Seu cachorro chama Bolinho?—perguntou Tatum num tom sarcástico.

— Chega perto de mim pra você ver! Ele te arranca um pedaço da perna! Sobre o que você quer conversar?

— Eu estava com esperança de que você e eu pudéssemos entrar em acordo.

Um pouco da tensão desapareceu do rosto do advogado, como se ele tivesse gostado da abordagem de Tatum.

— E qual que é a sua proposta?

— Primeiro, você precisa entender que não fui eu que o atacou no estacionamento.

— Não estou preocupado com isso.

— Como assim, não está preocupado?

— Eu já fiz o juiz acreditar que foi você. Posso fazer os seus colegas acreditarem, posso fazer um júri acreditar. Provavelmente posso fazer até seu próprio advogado acreditar.

Não importa se é verdade ou não, desde que eu possa provar.

— Você não pode provar nada. Você é como esse saco de merda de cachorro que está na sua mão.

— Você está redondamente enganado a respeito disso, sr. Knight. Eu pus o meu melhor detetive na sua cola. Ele descobriu umas coisas bem interessantes a seu respeito.

Tatum sorriu e sacudiu a cabeça.

— Então agora eu tenho um currículo bem legal. Grande coisa. Isso não muda os fatos. Não fui eu que quebrou a sua cara.

— Você não está entendendo. Se não cair fora e se não renunciar a seu direito a essa herança, um cara como eu pode criar uma tonelada de problemas para um cara feito você.

— Você acha que vai ser fácil assim?

— Minha oferta ainda está de pé. Na verdade, vou até melhorá-la mais um pouco. Ponho trezentos mil dólares em dinheiro vivo na sua mão, sem qualquer exigência.

— Ah, então é assim, é? Eu devo desistir de meu direito a quarenta e seis milhões de dólares só porque você quer?

— Não, porque você vai parar na cadeia se não concordar.

Tatum não estava mais sorrindo. Dava para perceber sua raiva vindo à tona.

— Você não está com essa bola toda, Colletti.

— Ao contrário. Você é que não está. Faça isso com um pé nas costas.

— Você se acha o máximo, não é?

Colletti pegou seu cachorro no colo, acariciando-lhe a cabeça enquanto aninhava nos braços aquela bolinha branca de pêlo anelado.

— Para começo de conversa, como você acha que eu entrei nessa jogada?

— Essa é fácil. Sally Fenning estava tentando pôr em prática sua versão de vingança contra seus inimigos. Você representou o marido dela no processo de divórcio.

— E você acha que foi isso que me pôs nessa jogada?

— E não foi?

— Ora, Tatum, você é mais burro do que eu pensava. Miguel me disse para pegar leve com Sally, o que me deixou com uma tonelada de munições e nenhuma forma de usá-la.

Achei um vexame cavar toda aquela sujeirada a respeito de Sally e depois desperdiçar o trabalho. Foi aí que tive uma ideia brilhante. Já que Miguel não queria que eu usasse todas aquelas informações em seu benefício, eu poderia usá-las para proveito meu.

— De que raios você está falando?

— Tudo quanto precisei fazer foi dar um aviso a Sally: se ela não cedesse às minhas exigências, eu divulgaria que ela estava tendo um caso com o homem que tinha assassinado sua filha, e ela o estava acobertando.

— Onde foi que ouviu isso?

— Não é da sua conta. Mas repito, você não está entendendo. Eu tinha menos certeza ainda das acusações contra ela do que daquelas que tenho contra você. Mas, mesmo assim, consegui.

— Conseguiu o quê?

Um sorrisozinho de satisfação passou-lhe pelos lábios.

— Pergunte a qualquer advogado que trabalha com divórcio e já teve uma esposa magoada como cliente, que ele vai te dizer: transar com ela é mais fácil do que pegar peixe num barril. Mas fazer uma mulher que é cliente do advogado da parte contrária abrir as pernas... Bom—disse ele com um ar convencido, já não é para qualquer um.

— E você acha que eu também vou abrir as pernas?

— Não—disse ele, com o sorriso se transformando numa expressão mais séria.—Você parece mais o tipo que só se agacha e leva.

Tatum avançou para ele e agarrou-lhe o pescoço. Com a outra mão, tentou conter o cachorro, mas ele pulou do colo de Colletti e mordeu o punho de Tatum. Tatum atirou o animal no outro lado da rua e recuou com um grito de dor. Estava sangrando quando deu alguns passos para trás.

Colletti massageou o pescoço. Tatum não o apertara por muito tempo, mas foi um golpe feio de quem conhece artes marciais. Recuperou o fôlego e disse:

— Viu só, Tatum? Até o Bolinho arranca pedaço de você. Pegou seu adorador no colo e foi embora.

Tatum ficou ali de pé, fervendo de raiva, olhando e segurando o pulso.

TRINTA E SEIS

PERCORRERAM A METADE DO CAMINHO ATÉ KORHOGO antes de parar num hotel para passar a noite. Teria sido muito mais fácil contornar o grande lago Kossou e pegar a rodovia principal para o norte, mas eles optaram pela rota de belas paisagens que cortava o Parque Nacional de Ia Marahoué, pois Jack não queria ir embora da África sem ter visto algum tipo de vida selvagem além de Theo.

— Eles estão jogando crianças para cima—disse Theo.

— O quê?—perguntou Jack.

Estavam jantando em outro maquis, comendo galinha grelhada com attiéké, um prato local feito com raízes raladas. Havia uma multidão reunida na praça da cidade que ficava do outro lado da rua. Um grupo de adolescentes estava se movendo ritmicamente ao som de um tambor, mas a maioria do público parecia concentrada em algum tipo de espetáculo.

—Juro por Deus—disse Theo.—Tem meninos voando pelo ar ali.

— São os malabaristas de criança—disse Renê.

— Eles fazem malabarismo com crianças?

— É uma tradição antiga dos guérés, dans e acho que dos wobés também. Eles treinam durante meses. As meninas são escolhidas a dedo na tribo. Têm de ser magras e flexíveis e, claro, não podem chorar por qualquer coisa. Cinco anos é uma idade perfeita.

— E eles as jogam para cima?—perguntou Jack.

Theo estava de pé em cima da cadeira para ver melhor.

— É impressionante. Vamos lá ver.

— A África tem algumas tradições maravilhosas, mas essa não combina muito com minha formação pediátrica.

— Eu acho que também não aprovo—disse Jack.

— Bom, esteja a gosto!—disse Theo. Enfiou um pedaço de galinha na boca e foi para o outro lado da rua.

Jack tomou mais um copo de vinho de palmeira. Depois de meia garrafa, ele estava começando a tomar gosto por aquela bebida. Renê encheu de novo seu copo e depois o levantou e disse:

— Bom, um brinde a Jean Luc. Que descanse em paz.

Jack brindou com ela, compreendendo perfeitamente que ela não desejaria

“paz” ao segundo ex de Sally nem depois da morte.

— Que surpresa essa, hein?

— Nem tanto. Daloa pode ser um lugar perigoso, mesmo quando você toma cuidado.

— Pelo jeito, ele não tomou muito cuidado.

— Só é preciso cometer um erro. A Cruz Vermelha escolheu Daloa como seu centro de atividades do Dia Internacional da Aids este ano. Isso lhe sugere alguma coisa?

— Acho que ele devia ter um fraco pelas mulheres locais.

— Ou por alguns dos meninos que comprava.

Havia amargura no tom de voz de Renê, e Jack não queria nem pensar na frequência em que aquilo acontecia.

— Quando foi que ele e Sally se divorciaram?—perguntou Jack.

— Há alguns meses. Por quê?

— Eu estava pensando durante a viagem de carro até aqui que o fato de ele ter morrido de Aids pode lançar alguma luz sobre o estado de espírito de Sally.

— Eu também estava pensando nisso.

— Será que Jean Luc transmitiu Aids para ela?

— Não sei.

— Faria sentido se juntássemos com algumas coisas que ouvi dizer sobre ela.

— O que foi que andou ouvindo?

Jack não poderia lhe dizer que Sally tentara contratar Tatum para matá-la, uma vez que se tratava de uma informação sigilosa de seu cliente. Foi obrigado a se referir a coisas genéricas, como fizeram em seu primeiro encontro em Korhogo.

— Parece que ela não estava com muito medo de morrer. E não digo isso à toa. Sei pelo que ela passou. Tenho a impressão de que ela não tinha grandes motivos para continuar vivendo depois do assassinato da filha. E, se contraiu Aids, pode ter achado que não fazia sentido adiar o inevitável.

— Você pensando de novo naquela teoria que falou antes; de que Sally pode ter contratado alguém para matá-la?

— Não é preciso um grande esforço de imaginação para acreditar que, nessas circunstâncias, ela poderia contratar alguém para matá-la.

Renê desviou os olhos e a tristeza tomou conta dela.

— Eu estaria mentindo se lhe dissesse que não estava preocupada com Sally. Mas essa ideia de que ela teria contratado alguém para lhe dar um tiro, taí uma coisa que eu não entendo. Por que se dar a esse trabalho todo? Por que não dar o tiro ela mesma?

— Você poderia ter sido o motivo.

— Está me acusando?

— Não, não. Muito pelo contrário.

— Não estou entendendo.

— Vou lhe dizer uma coisa que pode ajudá-la a entender. Há alguns anos, vi na televisão uma história sobre uma atriz premiada pela Academia. Esqueci o nome, mas isso não é importante. O que quero dizer é que, antes de fazer sucesso, ela estava numa tão braba que resolveu se matar. O problema era que ela tinha medo de que os amigos e familiares se sentissem culpados por não terem percebido sua depressão a tempo de impedir o suicídio. Daí tentou contratar um cara para lhe dar um tiro, para fazer aquilo parecer um assassinato aleatório. Foi o assassino profissional que a convenceu a não fazer aquilo.

— Então você acha que Sally...

— Eu acho que ela pode ter encontrado um profissional menos compassivo.

— Você tem alguma ideia de quem pode ter sido?

Jack olhou para o outro lado da rua. Theo estava dançando com duas mulheres, rindo, agitando os braços e se divertindo muito. De repente, aquela cena o fez lembrar da conversa que tivera com o investigador encarregado do caso de Sally, que tentara avisá-lo de que Tatum não tinha nada a ver com seu irmão Theo.

— Taí uma coisa que eu preciso descobrir—disse Jack.

TRINTA E SETE

KELSEY ESTAVA ENVOLVIDA COM ASSASSINATO ATÉ A CABEÇA—conhecia todos os seus elementos, da premeditação ao ferimento letal.

Direito penal havia sido seu curso predileto no primeiro ano, e ela provavelmente passou mais horas do que as necessárias queimando as pestanas com ele nos últimos tempos. Estava dedicando um número de horas cada vez maior ao caso de Sally Fenning, e a mídia estava começando a fazer parecer que a polícia estava reduzindo o leque de suspeitos. Se houvesse um indiciamento do cliente de Jack, ela queria trabalhar como sua assistente no julgamento, mas só se Jack achasse que ela entendia do riscado.

Tomou o último gole do café frio e fechou os livros. A Biblioteca de Direito da Universidade de Miami ficava aberta até a meia-noite, e ela seria a última a sair outra vez. Os aspiradores de pó já estavam em plena atividade no carpete, e algum desvairado estava xingando por causa de uma copiadora que havia sido desligada até o dia seguinte.

— Boa noite, Felipe—disse ela ao estudante de rabo de cavalo que trabalhava sentado atrás da mesa.

— Boa noite—disse ele.

Ela passou pelos sensores, atravessou as portas duplas e saiu. A noite estava fresca, de modo que colocou a mochila de livros no banco para tirar o moleto. Estava apinhado de gente quando ela chegou para seu curso noturno, motivo pelo qual deixara o carro na outra ponta do estacionamento dos alunos, perto dos terrenos que ficam dentro dos muros da universidade. Teria de atravessar o campus para chegar lá e não pensara mais nisso até chegar a um trecho escuro da calçada que ficava embaixo de um aglomerado de figueiras-bravas imensas. O sol ainda estava brilhando quando ela chegou, e aquela caminhada era muito diferente à meia-noite. O amplo dossel sobre sua cabeça bloqueava o luar, as lâmpadas da rua, qualquer tipo de luz. Só havia sombras pela frente, matizes diferentes de negro. As figueiras-bravas eram estranhas, árvores fantásticas com raízes que pareciam cordas suspensas nos galhos em busca do chão como longos tentáculos. Kelsey abria caminho entre elas, esquivando-se das raízes aéreas como uma esquiadora zigue-zagueando por uma pista de obstáculos em câmara lenta. Não percebeu uma delas na escuridão, batendo-lhe em cheio, o que lhe deu um susto. Recuou e tentou controlar-se, mas o coração disparara. No meio daquelas figueiras-bravas, ela de repente sentiu uma necessidade urgente de se virar e correr. Obrigou-se a seguir em frente e acabou batendo em outra raiz aérea, que se embaraçou em seus cabelos e fez todo seu corpo tremer. Ela puxou a raiz para

um lado e andou depressa para a frente, usando o braço como se fosse um facão no meio da selva. Seus passos se aceleraram e ela estava quase correndo freneticamente quando bateu em alguma coisa que a fez parar e a deixou sem ar. Que porcaria de raiz!

Ela se recompôs e começou a andar de novo; mas, assim que se levantou, caiu de novo. Estava prestes a gritar quando ele saltou em cima dela. Os joelhos dele estavam sobre a barriga de Kelsey e ela caíra estatelada de costas.

— Não se mexa!—disse ele num sussurro.

Ele falava como se tivesse um chumaço de algodão na boca para disfarçar a voz. A luz mal era suficiente para ver que ele estava usando uma máscara de esquiador, mas o revólver no rosto dela era bem visível.

— Não me machuque—disse ela com a voz trêmula.

— Espero não ser obrigado.

— Por favor, leva a bolsa, o que quiser.

— Você tem quarenta e seis milhões de dólares naquela bolsa, meu bem?

Ela sentiu uma pontada na boca do estômago, e não era só por causa dos joelhos dele.

— Do que você está falando?

— Você trabalha para o Swyteck, e ele é advogado de Tatum Knight.

— Isso mesmo.

— Tatum é um dos herdeiros do testamento de Sally Fenning.

— An-ham.

Ele pressionou o cano do revólver no maxilar de Kelsey.

— Você tem duas semanas para mudar essa situação.

— Mudar? Não entendi.

— Não estou nem aí com o que você vai fazer para mudar isso. Mas, em duas semanas, quero que o Jack Swyteck convença seu cliente a desistir do direito que tem à herança e saia do jogo de Sally.

— Não sei como fazer uma coisa dessas.

— Se vira.

— Como?

— Eu já disse, não estou nem aí com o que você vai fazer.

— E se eu não conseguir?

O revólver ainda estava encostado em seu rosto, mas ela sentiu uma coisa pontuda nas costelas, uma sensação de levar uma facada que não doeu, para falar a verdade, mas que deixou claríssimo o que ele queria dizer.

— Você vai conseguir, sua vadia. Senão seu garoto, o Nate, vai ter o mesmo destino da filha de Sally Fenning.

De repente ela ficou sem ar, mal conseguindo ouvir as palavras.

— Por favor, meu filho não.

— Por favor, o caralho. E tem mais: isso fica entre nós. Se você chamar a polícia, se isso se tornar público de algum jeito, é o Nate quem paga o pato. Entendeu?

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Kelsey, parando na depressão formada pelo cano do revólver.

— Entendeu?—perguntou ele num tom ameaçador.

— Entendi—disse ela com a voz trêmula.

Com um movimento rápido, ele se levantou e rolou por cima da barriga de Kelsey.

— Conte até mil antes de sair daqui—disse ele.

Ela ficou ali, com o rosto no chão, com medo de se mexer, assustada demais para contar enquanto o som dos passos dele desaparecia na escuridão.

TRINTA E OITO

NA MANHÃ SEGUINTE, JACK FOI CORRER. Não se tratava apenas de fazer exercício. Ele queria ver se havia mensagens na secretária eletrônica, e era pouco mais de três quilômetros até a loja mais próxima que oferecia serviços de telefonia internacional—cabines téléphones, como eram chamadas ali, não cabines de telefone público, e sim aluguel de telefones particulares. Podia ter ido de carro, mas Theo havia saído com o Land Rover à procura de rosquinhas. Renê tinha avisado que seria pura perda de tempo, mas Theo estava tendo uma daquelas fissuras violentas que o teriam feito trocar um arrozal inteiro por um saco de batatas fritas.

Jack estava empapado de suor quando chegou ao armazém que ficava no fim da estrada. Era cedo e ele tinha corrido horas incontáveis nos verões de Miami. O que não fez a menor diferença. O calor africano ganhou de um a zero de Jack Swyteck. Ele pôs as mãos nos quadris e começou a andar para diminuir a dor do lado, perguntando-se por um instante se a visão diante dele era uma miragem. Era de fato o Land Rover que estava estacionado bem ali, e Theo estava sentado no capô se empanturrando.

— O que você conseguiu?—perguntou Jack.

— Croissants.

— Nada de rosquinhas?

— Cheguei perto.

Jack entrou e pagou o funcionário, que o levou até o telefone particular nos fundos. Discou o número da operadora, pediu-lhe para cortar a ligação quando o preço indecente por minuto chegasse a cinquenta dólares e conectou-se com sua secretária eletrônica.

A mensagem mais recente tinha sido gravada apenas uma hora antes, a 37 da manhã, horário de Miami. Era de Kelsey. Sua voz estava trêmula e parecia que ela havia chorado.

— Jack, por favor, me liga assim que receber essa mensagem. É muito importante.

Só isso. Seguiram-se algumas mensagens relacionadas ao trabalho, mas depois da ligação de Kelsey ele não estava exatamente muito concentrado e desligou. Segurou o fone por um momento, pensando. Não eram ainda nem três da manhã lá em Miami, mas o recado dela parecia coisa séria demais para esperar mais três ou quatro horas. Discou o número da operadora de novo e ligou para Kelsey.

— Alô!—disse ela. Não parecia que ele a tinha acordado.

— Sou eu, Jack. Está tudo bem?

— Não—disse ela, com a voz se enchendo de emoção.—Mas estou contente por você ter ligado.

— Qual é o problema?

Ela falou rápido e contou tudo. Jack queria um momento para acalmá-la, mas estava com medo da ligação cair a qualquer instante.

— Você conseguiu ver a cara dele?

— Não, estava escuro demais. Seja como for, tenho quase certeza de que ele estava usando uma máscara.

— Faça o possível para se lembrar, e ponha tudo no papel para você não esquecer. A altura, o cheiro dele, o peso, algum sotaque na voz.

— Parecia que ele estava com um chumaço de algodão na boca, de modo que não sei bem como é o som da voz dele.

— Tudo. Ponha absolutamente tudo no papel.

— Estou com medo.

— Você chamou a polícia?—Não.

— Kelsey, você tem de chamar a polícia.

— Não! Ele disse que...

Ela parou, como se houvesse alguma coisa que não quisesse lhe contar.

— Ele disse o quê?—perguntou Jack.

— Simplesmente não posso chamar a polícia.

— Ele a ameaçou?

Ela fez outra pausa, e ele teve certeza de que ela não lhe diria mais nada, provavelmente para não deixá-lo preocupado com coisas que ele não poderia resolver de outro continente.

— Kelsey, estou voltando para Miami. Percebeu o alívio na voz dela quando disse:

— Eu me sentiria muito melhor se você voltasse.

— Eu estou mais ou menos no fim do mundo, mas vou começar a tomar as providências para voltar assim que desligar. Vou dar um jeito de chegar aí logo.

— Obrigada.

— Não se preocupe, está bem?

— Tarde demais.

— Posso contratar um segurança para ficar com você se isso a fizer se sentir mais segura.

— Não, não é preciso. Se eu ficar com muito medo, vou para a casa da minha mãe.

— Tem certeza?

— Tenho. Volta logo, Jack. A gente vai resolver tudo quando você voltar.

— Tá bem. Assim espero. Até amanhã.

— Certo—disse ela com suavidade.—Até amanhã.

Ao cair da noite eles estavam de volta ao ponto de partida na região cacauieira perto de Daloa. Voltar sobre os próprios passos não parecia progresso, mas voltar logo para Miami estava mostrando ser mais difícil do que o esperado. Estavam a um dia inteiro de carro do aeroporto internacional de Abidjã e essa era a boa notícia.

A menos que Jack quisesse soltar outros treze mil dólares para voar para Miami via Paris, iam ficar presos na Costa do Marfim no mínimo mais três dias. Foi aí que Theo traçou o Plano B.

— Tem certeza de que pode confiar nesses caras?—perguntou Jack.

— Eles são belgerianos. Você já conheceu algum belgeriano em quem não pudesse confiar?

— Mas que raio é um belgeriano?

— Eles são de Bruxelas. Sabe como é, belgerianos.

— Então o que mesmo que eles são? Nigerianos que moram na Bélgica?

Theo trocou de marcha, reduzindo a velocidade e levando o Land Rover para a estrada mais escura e esburacada pela qual haviam passado até o momento. Renê deu um pulo tão grande no banco de trás que quase bateu a cabeça no teto. Jack só olhava as minúsculas gotas de chuva que estavam começando a se chocar contra o para-brisa.

— Belgerianos?

— Como foi que conheceu esses caras?—perguntou Renê.

— A gente bebeu junto lá em Odienné. O meu caro Swytech me mandou à merda e foi dormir. Esses dois caras tiveram a gentileza de me apresentar o seu gin africano.

— Eles vão nos encontrar aqui?

— Não. Estão procurando um sujeito chamado Lutu.

— O nome não me parece belgeriano—disse Jack.

Theo parou numa encruzilhada sem nenhum motivo aparente. Estavam cercados por campos de cacauzeiros, longe das luzes da cidade, envoltos na escuridão gerada pelas nuvens lá em cima.

— O que foi agora?

— A partir de agora, a gente vai a pé—disse Theo.

— A pé para onde?

Theo estudou o mapa, que não passava de algumas linhas indecifráveis que ele rabiscara nas costas de um guardanapo enquanto conversava ao telefone com seus amigos belgerianos.

— Até o fim dessa estrada. A pista de decolagem deve estar do outro lado daquelas árvores.

— A estrada vai nessa direção. Por que a gente não pode ir de carro?

— Porque eles disseram para eu não fazer isso.

— E por quê?

— Por quê? Por quê? Sei lá porquê. A gente encheu a cara juntos. Eu lhes dei meu telefone de Miami e disse que vinha pra cá pegar um bronzado. Eles me deram o número da casa dos amigos em que eles iam ficar em Man e disseram para eu ligar se precisasse de alguma coisa. Eu liguei. Eles ajudaram. Ponto final. Não basta?

— Só no caso de belgerianos—disse Jack enquanto abria a porta. Todos os três saíram para a estrada poeirenta. A chuva era mais uma garoa, mas nuvens carregadas prometendo tempestade estavam iluminadas por trás pela lua cheia e estavam começando a parecer ameaçadoras. Jack pôs seu chapéu estilo australiano na cabeça e tirou sua mochila do bagageiro. Não era tão pesada assim, mas ele não vibrou com a perspectiva de carregá-la nas costas por sabe-se lá quanto tempo em busca de uma pista secreta de pouso e decolagem.

O barulho de um motor de avião se fez ouvir por todo o lugar. Jack olhou para o céu, mas não viu nada. O barulho estava vindo de algum lugar no chão, provavelmente a pista de decolagem que ficava depois do maciço de pés de cacau.

Theo consultou o relógio e disse:

— Que merda, cara. Vamos ter de correr.

— Vou entregar o Land Rover assim que chegar a Korhogo—disse Renê.

— Obrigado—disse Jack.—E obrigado por tudo. Você deu a maior força, pode crer.

— De nada. Que pena a gente ter-se conhecido nessas circunstâncias.

— Eu também achei. Mas, se algum dia for a Miami...

— Certo—disse ela sorrindo. E, se você voltar a Korhogo algum dia... não ligue pra mim, porque isso significa que você perdeu completamente o juízo.

Jack sorriu e depois, com a velocidade de um beija-flor, ela lhe deu um beijo rápido e levíssimo no rosto.

— A gente se vê—disse ela.

— É, a gente se vê—disse ele, claramente pego de surpresa. Ficou olhando enquanto ela voltava para o carro, sentava-se atrás do volante e partia.

Theo limpou a garganta e disse:

— Sim, sim, sim, e você sempre tem Paris. Agora vamos nessa, meu, o avião está saindo.

Jack olhou para o céu noturno, que estava mesmo prometendo uma chuvarada. O motor do aeroplano estava fazendo um barulho mais alto ainda.

— Vamos—disse Jack.

Corriam lado a lado pela estradinha poeirenta e irregular, tomando cuidado para não torcer um pé. Jack estava ofegante e Theo estava resmungando; o barulho do avião parecia muito perto.

— Só... mais... um... pouquinho... disse Theo, respirando com dificuldade.

— Será que ele vai esperar por nós?

— Putz, não vai!

— Você quer dizer que se perdermos esse avião...

— É você—disse ele resfolegando—eu e os antílopes.

Jack aumentou de velocidade e Theo emparelhou com ele. A estrada passava pelo maciço de cacaueiros, embora estivesse fechado demais em certos pontos, com grandes folhas de bananeira parecendo leques. A garoa tinha-se transformado em chuva de verdade, e Jack podia ouvir as grandes gotas batendo no dossel de folhas. Correram a toda velocidade pela folhagem até chegarem a uma clareira do outro lado. Assim que se encontraram em campo aberto, a chuva começou a cair pesadamente. Em segundos os dois estavam encharcados.

— Merda!—disse Jack.

— Olha lá o avião!—disse Theo. Estava apontando para um par de faróis na outra ponta de uma suposta pista de decolagem que não passava de um campo gramado e terra compactada.

— Você disse que era um jatinho.

— Eu menti.

— O que é isso?

— É um bimotor Cessna.

— O quê? Um pula-poça? Eu já disse que não ando em pula-poça. Theo ergueu os olhos para a chuva que estava caindo.

— Então você pode passar a noite aqui, dormindo nas poças. Virou-se e correu em direção ao aeroplano.

Jack pensou durante um segundo e depois saiu correndo atrás dele. Quando chegaram ao fim da pista de decolagem, um homem saltou do avião. Era tão grande quanto Theo, inteiramente vestido de preto. Jack e Theo gelaram. O cara estava apontando um revólver para eles.

— Calma aí, meu—disse Theo.—Somos amigos de Hans e Edgar.

— Os belgerianos—disse Jack.

— Seus nomes?—perguntou ele com um sotaque que Jack não conseguiu identificar.

— Ele é Jack, eu sou Theo.

O homem sorriu e pôs o revólver no cinto.

— Sou Lutu. Entrem.

Theo deu um passo em frente, mas Jack não se mexeu.

— Vamos lá, Jack—disse Theo.

A chuva estava caindo, os motores rugindo e este amigo dos belgerianos loucos estava com uma pistola.

— Não sei, não—disse Jack.

Naquele exato momento, outro par de faróis surgiu na outra extremidade da pista de decolagem. Era um jipe aberto cheio de homens. Dois deles tinham rifles presos ao ombro com uma correia.

— Putz!—disse Lutu.

— Putz por quê?—disse Jack.

— Eu sabia que não devia ficar esperando os senhores tanto. Parece que não vamos tirar esse avião do chão sem briga.

— Como assim, tira?— perguntou Theo.

— Como assim, sem briga?—perguntou Jack.

— O dono dessa plantação aqui não paga as contas, nós pegamos esse avião de volta. É assim que é. Mas talvez isso não deixa o dono tão feliz, você sabe o que eu estou dizendo.

Jack lançou um rápido olhar a Theo e perguntou:

— Estamos numa missão de recompra?

— Como eu vou saber?

Jack bateu-lhe na cabeça e nos ombros com seu chapéu ensopado.

— Ei, ei, ei!—disse Theo.—Você quer ir para casa ou não quer?

O estampido da arma ecoou na escuridão. O jipe cheio de guardas armados estava se aproximando rapidamente.

— Puta merda!—disse Jack.

— Entra!—disse Lutu.

Correram feito loucos até a asa e subiram a bordo. Lutu pegou o leme, Theo acomodou-se no banco atrás dele e amarrou as correias, e Jack sentou-se atrás dos dois.

O avião estava andando antes de Jack conseguir encontrar o cinto de segurança do banco; os motores rugiram enquanto Lutu exigia tudo da máquina. Estavam aumentando a velocidade na pista irregular e enlameada; o avião todo tremia tão violentamente que Jack estava sendo jogado de um lado para o outro como se fosse uma bola de joguinho eletrônico.

— Desculpa—disse Lutu.—Tem de pôr este avião aqui no ar rápido! Jack enfiou-se entre os bancos para não bater a cabeça no teto.

A chuva estava descendo como uma cascata pelo para-brisa e os limpadores trabalhavam freneticamente. Ele conseguiu ter um vislumbre do jipe que se aproximava a toda velocidade. Era um racha, o avião contra o jipe, Lutu contra o lunático que estava apontando o rifle para eles. Jack viu o coice repentino no ombro do sujeito.

— Eles estão atirando em nós!

— Uhuu-uhuu!—gritava Theo, adorando cada minuto daquilo.

O avião passou por outro buraco enorme na pista, e Jack saiu voando. Tinha

de se agarrar em alguma coisa, de modo que agarrou Theo pela garganta.

— Uhuu—gasp!

Lutu agarrou-se ao leme e o balanço do avião parou quando eles se levantaram alguns centímetros do chão.

— para!—gritou Jack.

— Olha isso—disse Lutu.—Manteve o avião firme, exatamente na altura certa para decapitar todos os que estavam no jipe que corria atrás deles.

— Você está louco?—gritou Jack.

O avião estava se aproximando rápido. Os homens do jipe pularam pouco antes do avião passar por eles, deixando o jipe cair num buraco, mas salvando a pele.

— Uhuu-uhuu!—gritava Theo.

— Ai, merda!—disse Lutu.

As árvores altas do final da pista de decolagem estavam se aproximando muito depressa. Lutu puxou o leme para trás, até o fim, obrigando o aeroplano a subir verticalmente.

Jack caiu em seu banco e bateu a cabeça com força. Fez um grande esforço para não perder as estribeiras, ajoelhou-se e ficou observando, com os olhos indo do altímetro para o topo das árvores que se aproximavam.

— Vamos lá, nenê!—disse Lutu.

— Por favor, meu Deus!—disse Jack.

Passaram a meio metro do topo da árvore mais alta.

— Viva!—disse Theo. Ele e Lutu estavam batendo com o punho cerrado na palma da outra mão, comemorando. Jack estava passando a mão no galo que estava aparecendo na parte de trás da cabeça.

Theo lançou um rápido olhar para trás, desmanchando-se em sorrisos, e disse:

— Você está me devendo uma das grandes por essa, Swytek!

— É, mal estou podendo esperar para te pagar.

Deslizou para o banco, procurando freneticamente as duas pontas do cinto de segurança enquanto o avião subia cada vez mais na noite.

TRINTA E NOVE

A TENSÃO NA SALA DE REUNIÕES DE VIVIEN GRASSO era ainda maior do que Jack esperava. Como inventariante do espólio, Vivien estava sentada à cabeceira da mesa retangular.

À sua esquerda estavam Jack e Tatum, seguidos por Deirdre Meadows e seu advogado. Sentados do outro lado da mesa estavam Miguel Rios, Gerry Colletti e Mason Rudsky, cada um com seu advogado. Todos os olhos estavam em Jack, como dizendo; é melhor que seja uma boa notícia.

Imediatamente depois de voltar a Miami, Jack ligara para Vivien a fim de marcar uma reunião no escritório dela na segunda-feira de manhã, bem cedo. Naturalmente, Jack esperava que sentar cara a cara com os outros beneficiários poderia lhe dar alguma ideia de quem estava ameaçando Kelsey. Mas esse era um objetivo secundário, um objetivo do qual teria de se aproximar com sutileza, pois a advertência do atacante deixara Kelsey com medo de dizer uma única palavra à polícia ou a qualquer pessoa. Jack foi muito mais direto ao tratar do ponto principal de sua agenda.

— Renê me disse que Alan Sirap era o sujeito que perseguia Sally. O silêncio envolveu a sala pelo que pareceu um longo tempo.

Finalmente, Vivien disse:

— Então existe mesmo um Alan Sirap?

— Não. Segundo Renê, é um pseudônimo que ele deu a Sally em uma de suas mensagens pela internet. Mas é a melhor informação que Sally tinha sobre ele.

— Não tenho certeza de que seja muito boa—disse Vivien.

— Muito boa para quê?—perguntou Jack.

— Para determinar seu direito a uma herança. Não estou dizendo que seja impossível. Tenho certeza de que em algum lugar da história de nossa jurisprudência um tribunal aceitou um pseudônimo, ou talvez até um apelido para descrever um beneficiário. Mas caberia a esse beneficiário ir em frente e provar que ele é de fato a pessoa a quem o testamento se refere.

Houve silêncio de novo, enquanto cada um deles refletia sobre as implicações.

— Então, ao citar Alan Sirap como beneficiário, Sally estava induzindo seu perseguidor a aparecer e dizer: “Eu sou o cara, eu sou Alan Sirap”—disse Jack.—Na verdade, ela estava lhe dando uma alternativa. Revele-se como o meu perseguidor e pegue sua herança de quarenta e seis milhões de dólares,

ou continue em silêncio.

— Não estou em condições de falar das intenções de Sally nesse ambiente— disse Vivien.

— Bom, eu estou—disse Miguel.—Vocês parecem continuar se esquecendo de que fui casado com Sally quando esse perseguidor apareceu; se vocês me perguntarem, ele é o filho da puta que matou nossa filha. Portanto, vamos deixar uma coisa bem clara: esse tal de Sirap não vai aparecer e revelar sua identidade, nem por quarenta e seis milhões de dólares.

— Isso depende—disse Jack.—Talvez ele esteja convencido de que ninguém pode provar que ele fez alguma coisa além de mandar alguns e-mails para Sally.

O promotor falou em alto e bom som, como se essa conversa sobre “provas” tivesse chegado bem perto do alvo.

— Com o devido respeito ao sr. Rios, já sabemos que o sr. Sirap, seja lá quem for, não vai ficar em silêncio. Todos nós recebemos uma carta dele que nos aconselhava a cair fora do jogo, pura e simplesmente.

— Certo—disseram os outros num coro súbito de concordância.

— Portanto, agora temos conhecimento de vários fatos-chaves- continuou Rudsky.—Um: todos nós recebemos uma carta de aviso de um certo sr. Sirap. Dois: sabemos que Sirap é o nome usado pelo homem que estava perseguindo Sally Fenning. Três: ao menos alguns de nós suspeitam que ele seja o mesmo homem que esfaqueou Sally e assassinou sua filha. Basicamente, a coisa se reduz a isso, senhoras e senhores: parece que todos nós agora estamos num jogo de sobrevivência do mais ganancioso do qual também participa um assassino que mata a sangue-frio.

Fez-se silêncio outra vez, e troca de olhares apreensivos—um silêncio que foi quebrado por palmas lentas e sarcásticas. Era Gerry Colletti fingindo aplaudir.

— Muito bem pensado, Swyteck—disse ele secamente.

— De que você está falando?

Ele lançou um rápido olhar a Jack e depois passou a vista pela mesa, como se quisesse conseguir o apoio dos outros.

— Todos sabemos que há duas formas de ser aquele que herda o dinheiro de Sally. Uma é sobreviver aos outros. A outra é persuadir os outros a caírem fora. Acho que formulei a questão corretamente, não formulei, senhora inventariante?

— Está certo—disse Vivien.

— Portanto, em vez de nos matarmos, todos nós temos de pensar numa estratégia. Poderíamos fazer um trato e cada um de nós ficar com um sexto. Ainda não exploramos essa possibilidade abertamente, mas todos nós estamos pensando na posição a adotar, não estamos? Todos estamos tentando chegar a uma posição que nos permita ficar com uma parte maior.

— Esta reunião não é para pensarmos numa posição a adotar—disse Jack.

— Tudo o que nós fazemos diz respeito a uma posição que queremos adotar—disse Gerry.—Alguns de nós são inteligentes, outros não. Ao menos um de nós é tão transparente que me arrancou o couro—disse ele olhando para Tatum—e tentou me ameaçar para eu cair fora. Mas agora parece que o sr. Knight conseguiu se aliar com alguém que tem um plano mais praticável: assustar mortalmente os outros beneficiários, fazer todo mundo pensar que esse misterioso sr. Sirap está por aí querendo nos matar, para que os mais fracos entre nós desistam da corrida.

— Está querendo insinuar que marquei essa reunião exclusivamente como uma tática de intimidação?—perguntou Jack.

— De quanto é seu honorário se Tatum Knight vencer, sr. Swytek? Um terço de quarenta e seis milhões? Não é nada mau.

— Mas é muito cinismo de sua parte—disse Jack.—Tudo quanto posso dizer é que espero que os outros não sejam tão míopes a ponto de levar isso a sério.

— Eu espero que eles levem isso a sério, sim—disse Gerry.—Tendo isso em vista, estou preparado para fazer uma oferta a todos os que estão aqui, a mesma oferta que fiz inicialmente ao cliente do sr. Swytek. Pago duzentos e cinquenta mil dólares em dinheiro vivo, agora. Sem fazer nenhuma exigência. Tudo quanto vocês têm a fazer é renunciar a seu direito à herança.

Alguns deles trocaram olhares, mas ninguém disse nada.

— Alguém disposto a fazer esse trato?—perguntou Gerry.

— Isso é legal?—perguntou Deirdre.

— Não vejo nada de errado nessa proposta—disse Vivien.—É bastante comum os beneficiários de um testamento negociarem entre si.

— Aí está—disse Gerry.—Direto da boca da inventariante. Deirdre fez uma careta e disse:

— Quem seria louco a ponto de desistir de uma herança de quarenta e seis milhões de dólares?

— Acho que eu seria—disse Mason Rudsky.

Todos os olhos se voltaram para o promotor, e Gerry disse:

— Tenho alguém disposto a fazer o trato?

O advogado de Rudsky parecia prestes a ter uma parada cardíaca, com a voz trêmula enquanto olhava para seu cliente e dizia:

— Ora essa, não vamos resolver nada aqui, Mason.

— Bobagem—disse Rudsky. Alguém já arrancou o couro de Gerry Colletti. Agora parece que o sexto beneficiário é suspeito do assassinato de uma criança. Não vejo esse jogo terminando de qualquer forma que não seja trágica.

— Vamos conversar a respeito disso em particular—disse seu advogado.

— Não. Estou fora. Senhora Grasso, assim que o sr. Colletti fizer a transferência do dinheiro para a minha conta, vou lhe enviar todos os papéis necessários para renunciar à minha herança.

— Tem certeza de estar fazendo a coisa certa?—perguntou ela.

— Tenho.

Os olhos de Gerry cintilavam.

— Alguém mais?

Todos olharam em volta em silêncio, como que tomando o pulso coletivo.

— Bom, já foi um grande progresso—disse Gerry.—O sr. Rudsky acabou de ganhar um quarto de milhão de dólares. E o restante de nós acabou de aumentar suas chances de um sexto para um quinto.

— Mas tem uma coisa—disse Rudsky.—Passou a vista pela sala, olhando cada um deles nos olhos.—Esse pode ser um bom resultado ou pode ser um resultado desastroso.

Seja como for, o que o sr. Colletti disse está absolutamente certo: vocês aumentaram suas chances, para o bem e para o mal.

O promotor e seu advogado levantaram-se. Ninguém se mexeu, e os dois homens saíram sem apertar a mão de ninguém. A porta fechou-se, deixando um silêncio apreensivo atrás de si, durante o qual ninguém parecia saber o que dizer.

Jack resolveu guardar seus pensamentos para si mesmo. Não poderia ter dito nada melhor, sr. Rudsky.

QUARENTA

KELSEY NÃO ESTAVA CONSEGUINDO RESPIRAR. Pelo menos parecia que não. Em algum plano de sua consciência, ela sentia o peito subindo e os pulmões expandindo-se, mas seu coração estava acelerado com o pânico enquanto, apesar disso, ela lutava para respirar. Um ar frio e pesado que sibilava pelas narinas e queimava a garganta.

Ela poderia inalar tudo o que quisesse, mais do que queria, mas não conseguia pô-lo para fora. Ele parecia encher seus pulmões e ficar lá e, por mais que tentasse, não conseguia expirar. Seus olhos se esbugalharam, os braços caíram. Ela tentou gritar, mas não adiantou. O ar estava pesado demais, úmido demais.

Água! Ela estava afundando, desaparecendo rápido, travando uma luta inútil. As pernas pareciam secas, mas a cabeça estava encharcada, submersa, presa embaixo de alguma coisa. Não conseguia se mexer, não conseguia nem sequer virar a cabeça. Só conseguia sugar mais, beber a umidade fria e negra que a estava sufocando.

O quarto escureceu. Deu-lhe um branco na cabeça. De repente, ela estava completamente seca, os pulmões completamente limpos. Mas o coração ainda estava martelando quando as imagens voltaram a se focar, mesmo que, a rigor, não fosse mais um sonho. Era parte sonho, parte lembrança—uma lembrança horrível do pior dia de Nate quando ainda era bem pequeno, um dia tão assustador que sua cabeça se recusava a voltar lá, exceto quando ela estava cansada demais para lutar contra, flutuando num estado de semiconsciência.

Kelsey apertou o passo na calçada e não se deu ao trabalho de bater na porta da frente. Era a casa de sua irmã mais velha, e ela podia ir e vir a seu bel-prazer.

Enquanto atravessava a sala de visitas e entrava na cozinha, ouvia a irmã e um grupo de amigas rindo e jogando baralho à mesa. Cumprimentou-as e depois entrou na sala íntima, onde as crianças estavam brincando no chão. Kelsey contou cinco delas, três meninos e duas meninas, todos diminutos ao lado da torre de Lego que haviam construído.

— Cadê o Nate?—perguntou ela.

As crianças estavam rindo e brigando ao mesmo tempo, concentradas demais em sua torre para responder. Uma velha estava sentada no sofá com um olho nas crianças e outro na televisão.

— Está na cozinha—disse ela.—Com a mãe dele.

— Não, a mãe dele sou eu.

— Ele disse que queria a mãe.

Kelsey sentiu um aperto no coração. Começou a andar pelo corredor, enfiando a cabeça nos quartos de dormir ao passar diante deles e chamando o nome de Nate, mas não teve resposta.

— Cadê o Nate?—perguntou ela ao chegar à cozinha. A irmã continuava com os olhos nas cartas.

— Ele está no quarto dos brinquedos com as outras crianças.

— Não, não está.

— Como assim, não está?

— Ele não está lá. Não está em parte alguma.

Chamou o nome dele mais uma vez, alto o bastante para ser ouvido em qualquer parte da casa. Silêncio.

As mulheres jogaram as cartas na mesa e saíram correndo em todas as direções—uma foi para a sala de visitas, a outra, para a garagem, outra, para o jardim.

— Nate!

— Onde você está, Nate?

— Nate, meu bem!

Kelsey correu para o quintal, chamando o nome com todas as forças que tinha, correndo de uma ponta da casa a outra, olhando nas latas de lixo e atrás das plantas.

Estava correndo feito louca quando deu a volta na casa; o que viu deixou-a gelada de pavor. Havia uma plataforma de madeira rente ao lado da casa e, em cima dela, uma banheira de água quente, coberta com uma grande tampa de plástico que impedia as folhas e os animais domésticos de entrarem lá dentro. Também devia impedir as crianças, quando estava fechada. Mas o trinco não tinha fechadura. Ela subiu as escadas voando e quase caiu de joelhos.

Na plataforma, ao lado da banheira, estava a coberta de Nate.

— Nate!—gritou ela, sentando-se de um salto. Estava sem ar, o rosto frio e coberto de suor enquanto passava os olhos pelo quarto. Era seu quarto de dormir, percebeu ela com alívio. Estava em casa. Tinha tido aquele pesadelo de novo ou, mais precisamente, a lembrança que voltava para assombrá-la em seus sonhos. Nate tinha só dois anos na época. Não sabia nadar, mas

felizmente a banheira só estava com água pela metade.

Kelsey deslizou para fora da cama e foi para a cozinha sem fazer barulho. A luz ainda estava acesa e as fotocópias ainda estavam sobre a mesa, exatamente como as deixara. Desde que sofrera aquele ataque, conseguira mais informações sobre a morte da filha de Sally. Estudou suas descobertas antes de ir para a cama, o que foi um erro terrível.

Ou talvez um aviso muito oportuno.

Sentou-se à mesa e folheou toda aquela série de artigos velhos. Parou no último, o relatório do médico-legista sobre a forma pela qual a filha de Sally morrera.

“Asfixia provocada por afogamento. Kelsey passou os olhos pelo artigo mais uma vez, embora não conseguisse se concentrar nele inteiramente. A simples ideia de uma coisa dessas era penosa demais para qualquer mãe, para qualquer ser humano normal.

Esse psicopata, quem quer que fosse, tinha lavado as mãos e a faca na banheira e depois afogou uma menininha na água vermelha, cheia de sangue de sua própria mãe.

Kelsey estremeceu ao pensar naquilo e, mais uma vez, as palavras do homem que a atacara do lado de fora da biblioteca da escola de direito ecoaram em sua cabeça.

“Ou o Tatum Knight cai fora, ou seu garoto, o Nate, vai ter o mesmo destino que a filha de Sally Fenning”.

O sonho deixara Kelsey tão exausta que ela praticamente teve de segurar a cabeça para pensar com clareza. Ainda estava determinada a não chamar a polícia. Se o homem tivesse querido estuprá-la ou fazer algum mal ao Nate, não teria tido nenhuma dificuldade. Ele queria Tatum fora daquela jogada, isso era tudo o que queria. Teve de acreditar nele quando disse que Nate pagaria o pato se ela envolvesse a polícia. Mesmo assim, alguém, em algum lugar, estava tentando avisá-la de que ela precisava fazer alguma coisa. Por que mais teria tido aquele sonho?

A menos que a mensagem fosse que já era tarde demais.

Aquele pensamento a fez gelar. Levantou-se rapidamente e pegou o telefone. A mãe morava num condomínio de luxo com segurança vinte e quatro horas por dia, o lugar mais protegido que Kelsey conhecia. Mas resolveu não ir com ele, não querendo que seu filho ou sua mãe percebessem a preocupação em seus olhos. Discou o número e falou ao ouvir o alô sonolento da mãe.

— Mãe, sou eu... Sei que já é tarde, desculpe. Mas tenho de saber do Nate.

Ele está bem?... Graças a Deus.

Respirou fundo, mas a voz estava trêmula quando acrescentou:

— Mas acho que o melhor é ele ficar com você uns dias.

QUARENTA E UM

DEIRDRE MEADOWS ESTAVA OLHANDO FIXAMENTE para a tela do computador em branco. Nem mesmo o burburinho da movimentada sala de redação do Tribune estava conseguindo fazer sua criatividade jornalística fluir. Não podia culpar a falta de material, havia uma prostituta morta no bulevar Biscayne, o juiz de uma comarca fora pego recebendo suborno e não era nem horário de almoço; mas sua cabeça não estava ali.

— O que você está aprontando aí?—perguntou o editor enquanto passava rápido pela bagunça daquele cubículo diminuto.

— Ah, aquelas historinhas picantes de sempre—respondeu desanimada.

Ficara muito para baixo nas últimas vinte e quatro horas, desde que saíra do escritório de Vivien Grasso com um bolo colossal na boca do estômago. Tudo culpa de Jack Swytek. Ele voltara da África e imediatamente avisou todos eles que poderiam estar correndo perigo por causa de “Alan Sirap. Ela fora atacada por cães e ameaçada por um louco que jurara que a mataria a ou um dos outros beneficiários; e ela não dissera uma palavra sobre isso a ninguém. Não gostava de pensar que estava sendo motivada pelo dinheiro. Era uma questão de segurança pessoal.

Mas será que o silêncio era a única saída?

Para o inferno com isso, pensou ela. Não era responsabilidade sua salvar os outros. Se ficassem no jogo de Sally agora—depois de receber a carta de Alan Sirap, depois da advertência de Swytek de que Sirap era o sujeito que perseguia Sally, depois de Tatum Knight espancar Gerry Colletti, depois de Gerry ter feito a oferta de comprar todos eles por um quarto de milhão de dólares—bom, qualquer coisa que lhes acontecesse seria exclusivamente por culpa deles próprios. O telefone tocou e ela atendeu.

— Meadows—disse ela.

— Como está minha repórter favorita esta manhã?

A mão apertou o telefone. Era aquela mesma voz mecânica; a sua fonte.

— Não sou sua favorita em nada, cara.

— Não é verdade. Sou um homem de palavra, e suas duas semanas de silêncio fazem de você minha sócia. Difícil de acreditar que já faz quase todo esse tempo desde que nos falamos pela última vez, não é?

— O que você quer de mim?

— Te dar os parabéns mais uma vez. Estou sabendo que ontem você teve mais uma chance de falar ao grupo sobre nossa sociedade, e fez a coisa certa.

Manteve seu bocão fechado.

— Como você sabe disso?

— Tenho minhas fontes. Como você.

— Quem?

— Cai na real.

— Como sabe que são de confiança?

— Elas são. Do tipo que você adoraria ter.

Ela estendeu a mão para pegar caneta e papel.

— Adoraria mesmo?

— O suficiente para escrever a respeito.

Deirdre gelou. Será que ele a estava vendo, ou só a conhecia bem a ponto de adivinhar que ela pegara seu bloco de anotações?

— Decidi recompensá-la—continuou ele.—Considere isso um presentinho por seu bom comportamento.

— Estou ouvindo.

— Tenho certeza de que você não se esqueceu do nosso combinado—ser a primeira a morrer, ou ser aquela que vai herdar quarenta e seis milhões de dólares.

A voz dela ficou tensa.

— Como poderia esquecer?

— Muito bem. Porque não quero que você pense que eu amoleci. Só quero que entenda que, se fizer o que eu mandar, vai ser bom para todos.

— Como assim?

— Nem todos têm de morrer.

— Ninguém tem de morrer.

— Isso cabe a você, não é?

— Não—disse ela rispidamente.—Não venha com uma coisa dessas pra cima de mim.

— Não use esse tom de voz comigo—disse ele falando mais alto.

— Senão posso mudar de ideia.

Ela controlou a raiva que estava sentindo, adoçando a voz.

— Mudar de ideia a respeito do quê?

— Tenho uma história para lhe contar.

Ela procurou atabalhoadamente o bloco de anotações, com a mão tremendo ao encostar a caneta no papel.

— Que tipo de história?

— É sobre Tatum Knight.

— É um bom começo.

— Quero que você escreva o seguinte: Tatum Knight encontrou Sally Fenning duas semanas antes dela morrer. Ela foi de carro até um bar que é do irmão de Tatum, Theo Knight, chamado Sparky's.

— E sobre o que eles conversaram?

— Ela o contratou para matá-la.

Deirdre ficou muda por alguns momentos.

— Ela o quê?

— Você é surda?

— Não. É que é uma história e tanto. Mas não posso escrever uma coisa dessas sem corroborar as informações.

— Você pode, e você vai.

— Mas eu preciso de duas fontes para que o Tribune imprima...

— Cala a boca e escuta, porra! Eu não disse para você publicar a história. Disse para você escrever.

Ela fez uma pausa, confusa.

— Para que escrever se eu não vou publicar?

— Você vai levar a história para o Jack Swyteck e vai ameaçar publicá-la.

— Ameaçar como?

— Você vai lhe dizer que essa história sairá na primeira página do jornal amanhã, a menos que ele instrua a advogada responsável pelo espólio de Sally a tirar o seu nome da lista de beneficiários.

Deirdre ouvira perfeitamente todas as palavras, mas não escreveu nada em seu bloco. Era bizarro demais para merecer um registro.

— O que significa tudo isso?

— Como já disse, nem todo mundo tem de morrer. Se conseguirmos que

alguns dos outros beneficiários caíam fora, é tão bom quanto eles estarem mortos, certo?

Ela pensou por um segundo, lembrando que Gerry Colletti dissera a mesma coisa na reunião de ontem.

— Certo.

— Então você escreve a história, Deirdre. Escreve direitinho. Você vai fazer Tatum Knight pensar que está prestes a chegar ao topo da lista de suspeitos do assassinato de Sally Fenning. Porque se ele não cair fora, vou ter de voltar ao meu plano original. Alguém vai ter de morrer.

A ligação foi encerrada. Sua fonte desapareceu. Deirdre colocou o fone no gancho bem devagar, depois se afundou na cadeira, mentalmente exausta. Não estava adorando a ideia de extorquir uma pessoa, mas ameaçar Tatum Knight com uma história inventada certamente era preferível a ficar de lado esperando que sua fonte eliminasse um dos outros beneficiários.

Batucou os dedos no bloco, pensando. Sally Fenning contratou Tatum Knight para matá-la. Escrever, mas não publicar. Só as palavras no papel já seriam o suficiente.

Tatum Knight cai fora da corrida por quarenta e seis milhões de dólares. Só as palavras...

Não, pensou ela. Não eram apenas as palavras. Isoladamente, as palavras não tinham poder, ou pelo menos não o bastante para intimidar dois caras como Jack Swyteck e Tatum Knight.

As palavras só teriam esse tipo de poder se fossem verdadeiras.

Ela passou os olhos pela grande sala de redação, detendo-se um pouco sobre a placa de bronze na parede em homenagem a jornalistas que trabalharam no Tribune e ganharam o prêmio Pulitzer. Finalmente seus olhos se concentraram na porta da sala do editor que havia recusado sua proposta de uma matéria investigativa sobre Sally Fenning.

Mãe do céu, perguntou-se ela. E se for verdade?

QUARENTA E DOIS

SOUTH COCONUT GROVE É UM LABIRINTO de pacatas ruas residenciais que cortam uma floresta tropical. Sombra, encanto e privacidade são os pontos altos da venda de imóveis do bairro, com todos os seus terrenos cercados por um pedaço da mata original. As pessoas moram ali porque podem estar bem em cima da casa vizinha e nunca saber.

As pessoas mudam dali porque podem ser mortas na entrada de carros, que ninguém vai ver.

O investigador Rick Larsen estacionou seu Chevy, que não tinha nada que o distinguisse dos demais, atrás da fila de carros de polícia com luzes azuis que não paravam de rodopiar. Agarrou seu bloco de anotações, saiu do veículo e contornou as buganvílias enormes e um maciço de bambus que o vento balançava para lá e para cá e debruava a rua. O começo da noite no Grove era escuro como a meia-noite na Floresta Negra, e mais escuro ainda quando o céu estava coberto de nuvens. Estava chovendo desde o crepúsculo, e era difícil dizer se a chuva ainda estava caindo ou se o vento estava apenas soprando as gotas d'água do dossel frondoso lá de cima. Confusão típica do Grove.

Larsen ouviu vozes do outro lado dos arbustos. Abaixou-se e passou pelo cordão de isolamento amarelo que fora estendido na entrada de carros. O cascalho rangia embaixo de seus pés quando ele entrou na cena do crime e perguntou:

— O que houve?

O clarão dos flashes das máquinas pipocava enquanto a equipe de investigação fotografava a área. Outros estavam examinando o quintal com o maior cuidado, à procura de tudo e qualquer coisa. O corpo estava de cabeça para baixo no cascalho. Uma assistente da médica-legista estava ajoelhada a seu lado, enquanto falava em seu gravador.

Um jovem policial uniformizado, o primeiro a chegar à cena do crime, fez um relatório breve a Larsen.

— Homem branco. Cinquenta e poucos anos.

— Ele mora aqui?

— Não. A dona da casa o encontrou quando estava levando o lixo para fora. Foi ela que ligou para a polícia.

— Ela conhece o cara?

— Não.

— Alguma testemunha?

— Ainda não.

— Estava com algum documento?

— Nenhum. Estava de camiseta e short de ginástica sem bolso. A julgar pelos tênis e pela roupa, parece que ele estava caminhando ou correndo. Só que não estava em muito boa forma. Acho que ele devia estar caminhando, provavelmente por ordem médica, para se mexer e diminuir o colesterol.

— Algo mais?

— É isso. A médica-legista chegou e assumiu o comando.

Larsen fez algumas anotações em seu bloco e depois foi até o corpo. A médica-legista estava no meio da frase, falando para seu gravador.

— Começo de lividez cadavérica, tronco e extremidades descorados ao toque.

Ela desligou o gravador, ergueu os olhos para o detetive e disse:

— Como vai, Rick?

— Melhor que ele.

— Tão bem assim, é?

Ele sorriu só ligeiramente, mais ou menos o mesmo tanto de sempre.

— O que aconteceu?

— Um fêmur fraturado, ao menos seis costelas rachadas, um cotovelo hiperestirado, o pescoço quebrado e só Deus sabe que ferimentos internos, eu diria que provavelmente foi algo mais que um escorregão e uma queda.

— Atropelamento e fuga do responsável?

— É um bom palpite.

— E como ele foi parar na entrada de carro? Chegou voando ou foi arrastado até aqui?

— Chegou voando. Eu demarquei sua rota de vôo. Provavelmente foi jogado para cima em algum ponto ao sul da entrada de carros, foi atingido por algo parecido com um míssil de cruzador bem naquela moita de bananeiras ali. Aterrissou no jardim, onde pusemos aquela bandeirola ali, e depois foi arrastado para a entrada de carro.

— Alguém está procurando marcas que provem que ele foi arrastado?

— Ninguém encontrou nada até agora. A rua está bloqueada em todo o trajeto para a Main Highway. Você pode ver com seus próprios olhos.

— Obrigado, vou fazer isso.

Ele começou a se afastar, mas depois parou. Era um ritualzinho seu, sempre dar uma espiada no rosto da vítima antes de marchar para fazer o desenho, as mensurações, verificar os detalhes. Era uma forma de se lembrar que seu trabalho estava relacionado com gente.

Inclinou-se e acendeu a lanterninha da caneta para iluminar o rosto, e tomou um susto daqueles.

— Filho da puta—disse ele baixinho.

— Você o conhece?

— Você não? Ele era assistente da promotoria pública.

— Estou com o pessoal de Miami há poucos meses. Ainda não trabalhei com todo mundo.

— Bom, com este aqui você nunca vai trabalhar—disse ele secamente.—Seu nome é Mason Rudsky.

QUARENTA E TRÊS

JACK ESTAVA SOZINHO em sua varanda coberta, assistindo o espetáculo fulgurante dos relâmpagos na baía de Biscayne, quando o telefone tocou. Hesitou, lembrando que sua ex-mulher ficava paranóica na hora de atender o telefone durante uma tempestade, como se um raio pudesse viajar pela linha, entrar na casa e fritar você ali na hora. Ela sempre dizia que era preciso não ter absolutamente nenhuma consideração pela vida humana para esperar que alguém atenda o telefone quando está relampejando.

Talvez seja ela, pensou ele num momento sarcástico. Tirou o fone do gancho.

— Alô.

— Boa noite, sr. Swytek.

Jack sacudiu o fone. Era uma voz que parecia mecânica, e ele estava começando a se perguntar se não haveria um bom motivo para ficar paranóico com a combinação telefones e relâmpagos.

— Quem está falando?

— Não desligue. Vai se arrepender se desligar.

A voz ainda estava distorcida, mas ele sabia que não havia nada de errado com seu equipamento.

— Pode falar.

— É sobre o Mason Rudsky.

— O que tem ele?

— Está morto.

De repente, Jack sentiu necessidade de se sentar.

— Morto?

— Mortinho da silva.

— E o que você sabe a respeito?

— O seguinte: que o carro roubado que o atropelou nunca será encontrado.

— E o corpo?

— Não precisa se preocupar com ele. Os tiras já estão na cena do crime.

— Então, por que está me ligando?

— Porque parece que você é a única voz do grupo de herdeiros de Sally Fenning que todo mundo escuta. E eu tenho um recado para eles.

— Que recado?

— Diga a eles que o homem que atropelou Mason Rudsky sabia que Rudsky havia saído da disputa pelo dinheiro de Sally.

Jack levantou-se, como se andar de lá para cá o ajudasse a pensar.

— Você está dizendo que foi um homicídio?

— Com toda certeza. Ninguém pisou no freio. Não encontrarão nenhuma marca na estrada mostrando que ele foi arrastado.

— E ele foi morto por quem?

— Como já disse, por alguém que sabe que Mason Rudsky aceitou a oferta de Gerry Colletti.

— Está falando daqueles duzentos e cinquenta mil dólares?

— Estou falando que Mason Rudsky foi morto por alguém que sabia que ele não estava mais na parada para herdar os quarenta e seis milhões de dólares de Sally Fenning.

— Não entendi. Se ele sabia disso, que motivo teria para matá-lo?

— Essa é a parte que eu preciso que todo mundo compreenda. Principalmente você, porque ouvi boatos de que seu cliente está sofrendo pressão para cair fora também.

— Tenho certeza de que todo mundo está sofrendo pressão. É assim que essa partida está sendo jogada.

— Bom, não é assim que ela vai continuar sendo jogada—disse ele, a voz disfarçada ficando ríspida.

— Foi a Sally quem quis assim—disse Jack.—Você pode vencer sobrevivendo aos outros, ou convencendo os outros a caírem fora.

— Não estou nem aí com o que ela quis ou deixou de querer. Vocês, seus idiotas, podem achar que vão vencer o jogo desse jeito, mas a morte de Rudsky é um recado bem claro, dado em alto e bom som. Só uma pessoa vai ficar com o dinheiro e só uma pessoa vai sair dessa viva.

— Você está querendo dizer o quê? Ninguém mais sai?

— Exatamente. Ninguém mais sai.

— Então o que você quer?—perguntou Jack.—Uma luta que só acaba com a morte?

— Agora é uma questão pessoal. Um novo jogo. O meu.

— E quem foi que lhe deu o direito de mudar as regras?

— Dá um pulinho até sua caixa de correspondência. Jack parou de andar de lá para cá.

— O quê?

— Dá um pulinho até a porra da sua caixa de correspondência. Jack atravessou a casa com o telefone sem fio no ouvido. Sua caixa de correspondência ficava na parede de fora, ao lado da porta de entrada. Abriu a porta e foi para a varanda, examinando o jardim e o outro lado da rua para ver se alguém o podia estar observando.

— Já estou aqui—disse ele.

— Olha na caixa.

Ele estendeu lentamente a mão para a caixa, perguntando-se uma cobra ou um rato podiam sair dali a qualquer momento. Ficou o mais longe que pôde, levantando a tampa com a ponta dos dedos. Ela se abriu, mas nada pulou lá de dentro. Havia apenas um envelope.

— O que é isso?—disse Jack ao telefone.

— Abre.

O envelope não estava lacrado e Jack abriu-o. Lá dentro havia um medalhão de ouro em forma de coração.

— É bonito—disse ele.—Mas não é bem o meu tipo.

— Era de Sally Fenning, seu débil mental.

De repente, Jack sentiu-se culpado pela brincadeira.

— Como foi que conseguiu?

— Olha dentro dele—disse o sujeito, ignorando a pergunta. Havia um fecho ao lado do coração de ouro. Jack abriu-o como se fosse um livro. Lá dentro estava a fotografia de uma menininha. Jack já vira um número suficiente delas para saber que era Katherine, a filha de quatro anos de Sally.

Jack sentiu um nó na garganta, mas disse assim mesmo.

— Sally estava usando isso aqui quando você a matou?

— Eu nunca disse que a matei.

— Ela estava usando esse medalhão no dia em que morreu?

— Não—respondeu ele.—Não é possível.

— Então, como foi que você o conseguiu?

Houve silêncio do outro lado da linha. Um raio caiu a distância e alguns estalidos se fizeram ouvir na linha de telefone. Finalmente, o homem respondeu.

— Sally estava usando esse medalhão na noite em que enfiei minha faca nela e afoguei a princesinha.

Jack ouviu um clique na linha, seguido pelo sinal de ocupado. Por um momento não conseguiu se mexer, mas outra trovoadas o fez recuperar-se do choque. Colocou o medalhão no envelope com o maior cuidado e voltou apressadamente para dentro de casa, trancando a porta com corrente e tudo.

QUARENTA E QUATRO

NA MANHÃ SEGUINTE, Jack era o primeiro da fila para falar com o investigador Larsen.

Jack ligara para ele em seguida ao telefonema do homem com a voz disfarçada. Gostaria de ter gravado a conversa; mas a polícia não poderia usar uma fita, uma vez que na Flórida era ilegal gravar conversas sem um mandado ou o consentimento de ambas as partes. Jack repetiu a conversa da melhor forma que pôde e sua memória lhe pregou uma peça na hora de falar do medalhão. Estava prestes a ir à polícia e só queria um único favor em troca. Estaria no escritório de Larsen às 9h30 para conversar.

— Acho que é ele mesmo—disse Larsen.

Jack estava sentado numa desconfortável cadeira de carvalho ao lado da mesa de metal apinhada de coisas, mas era o lugar reservado às visitas.

— Poderia ser uma imitação?

— Pouco provável. Segundo os arquivos, Sally disse que tinha catorze quilates e foi comprado na Latham's Custom Jewelry, que fica no Seabold Building, no centro da cidade. A primeira coisa que fizemos hoje de manhã foi conversar com o dono da loja. Este tem catorze quilates e ele o reconheceu como um de seus produtos.

— Então é muito provável que só exista uma forma do sujeito que me ligou ontem tê-lo conseguido.

— Muito provável, sim.

— Tudo bem. Obrigado pela informação.

— Sou eu que tenho de agradecer, Jack. Gostei muito de você ter vindo aqui com isso. Quando você não conseguiu aquela entrevista com seu cliente depois que lhe dei aquela dica sobre o livro de Deirdre Meadows, eu estava começando a achar que você não me amava mais. Mas eu diria que agora estamos quites. Claro, agora eu entendo perfeitamente porque você não queria que eu conversasse com Tatum. Também li o jornal hoje de manhã.

— O jornal?

— Primeira página do Tribune. Sabe...

Seu celular tocou. Ele resmungou, pediu desculpas e atendeu.

Primeira página?, perguntou-se Jack. Larsen estava indo fundo em algum confronto extraoficial que não tinha o menor interesse para Jack. Surpreendeu um olhar do investigador, mas Larsen apenas deu de ombros e continuou a

discussão acalorada, conseguindo usar aquela palavra que começa com F como substantivo, verbo, adjetivo e advérbio numa única frase, um testemunho verbal de sua condição de veterano do serviço de segurança pública.

Jack precisava ver o jornal, e não estava com a menor disposição de esperar Larsen terminar sua briga estúpida. Acenou para ele em despedida e saiu em silêncio da sala do investigador. Tentando não parecer um fugitivo, caminhou para a saída o mais depressa que era praticável, parando na banquinha ao lado da delegacia.

O periódico Miami Tribune estava bem na frente de seus olhos, praticamente berrando sua mensagem do meio da primeira página para baixo: MILIONÁRIA VÍTIMA DE ASSASSINATO ENCONTRA MATADOR DE ALUGUEL, era o título da matéria escrita por Deirdre Meadows.

Não era a manchete principal, mas recebera um bom destaque. E o subtítulo, numa fonte só um pouquinho menor era pior ainda: Assassino de aluguel é herdeiro de espólio de US\$ 46 milhões. Jack comprou um exemplar, sentou-se num banco público e devorou a história.

Mal podia acreditar no que estava lendo. Estava tudo ali, tudo sobre o que ele e Tatum tinham conversado. Seu encontro com Sally no Sparky's. E, evidentemente, havia uma longa digressão sobre os principais desdobramentos do caso, inclusive a medida cautelar aprovada pelo juiz contra Tatum por seu suposto ataque a Gerry Colletti, seguida por um final sensacionalista que se referia a outra questão, o atropelamento e fuga acontecido na noite anterior que matara Mason Rudsky.

Mas uma coisa estava gritantemente ausente do artigo. Nenhuma palavra sobre a recusa de Tatum em fazer o serviço.

Belo exemplo de jornalismo imparcial, Deirdre.

Atirou o jornal na pasta, agarrou o celular e discou o número de Deirdre no Tribune. Levou um minuto ou dois para a telefonista completar a ligação, mas finalmente Jack escutou a voz dela.

— Meadows—disse ela.

— Aqui é Jack Swytek. Acabei de ler sua matéria sobre meu cliente.

— Que bom que você ligou! Confirma ou nega?

Ele quase podia sentir o regozijo dela com a desgraça alheia pela linha do telefone.

— E isso por acaso tem importância? Você nem sequer me ligou para me pedir um comentário.

— Eu estava com o prazo estourando. Não deu tempo.

— Melhor ser a primeira do que estar certa, não é mesmo?

— Não. Mas é legal ser a primeira. Principalmente quando sei que estou certa.

Jack levantou-se do banco e começou a andar em direção à rua, sentindo de repente a necessidade de se distanciar da delegacia de polícia.

— Quem é a sua fonte?

— E por que raios eu lhe diria?

— Não poderia lhe dar nenhum motivo. Ao menos, não à repórter que nem sequer se deu ao trabalho de dizer aos leitores que tem interesse pessoal nessa história.

— Que interesse?

Jack parou na esquina, quase caindo da calçada.

— Está brincando comigo? Você é um dos cinco herdeiros potenciais de Sally que ainda estão vivos. Se os outros quatro caírem fora ou seguirem os passos de Mason Rudsky, você ganha quarenta e seis milhões de dólares. Não acha que seu artigo devia ter falado sobre esse detalhe?

— Não. A história não era sobre mim.

— Tudo isso é sobre você, e seus leitores deviam saber. Seu artigo aumenta a pressão para o meu cliente sair do jogo.

— De que maneira?

— Você sabe. E não espere que eu vá lhe explicar tudo tim-tim por tim-tim, para você distorcer em alguma citação inteligente no jornal de amanhã.

— Não estou me fazendo de difícil. Estou confusa mesmo. Como o artigo verídico que escrevi sobre um encontro entre seu cliente e Sally Fenning faz pressão sobre ele para renunciar à herança?

— Não mude de assunto. Você devia ter revelado qual é o seu interesse nessa história.

— Essa história não foi inspirada por nenhum interesse. Ela me foi passada por uma fonte fidedigna.

— Aí é que está. A fonte pode ter esse mesmo interesse. Você é burra mesmo, ou está só fazendo de conta que é?

— Pare de me insultar, Swytech.

— Então sai dessa e joga limpo.

— Não vou lhe dizer quem é a minha fonte.

— Tudo bem. Mas você deve pelo menos considerar a possibilidade de toda essa história ter sido plantada.

— Plantada por quem?

— Por um dos outros beneficiários potenciais. Qualquer um deles poderia simplesmente ter inventado a coisa toda e manipulado você e o Tribune para publicar uma coisa que desqualifique Tatum como herdeiro dos bens de Sally. É como disse o Colletti na reunião. Isso daí aumenta as chances de todos.

— Minha fonte não é outro beneficiário.

Jack parou no cruzamento. Não esperava que ela lhe dissesse nada, e certamente não esperava uma coisa dessas.

— Como você sabe?—perguntou.

— Eu não costumo ir à polícia por conta das minhas matérias, mas quando o Rudsky apareceu morto na noite de ontem, fiz uma exceção. Agora que já contei para a polícia, posso muito bem contar para você.

— Contar o quê?

— Um homem me ligou há algumas semanas. Ele é a minha fonte.

— Vou perguntar de novo: como sabe que ele não é um dos outros herdeiros?

— Porque ele quer dividir o dinheiro comigo se eu vencer. Outro beneficiário não precisaria fazer esse tipo de trato. Já que está na parada.

— Bom, não vou discutir isso agora, mas você está provando que tenho razão. Essa pessoa, sua fonte, tem um interesse claro na história que você publicou hoje. Vai ter uma participação na herança que você vai receber, de modo que é natural que diga tudo e qualquer coisa para prejudicar Tatum e obrigá-lo a renunciar ao dinheiro.

— Você tem toda razão.

— Eu sei que tenho. Um jornal como o Tribune não devia publicar uma história baseada numa única fonte e não tem nenhuma credibilidade.

— O Tribune jamais faria isso. É por isso que fui à luta e consegui uma segunda fonte.

Ele fez uma pausa, quase com medo de perguntar:

— Quem?

Ela soltou uma risadinha de superioridade e disse:

— Normalmente eu mandaria você catar coquinho em resposta a uma pergunta como essa. Mas você e sua atitude esnobe de “Meu Cliente é Absolutamente Inocente” me irritaram, de modo que vou dizer o seguinte: e se a minha fonte fosse alguém próximo de você? Bom, digamos que eu acho que não há ninguém mais próximo.

Jack ficou em silêncio, como se ela tivesse acabado de lhe dar um soco na boca do estômago.

— Bom, agora, se você me dá licença—disse Deirdre—tenho um prazo a cumprir.

Ela desligou, mas Jack não se mexeu. Ficou olhando para o telefone, ainda tentando compreender o que ela acabara de falar; aquela ideia o fez sentir-se mal. Ninguém mais próximo.

Um ônibus passou retumbando por ele, deixando uma nuvem negra de fumaça de óleo diesel. Ele mal percebeu.

— Puta merda—disse ele enquanto enfiava o celular no bolso.

QUARENTA E CINCO

A CONVERSA COM THEO NÃO FOI BOA. Ele superaria aquilo, com certeza, e Jack não tinha sido tão acusatório assim. Quanto mais pensava naquilo, tanto mais impossível aquilo lhe parecia. Theo não trairia o irmão com ninguém, muito menos com uma repórter hiperambiciosa. Mas Jack achou que tinha pelo menos feito um gol e excluído completamente a possibilidade de Theo ser “a fonte” antes de enfrentar a pessoa que Deirdre Meadows achava estar mais próxima de Jack que qualquer outra.

— Kelsey?—disse ele com surpresa.—Eu não sabia que você vinha hoje. Ela não estava em horário de trabalho, mas estava no escritório de Jack sentada no sofá à sua espera quando ele chegou.

— Posso conversar com você um minutinho?—perguntou ela.

— Claro—disse Jack puxando uma cadeira e sentando-se nela a cavalo, de frente para Kelsey. Provavelmente havia ensaiado sua fala durante o caminho para o escritório uma dúzia de vezes, mas podia ver no rosto dela que estava dando uma impressão estranha.

— Kelsey, antes de entrarmos noutro assunto, tem uma coisa que eu preciso saber.

— Pode perguntar. Eu sei o que você vai dizer. Esta manhã. O jornal de hoje. O artigo sobre Tatum.

— E então?—perguntou ele hesitante.

Kelsey respirou fundo, era claro que estava tendo dificuldade em falar.

— Não sei como lhe dizer isso.

Jack sentiu uma pontada no estômago, sentindo-se mal com aquela possibilidade, mas as palavras saíram com raiva. Olhou nos olhos dela e disse:

— Você conversou com Deirdre Meadows?

Ela piscou duas vezes e depois desviou os olhos. Não precisava dizer nada. Ele não estava querendo fazer acusações, mas não conseguiu deixar de sacudir a cabeça num gesto de incredulidade.

— Por quê?—perguntou ele.

Quando ela ergueu os olhos, eles estavam cheios de lágrimas.

— Eu estava com medo de te contar. Eu sabia que você iria me achar uma idiota. Ela me fez cair numa arapuca, Jack.

— Fez você cair numa arapuca? Como assim?

— Ela me ligou e disse que já sabia que Tatum encontrara Sally antes dela ser morta. Sabia de todos os detalhes que Tatum nos deu: a noite chuvosa, o encontro no bar de Theo onde ela tentou contratá-lo para matá-la. A única coisa sobre a qual estava redondamente enganada era a hora. Afirmou que sabia de fonte segura que o encontro aconteceu menos de vinte e quatro horas antes de Sally aparecer morta. Eu disse que sua fonte estava errada. E, então, ela jogou sujo.

— Como assim, jogou sujo?

— Ela deixou claríssimo que, a menos que eu dissesse algo em contrário, ia publicar a história do jeito que estava. Tatum e Sally encontraram-se vinte e quatro horas antes da morte dela. Eu lhe disse que precisava conversar com você, mas Deirdre respondeu que você não tinha retornado a ligação dela e seu prazo para entregar a matéria estava estourando.

— E o que foi que você lhe disse?

— Fui inflexível. Eu disse: “Não posso lhe dizer se houve um encontro ou não. Tudo quanto posso lhe dizer é que tenho certeza de que não houve encontro nenhum vinte

e quatro horas antes da morte de Sally?”

— Boa resposta.

— Mas ela não ficou satisfeita com essa resposta, e disse: “Diga-me o mundo do crime funciona.

— Foi por isso que o mandei ficar com a minha mãe, como você me aconselhou.

— Eu gostaria que você seguisse a outra parte do meu conselho e chamasse a polícia.

— Não. Não posso. Ele disse que o Nate pagaria o pato se eu fizesse isso, e não vou assumir esse risco. Você não está vendo pelo que estou passando? Não está vendo que posso me ferrar pra valer? Estou apavorada. Você sabe o que uma ameaça desse tipo me faz sentir. O que aconteceu com aquela pobre menininha já é horrível. Mas o Nate... eu lhe contei toda aquela história do afogamento na primeira vez que ele saiu com você no barco do Theo. Tenho pesadelos com isso até hoje.

— Em se tratando de você e do Nate, você não vai encontrar ninguém que tenha mais simpatia do que eu. Mas você tem de se controlar. Você não pode virar marionete nas mãos de uma repórter qualquer.

— Tudo bem. Mas espero que a minha situação ao menos explique o que aconteceu. Um homem ameaça afogar meu filho se Tatum Knight não sair do

jogo. Fiquei confusa, sem saber direito o que fazer, o que dizer às pessoas. Essa repórter me ligou do nada e começou a fazer perguntas sobre uma conversa que Tatum Knight teve com Sally Fenning antes dela morrer.

— Você devia ter desligado aí mesmo.

— Eu sei. Mas juro por Deusjack, ela já sabia da história toda. Pensei que estava ajudando nosso cliente ao lhe dizer que o encontro não aconteceu apenas vinte e quatro horas antes de Sally ser morta.

Jack lançou-lhe um olhar irritadíssimo. Mal podia acreditar no que estava prestes a dizer, mas bem lá no fundo o advogado que existia dentro dele assumiu as rédeas.

— Você acha mesmo que estava ajudando, Kelsey? Ou achou que era uma forma de dar a seu atacante exatamente o que ele queria, que é tirar Tatum da jogada?

Ela ficou boquiaberta.

— Não acredito que você está me acusando disso.

— Só estou lhe fazendo uma pergunta.

— A resposta é não. Não.

Jack estava começando a se arrepender de ter feito a pergunta de uma forma tão indelicada; mas, como advogado de Tatum, tinha de ser firme.

A voz dela tremeu.

— Você acha mesmo que eu violei deliberadamente o sigilo da relação advogado-cliente? Não estou a fim de me colocar na lista negra dos tribunais da Flórida antes de sequer ter me formado na escola de direito.

Jack fez uma pausa e respirou fundo, livrando-se de algumas de suas suspeitas. Ela parecia abalada demais com toda aquela experiência para conseguir mentir sobre suas intenções a essa altura do campeonato.

— Tudo bem—disse ele.—Você se deu mal. Vamos deixar isso pra lá. Mas o que você fez foi uma coisa muito feia.

— para com isso, Jack.

— Parar com o quê?

— Eu já pedi desculpas cinquenta vezes. Aquela repórter me pegou num dia ruim, só isso. Não tenho uma noite de sono decente desde o ataque. Tudo que eu tenho conseguido fazer é pensar no Nate, naquela menininha e num psicopata segurando eles naquela banheira de água cheia de sangue, enquanto eles chutam com as perninhas e...

Ela se descontrolou e as lágrimas estavam correndo. Ela estava completamente arrasada. Jack teve o impulso de ir na direção dela. Ela se levantou e parecia querer que ele a tomasse nos braços, mas ele parou. De repente estava se sentindo mais como seu patrão do que como seu namorado.

— Ora, ora—disse ele enquanto punha uma mão ligeiramente tranquilizadora no ombro da moça.—Isso vai passar.

— Estou péssima. Gostaria de consertar isso de algum jeito.

— Não se preocupe. A gente vai resolver essa parada.

Ele tentou recuar e colocar uma certa distância entre os dois corpos, mas Kelsey pegou na mão dele e disse:

— Tem certeza?

— A verdade é que vamos ter de enfrentar essa questão mais cedo ou mais tarde. Tatum encontrou realmente Sally. E ela tentou realmente contratá-la para matá-la.

O único item de controle de danos que temos de resolver é o fato de Deirdre não ter incluído a negativa de Tatum em fazer o serviço.

— Há algo que possa fazer?

— Pode deixar que eu cuido disso.

Estavam de pé, a apenas uns trinta centímetros de distância um do outro, um pouco perto demais para Jack se sentir à vontade. Kelsey com os olhos grandes e expressivos estava lhe transmitindo muitas emoções contraditórias. Constrangimento. Remorso. Ela apertou a mão dele com força e disse:

— É importante para mim que isso não mude sua maneira de me ver.

Ele não disse nada.

Ela se obrigou a fazer um leve sorriso lhe passar pelo rosto.

— Acha que pode perdoar uma mãe solteira preocupada por cometer um erro de principiante?

Ele refletiu, tentando ignorar a expressão do rosto dela e o toque de sua mão, tentando apagar de sua memória o momento único e fulgurante que viveram juntos na varanda de sua casa e das noites que passara sozinho perguntando-se o que “poderia haver” entre eles. Precisaria de um tempo para analisar suas próprias emoções, e ficou um pouco chateado por ela ter lançado mão daquela cartada de mãe solteira e erro de principiante. Mas disse o que achava que ela precisava ouvir, só palavras, sem nenhum sentimento por baixo.

— Posso, sim.

Ela sorriu apenas o bastante para mostrar seu alívio.

— Vai ficar tudo bem entre nós?

— Claro. Mas o veredicto ainda depende de uma pergunta muito mais difícil.

— Qual?

— Será que o Tatum vai perdoá-la?

QUARENTA E SEIS

O BAR ESTAVA APINHADO, a maioria tinha vinte e poucos anos, um pessoal jovem que tomaria ácido de bateria desde que fosse na proporção de dois por um. Deirdre Meadows estava em seu quarto gim com água tônica, num reservado que estava dividindo com sua melhor amiga, Carmen Bell, jornalista freelance que se considerava poetisa e não admitiria para mais ninguém além de sua querida Deirdre que sua verdadeira ambição na vida era escrever cartões de felicitações bem bobos para a Hallmark. Encontravam-se para tomar uns drinques toda quarta-feira, a “Noite das Damas depois que Deirdre entregava suas matérias, mas hoje era um dia mais especial ainda.

— Primeira página—disse Carmen.—Belo trabalho, menina. Deirdre trituroou um cubo de gelo com os dentes e sorriu.

— O melhor ainda está por vir.

— Conta.

Deirdre olhou pelo ombro, como se quisesse ter certeza de que ninguém estava escutando. O reservado atrás delas estava cheio com o pessoal que vinha ali depois do trabalho, três caras tomando tequila enquanto suas namoradas se revezavam tentando equilibrar uma colherzinha na ponta do nariz.

— Lembra como fiquei puta da vida quando meu editor foi contra minha ideia de fazer uma matéria investigativa em três partes sobre Sally Fenning?—perguntou Deirdre.

— Lembro, sim. Problemas de orçamento, blá, blá, blá.

— Bom, não existem mais problemas de orçamento. Agora é sinal verde.

— Nossa! Então agora você está do jeito que gosta. Deirdre pegou um amendoim da tigela de salgadinhos.

— Parece, não parece?

Carmen inclinou-se sobre a mesa e falou em voz baixa, como só fazia ao trocar segredinhos.

— Então me conta. Quem é a fonte?

— Carmen! Estou surpresa com você. Ela sorriu com ar de entendida e disse:

— Você não tem a menor ideia de quem ele é, tem?

— Não—disse ela, e as duas soltaram uma risadinha. Depois Carmen ficou séria.

— Está com medo dele?

— Um pouco.

— Só um pouco?

— Bom...—disse ela dando de ombros.—Estou com menos medo agora que falei com a polícia.

— Espera aí. Desde quando uma jornalista fala com a polícia sobre suas fontes?

— Esse caso é diferente. Esta é uma fonte que ameaçou me matar. Os olhos de Carmen arregalaram-se.

— Ela o quê?

— Nada. Esquece que eu disse isso. Estamos aqui para comemorar. A última coisa que eu quero é que você me deixe apavorada.

Carmen mordeu o canudinho de plástico que usava para mexer seu drinque até que uns bons cinco centímetros da parte que estava fora da bebida estivessem completamente achatados com marcas de dente.

— Será que dá para você parar com isso?—perguntou Deirdre rispidamente.

— Desculpe. É que eu não gosto nada quando uma amiga minha recebe ameaças de morte.

— Eu estou tendo cuidado, tá bom?

— Tá. Espero que esteja sendo esperta também.

— Ah, estou sim. Olha só:Johnny, estou com medo, será que dá para passar a noite aqui com você?Johnny, me abraça. Johnny, eu ia dormir muito melhor se a gente conseguisse levantá-lo só mais uma vez e colocá-lo bem...

— Tudo bem, tudo bem, entendi—disse Carmen com um sorriso.

— Entendeu mesmo?

— Bom, tecnicamente falando, não.

— Então, mais uma vez, a minha vida traz uma certa trepidação para a sua, não é mesmo?

— Espero que você pegue chato.

Deirdre riu enquanto pegava uma nota de dez dólares da bolsa. Colocou-a sobre a mesa, depois procurou a chave da casa do namorado no centro da cidade e disse:

— Desculpe dar uma de cachorro magro, mas o Johnny põe a corrente na porta se eu não chegar lá antes das onze.

— Mas, que merda, Deirdre! Quando você vai encontrar um homem que não faça você ter de levantar o traseiro e ir para a casa dele pra poder vê-lo nu?

— Assim que eu herdar quarenta e seis milhões de dólares.

— Não que você goste de dinheiro.

— Claro que não. Quem precisa dele?

As duas conseguiram ficar sérias durante uns dois segundos, depois soltaram uma gargalhada.

— A gente se fala—disse Deirdre.

Abriu caminho em ziguezague por entre a multidão e poderia jurar que estava chamando mais atenção do que de costume. Era tudo uma questão de postura e, desde hoje cedo, ela tinha uma nova. Um desconhecido chegou até a abrir a porta para ela.

— Obrigada—disse com um sorriso, e saiu.

Como o sol já mergulhara há muito tempo em Everglades, esta era uma daquelas noites perfeitas de outono que têm só aquele friozinho suficiente para você esquecer a umidade e o calor danado do verão, que grudam no corpo até a festa de Halloween. O estacionamento ali era um roubo, dezoito dólares e, como de costume, Deirdre não trouxera moedas para os parquímetros da rua, por isso deixara seu pequeno Honda num lugar onde não teria de pagar nada, numa alameda ao lado da farmácia. Tinha-lhe parecido uma boa ideia quando a farmácia estava aberta, mas agora suas janelas estavam negras e não havia mais fregueses entrando e saindo. A noite tem a capacidade de mudar tudo.

Procurou a chave na bolsa enquanto percorria rapidamente aquele trecho. Havia um cara atrás do volante numa picape vermelha e a expressão de seu rosto preocupou-a até ela ver uma cabeleira loira subindo e descendo no colo dele. Seria capaz de apostar que ele não a seguiria. Seu carro estava bem perto e o burburinho abafado dos frequentadores do bar diminuía a cada passo que ela dava na escuridão.

O alarme do carro tocou quando ela apertou o botão do controle remoto. Entrou, fechou a porta e tentou enfiar a chave na ignição. Mãos nervosas transformavam em desafio um simples processo como ligar o carro; indiscutivelmente o problema era mais de nervos do que de drinques.

O que é isso? Calma, menina.

O motor pegou na segunda tentativa. Ela pôs primeira e saiu tão depressa que fez voar o cascalho. Ligou o rádio para se tranquilizar.

Mentira para Carmen. Sua fonte a tinha assustado mais que “um pouco. Sabia muito bem que, ao mostrar a matéria sobre Tatum a seu editor, estava desafiando claramente suas ordens. Não tinha certeza a respeito do que ele poderia fazer, mas alguma coisa com certeza ele ia fazer. Ela fora à polícia, na esperança de que esta lhe oferecesse alguma proteção. Os tiras deram-lhe um folheto cheio de conselhos convencionais para vítimas de perseguição, dizendo-lhe para voltar quando estivesse disposta a deixar que grampeassem seu telefone em casa e no trabalho. Aí então talvez eles conversassem sobre proteção.

Uma jornalista com o telefone grampeado. Eles piraram?

Chegou à casa de Johnny em tempo recorde. O medo, o gim, a adrenalina, tudo isso a fez ir mais rápido que de hábito. As vagas do estacionamento em frente à casa de Johnny estavam ocupadas, e o comentário de Carmen voltou-lhe à cabeça. Aquele bosta podia ao menos ter aberto mão de seu ponto privilegiado e deixado seu carro no estacionamento das visitas para ela não ser obrigada a andar quinhentos metros na escuridão. Sentiu vontade de desistir e ir para casa, mas era verdade que se sentia mais segura dormindo com ele. Acelerou o carro até o estacionamento das visitas, descobriu uma vaga e pulou fora do veículo.

Gables Point era um condomínio tranquilo, tinha montes de árvores e não era muito bem iluminado. Ela foi pela calçada até a área da piscina, que não era o caminho mais curto para a casa de Johnny, mas a iluminação era melhor, exceto nas últimas centenas de metros, onde a calçada serpenteava por uma floresta de chorões. O círculo de luz que brilhava em volta da piscina pareceu segui-la por um tempo, mas Deirdre parou ao chegar à extremidade meio indefinida do outro lado. Tinha feito esse caminho pelo menos uma dúzia de vezes no último mês, sem nunca ter pensado duas vezes. Esta noite, seus instintos lhe disseram para virar e correr pelo outro caminho.

Era tarde. Estava escuro. Havia montes de árvores grandes atrás das quais alguém podia se esconder.

Você está pirando.

Ela pôs um pé na frente do outro, e agora estava de novo a caminho, aumentando a velocidade, o pulso acelerando. Entrara em lugares muito mais perigosos ao longo de sua carreira, noite após noite, como a principal repórter criminalista do Tribune. Fizera entrevistas com assassinos, vira muitos cadáveres, tudo cabia num dia de trabalho. Isso não era nada.

A calçada fazia uma curva no meio do caminho, porém ela seguiu reto. Não havia tempo para tomar o caminho mais bonito e também não havia paisagem para ver na noite escura. Ela estava cortando caminho pelo gramado quando

escutou aquele som. Parou e olhou para trás; não viu nada, não ouviu nada. Mas tinha certeza de que ouvira algo um momento antes. Som de passos. Atrás dela.

Ou seria imaginação?

Virou-se e correu a toda velocidade, dando o máximo de si, afastando os galhos das árvores que lhe açoitavam o rosto. O tornozelo virou, o que a fez gritar, mas continuou correndo, apesar da dor. Vinte metros para a casa de Johnny. Estava de volta à calçada, correndo com todas as forças pelo trecho que a separava da casa do namorado. Subiu os três degraus da frente de um único salto e começou a procurar freneticamente a chave no meio da escuridão.

O jumento nem deixou a luz da varanda acesa para mim.

Pegou a chave, usou as duas mãos para acertar a fechadura e enfiou-a lá dentro. O cilindro da fechadura estalou, a chave virou. Ela girou a maçaneta e inclinou-se para a porta, que abriu uns quinze centímetros, mas foi travada pela corrente.

Merda!

Lançou um rápido olhar sobre o ombro e, mais uma vez, não viu nada. Ou não, talvez uma sombra.

— Johnny, abre a porra dessa porta!

Empurrou a porta para trás e para a frente, fazendo-a bater com violência contra a corrente para acordá-lo.

— Johnny!

Ouviu som de passos outra vez, e seu coração disparou, mas depois ela se acalmou; os passos estavam vindo de dentro da casa.

— Johnny, sou eu!

A porta fechou e a corrente retiniu lá dentro. A maçaneta girou e Deirdre empurrou a porta para entrar. Entrou como um furacão, ansiosa por vê-lo, ansiosa por ver qualquer pessoa. Ela se lançou em seus braços, a porta bateu e ela estava firmemente presa antes de se dar conta do que tinha acontecido.

Não era Johnny.

Uma faca gelada estava encostada em sua garganta.

— Cadela filha da puta!—disse ele num murmúrio furioso.—Eu mandei você escrever a história, não mandei publicar.

Ela gritou, mas o som só foi ouvido por ela mesma, enquanto a lâmina afiada

penetrava fundo em sua garganta, abrindo caminho até a nuca, silenciando-a para sempre.

QUARENTA E SETE

ÀS QUATRO DA TARDE DE SEXTA-FEIRA, Jack e Tatum estavam de volta à vara de família.

Não tinham-se passado nem dois dias desde o assassinato de Deirdre, e tudo havia mudado. Ou pelo menos tudo havia-se intensificado, e Jack não conseguiu se livrar daquilo tudo: cobertura da mídia, telefonemas dos advogados dos herdeiros remanescentes, perguntas de investigadores. Foi um vizinho que percebeu o sangue escorrendo por baixo da porta da frente, na manhã do Dia de Ação de Graças. Os tiras encontraram o corpo no vestibulo e o namorado amarrado e trancado no guarda-roupa do quarto de dormir, sem ferimentos, mas com uma venda nos olhos. Não vira absolutamente nada, uma testemunha inútil. É claro que o investigador Larsen foi atrás de Jack e de seu cliente em busca de respostas, uma vez que a medida cautelar do juiz já havia rotulado Tatum como o sicário do grupo. A morte de Mason Rudsky ainda era um mistério e o fato de Deirdre Meadows aparecer morta no mesmo dia em que o Tribune publicou sua matéria dizendo que Tatum havia sido contratado por Sally Fenning para matá-la não ajudou em nada.

— Todos de pé!—ordenou o oficial de justiça.

O juiz Parsons entrou na sala do tribunal vindo de seus aposentos laterais. A multidão levantou-se ao ouvir a ordem e o barulho dos pés se arrastando era perceptivelmente mais alto que na maioria das audiências. Todas as quinze fileiras de bancos destinados ao público estavam apinhadas de espectadores, e a maioria de pessoal da mídia.

Era a primeira audiência desde que um promotor público e uma repórter ambiciosa tinham sofrido morte prematura numa corrida por quarenta e seis milhões de dólares, e os gênios dos jornais locais finalmente levaram a questão a sério, mesmo sem um escândalo sexual.

— Sentem-se, por favor—disse o juiz.

Jack e Tatum voltaram a seus lugares, ambos de novo à parte dos outros. Miguel Rios, Gerry Colletti e seus advogados estavam sentados à mesa mais próxima da bancada vazia dos jurados. Vivien Grasso, por ser inventariante do espólio, sentou-se na ponta de sua mesa, e não num dos lados, mas era indiscutível que não estava na mesma situação que Jack e Tatum.

Alan Sirap continuava sem dar as caras.

O oficial de justiça apresentou o caso:

— Em pauta, o Espólio de Sally W. Fenning.

O juiz deu início à sessão. No começo, parecia estar aborrecido, mas talvez

estivesse esperando para ter certeza de que as câmeras de televisão já estavam a postos e funcionando para gravar seu discurso.

— Boa tarde—disse ele com voz fúnebre.—Seria negligência da minha parte se eu não expressasse minhas graves preocupações com a tragédia que se abateu sobre esse caso. Principalmente, a do dia seguinte ao de Ação de Graças, eu gostaria de dar os meus sinceros pêsames aos familiares e amigos de Mason Rudsky e Deirdre Meadows.

— Isso posto, eu gostaria de dizer a todos que vim para esta sala de audiências sem nenhuma ideia preconcebida a respeito do responsável por esses acontecimentos horríveis. Digo isso porque hoje temos diante de nós uma moção muito séria apresentada pelo sr. Colletti, um dos herdeiros potenciais. Quero que o sr. Colletti e todos os presentes aqui compreendam que esse tribunal não vai se basear na emoção ou na revolta para adotar qualquer medida extraordinária. Vou insistir na apresentação de provas e, se existirem, vou garantir a reparação pedida. Mas não antes. Fui claro?

— Sim, meritíssimo—responderam os advogados.

Tatum inclinou-se na direção de Jack e sussurrou:

— Estou gostando do que ouvi.

Jack concordou com um pequeno aceno de cabeça, escondendo sua preocupação. Lembrava muito bem dos discursos que ouvira, sentado ali naquele banco, quando era promotor público, quando o juiz estava prestes a vociferar contra o governo por causa de alguma “tática revoltante” que “chocou o tribunal” e depois despachar o réu para uma estada de um milênio na terra dos mortos-vivos.

— Sr. Colletti, o senhor tem a palavra—disse o juiz.

Seu advogado levantou-se do banco, mas Gerry pediu-lhe que se sentasse com um gesto e deu um passo a frente, como se quisesse dizer: deixa que eu cuido disso. Era claro que se tratava de uma mudança de última hora e Jack sabia exatamente o que estava se passando. O holofote estava lançando uma luz fulgurante demais para Gerry Colletti ceder o lugar para outro advogado.

Gerry aproximou-se do banco das testemunhas, que ficava no centro da sala, lançando um último olhar para a câmera de televisão antes de dar as costas à multidão e dirigir-se ao tribunal.

— Meritíssimo, o senhor está absolutamente certo. Essa moção que apresentei é muito grave. E tive bons motivos para apresentá-la.

— Sou eu quem vai julgar isso—disse o juiz secamente.

— Com toda certeza. Como o tribunal sabe, o estado da Flórida tem uma lei

chamada Estatuto do Assassino. Esse estatuto proíbe um assassino de herdar qualquer coisa do testamento de sua vítima.

— Conheço a lei. Como deixei claro em minhas observações iniciais, estou interessado em saber que evidência o senhor pretende apresentar para provar que a lei deve ser aplicada neste caso.

— Tatum Knight é beneficiário do testamento de Sally Fenning. Esta moção pretende invocar o Estatuto do Assassino para desqualificá-lo como herdeiro deste testamento.

— Com base em que provas, sr. Colletti?

— O senhor com certeza leu o artigo publicado no jornal de ontem.

Parece que o sr. Knight é um assassino de aluguel que foi contratado para matar a senhora Fenning.

— Protesto!—disse Jack levantando-se.—Desde quando começamos a indiciar supostos assassinos com base em artigos de jornal?

— Protesto aceito—disse o juiz.—Os artigos de jornal são admissíveis em certas circunstâncias, mas se isso é tudo que o senhor tem, sr. Colletti, eu diria que essa moção é muito prematura.

— Senhor juiz, admito que, neste momento, não estou em condições de provar que Tatum matou Sally Fenning.

O juiz resmungou e disse:

— E então, o que está fazendo aqui?

— Depois da morte de Mason Rudsky e de Deirdre Meadows, achei que era imperativo trazer essa questão perante o tribunal agora, preferindo pecar por excesso de zelo.

— Lançou um rápido olhar ao cliente de Jack, que estava do outro lado da sala, e disse:

— Para que o sr. Knight não me mate também antes de eu ter a chance de reunir minhas provas.

— Protesto!—disse Jack.—Essa moção, supostamente séria, está se transformando rapidamente numa peça de teatro sem sombra nem sequer de provas.

— Sr. Colletti, o senhor tem alguma prova de que o senhor, pessoalmente, está correndo esse perigo?

— Tenho. É por isso que apresentei essa moção relativa ao Estatuto do Assassino com um pedido de que o sr. Knight seja preso por desacato às

ordens do tribunal, pois não obedeceu à medida cautelar. O tribunal ordenou anteriormente que o sr. Knight não chegasse a mais de quinhentos metros de nenhum dos outros beneficiários, exceto ao se apresentar diante do tribunal ou em reuniões oficiais com a inventariante do espólio de Sally Fenning. Como foi detalhado no documento em que apresentei minha moção, o sr. Knight me atacou mais uma vez quando eu estava fora de casa fazendo uma caminhada com o meu cachorro.

O juiz lançou um rápido olhar para a pasta que continha o documento, usando seus óculos de leitura.

— Segundo a sua declaração, isso aconteceu há quase uma semana atrás. Por que precisou de tanto tempo para apresentar essa evidência?

— A bem da verdade, esse sujeito me deixa completamente apavorado. Mas agora que dois dos outros beneficiários apareceram mortos, cheguei à conclusão de que seria um dever chamar a atenção do tribunal para mais essa evidência.

O juiz acenou com a cabeça, aparentemente satisfeito com a explicação.

— Sr. Swyteck, todos nós lemos o documento apresentado pelo sr. Colletti. O que tem a dizer sobre ele?

Jack levantou-se e disse:

— Com sua permissão, eu gostaria de fazer algumas perguntas ao sr. Colletti sobre as fotografias que ele anexou ao documento.

— Fotografias?—O juiz folheou o documento, parecendo tê-las perdido.

— Anexeí várias fotografias que mostram a gravidade dos golpes que recebi do sr. Knight nesse segundo encontro—disse Gerry.—Como digo na minha moção, ele ficou muito agitado, agarrou-me pelo pescoço, jogou-me no chão e me chutou várias vezes.

— É mentira—sussurrou Tatum.

Jack pôs uma das mãos em seu ombro, tentando acalmar o cliente.

— Meritíssimo, acho que tenho o direito de interrogar a testemunha sobre a autenticidade dessas fotografias.

— Autenticidade?—disse Gerry num tom de voz indignado.—Está insinuando...

— A testemunha vai prestar juramento—ordenou o juiz.

Gerry sacudiu a cabeça, como se quisesse dizer que aquilo era pura perda de tempo. Depois sentou-se no banco das testemunhas e o oficial de justiça o fez

repetir o juramento familiar.

Jack aproximou-se e disse:

— Sr. Colletti, essas fotografias de suas contusões, quem as tirou?

— Eu mesmo. Tenho uma máquina fotográfica que tem um cronômetro embutido. Você aperta um botão, fica na frente dela e ela bate a foto.

— Quando exatamente o senhor tirou essas fotografias?

— Imediatamente depois de meu segundo encontro com o sr. Knight. Aquele descrito em meu documento.

— E tirou-as com que objetivo?

— Bom, não sou de me vangloriar, por isso normalmente não colocaria fotografias minhas nu da cintura para cima num arquivo público.

— E sorriu, parecendo ter certeza de que acabara de pronunciar a frase mais importante do noticiário da noite.

O juiz girou os olhos num gesto de enfado, e a sala do tribunal ficou em silêncio. Gerry limpou a garganta e disse:

— Anexei-as para mostrar ao tribunal a gravidade do espancamento de que fui vítima mais uma vez nas mãos do sr. Knight.

Jack voltou à sua mesa e pegou mais dois maços de fotografias. Entregou um deles ao juiz e disse:

— Meritíssimo, tenho várias fotografias com zoom criadas a partir dos originais do sr. Colletti. Peço desculpas por não tê-las apresentado antes ao tribunal, mas como só recebemos uma cópia da moção hoje de manhã, só as peguei no laboratório de revelação há alguns minutos atrás.

— Desculpas aceitas.

Jack virou-se para a testemunha, entregou-lhe a primeira fotografia do maço e disse:

— Sr. Colletti, essa fotografia com zoom parece ser uma representação legítima e acurada de seu braço esquerdo, tal como ele está em sua foto original?

Ele a examinou e disse:

— Parece ser o meu braço, sim.

Jack entregou-lhe outra foto e disse:

— Aqui está um zoom feito mais de perto. Parece ser uma representação

legítima e acurada do seu antebraço esquerdo, tal como ele está na sua foto original?

— Eu diria que sim.

— Uma última foto.—Entregou-a a Colletti e disse:—E esta? Foi feita com um zoom que aproximou ainda mais a imagem. Parece ser uma representação legítima e acurada de seu punho esquerdo, tal como ele está na sua foto original?

— Este é o meu punho, sim.

— Este é o seu relógio Rolex?

— Sim.

— Ele tem um calendário, não tem?

Gerry fez uma pausa, como se percebesse a intenção de Jack.

— Sim.

— Examine a fotografia de novo. Se puder, por favor, leia a data mostrada no calendário do relógio.

Sua expressão mudou e ele respondeu baixinho:

— N-O-V-Dois.

— Quer dizer, dois de novembro, correto?

Colletti mudou de posição nervosamente, parecendo estar procurando uma forma de sair da arapuca que Jack lhe armara.

O juiz examinou com cuidado sua cópia da fotografia, depois lançou um olhar feroz para a testemunha e disse:

— Suponho que seja isso que o calendário está dizendo.

— E o dois de novembro, pelas minhas contas, foi cerca de duas semanas antes de seu suposto segundo encontro com meu cliente, correto?

Gerry não respondeu. Jack chegou mais perto.

— Sr. Colletti, essas fotografias não foram tiradas depois do suposto segundo encontro com o sr. Knight, no dia quinze de novembro. Essas aqui foram tiradas depois do suposto espancamento que o senhor sofreu fora do bar John Martin's nas primeiras horas da manhã de dois de novembro. Não está certo?

A sala do tribunal estava em silêncio. Todos os olhos estavam na testemunha, e Colletti continuava olhando para a fotografia, como se quisesse que a data mudasse.

Finalmente, Gerry deu de ombros e lançou um olhar malicioso ao juiz, e disse:

— Meu Deus, não sei como foi que me confundi desse jeito.

— Acho que já ouvi o bastante—disse o juiz.

— Só um momento, por favor, senhor juiz—disse Gerry.—Para que essa seja uma audiência completa, eu gostaria de ter a oportunidade de fazer algumas perguntas ao sr. Knight.

Colocar Tatum no banco das testemunhas era a última coisa que Jack queria. Se Gerry não tivesse forçado a barra com as fotografias, Jack talvez não conseguisse impedi-lo. Mas, agora, ele estava com a bola toda.

— Senhor juiz, com toda a sinceridade, parece que houve uma violação técnica da medida cautelar aprovada pelo tribunal.

— Técnica?—disse Gerry.—Ele me agarrou pelo pescoço.

— Sim, sr. Colletti—disse o juiz.—Todos vimos suas fotografias. Um leve som de risadas veio da galeria.

— Vamos estipular o pagamento de uma multa de quinhentos dólares, com a condição expressa de que outras violações da medida cautelar não serão toleradas.

— Protesto—disse Gerry.

— Aceito—disse o juiz, usando o martelo para dar ênfase às suas palavras.—E estou falando aqui de tolerância zero, sr. Swytek. Da próxima vez, seu cliente vai para a cadeia.

— Entendido—respondeu Jack. O juiz olhou para Gerry e disse:

— Pode apresentar sua moção para desqualificar o sr. Knight de acordo com o Estatuto do Assassino, se quiser. Mas quero deixar uma coisa bem clara: não peça uma audiência, nem tome o tempo desse tribunal, a menos que tenha provas a apresentar.

— Sim, meritíssimo—disse ele num grunhido.

O juiz olhou para a multidão reunida ali e disse:

— Se não houver mais nenhuma questão a ser apresentada ao tribunal, então nós...

Vivien Grasso levantou-se e disse:

— Meritíssimo, há mais uma questão.

Todas as cabeças se voltaram para a inventariante do espólio de Sally

Fenning.

— E qual é?—perguntou o juiz. Ela falou com uma expressão aflita.

— Andei pensando muito nesses últimos dias e peço desculpas por levantar essa questão agora. Mas ver o que acabou de se passar nessa sala me ajudou a chegar à minha conclusão final.

— Conclusão final sobre o quê?—perguntou o juiz.

— Eu gostaria de renunciar à minha condição de inventariante do espólio de Sally Fenning.

A multidão voltou à vida, como se farejasse algo digno de uma manchete de jornal.

— Como assim?—disse o juiz.

— Uma das minhas obrigações mais importantes como inventariante é entregar o espólio aos herdeiros. Simplesmente não me sinto à vontade para fazer uma partilha quando os beneficiários podem estar espancando uns aos outros e se matando para ficar com a herança.

— Garanto-lhe que ninguém vai fazer nenhuma partilha, nem receber herança alguma enquanto a morte de Mason Rudsky e Deirdre Meadows não for inteiramente explicada e o culpado não for identificado.

— Agradeço, senhor juiz, mas já tomei a minha decisão.

— Receio que isso não baste. Pela lei, este tribunal não pode lhe permitir renunciar enquanto não encontrarmos um substituto.

—Já tomei providências nesse sentido—disse ela.—Entrei em contato com todos os substitutos possíveis. Um deles concordou ontem em se apresentar e assumir o meu posto se eu decidisse renunciar.

— E quem é?

Vivien voltou-se para a multidão e disse:

— Ela está na sala de audiências agora. Renê Fenning, a irmã de Sally.

Jack virou-se tão depressa que quase quebrou o pescoço. Uma mulher levantou-se do lugar onde estava, no meio da oitava fileira de bancos destinados ao público. Estava usando um tailleur azul, com uma bela maquiagem, os cabelos perfeitos: parecia um anúncio de revista de moda. Jack despedira-se de uma mulher com um visual completamente diferente, não menos bela, diga-se de passagem, naquela noite chuvosa na África.

— A senhora Fenning?—disse o juiz.

— Na verdade, dra. Fenning—disse Vivien.—Ela é médica.

— Dra. Fenning, a senhora Grasso formulou corretamente suas intenções?

— Sim, meritíssimo—replicou ela.

— Dê um passo à frente, por favor. Podemos muito bem oficializar a substituição agora.

A sala de audiências ficou em silêncio enquanto Renê se aproximava, salvo pelo ruído suave de lápis correndo em folhas de blocos enquanto os jornalistas reescreviam a manchete do dia seguinte. Jack também observava todos os seus movimentos. Tivera vislumbres de sua beleza em meio ao suor e à poeira da África. Pensara na aparência que teria num outro lugar, em outras circunstâncias, mas nem sua imaginação fértil lhe fizera justiça. Nem esperava vê-la de novo, e jamais teria adivinhado que seria tão cedo. Não ficou claro de imediato o que o envolvimento dela significava em termos de administração do espólio de Sally; mas, num plano completamente diferente, um plano que o fazia sorrir para si mesmo, ele estava satisfeito, com o fato dela estar em Miami.

— Pó, ela é mais deslumbrante ainda que a irmã—sussurrou Tatum. Jack poderia ter-lhe dito que ela tinha miolos do mesmo calibre que a beleza, mas deixou passar, pondo o comentário na conta de algum gene do irmão Knight que nunca deixaria de chover no molhado.

René passou pela porta giratória de mogno e sentou-se ao lado de Vivien Grasso no banco. O juiz cumprimentou-a com um sorriso de satisfação e depois a interrogou rapidamente sobre seus antecedentes e as relações com a irmã. Nada que Jack já não soubesse, mas foi interessante ouvir tudo aquilo de novo com a voz de René.

Quando terminaram, o juiz passou os olhos pela sala e perguntou:

— Os herdeiros têm alguma objeção a que a dra. Fenning assuma o papel de inventariante do espólio da irmã?

Silêncio.

— Como não estou vendo nenhuma—disse o juiz—eu pediria à dra. Fenning para passar na minha sala depois que esta audiência terminar. É necessário assinar alguns papéis e fazer um juramento. Boa sorte, minha jovem. Sessão encerrada—disse ele, encerrando-a com uma batida do martelo.

— Todos de pé!—disse o oficial.

Na mesma hora a multidão se levantou. O silêncio reinou por dez segundos inteiros, o tempo que o juiz precisou para ir para sua sala, seguido pelo burburinho de cem conversas diferentes que começaram imediatamente

depois que ele desapareceu por trás da pesada porta de madeira.

Colletti lançou um olhar a Jack, do outro lado da sala de audiências, mas ele e seu advogado estavam com uma pressa evidente de sair e colocar-se à disposição para as entrevistas com a imprensa. Retiraram-se logo, misturando-se à multidão que estava no meio das fileiras de bancos, seguidos por Miguel Rios e seu advogado. Jack começou a abrir caminho até Vivien Grasso, só para lhe dizer que não guardava qualquer ressentimento, mas Renê aproximou-se dele e perguntou:

— Surpreso?

— Neste caso, nada me surpreende.

— Acho que sua viagem à África me deu o que pensar. Está na hora de fazer minha parte para descobrir o que aconteceu com minha irmã.

— Acho que foi a decisão certa.

Ela desviou os olhos, mas depois o encarou novamente.

— Acho que logo vamos estar juntos.

— Logo vamos estar juntos?

— Bom, estou querendo dizer que vou me reunir com todos os advogados, é isso.

— Ah, claro!—disse ele.—Quando você quiser.

— Tenho certeza de que você anda mais ocupado do que eu. Estou hospedada no Hyatt até encontrar um apartamento. Me liga para dizer quando seria bom para você a gente se encontrar.

— Vou ligar.

Do outro lado da balaustrada, um repórter chamou seu nome. Vários outros membros da mídia estavam esperando entre as fileiras de bancos destinados ao público, ansiosos por falar com a nova inventariante, a única parenta viva de Sally.

Renê olhou para Jack e disse:

— Acho que estou prestes a ter a minha primeira experiência sobre a importância de dizer: “Sem comentários.”

— Se você for esperta...

Ela levantou uma sobrancelha e Jack disse:

— E nenhum deles for mais esperto.

— Boa saída.

— É disso que nós, advogados, vivemos. Ela sorriu de leve e disse:

— É um prazer revê-lo.

— Para mim também.

Ela se virou e se dirigiu para a saída. Jack juntou suas coisas e depois cedeu ao impulso de olhar por trás do ombro, e surpreendeu-a olhando para ele também. Trocaram um breve sorriso, como se estivessem tendo o mesmo pensamento constrangedor, algo do tipo: Não acredito que fiz isso, mas é bom saber que você também fez. Depois Renê desapareceu no meio da multidão, e de repente Jack viu Kelsey de pé ao lado da balaustrada. Desculpou-se com seu cliente e chamou-a para seu lado da fronteira.

Ela passou pelo portão e os dois ficaram perto do banco das testemunhas, onde poderiam conversar sem que ninguém os ouvisse, a não ser quem sabe fazer leitura de lábios.

— É melhor tomar cuidado—disse Kelsey.

— Cuidado com o quê?

— Você e a nova inventariante se olhando desse jeito, amanhã vai estar na primeira página de todos os jornais.

— Não estávamos... temos de conversar sobre isso aqui?

— Ela é o motivo pelo qual não me queria na mesa do conselho com você para esta audiência?

Jack estava começando a se sentir acusado, e não gostou nem um pouco.

— Foi o Tatum que não quis você aqui. Depois de baixar a guarda daquela forma e deixar escapar segredos de advogado e cliente para Deirdre Meadows, ele não confia mais em você. Sinto muito.

— E você?

— Kelsey, aqui não é um bom lugar para a gente falar dessas coisas.

— Fiz uma pergunta simples: você confia em mim?

Ele parou para respirar, como se a pergunta fosse complexa demais para responder naquele ambiente.

— Sim. Eu confio em você.

— Mais do que em Renê?—perguntou ela apertando os olhos.

— Eu mal conheço a Renê.

— Me engana que eu gosto.

Ele baixou a voz, não por temer que alguém escutasse, mas porque as coisas estavam ficando desagradáveis.

— Kelsey, antes de eu ir para a África, acho que chegamos à conclusão de que seria melhor para o Nate que a gente deixasse as coisas em suspenso entre nós. Por isso não sei o que lhe responder.

— Basta ser honesto comigo. O que acha que eu sinto vendo você olhando sem parar para outra mulher, que está do outro lado da sala de audiências e a menos de quarenta e oito horas depois de você me dizer que estava tudo bem entre nós?

— Eu disse que estava tudo bem entre nós profissionalmente.

— Profissionalmente? O jeito como você estava olhando para mim não era mais profissional que o jeito que olhava para a Renê agora há pouco.

— Eu não estava...

Ele começou a negar, mas soou falso. Estava vendo tristeza no rosto de Kelsey, como se ela tivesse preferido algum tipo de negação, qualquer tipo, a outra decepção amorosa.

— Olha—disse Jack—, não sei o que você acha que viu. Mas, honestamente, não sei o que vai acontecer.

Ela sacudiu a cabeça lentamente e disse:

— Então você está cego.—Ahn?

— Aquela mulher viveu num escaldante deserto africano durante quase três anos. Vê se te liga, Jack.

Ela se afastou, e ele não a seguiu. Só ficou olhando em silêncio, sem saber o que pensar, sem querer pensar mais sobre aquele assunto. Mas não conseguiu impedir-se de pensar, o que o fez sentir-se culpado.

Porque só conseguia pensar em Renê.

PARTE QUATRO

QUARENTA E OITO

ERA HAPPY HOUR NO SPARKY’S, mas Jack não estava se sentindo feliz. Ficara ruminando, sentado no bar, desde que saíra da sala de audiências; abrira o coração para Theo, que estava atendendo no balcão, mas sua principal ocupação era ficar de olho na caixa registradora, para ter certeza de que seu novo funcionário não o estava roubando. O Sparky’s atraía uma freguesia rústica: era ponto de encontro de operários de ambos os sexos, e não o típico “homem de terno e secretária” dos bares e restaurantes para onde iam os profissionais que trabalhavam perto da avenida Brickwell ou à Alhambra Circle. Não havia vodca Ketel One, nem uísque Chivas Regai, e a única cerveja importada era El Presidente, uma cerveja dominicana que Theo vendia abaixo do custo para os colhedores de tomate de Jomestead toda noite de terça-feira, porque certamente não havia mais ninguém que fosse lhes dar essa moleza. Mas, no seu nível mais básico, o nível humano, o happy hour do Sparky’s era a mesma velha história de sempre. Iluminação ruim, música alta, bebida à vontade. Nos banheiros havia preservativos reforçados e balas de hortelã à venda. Montes de homens olhando para as mulheres, montes de mulheres olhando para os homens, gente conversando alto demais e rindo alto demais, a mesma cena todo fim de semana, inibições dissolvendo-se e juízos de valor suspensos a cada deslize solitário na dança de acasalamento regada a cerveja.

— Liga pra ela—disse Theo, falando mais alto que o estrépito das garrafas e o burburinho de conversas sem sentido em todo o bar.

— Ligar pra quem?—perguntou Jack.

Theo mandou mais uma bandeja com coquetéis na proporção de dois para um para a garçonete. Havia mais dois pedidos para atender, mas ele os pôs de lado e abaixou-se atrás do balcão, o que só podia significar encrenca; o esconderijo onde guardava sua reserva pessoal. Foi só então que Jack percebeu que o amigo estava usando sua infame camiseta com os dizeres: “Não Estou Tão Bobo Quanto Você Bêbado”.

— Por favor, essa não—disse Jack.

Um sorriso perverso passou pelos lábios de Theo enquanto ele pegava dois copos e sua garrafa especial de Herradura Tequila Anejo.

— Ou você pega aquele telefone e disca o número da Renê, ou vamos tomar umas doses.

— Vai ser com ou sem anestesia?

Theo empurrou o saleiro e um pratinho com rodela de limão.

— Sem.

— Você é um cara brutal, meu.

— Não vamos parar enquanto um de nós não cair no chão. E vamos encarar os fatos, Jack: nós dois sabemos que não vai ser eu quem vai ficar olhando para o teto.

— O que leva você a pensar que eu quero ligar pra ela?

— Porque você está falando dela há meia hora. Portanto, liga pra ela agora, senão vai passar o dia todo de amanhã com uma bolsa de gelo na cabeça.

— A Herradura nunca me dá ressaca.

— Esquece a tequila. Estou falando de te dar tanta porrada na cabeça que você vai ter de ir para a sala vizinha para escutar seus próprios ouvidos zumbindo. Portanto, não me pergunte nem mais uma vez se eu acho que você deve ligar para ela. Ligue já.

Theo fez o celular deslizar pelo balcão, mas Jack ainda estava se debatendo. A rigor, do ponto de vista estratégico, ele devia encontrá-la o mais rápido possível.

A última coisa de que ele e seu cliente precisavam era de Renê ouvir coisas a respeito de Tatum, contadas por Gerry Colletti ou pelo investigador Larsen, da seção de homicídios, antes dele conseguir falar com ela. Mas havia alguma coisa preocupando Jack, detendo-o. Olhou para Theo e disse:

— Não vou dizer que ela estava flertando comigo, mas chegou bem perto.

— Está querendo me deixar com ciúme?—disse ele, e depois franziu os lábios e mandou um beijo estalado na direção de Jack.

Jack ignorou o gesto do amigo.

— Por que ela haveria de ser legal comigo? Quanto mais flertar... Se você acreditar no jornal de ontem, Sally Fenning, a irmã de Renê, contratou meu cliente para meter-lhe uma bala na cabeça.

— Acabou de dizer as palavras mágicas, Jack: Se você acreditar no jornal de ontem. É óbvio que Renê não acredita. O que é mais uma razão para você pegar aquele telefone e colocar ela...

— Theo—disse Jack num grunhido.

— Em campo. Eu ia dizer em campo.

— Sei.

Theo passou-lhe o telefone.

— Liga.

Jack pegou o celular e pediu o número do hotel ao serviço de informações. Theo ficou a seu lado, olhando para ele em silêncio, como se quisesse ter certeza de que ele o digitaria mesmo. A telefonista do hotel completou a ligação para o quarto de Renê, que respondeu ao terceiro toque.

— Renê, oi, é Jack.—Depois acrescentou:—Swyteck—como um idiota, o que fez Theo levantar os olhos num gesto de incredulidade.

— Oi—disse ela.—Eu estava de saída.

— Não vou tomar muito o seu tempo. Só queria confirmar uma coisa sobre a qual conversamos antes. Sabe, sobre marcar uma reunião.

Theo fez uma careta e disse:

— Uma reunião?

Theo acenou, pedindo-lhe para se afastar, e esperou a resposta. A demora pareceu maior do que foi realmente, mas Jack ficou com a clara impressão de que ela estava ruminando sobre alguma coisa.

Finalmente, ela disse:

— Você pode me pegar em meia hora?

— Hoje?

— Bom, se você não puder hoje...

— Não, hoje para mim está ótimo.

— Tem certeza? Eu ia justamente pegar um táxi. Mas agora que você ligou, e quanto mais penso no assunto, acho que preferia não sair sozinha.

— Esquece o táxi. Posso ir pegá-la. Onde você vai? Ela respondeu com uma voz séria, clara:

— Para a antiga casa de Sally.

— A mansão das Venetian Isles?

— Não.—Ela fez outra pausa, e depois disse:—Sua antiga casa de verdade. Aquela onde Katherine foi morta.

Jack apertou o telefone, mas não disse nada.

— Você não precisa vir, se não quiser—disse Renê.

A música, as gargalhadas, todo aquele burburinho interminável à sua volta, de repente tudo aquilo se fundiu num zumbido desagradável no fundo de seu cérebro.

— Eu quero ir—disse ele.—Te pego em vinte minutos.

QUARENTA E NOVE

PEGARAM O FINAL DA HORA DO RUSH—todo mundo queria sair do centro de Miami naquela hora e, quando chegaram à via de acesso à rua 95, já eram quase sete horas e já havia escurecido há muito tempo.

O distrito comercial de Miami Shores foi construído em torno de uma pequena volta na estrada que ligava a Interestadual 95 à Rodovia Federal 1, e a maior parte da comunidade dava a mesma impressão de cidade pequena—pacatas ruas residenciais, uma farmácia na esquina, vizinha ao restaurante local, torres brancas de igrejas, projetando-se pelo amplo dossel verde de palmeiras e carvalhos.

Era um bairro em transição, com grande parte modernizado com a chegada de famílias mais jovens, principalmente nas áreas mais distantes da rodovia interestadual.

Mas a antiga casa de Sally não foi só construída nos anos 60; estava presa lá, a apenas dois quarteirões da 1-95, uma casa de dois quartos em estilo colonial, ainda com as venezianas das janelas originais, uma espécie de toldo de alumínio e uma varanda na frente da casa que parecia gritar “casa alugada” Jack quase esperava ver um flamingo de plástico rosa no gramado do jardim.

Jack estacionou seu Mustang na entrada de carros. Um homem barrigudo, usando bluejeans e uma camiseta com decote em V estava esperando nos degraus da frente, visível no fulgor amarelado da luz da varanda.

— Quem é ele?—perguntou Jack espiando através do para-brisa.

— O cara da imobiliária—disse Renê.—Deixa comigo que eu falo com ele, está bem?

— Deixar por sua conta?

— Eu não disse a ele que minha irmã viveu aqui e que eu só queria dar uma espiada. Disse que precisava de um lugar e estava com pressa, e que lhe daria dez por cento mais que o preço de mercado se gostasse do imóvel. Foi, por isso, que ele concordou em encontrar me numa noite de sexta-feira.

— Tem alguém morando aqui agora?

— Um velho, que mora sozinho. Desde o assassinato, disseram-me que a casa é alugada só por um mês, quando é alugada.

— Com uma história dessas, acho que você tem de estar numa pior para morar aqui.

— É—disse ela, e sua voz baixou de tom enquanto acrescentava:

— Mais até do que Sally estava.

Dirigiram-se para a calçada, e o homem da imobiliária cumprimentou-os nos degraus.

— Você deve ser o Jimmy—disse Renê.

— Isso mesmo.—Um palito mexia-se em seus lábios quando ele falava, com os polegares enfiados no cinto da calça.

— Eu sou Renê, ele é Jack—disse ela, enquanto eles trocavam apertos de mão.—Viemos ver a casa.

Ele fechou um olho, um tique nervoso, e disse:

— Tá sabeno da minina que mataram aqui, certo?

— Sim, nós sabemos.

— Ótimo. Quero tudo às claras. Porque vem gente aqui o tempo todo, sabe cume que é. Eles vêm, olham, gostam da casa e depois ficam sabeno daquela minina, e aí mudam de ideia na hora. Só fazem eu perde meu tempo.

— Não se preocupe com isso.

— Sem filhos, é?

— É—disse ela.—Sem filhos.

Ele tirou do bolso um aro grande de metal cheio de chaves, encontrou a que procurava e enfiou-a na fechadura. Empurrou a porta para abri-la e imediatamente deu um passo para trás. O cheiro forte de um banheirinho velho de gato atingiu Jack no rosto como se fosse um trapo empapado de amônia.

— Gatos—disse Jimmy.—O velho biruta que mora aqui agora tem onze.

— Onze?—disse Jack.

— É. Não aguento esses fedorentos. Vocês vão em frente. Podem olhar tudo, eu espero aqui.

Renê entrou primeiro e acendeu a luz. Jack a seguiu, e Jimmy ficou do lado de fora. A porta fechou-se assim que eles entraram. Parece que Jimmy estava decidido a ficar longe do cheiro dos gatos.

A sala de visita era pequena e estava a maior bagunça, com um tapete verde estendendo-se de parede a parede. Havia um lençol branco encardido sobre o sofá estofado, e Jack contou cinco gatos dormindo em cima dele. Duas cadeiras, uma otomana e até a mesinha de centro também estavam cobertas com lençóis velhos, e Jack viu mais três gatos.

— Putz, que cheiro horrível!

Renê apenas lançou-lhe um olhar que dizia: Experimente viver na África por três anos, bocó.

Jack deu um passo a frente, depois pulou ao ouvir o som agudo de um gatinho miando desesperadamente embaixo de seu sapato. Soltou uma risadinha nervosa, mas Renê nem parou. De repente, parecia impermeável aos sons, aos cheiros, ao que estava vendo—a tudo, exceto ao passado que viera descobrir. Jack também sentia seu estado de espírito mudando. Não havia mais piadinhas, nem sorrisos brincalhões, nem distrações inventadas para impedi-los de respirar e absorver a tragédia que ocorrera bem aqui nesta casa, o crime horrível que pusera fim à vida de uma criança e mudara uma jovem mãe para sempre.

— Ela tinha vinte e quatro anos quando tudo aconteceu—disse Renê com a voz trêmula.

Jack só ficou ali, como se estivesse sentindo o sangue correndo nas veias. Vinte e quatro. Será que conseguiria se lembrar de como era a vida aos 24 anos? Será que conseguiria ao menos imaginar o que seria ser uma mulher de vinte e quatro anos com uma filha de quatro, completamente dura, trabalhando à noite no Hooters, o marido com dois empregos só para não entrarem em colapso financeiro? Era essa a vida que a princesa Sally sonhara quando era criança, vindo para casa à meia-noite seis dias por semana, cheirando a cigarro e cerveja derramada, com maquiagem demais em seu lindo rosto, os mamilos aparecendo na blusa de malha apertada demais e os shorts de náilon mostrando o bumbum como se fosse um biquíni fio-dental, porque ter a aparência de prostituta lhe renderia uns dólares a mais de gorjeta? Ele estava se perguntando se em toda a vida adulta de Sally houve uma época em que ela se sentiu realmente feliz. Também estava se perguntando se Sally teria se dado conta de que sua vidinha de merda não era tão ruim assim, que as coisas podiam ser muito piores, que o verdadeiro pesadelo ainda estava por vir.

— Acho que não consigo entrar ali sozinha—disse Renê. Instintivamente, Jack aproximou-se dela, pegou em seu braço e juntos começaram a andar pelo corredor escuro. Caminhavam devagar, os saltos dela batendo no piso rachado, clique-cloque, clique-cloque, cliquecloque, como se quisessem marcar a inversão do tempo, sua entrada num passado indescritivelmente sombrio. Jack não a fez andar mais depressa do que ela queria, mas mal estavam se movendo, e finalmente ela parou diante da porta aberta do banheiro.

Jack estava bem a seu lado e acendeu a lâmpada do corredor, o que lhes deu

luz suficiente para ver lá dentro. Havia um gato encarapitado na tampa do vaso sanitário, como se estivesse esperando um drinque, mas logo saiu na disparada. A pia estava manchada com uma grande lista de ferrugem, e o lodo havia escurecido os azulejos brancos. Uma rachadura profunda formava um arco no espelho do armário de remédios. Bem na frente deles havia uma porta que devia dar no quintal.

— Foi por aqui que ele entrou—disse Renê.

— Pelas janelas com persiana?

Ela fez que sim com um aceno de cabeça e disse:

— Ele conseguiu enfiar o braço por ali e destrancou a janela.

Jack ficou olhando para o trinco, imaginou a maçaneta girando e perguntou-se o que Sally e a pequena Katherine estariam fazendo quando o desconhecido apareceu, perguntou-se o que estaria se passando na cabeça daquele monstro quando ele fechou a porta atrás de si, entrou na casa e começou a andar em direção ao quarto de dormir. Estaria fervendo todo por dentro com a tensão do momento, estaria sexualmente excitado, sem medo de nada? Quem sabe tivesse tido medo, o único medo que um psicopata tinha, o medo doentio de que a realidade não correspondesse às suas infundáveis horas de fantasias distorcidas, medo de que todos os planos e expectativas fossem por água abaixo, simplesmente porque não seria suficiente que a menina estivesse à sua mercê, assim como a bela mãe, e ele pudesse fazer o que bem entendesse com elas.

Renê entrou, passou pela pia e depois parou ofegante. Jack entendeu imediatamente porquê. A banheira desaparecera. Tinha sido arrancada e substituída por um box com chuveiro, mas deixara sua marca ali, como uma cicatriz gigantesca, uma confirmação tosca do que acontecera ali. Jack vira muitas cenas de crime e muitas fotos de cenas de crime, mas nunca se acostumara. Olhar para uma delas faz você entender o que aconteceu mesmo, que aquilo nunca poderia ser desfeito, que a amargura terrível subiria pela sua garganta até você provar a dor, os gritos, o horror supremo das vítimas. Bem ali, exatamente naquele lugar, onde ele se ajoelhou no chão azulejado, encheu a banheira de água e lavou o sangue de Sally da faca. Bem ali, exatamente naquele lugar, ele lavou o sangue da blusa de Sally, mergulhando-a na água e espremendo-a até a água ficar vermelha, bem vermelha. Depois carregou a filha de Sally ainda viva, com os pés e as mãos amarrados, e colocou-a na banheira, sem dúvida saboreando um último momento de prazer com o horror que viu em seus olhos. E depois a virou devagar, com o rosto na água, e ficou olhando, gostando de olhar. Jack sabia que ele ficou olhando, porque passou quatro anos de sua vida defendendo monstros como aquele no corredor da

morte, assassinos que não viam sentido em matar a não ser que pudessem ficar olhando até o último minuto. Aquele filho da puta ficou olhando o corpo da menina se contorcendo, a cabeça sacudindo, as pernas amarradas batendo como uma imitação horrenda da Pequena Sereia, a própria curiosidade insatisfeita até ver com seus próprios olhos quanto da mistura sanguinolenta seus pulmões minúsculos suportariam.

— A gente devia ir embora—disse Jack.

— Não, quero ver o quarto de dormir.

Saíram do banheiro e continuaram pelo corredor. A porta estava aberta uns trinta centímetros, só o suficiente para um gato entrar e sair. Renê empurrou-a, abrindo-a completamente, e acendeu a luz. O lustre tinha quatro lâmpadas, mas só uma estava funcionando, o que deixava o quarto com uma luz difusa e cheio de sombras—sombras de gatos, dúzias deles. Gatos em cima da cama, em cima da cômoda, no chão, nas cestas de roupas espalhadas pelo cômodo. Gatos por toda a parte, e Jack sentiu os olhos começando a se encher de lágrimas.

— Parece que os onze gatos dele tiveram filhotes—disse ele.

— Quero dar uma espiada no guarda-roupa.

Por causa do que lera a respeito do crime, Jack sabia que o agressor tinha-se escondido no guarda-roupa. Renê contornou uma almofada de pelúcia laranja e Jack seguiu-a até o outro lado do quarto. Ela parou na frente da porta do guarda-roupa.

— Quer que eu abra?—perguntou Jack.

Ela ficou olhando mais um momento, depois fez que sim com a cabeça.

Ele se oferecera para abrir aquela porta sem hesitar nem um momento, mas ao estender a mão para pegar na maçaneta, sentiu algo puxando por dentro. Cinco anos tinham se passado desde o dia do crime, dúzias de pessoas diferentes tinham vivido naquela casa desde a ocasião e, no fundo, ele sabia que não havia o que temer do outro lado daquela porta. Mas, nas tripas, onde realmente importava, ele sentia uma ligeira reserva.

— Por favor—disse Renê.—Abra essa porta.

A maçaneta de metal da porta estava fria, fria como a água gelada que devia correr nas veias daquele assassino. Girou-a. O trinco estalou. Ele abriu a porta e viu um súbito clarão negro, que quase fez seu coração sair pela boca.

Um gato saiu em disparada, pisando em seu sapato.

Ele e Renê trocaram um olhar, como se quisessem acalmar os nervos. Jack

escancarou a porta e olhou lá dentro.

— Você acha que ele entrou pela porta do banheiro, é?

— Foi o que Sally me disse. O relatório da polícia afirmava que havia sinais de arrombamento na porta do banheiro.

— Então ele entra pelo banheiro, segue pelo corredor até o quarto de Katherine e se esconde no guarda-roupa.

— Teoricamente, sim.

Jack apontou para o alçapão de acesso ao teto que ficava dentro do guarda-roupa e disse:

— Onde você acha que esse alçapão dá? Renê ergueu os olhos e perguntou:

— No sótão?

Uma parede coberta de prateleiras dentro do armário fazia o papel de escada. Jack subiu na terceira, empurrou a placa de compensado e abriu o alçapão.

— É um sótão, tudo bem. Estou me perguntando se ele não poderia ter entrado por aqui.

— Acho que é uma possibilidade. Acho que Sally nem conhecia todas as teorias que a polícia considerou ou rejeitou. O promotor foi extremamente discreto a respeito

de suas investigações.

— Me fala um pouco sobre isso. Eu próprio tive uma pequena rixa por causa disso há algumas semanas. Enquanto considerarem que a investigação continua em aberto, não vão me falar muita coisa.

— Que tal dar uma espiada?

— No sótão?

— A polícia já teve cinco anos para solucionar esse crime. Porque não olhamos nós mesmos?

Jack deu de ombros e disse:

— Tudo bem, claro. Por que não?

Jack escalou as prateleiras, pôs o alçapão de lado e enfiou a cabeça no sótão. O ar estava abafado, e ele começou a suar quase imediatamente, pois a temperatura do sótão era pelo menos alguns graus acima do restante da casa. Jack deixou os olhos e acostumaram e descobriu uma lâmpada presa a um fio. Puxou o cordão e o sótão se iluminou.

— Tem luz—disse ele.

— Ótimo—replicou ela; sua voz sumida parecia flutuar até o teto. Jack subiu o restante do caminho e içou-se para entrar no sótão, que não tinha assoalho, só vigas e material isolante expostos, de modo que ele distribuiu o peso por três vigas—uma para os pés, outra para o traseiro e outra para as mãos. A luz não era lá grande coisa, mas era suficiente para ele ver que o sótão ocupava toda a extensão da casa, de uma ponta à outra do teto inclinado. Ele estava no ponto mais alto, bem no centro, e mesmo ali a altura máxima sobre a cabeça devia ter apenas um metro. Não viu janelas.

— Não vejo como ele poderia ter entrado aqui vindo de fora—disse Jack.— Daqui não vejo nenhum acesso para o exterior.

— E se houver acesso pelo outro quarto?

Ele ficou com medo de que ela dissesse aquelas palavras.

— Vou ver.

Ele andou feito um caranguejo pelas vigas, tomando cuidado para não escorregar nem prender o pé ou a mão no teto. Quanto mais longe ficava do alçapão, tanto maior o calor. Mentiu que a camisa estava começando a grudar nas costas com o suor. Arrastou o pé por cima do material isolante e uma nuvem de fibras emboloradas apareceu de repente. Jack tossiu para tirar dos pulmões aquelas partículas de trinta anos. Não viu nenhum outro alçapão de acesso.

— Acho que o guarda-roupa é a única forma de chegar aqui em cima—gritou ele.

— E por que eu não posso dar uma espiada no guarda-roupa do outro quarto? —gritou ela em resposta.

Jack considerou sua posição, a cabeça batendo no teto, o corpo estatelado por cima das vigas como se estivesse treinando para uma corrida de carrinho de mão na feira do condado. Agora ela pensa nisso.

— Boa ideia—disse ele.

Ouviu os passos dela lá embaixo enquanto ela atravessava o corredor que ligava os quartos. Ouviu uma porta abrir, provavelmente a do quarto de casal, depois outra, provavelmente a do guarda-roupa.

— Nada—ouviu-a gritar.

A luz da lâmpada bruxuleou e o sótão ficou às escuras.

— Merda!—disse Jack baixinho. Continuou na sua posição de caranguejo, esperando que a luz voltasse. Havia uma certa claridade entrando pela

abertura do alçapão, vinda do guarda-roupa lá embaixo, de modo que não estava um breu completo. Ele sabia que as vigas estavam separadas pela distância padrão de quarenta centímetros, de modo que poderia encontrar o caminho de volta mesmo com a iluminação precária. Esperou que os olhos se acostumassem e foi, nesse momento, que percebeu uma coisa.

Do outro lado do sótão, em cima do quarto de casal, um raio de luz estava entrando no sótão. Que diabos seria aquilo?

— Renê, onde você está?

— No quarto de casal.

— Está vendo um buraco no teto?

Esperou pela resposta dela, que foi um simples “não”. O raio de luz ainda estava brilhando como um laser, vindo do quarto de casal. Ele não o notara antes, mas foi porque a luz do sótão estava acesa. No escuro, e com a luz do quarto de casal acesa lá embaixo, ele era bem visível. Jack foi engatinhando na direção do raio de luz até ficar a um braço de distância.

Ficou olhando para a luz por um momento, vendo que o material isolante tinha sido cortado perto da viga. O buraco propriamente dito era menor que uma moeda de dez centavos de dólar, mas era claramente um buraco, e com o material isolante cortado, parecia que alguém o fizera deliberadamente. Agachou-se e olhou pela abertura.

— Renê! Tem certeza de que não está vendo um buraco? Houve uma breve pausa, como se ela estivesse procurando.

— Não—disse ela.—Só estou vendo o ventilador do teto.

O ventilador do teto. Jack empurrou o material isolante um pouco mais. Descobriu uma caixa de eletricidade e um suporte para sustentar o ventilador do teto. Ao lado do suporte do ventilador havia outro suporte. Estava preso à viga, mas não ao ventilador, e não parecia ter nenhuma função. Olhou com mais atenção e a luz que estava entrando pelo buraco mal lhe permitiu ler o nome do fabricante impresso no lado do suporte: Velbon.

Provavelmente não teria significado nenhum para ele se sua ex-mulher não fosse fotógrafa. Velbon era um dos melhores fabricantes de tripés e suportes de câmeras de vídeo. Naquele momento, Jack entendeu exatamente o que havia encontrado.

Olhou mais uma vez pelo buraco—um buraco que, da cama, provavelmente não teria parecido mais que um orifício no ventilador do teto—e percebeu que ele dava uma visão perfeita da cama.

Cinco anos antes, aquela era a cama de Sally. Ele poderia ter visto Sally subir

na cama. Sally dormindo na cama. Sally fazendo tudo o que gostava de fazer na cama.

— Renê!—disse ele numa voz alta o bastante para pôr o quarto abaixo.

— O quê?

— Havia realmente alguém atrás de sua irmã.

CINQUENTA

ÀS SEIS DA MANHÃ DA SEGUNDA-FEIRA, Gerry Colletti estava em sua cozinha, vestido e pronto para sair para o trabalho. Olhou seu reflexo no espelho do armário e, como sempre, gostou do que viu. Um monte de advogados entrara na moda da roupa esporte, mas não Gerry. O terno era Armani. Os sapatos, Ferragamo. A gravata de seda e as meias—você pode avaliar o verdadeiro valor líquido de um homem pela qualidade de suas meias—eram ambas Hermes. A camisa era sob medida, fabricada em Hong Kong, assim como todas as suas camisas, porque não havia um estilista neste mundo que fizesse camisas que coubessem numa aberração da natureza com um pescoço de quarenta e oito centímetros e uma manga de setenta e seis centímetros de comprimento. Gerry não malhava desde que saíra da equipe de luta livre da faculdade, a menos que você chame transar com clientes de sessão de ginástica, de modo que era realmente o hábito que fazia o monge—o hábito e um bom alfaiate.

— Gabby, peça mais Hawaiian Gold—disse ele a seu gravador. Mantinha numa fita cassete uma lista sempre atualizada de todas as coisas pessoais que sua secretária precisava fazer para ele, mas de repente percebeu que, com Gabby, uma ordem genérica de comprar Hawaiian Gold poderia resultar em qualquer coisa, de um caixote de abacaxis a uma caixa de sachês.

— O café da marca Hawaiian Gold—disse ele, e depois pôs o gravadorzinho no bolso interno.

Serviu-se de uma xícara para tomar no caminho, enfiou o Wall Street Journal embaixo do braço e dirigiu-se para a porta que ligava a cozinha à garagem.

Tinha sido um fim de semana tranquilo, e Gerry preferia assim. Ainda estava ruminando sobre a forma como Swytek o tinha embaraçado na sala de audiências na tarde de sexta-feira. Não era coisa dele cometer um erro estúpido como aquele da fotografia e da data no relógio de pulso. Aquele tipo de deslize disse-lhe uma coisa: ele não estava tendo toda a paciência que precisava ter. Cérebro e paciência eram tudo de que necessitava para ganhar essa disputa, duas coisas que Tatum Knight e Miguel Rios não tinham. Seria a ruína daqueles dois. Só eles estavam entre Gerry e os quarenta e seis milhões de dólares. Bem, eles e Alan Sirap.

Fosse quem fosse esse sujeito.

Gerry entrou na garagem e apertou o botão da parede que ligava a luz e abria a porta da garagem. Seu BMW verde-esmeralda estava pronto para sair, lavado e polido, cintilando por baixo do tubo de luz fluorescente. Fez uma pausa para admirar o carro enquanto a porta da garagem levantava-se fazendo barulho. Ele sempre gostara de carros. Seu pai sempre gostara de carros—

macacão cheio de graxa, sujeira embaixo das unhas, mecânico de oficina ganhando salário mínimo e que nunca, em toda a sua vida, tivera um carro zero. O pai nunca tivera nada novo. Eles nunca tiveram nada novo. A mãe os deixara quando ele tinha dez anos, voltou para buscar Gerry, pediu o divórcio, tirou tudo do velho, esperou que o divórcio fosse assinado—e casou-se com o advogado que cuidara do caso. Um advogado esperto especializado em divórcio. Ela se casou com aquele filho da puta e depois mandou Gerry de volta, para morar com o velho, sem um tostão furado, sem ter onde cair morto.

Tudo o que a gente faz, volta.

Com a pressão num botão do controle remoto, o alarme do carro soou e as portas se abriram. Gerry entrou, deslizou para trás do volante e fechou a porta. Pôs tudo em seu devido lugar—a xícara de café em seu compartimento, o jornal aberto no banco a seu lado para fácil leitura num trânsito engarrafado, dinheiro trocado para os pedágios. Olhou-se uma última vez no espelho retrovisor e virou a chave.

Nada.

Virou a chave outra vez, mas houve apenas um clique, e depois nada, um som patético que ficou mais patético ainda por ele estar acostumado a ouvir o estrondo glorioso de oito cilindros perfeitamente sincronizados.

A bateria foi a primeira coisa que lhe ocorreu, mas depois pensou melhor. O portão eletrônico sem chave respondera a seu controle remoto, e a luz interna tinha acendido quando ele abriu a porta. O relógio também estava funcionando. Devia haver algum problema no motor de arranque.

Ou alguém criara um problema no motor de arranque.

Outro homem podia ter ficado com medo, mas Gerry apenas sorriu. Orgulhava-se de não sentir medo. Em seu ramo, muitos ex-maridos o haviam ameaçado, e alguns tinham até ido atrás dele. Não dá para fazer esse tipo de trabalho sem culhões grandes como globos, e os seus eram feitos de bronze.

Alguém mexera em seu carro—que beleza aquilo! Era exatamente o tipo de prova adicional de intimidação de que ele precisava para desqualificar Tatum Knight de acordo com o Estatuto do Assassino. Aquele idiota simplesmente não conseguia se controlar e, de repente, Gerry teve certeza absoluta de que Tatum Knight tinha puxado os fios de seu alternador em vingança por suas manobras inteligentes na sala de audiências. Swytek pode ter ganho alguns pontos na audiência de sexta-feira, mas Gerry é quem tinha uma estratégia perfeita para vencer a longo prazo. E, se Knight continuasse fazendo coisas estúpidas como essa, colheria os frutos antes do que esperava.

Puxou a alavanca que abria o capô, saiu do carro e andou pela frente dele para dar uma espiada. Se era o que ele achava que era, não tinha dúvida de que faria um boletim de ocorrência. Mas também não queria dar um alarme falso. Queria ver aqueles fios arrancados do motor de arranque, talvez até para tirar mais algumas fotografias.

O capô tinha-se levantado uns dez centímetros antes do carro acionar a trava de segurança. Gerry enfiou a cabeça lá dentro procurando o interruptor que o abriria completamente. Não se lembrava da última vez que abrira o capô, e não tinha muita certeza de onde ficava o interruptor. Ambas as mãos estavam lá dentro, procurando o botão, quando uma sombra negra caiu sobre ele, atacando-o como se fosse o Homem Aranha, pulando de cima da porta aberta da garagem que ficava diretamente sobre sua cabeça, suspensa no teto. Era uma sombra enorme que assumiu a forma de um homem que agarrou o capô do automóvel usando todo o seu peso para fechá-lo sobre os dedos de Gerry. Ele sentiu o sangue espirrando na barriga, ouviu o barulho horrível de ossos esmagados daquilo que, apenas uma fração de segundo antes, haviam sido suas preciosas mãos.

Um cordão começou a apertar seu pescoço, silenciando seus gritos, enquanto o homem estendia o braço e fechava manualmente a porta da garagem. A cabeça de Gerry caiu para trás e foi então que viu, bem acima dele. O alçapão de acesso ao sótão tinha sido empurrado para o lado—uma passagem que ficara escondida pela porta aberta da garagem, que ficava suspensa, uma abertura que não estava ali quando ele entrara na garagem com a porta fechada.

Gerry estava cara a cara com seu agressor—impossibilitado de correr ou levantar suas mãos estropiadas para se defender, impossibilitado de soltar os dedos de baixo do capô do automóvel—que o prendera numa armadilha como se fosse um animal. A dor era tão intensa que todo seu corpo se enrijeceu com os espasmos. Tentou gritar, mas a corda em volta do pescoço apertou. Mal conseguia ver, a visão borrada pelo trauma, mas conseguiu enxergar o suficiente para ver que seu agressor estava olhando direto para ele, o rosto escondido atrás de uma máscara de esquiador.

A tensão da corda diminuiu. Gerry conseguiu respirar outra vez, ouvir outra vez. O homem estava falando alguma coisa.

— Pobre Gerry Colletti—disse o outro zombando dele.—Tentou dar uma de esperto na hora de abrir caminho até o prêmio.

— Hein?—tentou dizer, mas só saiu um grunhido.

— Se soubesse que todas as cartas já estavam na mesa...

— Que cartas—começou ele a dizer, mas a corda apertou o seu pescoço, e mais uma vez ele estava lutando para respirar. Os joelhos cederam, e ele teria caído no chão se seu agressor não tivesse segurado a corda bem alto, como se estivesse presa a uma árvore. Sentia a vida lhe fugindo enquanto ouvia o homem dizer:

— Vejo você no inferno, Gerry. Ouvi dizer que é uma grande mina de ouro.

CINQUENTA E UM

Rick Larsen, o investigador da seção de homicídios, chegou à casa de Gerry Colletti logo depois da hora do jantar. Tinha sido um daqueles dias friozinhos de outono, mas a temperatura estava caindo depois do pôr-do-sol. Camisas brancas de mangas curtas com o nó da gravata frouxo eram a marca registrada do visual de Larsen, mas esta noite ele quebrou a rotina e vestiu um blusão, o que era perfeito. Seus velhos amigos de Buffalo já estavam batalhando para andar na neve do Dia de Ação de Graças, que estava com quarenta e cinco centímetros de altura.

Dois carros da polícia estacionaram no fim da entrada de carros, bloqueando o trânsito. A van do médico-legista estava parada pouco antes dos carros da polícia, e a fita amarela do cordão de isolamento indicava que todo o quintal estava sendo considerado cena do crime.

Teoricamente, Larsen estava de folga, mas deixara um recado para que o chamassem imediatamente se alguma coisa acontecesse a qualquer um dos herdeiros remanescentes do testamento de Sally Fenning. Com Mason Rudsky e Deirdre Meadows já no cemitério, não era preciso ser um gênio para ver uma tendência se revelando. Ele pensara em mandar seguir Rios, Colletti e Knight para que a polícia pudesse estar por perto se alguma coisa acontecesse a qualquer um deles. Mas o serviço de proteção policial era caro e simplesmente não havia espaço no orçamento para proteger nem uma pessoa, quanto mais três, principalmente quando seus instintos lhe diziam que provavelmente o assassino ficaria na moita por um tempo até o alarido da mídia arrefecer, esperando algumas semanas ou até alguns meses antes de atacar de novo.

Num dos poucos lapsos de sua longa carreira, seus instintos o tinham levado na direção errada.

Larsen saiu de seu carro e foi até o policial de uniforme encarregado de controlar o acesso à cena do crime.

— É quem pensamos que é?—perguntou Larsen.

— Ainda não temos documentos oficiais de identidade. Mas é a casa dele, o carro dele e, tanto quanto posso dizer, o rosto se parece bastante com a fotografia de sua carteira de motorista. Se não é o Gerry Colletti, é seu irmão gêmeo.

— Quem o encontrou? Alguém que estava passando de carro?

— Não. A porta da garagem estava fechada.

— Não me parece que esteja fechada.—Havia reprovação em seu tom de voz,

como se quisesse transmitir sua esperança sincera de que alguém da equipe não estivesse na fila para levar uma boa bordoadada pelo fato de haver alterado a cena do crime.

— Foi a secretária quem abriu. Ela o viu pela janela e pensou que ele ainda estava vivo, e foi por isso que abriu a porta.

— A secretária?

— Ele faltou a onze compromissos marcados para o dia, não respondeu ao bip, nem atendeu ao telefone. No fim da tarde, ela estava ficando preocupada, e veio para cá. Encontrou-o lá na garagem.

Larsen ergueu os olhos para a longa entrada de carros de tijolos Chicago. A equipe legista estava trabalhando na área em torno da entrada da garagem, e o assistente do médico-legista ainda estava às voltas com o corpo.

— A secretária dele ainda está por aqui?

— No carro da polícia. Tomei seu depoimento, mas ela está abalada demais para dirigir até sua casa.

— Peça a ela para ficar por aqui, certo? Vou querer conversar com ela.—Deu uma piscadela e um tapinha no ombro do assistente e depois começou a subir a entrada de carro, indo em direção à garagem.

Uma lufada de vento agitou as folhas caídas de uma mangueira, fazendo-as entrar rodopiando pela porta. Era um vento nordeste, o tipo de vento que soprava de lugares geladíssimos e fariam a temperatura do final de novembro descer verticalmente até 10°C ou mesmo 5°C. Na verdade, Larsen gostava de um pouco de geada no ar, mesmo tendo uma certa simpatia pelos pobres coitados que estavam gastando o salário de dois meses para andar por Miami Beach vestidos com seus casacos de inverno. Era um sujeito solidário, ou pelo menos era o que diziam. Considerava todo homicídio um agravo à sua pessoa, mostrava uma compaixão sincera pelas famílias e pelas vítimas.

Mesmo quando a vítima era um advogado filho da puta.

— Gerry Colletti—disse ele a ninguém em particular enquanto parava na entrada da garagem.

A corda ainda estava em volta do pescoço da vítima. As mãos ensanguentadas ainda estavam presas embaixo do capô, o corpo flácido caído na frente do carro como um infeliz animal que alguém atropelara andando na rodovia a cento e quarenta por hora. Larsen concentrou-se nas mãos e disse:

— Putz!

— Sem brincadeira—disse o médico-legista, que estava ajoelhado, tomando

medidas.—Cara, eu me lembro quando tinha doze anos e a minha irmã bateu a tampa do piano em cima dos meus dedos.

— Deve doer pacas.

— Pode crer. Claro, ser estrangulado com uma corda capaz de sustentar vinte e cinco quilos tem condição de distrair você dos dedos.

— Essa foi a causa da morte?

— Dê uma espiada você mesmo. A corda ainda está em volta do pescoço dele e não acho que tenha sido colocada ali para nos despistar. Temos sangramentos na mucosa dos lábios, na boca e nas pálpebras. O rosto e o pescoço congestionaram-se e ficaram roxos. Tudo coerente com estrangulamento.

— Acho que podemos excluir a hipótese de suicídio.

— Eu diria que sim. A equimose do pescoço é uma linha reta horizontal—disse ele, apontando com o dedo. Quando a pessoa se suicida por enforcamento, a equimose é mais vertical, um V invertido. O suicídio que deixa uma linha reta é muito raro.

— Principalmente, com as mãos presas embaixo do capô de um carro.

— Na mosca, Cristóvão Colombo.

Um sujeito que estava na garagem desceu por uma escada. Era o jovem parceiro de Larsen.

— Rick, dá uma espiada nisso.

A escada estava bem ao lado do carro, ao lado do banco do passageiro. Larsen subiu até o quarto degrau, o suficiente para enfiar a cabeça entre o teto e a porta suspensa da garagem, na posição que ficava quando estava aberta. O alçapão de acesso tinha sido afastado, e Larsen fez brilhar sua lanterninha pela abertura que levava ao sótão.

— Local de entrada—disse ele.

— Olha pra lá—disse o rapaz.

Larsen falava enquanto descia a escada, com a cena se desenrolando à sua frente.

— O elemento esconde-se no sótão. Ouve a porta da garagem abrir. Afasta o alçapão de acesso enquanto a porta abre fazendo barulho. Colletti não ouve nada. Não consegue ver nada também, porque a porta aberta da garagem esconde o buraco. O elemento sai, espera Colletti vir para a frente do carro, e salta sobre ele.

— E por que as mãos estão presas no capô?

— O elemento tomou suas providências. O carro não dá a partida. Sou capaz de jurar que as chaves ainda estão na ignição.

Larsen espiou pela janela do banco do passageiro e respondeu à própria pergunta.

— Estão mesmo.

O médico-legista levantou-se do chão da garagem e disse:

— Ei, Cristóvão Colombo, dá uma espiada nisso.

Larsen resmungava enquanto ia para a frente do carro, querendo que o outro parasse de chamá-lo de Cristóvão Colombo.

— O que é?

O legista segurava uma lupa em cima da omoplata esquerda da vítima.

— Parece que temos uma mancha seca aqui.

— Sangue?

— Não. Sangue seco num terno caramelo seria marrom. Tudo que temos aqui que é visível a olho nu é o círculo externo da mancha.

— O que isso lhe diz?

— É um terno com mistura de seda. Você já deixou cair água na seda, como numa gravata ou algo assim?

Larsen fez uma careta e disse:

— Gravata de seda? Acho que não. Mas uma vez mijeí acidentalmente num par de calças de poliéster.

— Dê graças por não ter sido na seda. A água mancha a seda. Deixa um círculo exatamente como esse.

— Está dizendo que isso aí é água?

— Algo com um elevado teor de água que seca relativamente depressa, mas não água.—Ergueu uma sobancelha para dar um peso maior às suas palavras, e disse:—Sêmen, talvez.

O parceiro de Larsen soltou uma risadinha.

— O quê? Você acha que ele estrangulou esse cara e depois bateu uma punheta por conta do serviço que tinha acabado de fazer?

Larsen e o legista ficaram impagáveis, como se já tivessem visto coisas mais estranhas ainda. Depois Larsen deu mais uma espiada no corpo, nas mãos

esmagadas pelo capô, nas equimoses em torno do pescoço—equimoses que refletiam o uso de muito mais força do que a necessária para tirar a vida da vítima.

— Teve muita raiva aqui, desprezo pela vítima.

— O que é coerente com um sujeito que tem um orgasmo fazendo isso. Literalmente.

Larsen sacudiu a cabeça e disse:

— Não acho que seja sêmen.

— Os exames de laboratório vão dizer.

— Aposto uns bons dólares de que é saliva.

— Saliva?

Larsen acenou lentamente com a cabeça num gesto afirmativo, absorvendo a cena, vendo mais do crime se desenrolando em sua cabeça.

— Como eu disse, havia muito desprezo aqui. Algo pessoal. Matá-lo não era o bastante. Ele deu uma última olhada nesse monte de carne patético preso na frente de seu BMW de oitenta mil dólares, trouxe todas as toneladas de ódio para o fundo da garganta e pôs para fora.

— Cuspiu nele?

— Cuspiu—disse Larsen enquanto um leve sorriso enrugava os cantos de sua boca.—Graças à nossa boa estrela. O assassino cuspiu na vítima.

CINQUENTA E DOIS

— ELES QUEREM QUE VOCÊ FAÇA UM TESTE DE DNA DISSE Jack.

Tatum puxou o bigode molhado de cerveja de cima do lábio, em silêncio, como se seu advogado precisasse dizer mais antes de merecer uma resposta.

Um restaurante não era a primeira opção de Jack como local de trabalho, mas Tatum morava na região norte de Miami Beach e reclamara, como um búfalo com pavor de água, sobre andar “aquele caminho todo até Coral Gables” para uma reunião com seu advogado. Por isso, Jack sugerira que se encontrassem para almoçar no Gusto, um restaurante cubano perto da área de Lincoln Road. O serviço era bom e a comida também, perfeita para um primeiro encontro ou um jantar com amigos num lugar sossegado.

Mas as histórias pitorescas que vinham com a refeição pareciam completamente idiotas quando o objetivo principal era conseguir que o cliente cedesse fluidos corporais.

O garçom colocou seu ouriço-do-mar ao ponto a sua frente e, em seguida, pôs a especialidade da casa na frente de Tatum e disse:

— E El balsero para o senhor.

— Que diabo é isso?—perguntou ele.—Acho que pedi o velho e bom camarão de sempre.

— A especialidade da casa tem camarão. El balsero é o nome que lhe dão. Significa “o jangadeiro” eu acho.

— Si, si. O jangadeiro.—O garçom sorriu com orgulho e Jack retribuiu, embora um pouco desconcertado. Jack tinha clientes, amigos e até parentes que haviam realmente vindo para Miami de jangada, e por isso não sabia direito que reação politicamente correta devia ter diante de um prato chamado “o jangadeiro.

Mas aquele era um restaurante cubano, o garçom era mais cubano do que ele e um mural nostálgico da baía de Havana fora pintado na parede, de modo que ele só continuou sorrindo.

Tatum estava olhando fixamente para seu prato.

El balsero, explicou o garçom, era a criação pessoal de um chef talentoso com um senso de humor muito peculiar e, provavelmente, com muito tempo à disposição. A jangada em forma de banana era feita com a casca vazia de uma banana-da-terra tão grande que Freud teria um banquete psicológico. Os jangadeiros lá dentro eram seis camarões recheados e mantidos lá por um molho de enchilada e tomate. Batatas fritas fininhas de ambos os lados da

jangada eram, naturalmente, os remos.

— Parece mais uma gôndola do que uma jangada—disse Tatum.

— Eu estava pensando numa canoa—disse Jack.—Imagine Lewis e Clark remando num rio de molho mojo.

— Ah!—disse o garçom com um grande sorriso de reconhecimento. Superama.

— Não, não, não.—É o Superhomem. É Lois e Clark. Estou falando dos exploradores do século dezenove; sabe, Lewis, Clark, Sacajawea?

O garçom deu de ombros, confuso, e Jack pensou em tentar explicar aquilo em seu espanhol hesitante, mas depois mudou de ideia, achando que, embora não estivesse exatamente em vantagem, podia muito bem esquecer a questão enquanto não estava em desvantagem evidente.

— Deixa pra lá. Gradadas por Ia comida—disse ele.

— De nada—respondeu o garçom.

Jack espalhou fatias de cebola e salsinha em seu bife de palomilla, pôs o feijão preto em cima do arroz branco e acrescentou um pouco de molho de pimenta, que era do jeito que ele gostava. Quando ergueu os olhos, os camarões de Tatum já tinham desaparecido.

— Bom pra caralho—disse Tatum.—O Lois estava especialmente gostoso.

— Lewis—disse Jack, pondo a questão de lado com um gesto de mão. Tatum recostou-se na cadeira, parecendo ter enchido a pança com os passageiros-camarões e conversa fiada. Olhou para Jack e disse:

— Me fala porque que eu tenho de dar meu DNA ao Larsen.

— Para tirar um bando de investigadores da seção de homicídios de sua cola.

— Eles acham que eu matei o Colletti—disse Tatum, mais uma afirmação que uma pergunta.

— É claro que sim.

— Não matei.

— Eu sei. O Theo me contou que vocês dois estavam no barco dele a noite passada, pescando. Só foram para casa hoje de manhã.

Tatum tomou outro grande gole de seu copo alto de cerveja.

— Você disse isso prós tiras?

— Disse.

— E mesmo assim eles querem o meu DNA?

— O Larsen não põe muita fé num álibi que só pode ser confirmado pelo seu irmão. Francamente, não o culpo por isso.

Tatum inclinou-se sobre a mesa e disse:

— Então você não o culpa por isso? Então está achando que o Theo está mentindo por minha causa?

Jack desviou os olhos, sem saber o que dizer.

— Cadê o peixe, Tatum?

— A gente não pegou nada—disse ele impassível.

— Nem unzinho a noite toda, é?

— Os pescadores voltam para casa de mãos abanando toda hora. O Theo até fez uma brincadeira quando a gente estava voltando, dizendo que é como o Jack sempre diz: é por isso que chamam isso de pesca, e não...

— Pegar, eu sei, eu sei. Olha, o resultado final é que o seu álibi não vai funcionar. Já conversei pessoalmente com o Larsen esta manhã.

Não estou dizendo que eles vão vir prendê-lo esta noite, amanhã, ou depois de amanhã. Mas a chapa está quente. Estou recebendo telefonemas dos tiras toda hora. Do advogado do Miguel, dos advogados dos herdeiros mortos, da imprensa. Estou começando a me sentir mais um malabarista do que um advogado. Larsen está nos oferecendo um recurso científico para livrar a sua cara antes de perdermos todas as chances e ele fechar as algemas em seus pulsos.

— Me explica isso direitinho.

— Há uma mancha no terno de Colletti. Parece que é saliva, e uma quantidade suficiente para fazer um teste de DNA. Como está nas costas dele, não parece provável que seja da própria vítima, e por isso eles acham que quem quer que o tenha matado também cuspiu nele.

— Uma coisa bem estúpida de se fazer.

— Os homicidas podem levar as coisas para um terreno pessoal, as emoções tomam conta. Seja como for, os tiras querem uma amostra de seu DNA. O laboratório compara as duas, e se não houver correspondência, pronto, outra pessoa pula para o topo da lista de suspeitos.

— E se eu disser que não?

— Se eles tiverem provas suficientes para ligar você ao crime, vão pedir uma liminar ao tribunal, obrigar você a dar uma amostra de cabelo, ou uma raspa

do tecido do rosto, alguma coisa não-invasiva.

Tatum pegou a casca vazia da banana em seu prato e não disse nada. Jack deu-lhe um momento, e depois perguntou:

— E então, o que me diz?

Tatum ergueu os olhos com uma expressão mortalmente séria.

— Deixe-os me prenderem.

— O quê?

Esvaziou seu copo de cerveja e disse:

— Sinto muito, Jack. Não posso dar meu DNA aos tiras.

CINQUENTA E TRÊS

THEO COMPREENDEU, mas sabia que jamais conseguiria dar uma boa explicação a Jack.

Foi Jack quem lhe falou sobre a reunião no restaurante, e Theo tinha a maior consideração por ele, mas um advogado formado em Yale, cujo pai já havia sido governador, nunca entenderia porque Tatum não faria um teste de DNA. Não importava que Jack fosse um cara bacana. Só Theo tinha condições de entender, mas isso não significava que concordasse com essa decisão. Chegou até a chamar Tatum para uma conversa, o que não levou a nada.

— Isso daí podia provar sua inocência. Cê num entende, cara?

— Não vou fazer exame nenhum de DNA.

— Mas essa merda funciona. Foi um exame de DNA que me tirou do corredor da morte.

— Você num tinha escolha, Theo. Você já estava no corredor da morte.

— E é lá que eles querem pôr você também. Faz o exame.

— Não.

— Mas que merda, Tatum, não por que raios? A gente estava em altomar pescando a noite toda. Você é inocente. Eu sei que cê é inocente.

— Então para de me pedi pra fazer a porra do exame.

A conversa podia ter durado mais trinta anos que Theo não estaria mais perto de convencer o irmão. Quando Tatum encasquetava com uma coisa, não havia jeito de fazê-lo mudar de ideia. Ele havia sido assim a vida inteira. Mas, dessa vez, talvez estivesse certo. Se Jack Swytek não conseguia entender, bom, é a vida, meu. Se Theo não quisesse aceitar, bom, é um direito que você tem, mano. As pessoas não acham que Tatum Knight seja um homem de princípios, mas ninguém o conhecia como Theo.

E Theo sabia exatamente o que estava se passando na cabeça dele. Dois caras negros, irmãos—não almas gêmeas, nem irmãos de armas, nem parceiros no uso de drogas—mas irmãos de sangue, irmãos que tinham saído do mesmo ventre, nascido da mesma mãe que enchia a cara de crack, que tinha saído uma noite e um filho da puta qualquer lhe cortara a garganta, um filho da puta que achou que a chupetinha dela não valia os dez dólares pedidos. Talvez eles tivessem, talvez não tivessem o mesmo pai (e provavelmente tinham, porque eram muito parecidos); mas, seja como for, nunca souberam quem havia sido. Um álibi desses favelados da Cidade da Liberdade não tinha valor para o detetive Rick Larsen e sua turma de carrascos. Precisavam de um exame de

DNA—uma prova científica, inquestionável, de inocência, senão o álibi não significava porra nenhuma. Bom, eles que se fodam, era tudo quanto Tatum estava dizendo. Todos eles.

Theo podia entender isso. Ao menos queria entender. Não era fácil ficar na dele vendo o irmão deixar passar uma oportunidade de ouro de provar sua inocência, de limpar seu nome, de pôr aqueles cães na cola de outro. Não depois de perder quatro anos no corredor da morte por conta do crime de outro cara. Era preciso ter culhão para enfrentar daquele jeito um investigador da seção de homicídios, de olhar o demônio nos olhos e dizer: “Você me quer? Então venha me pegar.” Theo admirava isso no irmão. Na verdade, os dois eram muito parecidos nesse aspecto. Os irmãos Knight nunca foram do tipo de recuar diante de ninguém, nem de nada, nunca tiveram medo de enfrentar seus piores pesadelos. Com uma única exceção. Havia um demônio que Theo nunca desafiara. Nunca voltara àquela loja de conveniências que ficava aberta vinte e quatro horas por dia, onde encontrara aquele funcionário numa poça de sangue.

Que hora desgraçada.

Theo lembrava-se do caminho. Percorrera exatamente o trajeto que havia feito naquela noite, naquela última noite, parecia, ou será que foi há um milhão de anos?

Eram nove horas da noite, muito mais cedo do que sua visita desastrosa às quatro da manhã; estava tão escuro quanto naquela madrugada, mas com muito mais trânsito.

A rua tinha sido recapeada há pouco tempo e havia uma nova ilha no meio. Funcionários do governo tinham plantado algumas palmeiras para embelezar o bairro, não as palmeiras reais muito altas e belas, nem as tamareiras das ilhas Canárias que se vê nos bulevares largos que cortam o bairro elegante de Coral Gables; era só a variedade marrom de folhagem modesta, plantada por nenhum outro motivo além de fechar a boca das pessoas sempre que reclamassem e se queixassem da falta de verde em seu bairro.

Portanto, depois de todos esses anos, finalmente conseguiram as palmeiras mirradas e de aparência doentia, arrancadas de algum lugar de Everglades, com algumas folhas lançadas a esmo na direção do céu como um corte de cabelo no Alfafa, os troncos protegidos por treliças de madeira e cobertos de alto a baixo com grafit das gangues, evidentemente a ideia que algum burocrata tinha de paisagismo.

Theo virou à direita no semáforo. A sala com mesas de sinuca desaparecera, todo o prédio lacrado com tábuas e chamuscado dos lados; o incêndio provavelmente foi provocado por uma ponta de cigarro ou, mais

provavelmente, pela recusa do jumento do dono em honrar uma dívida de jogo. O posto de gasolina ainda ficava na esquina, mas as novas bombas de auto-atendimento pareciam algo saído de uma historinha dos Jetsons em comparação com o equipamento antigo. Theo se lembrava. E Theo se lembrava muito bem. Não se esquecera de nada, pois repassara aquela noite na cabeça muitas e muitas vezes quando estava sozinho num beliche da prisão. Mas não foi só a ideia de reconstituir todos os seus passos que fez seu coração disparar.

Estacionou o carro e desligou o rádio. A música estava tocando alto naquela noite, como ele se lembrava, até estacionarem atrás da loja de conveniências, onde Lionel, o chefe da quadrilha, deu-lhe suas instruções e começou sua iniciação.

— Cê quer ser um Dono do Pedaço ou num quer?

— Eu quero, merda.

— Cê tem cinco minutos pra provar isso. Depois eu vô m'embora, cum você ou sem você.

Theo saiu do carro e fechou a porta, sem álcool na cabeça dessa vez, mas meio tonto por causa de tantas lembranças, de tantas dúvidas...

O cascalho solto da rua rangia sob seus pés quando ele se pôs a caminhar pela alameda. Estava se aproximando da loja pelos fundos, exatamente como fizera antes.

Era uma viagem solitária, a passagem estreita e escura, iluminada somente pela luz da rua na porta da frente. Subira correndo a alameda da última vez, mas hoje caminhava, absorvendo os detalhes. Os tijolos sujos das paredes de ambos os lados dele, as rachaduras no asfalto embaixo de seus pés, o som do trânsito em algum ponto acima dele. Chegou à calçada e virou à esquerda, rumo à entrada do Shelby's, só que o nome não era mais Shelby's. O letreiro na porta dizia: MERCADINHO DO MORTON. Theo ouvira dizer que o velho Shelby vendera seu estabelecimento. Seja como for, não estava mais conseguindo tocar seu negócio, que fora por água abaixo com toda aquela conversa de rua sobre o pobre rapaz de dezenove anos que fora espancado até a morte por aquele monte de merda negra da Cidade da Liberdade e seu pé-de-cabra que cabia no bolso.

— Tem uma graninha aí, meu?—pediu um mendigo que estava sentado na calçada em frente à porta de entrada.

— Cai fora—disse Theo, e depois parou diante das portas de vidro. Lembrava-se da náusea que sentira da última vez que viera aqui, do quanto ficara aliviado ao ver que não havia ninguém lá dentro da loja, a caixa

registradora sozinha. Era um pouco diferente a essa hora, dois fregueses lá dentro que ele conseguiu ver, o funcionário sentado no balcão assistindo o canal de esportes na televisãozinha. Mas todo o restante parecia praticamente igual, as filas de prateleiras organizadas do mesmo jeito, o mesmo piso bege no chão, as cervejas e os salgadinhos arrumados da mesma forma, perto da entrada. A loja pode ter sido rebatizada de Mercadinho do Morton, mas ele estava de volta ao Shelby's.

Empurrou a porta, abrindo-a, e entrou.

O funcionário lançou um rápido olhar sobre o ombro, vendo quem era, e depois voltou novamente sua atenção para o aparelho de TV. Theo contornou a pilha de jornais e o freezer dos congelados. O empregado não olhou para ele de novo. Theo Knight, ex-habitante do corredor da morte, tinha acabado de entrar na loja, e o garoto não parecia se importar. Saberá o que aconteceu aqui? Será que alguém lhe contara?

Você esteve naquele depósito?

Theo parou e olhou para o corredor, o olhar levando-o a refazer todo o percurso até aquela primeira visão do sangue, a trilha vermelho-vivo que ele seguiu como um idiota, seguiu até o fim, até a Prisão Estadual da Flórida e quatro anos de namoro com a cadeira elétrica.

A porta da frente abriu. Theo virou-se, a cabeça do empregado deu uma guinada. Os dois adolescentes entraram. Ambos eram negros. Ambos usavam calças largas, camisetas do time de futebol Miami Hurricane, grossas correntes douradas e bonés pretos de tricô, que pareciam ter substituído os bonés de beisebol virados para trás da época de Theo, mesmo em climas tropicais. Entraram com a ginga típica das gangues, algo que parecia que nunca mudava de uma geração para outra. Dessa vez, o empregado parecia ter ficado nervoso. Os rapazes separaram-se. Um foi para o corredor entre as prateleiras que ficava o mais distante, o outro para o mais próximo. Andavam de lá para cá, como se estivessem examinando o lugar, aguardando a sua hora, até os fregueses terem o bom senso de os deixar sozinhos com o empregado e a caixa registradora.

Theo observava-os. Dessa vez, não ia correr. Estou aqui por sua causa, meu.

Finalmente, o que estava mais perto começou a rir às gargalhadas. O outro ria mais ainda, sem nenhum motivo aparente, algum tipo de piada particular às custas de Theo ou do funcionário apavorado. Seja como for, Theo não gostou nada, e eles estavam começando a deixá-lo puto da vida. As gargalhadas foram diminuindo até pararem, a piada perdera a graça. O que rira primeiro pegou algumas garrafas de Gatorade da geladeira, foi até o balcão e pôs o dinheiro lá. O empregado ainda parecia nervoso, mas não estava mais com

medo do desconhecido, e sim de um perigo muito familiar. Deu o troco ao outro e disse:

— Obrigado, Lenny.

— Eu sou Leroy, seu debilóide. Lenny é o feioso.

Theo olhava enquanto os dois rapazes saíam pela porta da frente, rindo e zoando um com o outro.

— Quem cê tá chamano de feioso, hein, seu fé-da-puta?

E desapareceram, rumo a outra espelunca qualquer, nenhum lugar em especial. Lenny e Leroy, Theo e Tatum. Irmãos adolescentes. Barras-pesadas do pedaço que tinham verdadeiros orgasmos andando furtivamente por aí e assustando as pessoas. Eram parecidos. Vestiam-se da mesma forma. Agiam da mesma forma. As pessoas estavam sempre confundindo os dois, tomando um pelo outro.

De repente, Theo ficou gelado. Era um pensamento horrível, mas ele estava começando a entender porque seu irmão se recusara a fazer o exame de DNA num plano inteiramente diferente, um plano que não tinha nada a ver com coragem, princípios ou enfrentar o investigador Larsen. Aquilo só podia ter um motivo, exatamente aquilo em torno do que girava o exame: genética.

Theo sacudiu a cabeça, sem querer acreditar, mas acreditando assim mesmo.

Tatum, seu covarde filho da puta!

CINQUENTA E QUATRO

JACK TEVE TEMPO PARA SENTIR O AROMA, mas não para provar o café antes de Theo entrar como um furacão em seu escritório na quarta de manhã. Trazia Tatum a reboque, de modo que Jack viu que era sério.

— O que há?—perguntou Jack erguendo-se de trás da mesa.

Sua secretária aparecera de repente atrás daqueles dois brutamontes que estavam bloqueando a porta de Jack, ficando na ponta dos pés e acenando do corredor para chamar a atenção de Jack.

— Os irmãos Knight estão aqui—disse ela.

— Obrigado, Maria.

Theo fechou a porta e disse:

— Sentai, Tatum.

Tatum sentou-se e Jack também. Ninguém o convidara a sentar-se, mas com Theo falando com o próprio irmão naquele tom de voz, esperar parecia uma boa ideia.

Tatum olhou para o irmão mais novo e disse:

— Será que agora dava pra você me dizer que porra este...

— Cala a boca.

Havia muito tempo que Jack não via o amigo tão furioso.

— Calma, Theo, está bem?

— Calma?—disse ele com um sorriso feroz.—Passei a noite inteira me acalmando, e só fiquei mais puto ainda. Portanto, não me fala pra ter calma.

— O que aconteceu na noite passada?—perguntou Jack.

— Eu fui lá no Shelby's.

Jack e Tatum trocaram um olhar, como se nenhum dos dois soubesse o que dizer.

Theo continuou falando e andando de um lado para o outro:

— Eu estava querendo entender porque o Tatum não queria fazer um exame de DNA para provar que não era culpado quando seu próprio irmão saiu do corredor da morte desse jeito. E aí eu saquei.

— Do que que cê tá falando?—perguntou Tatum.

— Você sabe do que eu to falando.

— Num tenho a menor ideia.

— Eu mofei quatro anos no corredor da morte. Chega de mentiras, Tatum.

— Agora você já está me deixando puto. Num me chama de mentiroso.

— Então para de mentir—disse Theo falando cada vez mais alto.

— Num tem mais desculpa pra isso. Foi por isso que arrastei esse animal até aqui e não quis tocar no assunto enquanto você e eu não estivéssemos na frente do nosso advogado. Fala pra ele, Jack. Tudo o que dissermos aqui está protegido pelo sigilo entre advogado e cliente, certo?

— Ambos são clientes. Mas são dois casos diferentes. Estou um pouco confuso sobre o que está acontecendo aqui.

— Jack, vamos combinar que nada do que a gente disser sai dessas quatro paredes. Pode fazer isso por mim?

Os olhos de Theo estavam esbugalhados.

— Lógico—disse Theo numa voz tranquilizadora.—É tudo sigiloso.

— Nada do que a gente disser aqui pode ser repetido num tribunal. Ninguém pode sair daqui correndo e contar pros tiras o que o outro disse, certo?

— Certo—respondeu Jack. Theo olhou para Tatum e disse:

— Fala pra mim, mano.

— Falar o quê?

— A verdade.

— A verdade sobre o quê?

— Foi você que matou aquele empregado do Shelby's?—Theo não estava gritando, mas sua voz era firme e ríspida, e a pergunta saiu como um jato de água fria. Jack olhou para Theo, depois para Tatum, em seguida para Theo outra vez, perguntando-se que diabos teria acontecido nas últimas vinte e quatro horas. Esperava que Tatum saltasse da cadeira a qualquer momento e agarrasse o irmão pelo pescoço por dizer um absurdo daqueles.

Mas Tatum só soltou uma risadinha e disse:

— O queeee?

Era uma risadinha de nervoso. Jack percebeu um leve tremor na voz de Tatum, e se deu conta de que Theo descobrira uma verdade horrível, uma verdade que estava prestes a mudar as coisas para sempre. Jack olhou para Tatum e disse:

— Ele quer saber se o membro dos Donos do Pedaco que acabou com a vida dele era você.

Tatum lançou a seu advogado um olhar que dizia: Acho bom você ficar fora disso, Swytek.

Theo estava andando para lá e para cá outra vez, falando de um jeito que parecia puro fluxo de consciência.

— Foi isso que eu saquei esta noite. Você se recusou a fazer o exame de DNA no caso do assassinato de Gerry Colletti porque estava preocupado com a comparação que fariam.

— Eu não matei o Colletti.

— Eu sei que não. Mas não estou falando de comparação entre o seu DNA e o DNA encontrado no cuspe seco que descobriram nas costas do terno do Colletti. Você estava com medo de uma comparação com o cabelo humano e a pele que os policiais tiraram de baixo das unhas daquele empregado da loja de conveniências Shelby's. Aquele garoto lutou feito um tigre, certo, Jack?

— Era o que sugeria a cena do crime.

— Os legislas que prestaram depoimento em meu processo disseram que o cara reagiu e fez um bom estrago no alto da cabeça de seu agressor. Ficou com um pouco de pele e cabelos embaixo das unhas. Meu primeiro advogado tentou usar esse material no julgamento. Perguntou ao júri por que não havia nenhum esfolado no topo da minha cabeça se a vítima tinha pele e cabelos embaixo das unhas. Azar meu eu não ter sido preso e examinado por um médico antes de se passarem sete meses do crime. Os arranhões podiam ter sarado e desaparecido completamente depois daquele tempo todo. Pelo menos foi o que o promotor fez o júri acreditar. Mas tudo se esclareceu no fim. Os pedacinhos de pele e cabelos nos deram uma bela amostra de DNA. DNA que nem era tão usado assim naquela época. Quatro anos depois, era. Quando Jack entrou com um pedido de habeas corpus, mandou fazer o exame e me tirou do corredor da morte.

— E o único cara mais feliz que você era eu—disse Tatum.

— É, agora eu sei porquê. Não sei de todos os detalhes, mas, Jack, me ajude aqui. Quando fazem um exame de DNA, os tiras guardam aquela merda toda, não guardam?

— Você está falando do CODIS.

— Fala pra ele, Jack. Fala pró Tatum o que ele já sabe e o que eu acabei de descobrir.

Era estranho o jeito como aquilo estava acontecendo, como se Jack e Theo

tivessem ensaiado. Mas Jack tinha-se perguntando quem seria o verdadeiro assassino durante quase tantos anos quanto Theo, e agora que Theo estava em maré de sorte, Jack estava a seu lado, passo a passo.

— O CODIS é o banco de dados de DNA do FBI—disse Jack. Quando é feito um exame de DNA numa amostra retirada de uma cena de crime, os resultados entram nos arquivos do CODIS. Quando eu finalmente consegui que o exame fosse feito para comparar o DNA de Theo com as amostras de pele e cabelos retiradas da vítima, ele entrou no banco de dados do CODIS.

— E é exatamente por isso que meu irmão não quis fazer um exame de DNA. Mesmo que os resultados tivessem provado que ele não matou Gerry Colletti, uma simples consulta ao banco de dados do FBI teria provado que ele matou o empregado daquela loja.

Um silêncio tenso encheu a sala enquanto os dois irmãos se mediam.

— Não era assim que as coisas deviam acabar—disse Tatum calmamente.

— Putz, cara—disse Jack numa reação involuntária.

— Era meu próximo passo nos Donos do Pedaco—continuou Tatum.

— Eu tinha de matar alguém, sabe, se algum dia quisesse ter meu próprio território. E aí o Lionel escolhe esse empregado da Shelby's. Por nada, só escolheu ele.

E eu fui lá e matei o cara.

Theo parecia prestes a explodir. Jack sabia que tinha de dizer alguma coisa antes de ter outro homicida nas mãos.

— E por que botou a culpa no Theo?

— Não devia ter mais ninguém na loja. Mas, quando saí, passei correndo por um cara na calçada. Fiquei com medo de que ele me reconhecesse. Eu tinha de pensar depressa, cara. Eu tava com medo, tá sabendo? E aí eu voltei pro carro, e foi quando eu e o Lionel fizemos o plano.

— Que plano?—perguntou Jack.

— A gente tinha de pôr outro na jogada, tá sabendo? Alguém mais tinha de entrar naquela loja.

A voz de Theo estava tremendo de raiva.

— Alguém que se parecesse com você.

Ele sacudiu a cabeça, a voz cheia de remorso.

— Eu não queria que fosse você, Theo. Foi o que eu disse pro Lionel. Todos

os Donos do Pedaco se vestiam do mesmo jeito. Calças pretas, camiseta do Miami Heat, correntes douradas, boné de beisebol virado pra trás. A gente podia ter escolhido qualquer um. Mas Lionel escolheu o Theo.

— E você concordou?

— No começo, não. Eu disse que não ia fazer isso de jeito nenhum. Mas fazia sentido que fosse você.

— Mentira, Tatum. Estava escuro, todos se vestiam igualzinho. Tinha mais outros dez Donos do Pedaco que podiam ser confundidos com você.

— Não o escolhemos só porque a gente era parecido. Foi por outro motivo, um motivo mais importante.

— Importante?—disse ele praticamente aos berros.

— Cê tinha quinze anos, cara. O Lionel disse que você não ia ter um processo de adulto. Eu tinha quase dezoito. Não tinha o que discutir. Eu ia ser julgado como adulto. Foi por isso que a gente o escolheu.

Jack ouvia a respiração de Theo, a raiva queimando os pulmões e a garganta, roubando-lhe as palavras. Jack falou por ele.

— Então você entregou seu irmão menor pensando que ele ia ser julgado como menor delinquente, cumprindo pena na detenção até sua ficha dar baixa nos arquivos aos dezoito anos.

— O plano era esse.

Jack continuou sondando.

— Aquele cara na calçada no qual você quase trombou ao sair da loja, ele era a testemunha ocular que pensou ter reconhecido o Theo no meio de outros homens.

— Isso mesmo.

— E, com uma sólida testemunha ocular, o promotor começou a se sentir muito seguro em relação ao caso. Theo foi processado como adulto, não como menor delinquente.

E o júri o condenou por homicídio qualificado.

— A primeira coisa que eu soube depois é que ele estava no corredor da morte—disse Tatum.—Aquilo foi um pesadelo para mim.

— Pra você!—gritou Theo.—Vá se foder, Tatum!

— Você não acha que aquilo também estava me matando?

— Não. Você me deixaria morrer.

— Isso eu não ia deixar acontecer de jeito nenhum.

— Eu sempre soube que caí numa armadilha dos Donos do Pedaco. Quantas conversas você e eu tivemos com o vidro da prisão entre nós, Tatum? Nós dois espremendo os miolos para ver se descobríamos quem tinha sido o filho da puta. Nunca conseguimos diminuir a lista de suspeitos para menos de cinquenta. Nem uma única vez você sequer deu a entender que você é que era o assassino. O tempo todo você estava só fingindo que estava do meu lado quando eu estava no corredor da morte. E teria ficado caladinho até o fim, teria me deixado morrer por uma coisa que você fez.

— Cê sabe que isso num é verdade. E aquela noite que eu me ofereci pra confessar, lembra? Eu disse que ia confessar se isso tirasse você do corredor da morte.

— Aquilo não era de verdade, cara. Era a culpa falando.

— Era verdade.

Theo olhou para ele e depois para seu advogado.

— Diz alguma coisa, Jack. Da última vez que você conseguiu um adiamento da execução, quanto tempo eu tinha antes de me fritarem?

— Dezessete minutos.

— Você recebeu algum telefonema de último minuto do meu irmão dizendo: “para tudo, eles pegaram o cara errado, eu sou o culpado, fui eu, Tatum. Eu sou o assassino”?

Theo sabia a resposta, mas mesmo assim Jack respondeu:

— Não.

Theo chegou mais perto de Tatum, os olhos cheios de ódio.

— Quanto tempo mais você ia esperar para me salvar, mano? Tatum não olhou para ele, estava de olhos fixos nos sapatos.

— Você é meu irmão—disse ele.—Eu posso consertar as coisas, cara.

— Tarde demais—disse Theo.

— Não, escuta—disse ele com a voz recobrando ânimo.—Eu vô ficar com esse dinheiro, esses quarenta e seis milhões da Sally Fenning.

— O que há, tá querendo me comprar agora?

— Só estou pedindo uma chance de recompensar.

— Me devolve meus quatro anos.

- Eu devolvia, se pudesse, mas não posso.
- Esse é que é o seu problema, né?
- Estou fazendo tudo que eu posso. É um monte de grana, Theo.
- Não quero o seu dinheiro.
- É um caminhão de grana, mesmo que a gente divida por três.
- Me deixa fora dessa—disse Jack.
- Eu não estava falando de você, bocó!—disse Tatum.

Naquele momento foi como se tudo parasse. Jack tinha ouvido. Theo também tinha ouvido. E, a julgar pela expressão do rosto de Tatum, era bem claro que ele não queria ter dito aquilo.

- Por que três?—perguntou Jack.
- Eu disse três?—respondeu Tatum.—Eu queria dizer dois.
- Não—disse Jack.—Você disse três e queria dizer três. Se eu não sou o terceiro, quem é?

Os olhos de Tatum foram de Theo para Jack várias vezes. Davam a impressão de que queriam dizer alguma coisa, mas sabiam que não havia nada a dizer. Estavam lá, as palavras tinham saído de sua boca e agora era fato, fato notório conhecido: Tatum já combinara dividir o dinheiro com alguém. Tinha um sócio.

- To caindo fora daqui—disse ele enquanto se levantava de um salto da cadeira.
- Tatum!—gritou Jack, mas seu cliente já tinha saído porta afora e estava indo pelo corredor. Jack seguiu-o.

— Tatum, se quiser que eu seja seu advogado, precisamos conversar.

Tatum parou no meio do corredor, girou nos calcanhares e disse:

- Você está demitido, tá bom? Não precisamos mais falar sobre coisa nenhuma.
- Quais que você matou?—perguntou Jack. Os olhos de Tatum arregalaram-se.
- Toma cuidado com o que diz, Swytek.
- Sabemos que não matou Colletti porque você e o Theo estavam fora pescando. Portanto, este deve ter sido um serviço do seu sócio. Você matou a repórter ou o promotor?

Ele deu um passo na direção de Jack, levantando um dedo ameaçador enquanto falava, mas Jack não recuou.

— Escuta o que estou falando—disse Tatum.—É como o Theo falou. Tudo o que a gente conversou aqui é sigilo. Você fique de bico calado.

— O sigilo tem exceções.

Ele lançou um olhar torto para Jack.

— Está me ameaçando?

— Só estou dizendo como as coisas são. Um advogado não pode revelar o que seu cliente fez no passado. Mas, se um advogado achar que seu cliente está prestes a cometer um crime, o sigilo não se aplica necessariamente. Em virtude do que ouvi, parece que o ex-marido de Sally é o próximo de sua lista.

Um rápido sorriso passou pelos lábios de Tatum, como se ele achasse engraçada a forma pela qual seu advogado o estava enfrentando.

— E o que você vai fazer? Chamar a polícia? Jack não disse nada.

O sorriso de Tatum aumentou.

— Acho que não—disse ele enquanto se virava e se dirigia para a saída.

Jack passou pela secretária, que parecia aterrorizada pelo que obviamente escutara. Quando chegaram ao vestibulo vazio, Jack chamou Tatum e disse:

— Talvez eu fale com o Miguel Rios primeiro. Depois vou chamar a polícia.

Tatum parou diante da porta. O sorriso desaparecera. Naquele exato momento a porta se abriu e Kelsey entrou, chegando para trabalhar. Tatum agarrou-a e puxou-a para a frente.

— para!—disse Jack.

Tatum estava segurando a moça na frente do corpo, como um escudo humano. Os olhos de Kelsey estavam grandes como moedas de prata. Tatum imitou um revólver com a mão, o indicador apontado para a têmpora dela, o polegar virado como se fosse apertar o gatilho.

— Não me ameace, Swytek.—Puxou o gatilho de mentira, fez a cabeça de Kelsey cair para trás como se uma bala de nove milímetros tivesse acabado de lhe penetrar no crânio e depois jogou a moça no chão.

Kelsey rolou pelo carpete e soltou um grito que parecia uma combinação de medo e alívio enquanto se levantava e ia na direção de Jack.

Tatum lançou um último olhar enfurecido aos dois. Jack aguentou firme enquanto via seu ex-cliente bater a porta e desaparecer atrás de um caixilho de

vidro translúcido com letras de forma pintadas que diziam: JACK
SWYTECK, ADVOGADO.

CINQUENTA E CINCO

— DÁ VONTADE DE MATÁ-LO—DISSE Theo.

Os dois amigos estavam de volta ao escritório de Jack, que ficara alguns minutos tentando acalmar os nervos de Kelsey; depois lhe pediu para esperar na sala de reuniões enquanto ele e Theo resolviam uns problemas.

— Matá-lo não resolve nada—disse Jack.

— Eu sei. Mas pelo menos vou pôr ele de volta no ringue, dessa vez sem luvas.

— Eu entendo que você esteja puto—disse Jack.—Eu também estou. Mas, por enquanto, temos de deixar isso de lado e pensar com clareza.

— Pensar no quê?

Jack sentou atrás de sua mesa de trabalho, brincando com um clipe de papel enquanto falava.

— Tatum acabou de ameaçar Kelsey bem embaixo do meu nariz. Se não o fizermos parar, é provável que o marido de Sally seja o próximo da lista. Tatum acha que não posso fazer nada para neutralizá-lo porque era seu advogado, ou que não vou fazer nada porque estou com medo. Tatum precisa se tocar, mas isso não significa que a resposta seja sair correndo e me atracar com ele.

— Cê vai chamar a polícia?

— Vamos pensar nisso direito, certo?

— Certo. Manda bala.

Jack tirou um bloco da gaveta de sua mesa, achando que devia pôr tudo no papel, mas estava pensando e falando depressa demais para escrever.

— Vamos começar do começo. Vivien Grasso pôs as cartas na mesa na primeira reunião que teve com os beneficiários na condição de inventariante do espólio de Sally.

Ela foi bem clara: se algum dos beneficiários deste testamento eliminar fisicamente os outros na esperança de ficar com o bolo todo. Bom, esquece. Seus motivos serão óbvios, de modo que essa pessoa nunca vai usufruir o dinheiro.

— Tatum parece ter dado um jeito de contornar esse problema.

— Ele acha que sim. Mas acho que ele se associou com alguém; alguém que pode fazer o serviço enquanto ele está fora criando um álibi.

— Como: “Eu estava em alto-mar pescando com o meu irmão—disse Theo.

— Exatamente. Enquanto ele tiver uma defesa verossímil, como um álibi ou qualquer outra coisa, o fato de ser o último homem vivo no fim da história não vai ser o suficiente para acusá-lo de assassinato. Ele pode ter razão quanto a isso. Pode não ter. Mas uma herança de quarenta e seis milhões de dólares pode comprar um advogado de defesa bom pra caralho.

— De uma coisa você pode ter certeza—disse Theo.—Eu conheço o meu irmão. Se ele chegou até aqui, não vai parar.

— O que significa que a gente precisa descobrir quem é o sócio dele.

— Algum palpite?

Jack inclinou-se sobre a mesa, refletindo.

— Tenho pensado muito nisso. É possível que haja dois assassinos em ação; ou, para dizer o mínimo, alguém se deu ao trabalho de tentar fazer parecer que há dois assassinos em ação.

— Por que dois?

— O primeiro é o cara que me ligou depois que o promotor foi morto e disse que ninguém podia optar por sair da jogada: “Todos vão morrer.”

Se levarmos o que esse sujeito diz ao pé da letra, o dinheiro não é seu principal objetivo.

— Um psicopata desse calibre não leva jeito de ser sócio de Tatum.

— Não. Mas o outro assassino, ou pelo menos a outra personalidade, é o cara que atacou Kelsey e disse que queria que Tatum saísse da jogada.

— Espera aí—disse Theo.—Se você está dizendo que esse cara é sócio de Tatum, por que ele haveria de querer Tatum fora da jogada? Parece que ele devia querer exatamente o contrário.

— Pode muito bem ser uma armação—disse Jack.—Seria uma bela forma de inocentar Tatum e seu sócio, não seria? Ia dar a impressão de que Tatum está sendo ameaçado para cair fora; mas, na verdade, Tatum e seu sócio estão matando os outros beneficiários para que Tatum seja o último sobrevivente e herde o pote de ouro.

— Você parece muito convencido de que esse sócio não é ele próprio um beneficiário.

— Só faz sentido se o sócio não for um beneficiário. Ele não precisaria de Tatum se já estivesse no jogo.

Theo levantou-se e começou a andar de um lado para o outro enquanto

pensava em voz alta.

— Então estamos atrás de um amigo de Tatum que não é um beneficiário e não desmaia à vista de sangue.

Jack e Theo trocaram um olhar, como se o nome lhes ocorresse ao mesmo tempo.

— Está pensando a mesma coisa que eu?—perguntou Jack.

— Parece bem óbvio, não parece?

— O cara que pôs Tatum na jogada. O filho da puta que fez o contato de Sally com Tatum.

— O antigo guarda-costas de Sally?—perguntou Theo.

— É.

Trocaram mais um olhar significativo, matutando sobre a questão no silêncio que os envolveu. Parece que tudo batia.

— E agora? Cê vai chamar a polícia?

Jack sacudiu a cabeça para dizer que não.

— Seu irmão não é a criatura que eu mais amo nessa terra, mas persiste o fato de que tudo quanto fiquei sabendo sobre seu possível crime veio à tona graças à relação de advogado e cliente.

— Mas eu escutei você mesmo dizer quando ele estava indo pelo corredor que o sigilo não se aplica quando o cliente está prestes a cometer um crime.

— Sou um advogado de defesa de criminosos, Theo. Eu tenho de ter certeza absoluta a respeito dos fatos antes de quebrar o sigilo da relação advogado-cliente, qualquer que seja o motivo.

— E você não tem certeza absoluta?

— Absoluta, não. Não posso sair correndo para a delegacia de polícia e dizer aos tiras, olha, meu cliente soltou a língua e disse que vai dividir o pote de ouro por três, e não por dois e, com base nisso, eu acho que ele pode ter conspirado com o antigo guarda-costas de Sally para matar os outros beneficiários.

— E então, o que a gente vai fazer?

— Basicamente, faço qualquer coisa para você ficar quites com o bosta do seu irmão. Ajudo você no que for preciso.

— To ouvindo.

— Acho que você devia fazer uma visitinha ao antigo guarda-costas de Sally.
Ele sorriu amarelo, cerrando a mão direita e massageando-a com a esquerda.

— Vai ser um prazer.

— Nada de violência—disse Jack.

— Então o que você quer que eu faça?

— Só quero que ponha meu plano em prática.

— Seu plano?—disse ele com uma risadinha.—Da última vez que você traçou um plano, acabei sequestrado por uma bonequinha latina que falava russo, trancado num quarto de hotel horroroso e acorrentado ao pé da cama por três dias.

— E está se queixando de...

O sorriso de Theo aumentou enquanto ele pensava melhor.

— Você manda, Jack. Qual é o plano?

CINQUENTA E SEIS

RESOLVERAM-SE POR UM REVOLVERZINHO SMITH & WESSON NIQUELADO.

Jack e Theo só precisaram de alguns minutos para pensar na estratégia a adotar. Kelsey queria ajudar e, como ela havia sido a pessoa que Tatum ameaçara mais diretamente, Jack achou que ela merecia uma oportunidade de redenção. Ela concordou em ir com Theo até uma loja de armas no bulevar Biscayne e mostrar o revólver que mais se parecia com aquele que seu agressor lhe pusera na cabeça quando a atacara do lado de fora da biblioteca da escola de direito.

— É esse aqui—disse Kelsey.—Estava apontando através da porta de vidro trancada da vitrine.

— Tem certeza?—perguntou Theo.

— Estava escuro, e o cara estava usando uma máscara. Mas aquele revólver estava encostado na minha cara e havia luz suficiente vinda da biblioteca para eu enxergar ao menos isso. Pode não ser exatamente o mesmo modelo, mas era bem parecido com esse aqui.

— Obrigado—disse Theo.—Era disso que eu precisava. Você quer que eu te leve pra casa?

— Não, meu carro ainda está na rua do escritório de Jack. Será que você podia me deixar lá?

— Sem problemas.

Jack estava diante do bebedouro quando Kelsey voltou a seu escritório. Ela disse que havia esquecido uma coisa na mesa de trabalho, mas Jack levou-a até o carro, sentindo que havia coisas mais importantes passando pela cabeça dela. Estavam de pé no meio-no entre o carro dela estacionado e uma oliveira que brotara num quadrado que a prefeitura abrira na calçada para este fim.

— Você ficaria surpreso se ficasse sabendo que eu vim ao escritório hoje de manhã para pegar as minhas coisas?

— Ninguém pediu a você que se demitisse.

— Ninguém me pediu para ficar.

Embora não tivesse sido uma decisão consciente da parte dele, não podia negar a inferência feita por ela.

— Peço-lhe desculpas pelo papelão que eu fiz no tribunal aquele dia, fazendo pressão sobre você no fim da audiência. Não foi muito profissional.

— Eu entendo.

— Entende mesmo? Ou só está falando da boca pra fora?

— Acho que isso está ficando estranho.

— Estranho? Jack, sofri um ataque à mão armada, quando estava saindo da biblioteca para casa, de um psicopata que ameaçou afogar meu filho. Hoje seu cliente me agarra e faz de conta que estoura os meus miolos. Não o estou acusando por nada disso, mas essa é a parte que realmente incomoda: ainda continuo sentindo como se lhe devesse alguma coisa.

— Não estou querendo fazer você sentir isso.

O tom de voz dela abrandou, mas sua expressão era de mágoa.

— Quero pôr uma pedra em cima disso; em cima desse constrangimento que surgiu entre nós desde que aquela repórter me ligou para falar do Tatum.

— Eu gostaria que não tivesse acontecido, mas não posso fazer de conta que não aconteceu.

— Ela me armou uma cilada. Eu caí.

— É o tipo de deslize que poderia ter levado nosso cliente para a cadeia.

— Ao que tudo indica, é onde ele devia estar.

— Não é disso que se trata.

— Eu sei. Eu cometi um erro. Já pedi desculpas.

Jack desviou os olhos. Kelsey aproximou-se, empinando um pouco a cabeça para chamar sua atenção.

— Escuta aqui—disse ela com um sorriso hesitante—,se você vai dizer que amar significa nunca ter de pedir desculpas, acho que vou estrangulá-lo.

Do jeito que ela estava olhando para ele, ele percebeu que honestidade era sua única opção.

— Kelsey, eu...

— Não diga nada—disse ela.

— É importante. Tudo quanto estou tentando dizer é que, durante cinco anos, fiquei casado com uma mulher que conhecia todos os meus segredos. Pessoais, profissionais; não importa. Eu confiava nela cegamente, e ainda estou em frangalhos. Que chance tem uma relação quando essa confiança é destruída antes mesmo de começar?

Uma mulher passou pela calçada com o cachorro na coleira. Cumprimentou-

os, puxou o cachorro de cima do sapato de Jack e continuou em frente.

Kelsey olhou para Jack e disse:

— Você gostou dela, não gostou?

— Nunca a vi mais gorda.

— Não estou falando desta. Estou falando da irmã de Sally. Renê. Jack deu de ombros, sem saber o que dizer.

Kelsey respirou fundo, depois soltou o que parecia ser um suspiro de resignação.

— Você é um cara legal, Jack. Francamente, acho que essa questão de confiança que você jogou na minha cara é um joguinho intelectual que você está fazendo porque tem medo de qualquer coisa que não faça sentido intelectualmente. Mas merece ter o que quer, mesmo que não seja muito competente na hora de definir o que quer realmente.

— Obrigado. Acho.

— Espero que dê tudo certo.

— Ainda não tenho certeza de que haja alguma coisa para dar certo.

— Há, sim.

Ele lhe lançou um olhar irônico, perguntando-se como as mulheres viam coisas nas outras que os homens não conseguiam enxergar nem com um microscópio.

— Vou fazer a minha parte para seu plano dar certo. Tudo o que você e Theo precisarem.

Ela se aproximou como se fosse lhe dar um beijo no rosto, mas depois mudou de ideia e recuou.

— A gente se vê, Jack.

— Sim. A gente se vê.

Ele ficou olhando enquanto ela entrava no carro e dava a partida. Deu um adeusinho quando ela foi embora. Talvez ela tenha visto, talvez não. Mas o buraco nas tripas e o vazio que sentiu não eram por causa dela. Também não eram por causa de Renê.

Porra, disse a si mesmo. Sinto muito, Nate, muito mesmo.

CINQUENTA E SETE

THEO ESTAVA A FIM DE AGIR. O que não devia ser confundido com seus desejos frequentes por ação que, em geral, envolviam um bom suprimento de óleo de massagem, calcinhas comestíveis e camisinhas que brilham no escuro tamanho extragrande (quando Theo tinha sorte, a sorte não tinha nada a ver com a história). Não. Dessa vez estava se preparando para agir no estilo “Eu gostaria de agradecer à Academia como se estivesse mostrando seus talentos de ator.

— Você tá falano comigo?

Mesmo sem câmaras gravando, não havia forma de arte mais autêntica do que transformar um impostor como Javier, o amigo de Tatum, num monte de gelatina.

— Posso entrar?—perguntou Theo. Estava de pé no degrau da porta da frente. Javier estava do outro lado da porta de tela, usando só shorts de ginástica, sem camisa.

Parecia que tinha acabado de se levantar da cama, e dormir até depois do meio-dia provavelmente era muito normal para um leão-de-chácara de um clube de South Beach.

Era óbvio que tinha levantado peso de verdade em seus anos de adolescência, provavelmente até os vinte e poucos, regado com um pouco de anabolizante, mas ele estava começando a virar aquela esquina proverbial na rápida viagem para a cidade da gordura. Uma grossa corrente dourada lhe pendia do pescoço, e Theo notou que a pele dos músculos do peito estava vermelha e irritada, como os caras da academia que se depilavam para as moças que não gostavam de pêlos.

Javier lançou-lhe um olhar irritado, como se estivesse tentando se lembrar se o conhecia ou não.

— Você é bem parecido com o meu amigo Tatum. Deve ser o pé no saco do irmãozinho caçula dele.

— Meu nome é Theo. Está na hora de termos uma conversa.

— Sobre?

— Negócios.

— Que tipo de negócios?

— Daquele tipo que você não pode fazer de pé na varanda.

Ele deu uma risada e deixou Theo entrar, levando-o para a cozinha. Theo

puxou um banco enquanto Javier limpava a bancada onde havia quatro garrações de plástico de proteína em pó e suplementos para ganhar músculos.

— Cerveja?—perguntou Javier.

— Não, obrigado. Já tomei meu desjejum.

Theo fez uma rápida avaliação do lugar enquanto Javier pegava uma cerveja na geladeira. Um aparelho novo de televisão com tela grande dominava a sala que ficava bem ao lado da cozinha. O restante dos móveis parecia ter vindo com o apartamento úmido. Se Javier estava em algum negócio ilegal, ou era café pequeno, ou um barra-pesada que sabia disfarçar como ninguém.

Javier abriu uma cerveja e depois se sentou no lado oposto da bancada.

— E então, qual é?

— Reconsiderarei a oferta de Tatum.

Tomou a cerveja na lata e depois limpou o bigode com as costas da mão.

— Que oferta?

— Os quarenta e seis milhões de Sally Fenning.

— O que tem eles?

Theo apertou os olhos, preparado para avaliar a reação de Javier à sua próxima frase.

— Cheguei à conclusão de que para mim está bom ficar com um terço.

— É,—disse ele em tom de zombaria.—Quem não acharia?

— E então, você concorda?

Tomou outro gole de cerveja, depois arrotou.

— Com o quê, cara?

— Em dividir por três, em vez de rachar por dois. Ele sorriu com ironia:

— Você está sabendo de alguma coisa que eu não sei?

Theo tinha chegado se sentindo bem confiante em seu blefe, mas estava começando a se perguntar se Javier seria realmente o sócio do irmão.

— Está querendo dar uma de bobo pra cima de mim, Javier?

Ele tomou o restante da cerveja e amassou a lata de alumínio com a mão.

— Eu estou com cara de quem está se fazendo de bobo?

Não, pensou Theo. Aí é que está o problema. Ele parecia completamente imbecil, e isso ia jogar areia no plano de Jack. A ideia era Theo chegar aqui

blefando, tentando descobrir se o guarda-costas de Sally era de fato o sócio de Tatum. Mas, se aquela hipótese era correta, Theo deveria estar fazendo mais progressos com esse jumento.

A menos que ele esteja fingindo.

O telefone tocou.

— Eu já volto—disse Javier.

Atirou a lata de cerveja no lixo e atravessou a cozinha.

Theo observou-o chegar ao telefone e, de repente, ficou apreensivo com a maneira pela qual o plano de Jack estava se desenrolando. E se Javier estivesse fingindo?

E se fosse Tatum do outro lado da linha, ligando pra lhe dizer que não devia confiar em Theo—que Theo tem de sumir?

Ele deu outra olhada rápida e furtiva pelo cômodo, o coração disparando enquanto seu olhar caía no conjunto de facas de cozinha que estava ao lado do fogão, enfiadas num bloco de madeira.

— Alô—ouviu Javier dizer ao telefone. Theo estava se perguntando se a pessoa que estava do outro lado da linha era quem ele esperava que fosse, ou quem temia que fosse.

CINQUENTA E OITO

A GRANDE QUESTÃO ERA O QUE FAZER COM Miguel Rios.

Jack não estava blefando completamente, naquela conversa final em seu escritório, ao avisar Tatum que o ex-marido de Sally seria o primeiro a saber do suposto combinado de “rachar a herança” com um sócio que provavelmente era tão ameaçador quanto misterioso. Mas havia uma premissa implícita na ameaça: Jack primeiro teria de chegar à conclusão de que quebrar o sigilo da relação advogado-cliente era a medida ética e apropriada a tomar. Que, evidentemente, era uma premissa e tanto. A questão não era se o cliente (ou ex-cliente, o que não fazia a menor diferença) tinha matado no passado. Jack jamais poderia revelar essa informação, nem mesmo se tivesse prestado juramento de dizer a verdade, não sem perder sua licença para advogar. A questão era se Tatum mataria de novo no futuro. A menos que Theo tivesse pleno êxito em seu encontro com Javier, Jack não estava nem um passo mais perto de saber se seu cliente estava prestes a cometer outro assassinato e que a vida de uma pessoa inocente estava correndo um perigo iminente. Certamente não tinha o tipo de prova necessário para um advogado criminalista dar o passo extraordinário de trair

a confiança do próprio cliente.

Mesmo assim, a moralidade tinha seu lugar aqui. Ele queria pelo menos encontrar Miguel, ainda que fosse só para ter certeza de que os poucos herdeiros remanescentes de Sally tinham uma ideia razoável do tamanho do risco que estavam correndo.

— E você acha que já não estou cagando nas calças?—perguntou Miguel.

Jack estava sentado na ponta do sofá, vendo Miguel andar pra lá e pra cá no tapete. Miguel não conseguira sentar-se desde que convidara Jack a entrar em sua sala de visitas. Falava depressa e com apreensão na voz, e Jack entendia perfeitamente o seu nervosismo.

— Acho que não é preciso ser um gênio para saber o que está acontecendo—disse Jack.

— Bom, o que o seu cliente está fazendo?

Jack não sabia o que dizer. Na verdade, não havia muito o que dizer, mas ele fez o melhor que pôde.

— Tatum não é mais cliente meu.

— E por que não?

— Isso é tudo que posso lhe dizer.

Miguel finalmente parou de andar de lá pra cá. Olhou nos olhos de Jack, parecendo sentir que o advogado estava querendo dar a entender mais coisas. E Jack estava realmente lhe transmitindo uma mensagem. Era como um julgamento, quando o advogado de defesa do criminoso sabe que seu cliente está cometendo perjúrio. Alguns profissionais achavam que a única reação ética do advogado seria calar a boca e deixar o cliente contar sua história, sem se envolver. Nenhum advogado pode se levantar e dizer:

“Meu cliente está mentindo.” Mas, na hora em que se omite e não faz nada para levar seu cliente a mudar seu depoimento, todo mundo que conhece as regras sabe exatamente o que está acontecendo.

Miguel era um policial, e Jack esperava que ele estivesse por dentro das coisas o suficiente para entender a manobra que ele estava fazendo do outro lado de sua sala de visitas.

— Está me dizendo que...

— Já falei, isso é tudo que eu posso dizer.

Miguel sentou-se no braço do sofá e depois se levantou de novo e começou a andar de lá pra cá outra vez.

— Isso é uma verdadeira maravilha. Primeiro Rudsky. Depois Meadows. Depois Colletti. O que me deixa competindo com Tatum Knight, que me deixou apavorado desde a primeira vez que o vi. E esse Alan Sirap, que parece ser um pseudônimo do sujeito que perseguia a Sally. Eu preciso te lembrar que ainda acho que o sujeito que perseguia Sally é o homem que matou nossa filha?

— Você parece ter uma boa ideia do que aconteceu.

— Melhor do que você pensa. Escuta só isso.

Atravessou a sala e foi até o aparelho de som que estava pregado na parede e tirou uma fita cassete da caixa de plástico.

— Entreguei isso aqui à polícia hoje de manhã. É a gravação de uma mensagem que recebi na minha secretária eletrônica.

— Hoje de manhã?

— É. Por volta das oito e meia; oito e trinta e dois da manhã, segundo a secretária eletrônica.

Jack não disse nada, mas fez uma anotação mental de que Tatum estava no carro com Theo a caminho de seu escritório naquela hora. Perguntou-se onde Javier estaria.

Miguel continuou falando enquanto ajustava os controles do gravador.

— Eu estava no chuveiro quando fizeram a ligação, e a secretária gravou o barulho dele. Fiquei apavorado quando ouvi isso aqui. Chamei a polícia na mesma hora. É por isso que tirei o dia de folga. O investigador Larsen quer que eu esteja em casa para atender o telefone caso ele ligue de novo.

— A voz era familiar?

— Não. Está disfarçada. Escuta só.

Apertou o botão play e depois deu um passo para trás. Os alto-falantes chiaram com o silêncio; depois houve um ou dois estalidos e a voz de Miguel se fez ouvir na fita.

— Oi, aqui é o Miguel. Deixe sua mensagem depois do sinal.

Houve um som de bip, depois nada. Jack olhou para Miguel, que parecia estar indicando com os olhos que a mensagem estava chegando. Passaram-se vários segundos, depois o silêncio finalmente foi quebrado.

— Você é o próximo, Miguel. Mas você já sabia, certo?

Jack gelou ao ouvir aquilo e dava para imaginar muito bem como Miguel tinha-se sentido. O fato de Jack ter ouvido a voz antes tornou a coisa mais apavorante ainda.

Era a mesma voz mecânica, oca, que ouvira em seu próprio telefone, o lunático que lhe dissera: “Todos vão morrer.” Mas havia uma grande diferença. Parecia muito mais agitado no recado que deixara para Miguel.

— Nem pense em cair fora da jogada, seu filho da puta. Não vai adiantar. Não adiantou no caso do Mason Rudsky, adiantou? É como eu disse pró Swytek — todos vocês vão morrer. E você quer saber por quê? Porque era isso que Sally queria. Ela não teria peito pra dizer isso, e muito menos pra fazer. Mas eu sei o que ela realmente queria. Ela queria castigar vocês. E agora cabe a mim dar a vocês, seus filhos da puta, o castigo que merecem. Pensa nisso, Mikey. O herdeiro sobrevivente fica com quarenta e seis milhões de dólares. Uma pena que não vai sobrar ninguém. Ninguém. Não vai haver nenhum sobrevivente.

Os alto-falantes chiaram de novo, indicando o fim da gravação. Miguel desligou o gravador. Parecia estar esperando que Jack dissesse alguma coisa, mas não parecia necessário. Era exatamente como Jack suspeitara. O assassino via-se como protetor e vingador de Sally. Não era motivado pelo dinheiro. Queria justiça para Sally, o tipo de justiça doentio que só nasceria de um tipo doentio de amor. A mensagem era claríssima.

O homem que perseguia Sally estava de volta; querendo vingança.

CINQUENTA E NOVE

THEO CONSEGUIU OUVIR O SUFICIENTE DA CONVERSA do guarda-costas ao telefone para saber que não era Tatum do outro lado da linha. Era Kelsey, exatamente de acordo com o plano. Mas aquilo não fazia parte da estratégia geral de Jack. Era algo que Theo tinha bolado para beneficiar Kelsey quando estavam a caminho da casa de armas do bulevar Biscayne, a Biscayne Guns é1 Arms Shop. Se havia uma coisa que Theo odiava acima de tudo, era um criminoso que ameaçava crianças. Theo prometera a Kelsey que, com a ajuda dela, tentaria descobrir se o guarda-costas era o filho da puta que encostara um revólver na sua cabeça e ameaçara o seu filho. Tudo quanto ela tinha de fazer era ligar para Javier enquanto Theo estivesse lá de visita e lhe dissesse que andara pensando nele desde que se conheceram naquela noite no Clube Vertigo.

Teria de segurá-lo no telefone por uns bons dez ou quinze minutos, tinha de caprichar—ela dizia que tinha achado lindo e muito respeitoso o fato dele evitar olhar para seus lábios durante toda a conversa daquele dia por causa de seu vício em pornô, que era muito difícil encontrar em Miami um cara que tivesse aquele cuidado todo com uma mulher, principalmente um cara mais bonito ainda que o Rock.

— Você acha mesmo?—disse Javier com um sorriso infantil. Theo tinha de sair dali, não só para não cair na gargalhada, mas também porque fazia parte do plano. Deu um tapinha no ombro de Javier e perguntou:

— O banheiro?

Javier só acenou, como se tivesse medo de que um breve “Ali” pudesse acabar com aquela conversa com Kelsey, agora que estavam se entendendo tão bem.

Theo foi para o corredor, certo de que Kelsey conseguiria manter esse coitado preso ao aparelho para sempre, na esperança fútil de conseguir sexo por telefone.

Theo passou batido pelo banheiro e entrou no quarto de dormir de Javier. Kelsey prometera bipar para o seu pager antes de encerrar a conversa com o guarda-costas, o que daria a Theo o tempo necessário para voltar para a cozinha antes do dono da casa pegá-lo xeretando.

Estava procurando o revólver. Kelsey não conseguiu ver o rosto de seu agressor, nem poderia identificar a voz, uma vez que ele falou como se estivesse com um chumaço de algodão na boca. Mas aquele revólver ficara bem diante de seus olhos—o revólver que se parecia com aquele que ela escolhera na loja de armas com Theo naquela manhã, um pequeno Smith &

Wesson niquelado.

Não havia como saber ao certo onde o dono de uma arma poderia guardá-la, mas com um bandido como Javier, um cara solteiro sem crianças na casa, parecia razoável pensar que ele a guardaria num lugar como o criado-mudo, bem ao alcance da mão para o caso de ser surpreendido no meio da noite. Era pouco provável, lógico, mas se Theo encontrasse qualquer tipo de arma que se parecesse ainda que remotamente com um Smith & Wesson pequeno, ia ser o diabo.

A porta do quarto estava aberta e Theo entrou furtivamente. Não havia cortinas na única janela, só uma persiana, e as listas criadas pelo sol da manhã que entrava por entre as tabuinhas davam a impressão de haver uma pele de zebra no chão, no guarda-roupa e na cama desfeita. Era um desenho desnorteante, mas Theo forçou os olhos a se acostumarem, em vez de acender a luz do abajur. Com a porta aberta, ele poderia ouvir Javier conversando no telefone com Kelsey, o que lhe dava uma maior tranquilidade. Atravessou o quarto, o ruído dos passos abafado pelo carpete grosso que cobria todo o chão. Contornou a caixa vazia de pizza entregue a domicílio, que estava ao lado da cama, e foi rapidamente até o criado-mudo, abrindo a gaveta de cima.

Levou um susto com a visão de uma barata olhando para ele, mas ela sumiu num instante. Dentro da gaveta havia apenas um saco semi vazio de batatinhas fritas, algumas moedas soltas e os restos de incontáveis outros salgadinhos que Javier não parecia se importar em dividir com suas amigas de seis pernas. Theo fechou a gaveta de cima e abriu a de baixo. Estava repleta de lixo—uma máquina fotográfica velha e filmes, revistas antigas, fitas de vídeo. Mas ali não havia nenhuma arma.

Theo foi até a cômoda. A gaveta de cima tinha cuecas e meias, um lugar tão bom quanto qualquer outro para guardar uma arma. Mas não estava ali. Nem na gaveta do meio, nem na debaixo.

Mas que porra de guarda-costas é este que não tem uma arma?

Ele se virou e olhou para a cama. Estava desarrumada, de modo que ele conseguia ver até a menor separação entre o colchão e o estrado. Faria sentido, pensou ele—um lugar de fácil acesso para um homem surpreendido durante o sono. Enfiou a mão no espaço vazio e parou quando seus dedos tocaram o metal frio. A excursão até ali valera a pena.

Pegou o cabo e puxou a arma com o coração disparado com a expectativa de ver um revólver Smith & Wesson niquelado. Mas não era a arma que Kelsey descrevera. Era totalmente preta, nem sequer era um revólver. Theo tinha visto um número suficiente de armas para reconhecer ali uma pistola Glock 9 mm. Até Kelsey, uma pessoa sem nenhuma familiaridade com armas, não

teria a menor dificuldade em distinguir um revólver niquelado de uma pistola negra.

Claro, ninguém disse que essa era a única arma que havia na casa.

Theo ainda ouvia Javier conversando na cozinha. Kelsey estava fazendo um belo trabalho para mantê-lo ocupado. Ele varreu o quarto com o olhar e resolveu dar uma espiada no guarda-roupa. Abriu devagarinho a porta com espelho e gelou. Esperava ver roupas penduradas ali dentro, mas todo o guarda-roupa estava ocupado por prateleiras, do chão ao teto, e em cada prateleira havia uma fileira de caixas de fitas de vídeo, organizadas com a lombada para fora. Pareciam idênticas, caixas de plástico preto com uma etiqueta branca na lombada. Todas as etiquetas tinham apenas uma palavra escrita, e estavam arrumadas em ordem alfabética. Alicia. Amanda. Brittany.

Duas fitas de Caitlin. Quatro de Pauline. Centenas de fitas, todas elas com um nome de mulher.

No começo, Theo ficou sem saber o que fazer, mas logo teve uma ideia. Jack contara-lhe sobre o suporte de câmera que encontrara no sótão da antiga casa de Sally.

Passou os olhos pelas fileiras de fitas de vídeo, à procura de uma etiqueta com o nome de Sally. Mas a prateleira debaixo terminava em “P” A segunda metade do alfabeto devia ter sido guardada em algum outro lugar.

O pager silencioso em seu cinto vibrou. Era o sinal combinado de antemão com Kelsey de que ela estava ficando sem ter o que dizer a Javier e sua conversa logo terminaria.

Ele enfiou a pistola de Javier no cinto, pensando que poderia precisar dela. Depois pegou uma das fitas a esmo e enfiou-a no casaco, para mais tarde poder testar sua hipótese. Saiu do quarto depressa, mas sem fazer barulho, percorreu rapidamente o corredor que levava ao banheiro e fechou a porta. Digitou o número do celular de Jack, ansioso por testar sua teoria.

— Sou eu—disse Theo.

— O que há?

Ele hesitou, como se estivesse se dando um momento para assimilar sua descoberta. Não tinha certeza absoluta, mas porque mais um sujeito como Javier teria um armário cheio de fitas de vídeo, cada uma com um nome diferente de mulher?

— Quer fazer uma aposta comigo?

— Sobre o quê?—perguntou Jack.

— Aposto cinco contra um que o sujeito que perseguia Sally Fenning conseguiu ser contratado como seu guarda-costas.

SESSENTA

JACK LOGO ENCERROU A CONVERSA. Theo contara rapidamente suas descobertas, e Jack estava ansioso por expor a questão ao ex-marido de Sally. Será que Javier—o homem que se tornara o guardacostas de Sally—era o homem que a perseguia, o homem que matara sua filha?

Miguel sentou-se na ponta do sofá, olhando pensativamente para a forma que criara na ponte do nariz com os dois indicadores. Jack viu sua expressão se endurecer, o rosto começar a ficar vermelho.

— Você está bem?—perguntou Jack.

— Não posso acreditar numa coisa dessas—disse ele em voz baixa.

— Por enquanto é apenas uma hipótese. Mas sabemos que Sally estava sendo seguida. Sabemos que provavelmente alguém estava gravando fitas de vídeo dela no sótão que ficava em cima da cama. E agora descobrimos uma coleção de fitas de vídeo no armário do guarda-costas.

Miguel não respondeu. Parecia estar digerindo aquilo tudo.

— Também bate com a mensagem que gravaram em sua secretária eletrônica hoje de manhã—disse Jack.

— Como assim?

— Ele era o guarda-costas dela. Seu protetor em vida. O cara que deixou aquela mensagem parece estar desempenhando o mesmo papel. Protegendo-a, vingando sua morte.

— Devemos chamar a polícia?

— Ainda não. Theo quer investigar mais um pouco, ver se consegue fazer Javier entregar a fita com o nome de Sally na etiqueta. Ainda não a encontramos, mas...

— E nunca vão encontrar—disse ele.

— Por que está dizendo isso?

— Que idiota seria imbecil a ponto de manter aquela fita por perto esse tempo todo, depois de tudo o que aconteceu?

— Você talvez tenha uma surpresa. É como colecionar troféus, para alguns desses caras. Eles guardam joias de suas vítimas, grampos de cabelo, peças de roupa, todos os tipos de coisas que uma pessoa racional queimaria na primeira oportunidade. Mas é por isso que eu digo que devemos deixar o Theo dar uma prensa nele. Se você chamar a polícia, essa fita vai desaparecer no ato.

Ele sacudiu lentamente a cabeça e disse:

— Como foi que ela pôde contratar esse nojento como seu guarda costas?

— Ela foi enganada. Nunca viu o sujeito que a perseguia. Portanto, quando ele se candidatou ao emprego de guarda-costas anos depois, ela não tinha motivo algum para fazer a ligação.

Ele baixou os olhos, mordendo o lábio inferior.

— Não acredito nisso. Sally não foi enganada, de jeito nenhum.

— Bom, se ela não foi enganada, então quer dizer que ela contratou deliberadamente o sujeito que...

Os olhos de Miguel estavam lançando chispas.

— Agora você entendeu, não entendeu? Dá para imaginar ser tão doida por um pau a ponto de acobertar o cara que assassinou sua própria filha?

Jack deu um passo para trás.

— Esse é um pulo muito grande que você está dando. Está dizendo que ela teve alguma coisa com o sujeito que a perseguia?

— Eu não disse que ele começou a transar com ela perseguindo-a. Isso foi depois. É o que eu achei o tempo todo. O cara começou a persegui-la depois que ela lhe deu o bilhete azul, ou a relação esfriou, ou algo do gênero. Eu sei que aquela cadela estava se encontrando com alguém. Sempre soube.

Jack fez uma pausa, perplexo com aquela resposta.

— Espera aí. Na primeira vez que você e eu conversamos, você me disse a mesma coisa que disse à polícia durante a investigação sobre o assassinato de sua filha.

Você disse que nem Sally, nem nenhuma outra pessoa lhe disse que ela estava sendo perseguida até depois do assassinato.

— Disse, e daí?

— Parece incoerente com o que você acabou de dizer; que sabia que Sally estava se encontrando com alguém. Que você sempre soube.

Miguel apertou os olhos, parecendo ressentido com a forma pela qual Jack estava citando suas palavras.

— Vocês, seus advogados de merda, sempre tentando torcer as coisas.

— Só estou tentando descobrir se as suas próprias afirmações têm coerência.

— Tudo o que eu queria dizer, quando disse que sabia que ela estava tendo um caso, é que só me dei conta de que ela era uma mentirosa depois que nossa filha foi assassinada, depois que Sally disse que estava sendo

perseguida por alguém.

— Não, isso foi o que você disse na nossa última conversa. O que você acabou de dizer foi outra coisa. Você disse que sempre soube.

— O que quer de mim, Swytek? Você gosta desses joguinhos de palavras? É, eu disse sempre. Desde que nossa filha foi encontrada morta e Sally veio com essa história de que alguém a perseguiu. Eu sempre tive minhas dúvidas. É aí que entra o sempre. Eu não quis dizer desde o começo da porra do mundo.

Jack refletiu por um segundo, pensando que talvez tivesse feito pressão demais.

— Tudo bem. Deve ter sido isso mesmo.

— Eu tinha as minhas dúvidas, tá? Eu sempre tive minhas dúvidas sobre ela estar falando a verdade quando dizia não conhecer o tal sujeito que a perseguiu. O promotor ficou com as mesmas dúvidas depois que ela passou pelo polígrafo.

— Tudo bem, entendi.

— Talvez seja bom te lembrar que eu passei no teste do polígrafo quando os tiras me perguntaram de três formas diferentes se eu tinha matado minha filha, esfaqueado minha filha ou ferido minha filha de alguma forma.

Jack deixou o olhar vagar. Miguel estava começando a se parecer com muitos clientes que visitara na prisão, aqueles que proclamavam sua inocência com uma ênfase um pouco exagerada.

— Eu adoraria ficar aqui conversando o dia todo, mas tem umas coisas que eu preciso fazer—disse Miguel.

— Claro—disse Jack.—Obrigado pela atenção.

— Tudo bem.

Miguel foi na frente, atravessou a sala e entrou na varanda da frente, que ele havia transformado num escritório. Jack não ficou olhando, mas tomou nota de tudo aquilo mentalmente enquanto se dirigiam para a porta. Não estava procurando nada em particular; mas, de repente, suas tripas começaram a lhe dizer para descobrir o máximo de coisas que pudesse sobre Miguel, desde a cor da tinta nas paredes até o tipo de computador que ele usava.

Miguel abriu a porta e Jack deu um passo para fora.

— Me liga se houver alguma coisa que eu possa fazer por você.

— Eu ligo—disse Miguel.

A porta fechou-se e, enquanto Jack tomava a direção da calçada, teve a clara

impressão de que Miguel não ligaria. Não em breve.

SESSENTA E UM

JAVIER ESTAVA SENTADO NA SALA DA TV quando Theo voltou para a cozinha. Theo contornou os bancos, puxou uma cadeira e montou nela a cavalo, os braços em cima do encosto. Javier não era pequeno, mas Theo o fazia parecer menor, não por causa do tamanho, mas da postura.

— E então, como vai a nossa amiga Kelsey?—perguntou Theo. O sorriso imbecil desapareceu do rosto de Javier.

— Você a conhece?

— Se a conheço? Eu sou o cara que lhe pediu para ligar pra você.

— Você? Bom, escuta aqui... obrigado.

— Não me agradeça, seu burro. Você não achou que era pra valer, achou?

— Você estava escutando nossa conversa?

— Claro que não. Fui eu quem escreveu o roteiro. Era tarefa de Kelsey puxar você para o mundo da fantasia para eu ter tempo de dar uma espiada em seu quarto de dormir.

Ele ficou boquiaberto, mas as palavras vieram alguns segundos depois.

— Você entrou em meu quarto?

Theo lançou-lhe um olhar que teria feito a maior parte dos homens sair correndo.

— Se tem uma coisa que eu detesto mais do que um sujeito que ameaça uma mãe solteira, é um cara que ameaça o filho dela. E aí, onde é que ele está, Romeu? Onde você escondeu o revólver niquelado? Aquele que você encostou no rosto de Kelsey?

Javier olhava como se estivesse a ponto de explodir. Começou a se levantar, depois parou.

— Senta na porra da cadeira—disse Theo enquanto lhe apontava a pistola emprestada.

— Ei, essa é minha.

— Ninguém nunca te falou que as armas podem ser um bicho de estimação muito traiçoeiro? Voltam-se contra você de uma hora para outra.

— Vai de mansinho, está bem? Esse negócio aí tá carregado.

— Eu sei, por causa do peso.

Era um belo jeito de informar Javier que ele conhecia armas e estava com

bastante munição.

Javier recostou-se no sofá, os olhos indo nervosamente da expressão dura no rosto de Theo para o buraco negro na ponta do cano.

— Acho que vou aceitar a bebida que você me ofereceu antes—disse Theo. Mas não cerveja.

Com um aceno de cabeça, Javier apontou para o armário de bebidas.

— Sirva-se.

Theo levantou-se e foi até o armário, ficando de olho em Javier e apontando-lhe a arma o tempo todo.

— Vamos ver o que você tem aqui—disse ele enquanto examinava todas aquelas garrafas.—Uísque. Rum. Bourbon, se é que se pode dizer que isso aqui é bourbon. Minha avó usava coisa melhor do que isso para fazer balas de bourbon no Natal.

— Cavalo dado não se olha os dentes.

Ele concordou com um aceno, sorrindo só com um canto da boca.

— Senta direito, amigo. Vou lhe ensinar umas coisinhas sobre bebidas. Javier afundou mais alguns centímetros no sofá.

Theo examinou os rótulos de mais algumas garrafas e escolheu uma delas.

— Então, vamos lá. Vodca com 50% de álcool. É isso que eu chamo de bebida. Uma dose para você, Romeu?

— Não, obrigado.

Theo foi na direção dele, abrindo a tampa, e encostou a arma no rosto de Javier.

— Eu gostaria muito que você tomasse um drinque.

— Tudo o que você quiser.

Theo derramou a vodca na cabeça de Javier, quase esvaziando a garrafa inteira de dois litros, até Javier e o sofá ficarem empapados.

— Diga o tamanho da dose que você quer.

Javier estava em silêncio. Theo parou de derramar o conteúdo da garrafa quando havia apenas um pouquinho de líquido lá dentro. Depois voltou para sua cadeira e derramou o restante da vodca na mesa de centro, formando uma pocinha. Tirou o isqueiro do bolso e disse:

— Você sempre pode dizer a coisa certa. A verdadeira vodca com 50% de

álcool dá uma bela chama azul.

Javier ficou rígido. Theo chegou o isqueiro bem perto da vodca derramada e acendeu-o. Surgiu uma chama azul que dançava sobre a mesa de centro. Javier deu um pulo do sofá, afastando-se o mais que podia. Theo deixou a chama queimar por cerca de um minuto, vendo Javier suando através dos poros ensopados de vodca. Depois Theo deu um tapa na mesa e apagou a chama com um barulho alto que quase fez Javier pular do sofá mais uma vez.

Apontou a arma para o olho esquerdo de Javier e perguntou:

— Você é um cara esperto, Javier?

— O quê?

— Você tem um cérebro dentro do crânio? Eu só queria saber.

— As pessoas dizem que eu sou bem esperto, sim.

— Muito bem. Porque tem uma coisa que eu quero que você me explique. Acha que vai conseguir?

— Eu lhe fiz uma pergunta—disse Theo com a voz ganhando força.

— Pode fazer isso pra mim?

— Claro—disse Javier com a voz sumida.—O que você quiser.

— Digamos que eu ponha fogo na sua casa.

— Por favor, cara...

— Cala a boca!—vociferou Theo.—Me deixa terminar e não me interrompa. Entendido?

Javier disse que sim com um aceno de cabeça. Theo abrandou a voz, o que só serviu para deixar Javier mais apreensivo ainda.

— Digamos que eu ponha fogo na sua casa. E digamos que você está aqui dentro.

Javier estava lutando para não mostrar nenhuma reação, mas seu olho esquerdo estava repuxando toda hora.

— É só uma hipótese, está bem, Romeu? Bom, depois que o fogo apagar, as pessoas vão dizer coisas do tipo: “Oi, cê ficou sabendo que a casa do Javier virou cinza?”

E aí um gaiato qualquer vai responder: “É. E ouvi dizer que ele virou torresminho.”—Theo coçou a cabeça e disse:

— Essa eu não entendi, e você?

Javier parecia confuso.

— Se eu entendi o quê?

— Presta atenção ao que estou dizendo, seu débil mental. Sua casa vira cinza, e você vira torresminho. Foi o fogo que eu pus em você que incendiou a casa, ou foi o fogo que eu pus na casa que te fez virar torresminho?

Theo acendeu o isqueiro, deixou a chama subir no ar. O olhar de medo no rosto de Javier foi instantâneo, como se de repente ele se desse conta do quanto estava inflamável, ensopado com vodca com 50% de álcool.

— Cuidado com esse isqueiro, tá bom?—disse Javier.—Por favor, não ponha fogo em mim.

— Não se preocupe. Não vou deixar você queimar por muito tempo. Talvez trinta segundos seja o melhor, antes de eu lhe enfiar uma bala na cabeça. Sabe como é, vizinhos e curiosos. Não posso ficar com você correndo pela sala de visitas gritando feito uma mula sem cabeça. Ficar todo coberto de chamas, muito menos.—Seus lábios enrugaram-se num sorriso sinistro.—Mula sem cabeça cuspiendo fogo pela boca. Gosto disso. Daria um bom nome para um drinque. Vodca com 50% de álcool e talvez uma pimenta jalapeno em fatias. Sou um gênio do caralho, cê num acha?

— Claro, meu. Tudo o que você quiser. Mas põe esse isqueiro pra lá, tá? Theo sentou-se, o sorriso começou a sumir. Theo tinha um sorriso que desarmava e lhe vinha naturalmente. Mas ele podia parecer tão mau quanto Tatum quando queria e, naquele momento, estava fazendo de tudo para ser exatamente como seu irmão mais velho.

— Me conta como você escolheu o nome de Alan Sirap, seu jumento.

— Quem?

— O nome falso que você deu a Sally Fenning pela internet.—Juro por Deus, não sei do que você está falando..

— É mesmo? E então, por que gravou fitas de vídeo com ela?

— Que fita de vídeo?

— Eu vi a sua bibliotequinha, todas aquelas fitas em seu armário. Não vi a de Sally, mas tenho certeza que vou achar ela aqui num...

— Essa não...

— Cala a boca!—gritou Theo.—O que foi que eu disse sobre me interromper?

— Desculpa, tá bem? Mas...

— Não me venha com gracinhas, seu filho da puta. Sou capaz de jurar que você nem era guarda-costas dela. Provavelmente você nem trabalhou pra ela, trabalhou? O que você fez? Foi você mesmo quem se auto nomeou guarda-costas dela? Guarda-costas é um jeito muito legal de dizer que você a perseguia.

Javier estava ficando branco como cera.

Theo acendeu seu isqueiro, ajustou o tamanho da chama até ela se tornar uma língua de fogo de quinze centímetros de altura.

— Me mostra a fita da Sally.

— Não tem...

— Vou fazer você virar torresminho, cara.

— Estou falando, não tem fita nenhuma.

— Não minta pra mim!

— Não estou mentindo! Por favor, não ponha fogo em mim, cara. Não ponha fogo em mim!

Theo apagou o isqueiro e jogou-o em Javier, depois tirou do bolso a fita com o nome de “Pauline” na etiqueta e jogou também em cima dele.

— Vamos pôr para rodar. Vamos ver seu trabalho.

— Isso aqui não é trabalho meu.

— Ponha pra rodar!—gritou ele.

— Tudo bem, tudo bem.

Javier pegou a fita, levantou-se devagar e foi até o aparelho de televisão. Theo mantinha o revólver apontado para a cabeça do outro a cada passo que ele dava. Javier pôs a fita no aparelho de vídeo e ajustou a televisão. A tela mostrou uma luz bruxuleante e depois ficou azul. Theo esperava na maior ansiedade, pensando que ia ver uma fita grosseira de uma mulher, que não desconfiava que estava sendo filmada, dormindo em sua cama, ou sentada em seu vaso sanitário—uma mulher chamada Pauline que esse perverso tinha seguido com uma câmara escondida, exatamente como fizera com Sally.

Mas era algo inteiramente diferente. Theo ouviu uma mulher gemendo, depois um homem grunhindo enquanto a imagem na tela começava a focar. Uma loira deslumbrante estava deitada de costas, deitada nua em cima de uma cama d’água, as pernas apontando para o teto formando um V com seus saltos altíssimos. Um cara que tinha quadris incrivelmente fortes estava bem embaixo dela, fazendo o melhor que podia numa daquelas difíceis posições

frente-costas que só fazem sentido quando o sexo pretende ser bom somente para os espectadores, e não para os participantes.

— Mas essa é Pauline Preston—disse Theo.

— Cê conhece ela?

— É uma das minhas favoritas.

— Tenho quatro dela. Um amigo meu copia as fitas para mim lá na locadora. Eu guardo todas em ordem alfabética pelo nome da atriz. Os títulos nunca significaram nada pra mim.

— Você está dizendo que todas as fitas que estão em todas aquelas prateleiras do seu guarda-roupa são pornô pirata?

— É uma espécie de passatempo meu.

— Passatempo? Deve ter umas cem fitas lá.

— Tudo bem, às vezes eu perco um pouco o controle. Eu reconheço. Eu até cheguei a falar pró seu amigo Jack, quando a gente se encontrou no Clube Vertigo. Eu acho que sou...

Theo esperou que ele terminasse, mas de repente Javier parecia grudado na tela da TV. Parecia que Pauline precisava de um chuveiro, mas não se sabe bem como se perdeu no caminho e acabou entrando direto no vestiário de um time de rugby.

— Você acha que é o quê?—perguntou Theo.

— Viciado—disse ele numa voz sumida, impossibilitado de tirar os olhos da tela.—Sou totalmente viciado nessa merda.

Theo deu de ombros e disse:

— Acho que todo mundo é.

SESSENTA E DOIS

— VOCÊ AMEAÇOU QUEIMÁ-LO VIVO?—perguntou Jack. Parou o carro num semáforo, uma das mãos no celular e a outra apertando a ponta do nariz, como se quisesse amenizar uma enxaqueca.

— Não que eu tenha ensopado ele com gasolina ou algo assim—disse Theo. Usei vodca. Que nem uma brincadeira que a gente fazia quando era criança: a gente derramava o fluido do isqueiro na mão e depois acendia o fogo.

— Acho que não cheguei a brincar disso—disse Jack.

— O combustível queima, mas a gente, não. Seja como for, o pior que poderia ter acontecido seria o nosso Romeu ficar parecendo queimado de sol. Mas ele é burro demais pra saber disso, de modo que me contou tudinho.

Jack não tinha tanta certeza assim de que aquele infeliz era tão inofensivo quanto Theo achava.

— Theo, vamos parar com essas brincadeirinhas, tá?

— Agora não há mais necessidade. Parece que as fitas de vídeo não eram filmagem do cotidiano duma pessoa. Todas elas eram apenas cópias piratas de fitas pornô.

— O quê?

— O Romeu é um tarado, mas não persegue mulheres. Pelo menos não era ele que perseguiu a Sally. Estou dizendo, não há nada como ameaçar pôr fogo num sujeito para fazer ele falar a verdade. Não tenho dúvida de que ele não é Alan Sirap.

Estava começando a cair uma chuva fina, mas forte o suficiente para surgirem gotinhas no para-brisa de Jack, que depois desciam em ziguezague até os limpadores.

Tempo doido esse de Miami, uma hora o maior sol, dali a cinco minutos, chuva.

— Mesmo assim, ele ainda pode ser o sócio de Tatum—disse Jack.

— De jeito nenhum. Tatum não ia ser sócio de um tapado como esse.

— Talvez você tenha razão. Para dizer a verdade, estou começando a ter um mau pressentimento em relação ao Miguel.

A luz do semáforo mudou e ele estava prestes a entrar no cruzamento, mas uma ambulância estava vindo em cima dele pela direção oposta. Jack ficou parado, olhando as letras pintadas de trás para a frente no capô do veículo que passou voando por ele.

E foi nesse momento, que, de repente, aquilo ficou claro em sua cabeça.

— Puta merda!—disse ele.

— O quê?—perguntou Theo.

— Vou voltar à casa do Miguel.

— Jack, o que está acontecendo?

— Tem uma coisa que eu quero verificar.

— Cê quer que eu ajude?

— Não precisa. Se eu precisar de fogo, vou esfregar dois pauzinhos um no outro.

— Essa foi de amargar.

— Depois te ligo.

Jack encerrou a ligação e entrou num retorno. Em menos de cinco minutos estava de volta aos degraus da frente da casa de Miguel. Teve de bater três vezes antes de Miguel atender.

— Já de volta?—perguntou ele enquanto abria a porta.

— Acho que deixei meus óculos escuros aqui.

— Não vi, mas vou dar uma espiada.

— Será que posso esperar aí dentro? Está começando a chover aqui.

Ele hesitou, como se estivesse desconfiado de alguma coisa, depois concordou.

— Claro. Espera aqui.

Jack entrou e fechou a porta. Como muitas casas da Flórida construídas nos anos 60, a casa de Miguel não tinha realmente um vestíbulo. A porta da frente dava para o que originalmente fora uma varanda protegida por uma tela, mas Miguel a tinha fechado e transformado num escritorzinho.

Com o canto do olho, Jack estava vendo Miguel na sala de visitas enquanto procurava os óculos escuros atrás das almofadas do sofá. Jack só tinha alguns segundos, o que seria mais que suficiente. O computador estava ali pertinho, e tudo quanto ele precisava era dar uma espiada na tela do ângulo certo. Deu dois passos para a frente, lançou um rápido olhar e gelou.

O computador estava desligado, e Jack se aproximara dele da mesma forma que Miguel sem dúvida se aproximava dele todos os dias antes de ligá-lo. A tela estava negra, mas havia um reflexo no vidro. Bem atrás do computador

havia um trabalho de arte comercial emoldurado, do tipo vendido em lugares como a Z-Gallery, uma enorme reprodução de um pôster art nouveau para a Feira Mundial de 1900—Exposition Universelle. Em cima, em grandes letras arqueadas, estava o nome da cidade anfitriã, que se refletia na tela ao contrário: S-I-R-A-P. Paris.

Num piscar de olhos, Jack viu Miguel em seu computador tarde da noite, fazendo-se de perseguidor de mulheres e comunicando-se com sua ex-mulher Sally, que estava na África, numa sala de bate-papo da internet. De repente, ela pergunta seu nome. É claro que ele não poderia dar seu nome verdadeiro. Pensou num nome falso, qualquer nome que lhe viesse à cabeça. Sem nem perceber, digitou o nome que via no reflexo de sua tela de computador dia após dia, semana após semana, mês após mês, toda vez que se aproximava daquela tela negra e apertava o botão para ligar a máquina. O nome implantara-se no seu inconsciente, exatamente como se implantara na cabeça de Jack alguns minutos antes, na primeira vez que Jack passou pela sala de Miguel a caminho da porta da rua, embora não o tivesse registrado de fato até ver aquele veículo de emergência com as letras de trás para a frente—A-I-C-N-Â-L-U-B-M-A—pintadas no capô.

— Sirap—disse ele, a palavra vindo como um reflexo.

Jack ouviu uma pistola sendo engatilhada. Antes de conseguir se mover, o cano de uma arma estava encostado em sua nuca.

— Não se mexa.—Era a voz de Miguel, mas ela vinha do lado oposto da sala. Miguel tinha entrado pela escada de caracol que levava para o quarto, no andar de cima.

Jack não conseguia ver quem estava apontando a arma, mas era óbvio que não era Miguel quem estava com o cano encostado na sua nuca.

— Vira pra cá—disse Miguel.—Devagar. Jack virou, com a arma ainda na nuca.

Jack estava olhando de frente para Miguel. Ele também estava apontando uma arma para Jack.

— Eu sabia que era você—disse Jack.—Sally te traiu uma vez, pouco antes de vocês se casarem. Ela admitiu isso na entrevista gravada em vídeo com o promotor.

Ela te traía de novo, Miguel, era disso que você tinha medo?

— Agora não tenho medo de nada, Swytek.

Sentiu a arma pressionar firmemente a base de seu crânio. Precisava ganhar tempo, por isso continuou falando.

— Que interessante aquela câmera em cima da cama na sua antiga casa. Não havia janelas no sótão. Tinha de ter sido instalada por alguém com acesso à casa; um acesso regular, alguém que pudesse subir e descer para trocar as fitas. Tem alguma ideia de quem poderia ser, Miguel?

— Exatamente o que eu disse à polícia. Não tenho a menor ideia.

— Eu acho que era alguém que morava lá—disse Jack apertando os olhos.— Você estava perseguindo sua própria mulher, não estava? Qual era o plano, Miguel? Deixar a moça tão assustada a ponto de fazê-la parar de te trair?

Os olhos de Miguel encontraram-se com os dele, mas sua expressão endureceu com a raiva.

— É querer muito? Uma mulher que não te traia?

— Isso não é desculpa para matar sua própria filha.

— Ah!—disse ele com desprezo.— Isso.

A reação de frieza confirmou as suspeitas de Jack.

— Pode dizer que sou abelhudo, mas verifiquei isso quando estive aqui antes, e essa segunda visita só confirma. Tem tantas fotografias emolduradas em volta de sua mesa de trabalho, na mesa de centro, penduradas nas paredes... Não vi uma única de sua filha.

Miguel não respondeu, mas ainda estava apontando a arma para o peito de Jack.

Jack apertou os olhos, lançando-lhe o olhar que tinha dado certo numerosas vezes ao interrogar alguém defendido pela parte contrária na sala de audiências.

— Ela não era sua filha, era, Miguel?

Foi quase imperceptível, mas a arma estava começando a tremer. Miguel estava furioso.

— Foi por isso que passou no teste do polígrafo. Os tiras lhe perguntaram: “Você matou sua filha?”

Você disse que não. Era verdade. Ela não era sua filha. Como foi que aconteceu, Miguel? Foi o amante que Sally teve na noite anterior a seu casamento?

A expressão do rosto de Miguel só confirmava que aquilo era verdade.

— Você se acha muito esperto, não é, Swytek? O único a descobrir tudo.

— Não—respondeu Jack.—Acho que Sally também descobriu. Foi por isso

que ela não passou no teste do detector de mentiras quando os tiras lhe perguntaram se ela conhecia o homem que assassinara sua filha. Ela não sabia que sabia. Mas em algum lugar bem lá no fundo de sua consciência, ela sabia. Ela sabia, no fundo, que o assassino era seu marido. Mas estava apavorada demais para denunciá-lo.

Miguel olhou para Jack e depois baixou a arma. Por um breve instante, Jack pensou que talvez, por milagre, havia conseguido tocá-lo. Mas ele parecia olhar através de Jack, concentrando-se no homem que estava atrás dele.

— Atira, Tatum.

Jack teve um sobressalto. Não era realmente uma surpresa, mas ouvir o nome de Tatum foi uma porrada assim mesmo.

— Na verdade, acho que agora é a sua vez, chefe—disse Tatum.

— Vez?—perguntou Jack.—Vocês estão se revezando, seus idiotas?

— Não foi assim que começou—disse Tatum.—Mas depois que eu contei ao Miguel que o Colletti tinha faturado a mulher dele durante o processo de divórcio, literalmente, ele mal podia esperar para acabar com aquele almofadinha. O que, para mim, não era problema. Enquanto a gente pudesse fazer tudo parecer obra desse perseguidor de mulheres psicopata, o Alan Sirap, que a gente inventou, a gente estaria a salvo.

— Era vez de quem quando chegou a hora de encostar um revólver no rosto de Kelsey?

— Aquela foi minha vez—disse Miguel e, naquele momento, Jack notou que ele estava segurando um revólver niquelado.—Ninguém nunca quis fazer mal a ela—continuou Miguel.—Era só para fazer as pessoas pensarem que o assassino queria Tatum fora da jogada.

— Parece que você também era o encarregado das ameaças, hein, Miguel? Os telefonemas para Deirdre Meadows, a ligação para mim depois que o promotor foi assassinado, a mensagem de mentirinha em sua secretária eletrônica esta manhã. Tudo obra sua, não é?

— Que importância tem isso? Pode ter sido eu, pode ter sido o Tatum. Vá você mesmo comprar um aparelhinho de quarenta dólares para alterar a voz numa loja que vende objetos de espionagem, que você acaba virando qualquer pessoa.

— Você acha mesmo que vai sair dessa impune?

— Talvez sim—disse Miguel.—Talvez não. Mas, por quarenta e seis milhões de dólares, eu diria que o risco vale a pena.

— Mas vocês dois foram citados como herdeiros. Um dos dois vai ter de cair fora da jogada, e aí os dois racham a grana, certo? Ou então um dos dois mata o outro e fica com tudo.

— Cada coisa em sua hora. Atira nele, Tatum.

— Não. Eu disse que era sua vez.

— Que importância tem de quem é a vez, porra? Atira.

— Para mim tem importância—disse Tatum.

— Por quê?

— Porque eu sei que você pode matar quando seu machismo latino está em ação, como no caso do Gerry Colletti. E eu sei que você pode fazer ameaças, como no caso de Kelsey. Mas eu quero ver você matar por dinheiro. Nada além de dinheiro. Como eu fiz com Deirdre e Mason Rudsky.

— Tudo bem, seu pé no saco. Eu mesmo vou matar esse aí.

Jack olhou bem nos olhos dele, esperando que aquele contato direto pudesse deixar aquele assassino nervoso. Pareceu dar certo por um momento, pois Miguel manteve a arma do lado do corpo. Mas, depois, ele simplesmente baixou os olhos, como se tivesse mudando o alvo da cabeça de Jack para o tronco. Seu braço se levantou e, de repente, Jack estava olhando para o cano de um revólver.

Antes de Miguel puxar o gatilho, a janela explodiu com uma rápida sucessão de tiros. Quatro tiros rápidos, todos atingindo o peito de Miguel. Ele recuava a cada bala, e depois caiu no chão numa poça de sangue.

Tatum mergulhou em busca de proteção, arrastando Jack consigo. Apertou firmemente a arma engatilhada contra a cabeça de Jack, mantendo-o como refém.

Jack quase foi esmagado pelo peso de Tatum. Não conseguia se mexer e não ousava se mexer com a arma cutucando seu crânio. Com a cara no chão, Jack via a sola dos sapatos de Miguel do outro lado da sala. Um riachinho de sangue escorria lentamente pelo rejunte do piso de cerâmica.

Finalmente ouviu uma voz à porta.

— Solta ele—disse Theo.

— Enfia a porra do seu nariz aqui—gritou Tatum—,que eu estouro os miolos dele.

Jack estava completamente imóvel. Queria gritar com toda a força dos pulmões, dizer a Theo para cair fora, sumir dali, correr para salvar a vida.

Mas sabia que não ia adiantar. Sabia que Theo não o abandonaria.

Jack ouviu a porta abrir e depois o som dos passos pesados de Theo na cerâmica.

— Chegou o Caminhão da Sorte!—disse Theo.

Era o Theo clássico, uma frase que ia fazê-los dar boas risadas um dia, se saíssem vivos para contar a história.

Tatum puxou Jack de trás do sofá, usando-o como escudo humano, a arma encostada na cabeça do advogado. Os olhos de Jack encontraram-se com os de Theo, mas só por um instante. Theo estava olhando para seu irmão.

— Você chamou a polícia?—perguntou Tatum.

— Não. Isso aqui é uma parada que eu mesmo quero resolver.

Os olhos de Jack arregalaram-se, como se ele quisesse dizer: “Você devia ter chamado a polícia.” Mas estava vendo a determinação estampada no rosto de Theo, vendo que essa parada era uma coisa que ele mesmo queria resolver.

— Pega a arma do Miguel—disse Tatum.

A arma estava no chão ao lado do corpo de Miguel. Theo começou a atravessar a sala e Tatum fez o corpo de Jack girar—o escudo—enquanto Theo passava por eles a caminho do cadáver. Theo foi até a poça de sangue e depois se abaixou para pegar a arma.

— Não com as mãos nuas, debilóide. Usa o casaco—disse Tatum. Theo tirou o casaco e enrolou-o na mão como uma luva. Pegou a arma e depois olhou para o irmão, como se perguntasse, E agora?

— A gente vai ter de matar ele—disse Tatum.

— A gente não vai ter de fazer nada.

— Você tem razão. Você é que vai fazer o serviço. Com a arma do Miguel.

Theo não respondeu.

— Atira, Theo. Atira no Jack agora. Se você não atirar, eu atiro.

— Quem é você para me dar ordens?

— Estou fazendo uma proposta, cara. Quarenta e seis milhões de dólares. A gente racha. Você não quer? Estão todos mortos, menos eu. A grana é minha. Minha e sua. Tudo o que cê tem de fazer é puxar o gatilho, e a gente vira sócio. Limpeza.

— O que cê disse?

— Escuta. A história é a seguinte. Jack, você e eu viemos dar uma prensa no Miguel. Ele confessou os assassinatos e atirou no Jack. Aí você matou o Miguel. Estamos salvos, mano. Tudo que a gente tem de fazer é se livrar do Jack.

Theo não respondeu.

— Cê está pensando, não está?—perguntou Tatum.—Metade de quarenta e seis milhões de dólares. Vamos lá, dá uma forcinha pró seu irmão. Dá um tiro no Jack com a arma do Miguel.

Theo continuava em silêncio.

— Atira, porra!

Theo ajoelhou-se ao lado do corpo de Miguel. Pôs a arma entre os dedos do morto e levantou-a devagar.

— Melhor que a encomenda—disse Tatum com a voz se alterando.

— Agora o dedo do Miguel puxa o gatilho.

Era como se a arma estivesse em poder de Miguel. Theo levantou a mão sem vida de Miguel com as suas mãozonas, mirando a cabeça de Jack.

— Muito bem, Theo. Só um apertãozinho.

O coração de Jack parou. Theo era seu amigo. Nunca mataria seu camarada, o advogado que lhe salvara a pele quando estava no corredor da morte. Nem em um milhão de anos. Por nada dessa vida.

Exceto, talvez, por vinte e três milhões de dólares.

— Theo—disse Jack.—Isso é loucura, cara. O Tatum já te fodeu antes, vai te foder de novo.

— Atira!—gritou Tatum.

Num piscar de olhos, a arma deu um coice, uma bala passou zunindo pela sala. A arma de Tatum estava no ar, e sua cabeça foi jogada violentamente para trás. Jack mergulhou para a frente. Theo correu para o irmão ferido.

Tatum estava caído de costas, ofegante e segurando a garganta. A bala tinha-lhe atravessado o pescoço. O sangue estava espirrando da carótida cortada, bombeado em ondas a cada batida de seu coração, que já estava falhando, até ele ficar cercado por um círculo vermelho cada vez maior. Seus olhos olhavam com uma expressão de impotência, um olhar que Jack não via desde a época em que defendia os condenados à morte, aquele olhar inconfundível, quase incongruente, uma expressão de medo e espanto nos olhos de um assassino que, de repente, era obrigado a se haver com sua própria

mortalidade.

Tatum ergueu os olhos para Theo. Mal conseguia falar, a garganta cheia de sangue, mas a bala não lhe atravessara o pescoço no centro, poupando-lhe a voz.

— Seu monte de bosta—disse ele num tom abafado, distante, asfixiando-se com o próprio sangue.—Você matou seu próprio irmão.

Theo olhou para Jack e depois novamente para Tatum com o rosto impassível.

— Errou de novo, Tatum. Eu o salvei.

A cabeça de Tatum bateu no assoalho e, de repente, seu corpo ficou imóvel.

SESSENTA E TRÊS

JACK OBSERVAVA DO LEME enquanto Theo ia sozinho até a proa do barco de pesca e espalhava as cinzas. Era domingo de manhã bem cedo. O horizonte ainda estava laranja com o sol nascente e um vento cálido trazia os murmúrios do oceano vindos do leste—de Nassau, talvez, o que seria apropriado, uma vez que Tatum adorava ir lá jogar.

Gaivotas seguiam o barco pelas ondas azuis, prontas para roubar a isca do pescador. Uma delas mergulhou nas ondas espalhando água, pegando no bico um fragmento de osso que flutuava e depois o deixou cair lá de cima.

— Nem os bichos que vivem de carniça querem ele—disse Theo com a voz abafada pela brisa.

O funeral no mar tinha sido ideia de Theo. Sair para pescar em alto-mar era uma das coisas que, para ele, estava ligada ao irmão, quilômetros de água azul entre eles e um mundo que não tinha recebido os irmãos Knight exatamente de braços abertos, um mundo que parecia ter sabido o tempo todo que passaria melhor sem eles.

Ele era um filho da puta, lógico, mas sua morte não era motivo de comemoração. Theo precisava de tempo, não tanto para viver seu luto, mas apenas para digerir a traição do irmão. Jack estava decidido a dar a Theo o espaço de que ele precisava.

Os dois haviam contado tudo à polícia na cena do crime. Jack atendeu os telefonemas da mídia no frenesi que se seguiu, não por gostar de publicidade, mas porque Theo a detestava mais ainda. Em poucas horas estava tudo nos noticiários: que Tatum Knight matara Sally Fenning num estranho assassinato encomendado, no qual a vítima era a própria mandante do crime, e Miguel Rios havia matado a filha de Sally num crime passionai por ciúmes e que cinco anos se passaram sem que o criminoso fosse descoberto. Os detalhes eram mostrados de forma diferente dependendo do noticiário que se assistisse, mas o jornal foi o que chegou mais perto da verdade, devido, em grande parte, ao trabalho de investigação da falecida Deirdre Meadows. A matéria final e alentada do Tribune saiu na edição de domingo. Usou muitos trechos do livro inédito de Deirdre, e a reportagem foi precedida de uma homenagem tocante a ela, escrita pelo editor-chefe, e incluía afirmações dúbias de que os editores apoiaram “totalmente e desde o começo” a sua investigação da história de Sally Fenning, mas tudo aquilo parecia calculado para que ela se candidatasse postumamente ao prêmio Pulitzer que desejara tão intensamente em vida.

— Estou pronto—disse Theo limpando os salpicos de água salgada das sobancelhas.—Vamos nessa.

— Isso que você está fazendo é uma coisa legal—disse Jack.

— É. Assim pelo menos eu não vou sentir a tentação de mijar na sepultura dele.

Jack ligou o motor e tomou o caminho de casa. A viagem de volta levou quase uma hora, feita no mais completo silêncio. Jack achava que seria bom para Theo sair de casa, e Theo estava sempre procurando alguma coisa para comer, de modo que foram tomar um farto café da manhã em Greenstreet, em Coconut Grove, que tinha mesinhas na calçada. Antes do caso de Sally Fenning, Greenstreet era um lugar onde ele e Nate adoravam almoçar aos domingos, depois de andar de patins pelas trilhas de bicicletas da Main Highway, um lugar sombreado e batido pelo vento que dava em lojinhas e restaurantes numa parte do Grove, que ainda mantinha alguma semelhança com a aldeia hippie cercada de árvores que fora um dia. Pensar em Nate ainda o deixava triste, embora estivesse otimista. Kelsey não trabalhava mais para Jack e a semente do amor entre eles tinha morrido, mas em virtude da maneira pela qual Kelsey ajudara Theo no fim, todos estavam de bem com todos. Jack e Nate poderiam voltar a ser os companheiros de antes assim que Nate se acostumassem à ideia de que, ao que tudo indicava, Jack e sua mãe não tinham nascido um para o outro.

Aquilo tudo era complicado, complicado demais para um simples café da manhã de domingo. O inverno estava a poucas semanas de distância. O sol estava brilhante e quente, havia gente correndo e andando de bicicleta por toda parte: gente de shorts e camiseta estava olhando vitrines e levando o cachorro para passear—todos os sinais visíveis de que a vida continuava e que, no sul da Flórida, dezembro não é um mês cruel. Jack estava absorvido demais pela leitura do jornal para perceber que Theo finalmente terminara suas panquecas e estava avançando nas suas. Passou os olhos pelo material reciclado da primeira página e depois se concentrou na segunda metade da reportagem sobre Sally Fenning com emoções contraditórias, mas principalmente uma sensação de alívio de que ela finalmente terminara.

Sally estava morrendo de Aids” diz sua irmã Renê Fenning, uma pediatra que trabalha para uma instituição de caridade na África, e também foi a inventariante final do espólio. “Ela perdeu completamente a vontade de viver depois que sua filha foi assassinada e, embora eu pessoalmente nunca tenha sabido com certeza que ela havia contraído a doença até ler o relatório da autópsia, imagino que tenha ficado mais deprimida ainda depois que o segundo marido a infectou com o vírus letal do HIV.

Renê nega as afirmações de que o segundo casamento da irmã tenha sido exclusivamente “por dinheiro” mas o Tribune confirmou que seu ex-marido era um dos vinte e cinco homens mais ricos da França na época de sua morte.

Uma grande parte daquele dinheiro, dezoito milhões de dólares, cujo valor em ações passou para cerca de quarenta e seis milhões, foi entregue a Sally após o divórcio, menos de dois anos depois do casamento. “O dinheiro nunca lhe trouxe felicidade” diz René.

Por fim, aquela infelicidade a levou a procurar um assassino de aluguel para algo que, na verdade, foi um suicídio. Segundo fontes próximas à investigação, Sally parece não ter conseguido pensar numa forma melhor de deixar este mundo além de fazer as pessoas que tinham arruinado sua vida lutar por seus milhões—um jogo de sobrevivência dos mais gananciosos, em que um assassino de aluguel e um perseguidor de mulheres, conhecido apenas como “Alan Sirap” certamente deixariam as coisas interessantes.

Jack pulou a longa descrição do testamento de Sally, do jogo, dos assassinatos—coisas que já sabia. Foi direto para o final e leu atentamente uma citação de Rick Larsen, investigador da seção de homicídios.

“Ela, Sally provavelmente não planejou as coisas desse jeito, mas deve ter sabido que seriam feitas alianças, que alguns dos participantes do jogo poderiam chegar à medidas extremas que Tatum Knight e Miguel Rios chegaram—na verdade, como dois lutadores que enfrentam alternadamente os adversários na hora de eliminar os outros herdeiros, tudo feito de maneira a parecer obra de um psicopata perseguidor de mulheres, o incógnito Alan Sirap. Larsen dá de ombros, num tom quase filosófico enquanto tira o charuto da boca e acrescenta: “O consenso entre os críticos de plantão é que Sally provavelmente achava que haveria uma batalha final entre Tatum Knight e Alan Sirap, sem nunca ter sabido com certeza que, na verdade, Sirap era seu ex-marido” No fim, o fato de Sally não ter essa informação teve consequências trágicas para o advogado Gerry Colletti, de Miami, para o assistente de promotor público Mason Rudsky e para a repórter do Tribune, Deirdre Meadows. “É claro que as coisas saíram dos trilhos” diz René Fenning. “Tenho certeza de que Sally esperava que houvesse brigas e até mesmo alguns processos judiciais entre os herdeiros. Mas acho que ela também esperava que as pessoas saíssem do jogo antes de chegarem à violência física.

Minha irmã nunca teria feito uma coisa dessas se achasse que as pessoas iam mesmo morrer por causa da ganância.

Nota do Editor: Deirdre Meadows, repórter do Tribune, contribuiu para essa reportagem com artigos publicados anteriormente por este jornal e com o material de um livro que estava escrevendo antes de sua morte.

Jack pôs o jornal de lado. Theo estava sentado à sua frente, diante da mesinha redonda, mastigando ruidosamente, como se estivesse querendo engolir uma

panqueca inteira com o menor número possível de mordidas de que houvesse notícia.

— Algo de errado?—perguntou ele de boca cheia, a voz saindo com dificuldade.

— Um artigo fraquinho.

Theo teve contrações espasmódicas no corpo todo ao engolir um bocado grande demais. Jack meio que esperava ver aquela massa toda descer pelo pescoço do amigo, como uma cobra que almoçara um coelho inteiro.

— Fraquinho em que sentido?

— Não chega nem perto de responder a pergunta que realmente importa.

— Que é?

Jack enfiou a mão no bolso para pegar a carteira e pagar a conta, sabendo, mesmo sem perguntar, que Theo tinha “esquecido” a dele outra vez. Olhou para Theo e disse:

— A resposta que cinco pessoas morreram tentando responder: quem fica com o dinheiro?

SESSENTA E QUATRO

— ESTOU VOLTANDO PARA A ÁFRICA—DISSE RENÊ.

Ela estava no degrau da porta da frente de Jack, vestida com uma blusa sem mangas e um par de jeans largos, mas que não conseguia esconder suas formas perfeitas.

Jack estava na porta aberta de sua casa, sem saber o que dizer.

— Já?

— Temo que sim. Eu estava a caminho do aeroporto. Mas pensei em dar uma passadinha aqui para lhe agradecer.

— Legal que você veio. Entre, por favor. Nem que seja só um minuto.

— Obrigada.

Jack saiu da frente para deixá-la passar. Theo veio da cozinha para cumprimentá-los. Tinha chegado de alto-mar, onde estivera pescando no barco que guardava atrás da casa de Jack, e o cheiro denunciava suas atividades.

— Desculpa aí o cheiro—disse ele.

— Não tem problema. Meu grau de tolerância é bem grande. Ele teve de parar um momento para pensar, e Jack disse:

— Renê está voltando para a África.

— Ah!—disse Theo.—De volta à luta contra os traficantes de escravos, é?

— Meu trabalho lá ainda não acabou.

— Sorte sua. Você é maravilhosa, sabia?

— Obrigada. Mas não sou isso tudo, não.

— Olha, eu estava aqui pensando numa coisa—disse Theo.—Há um tempo atrás, eu vi na TV uma reportagem dizendo que a mesma fissura que a gente tem por chocolate, também pode ter por sexo.

— Theo, tenha dó—disse Jack.

— Tem a ver com a parte do cérebro que é estimulada—disse Renê.

— Exatamente. O que significa que as pessoas que não têm sexo suficiente são aquelas que têm fissura por chocolate, certo?

— Suponho que sim.

Ele levantou uma sobrancelha e perguntou:

— Será que isso quer dizer que as pessoas que não comem chocolate têm fissura por sexo?

Ela só sorriu.

— Theo—disse Jack rosnando.

— Pô, que merda, Swytek. Ela vai estar a cinco mil quilômetros de distância dormindo sozinha numa choupana qualquer na hora que você conseguir reunir coragem para perguntar se ela quer sair com você.

— Theo, você se importaria em preparar alguma coisa para a gente beber?

Ele refletiu por um momento e depois disse:

— Acho ótimo. Já volto.

Jack esperou o amigo desaparecer na cozinha e convidou Renê a se sentar na sala de visitas. Sentaram-se em poltronas opostas diante da mesinha de centro, de frente um para o outro.

— Ele é um sarro, não é?—disse Renê.

— Ele não sabe a hora de parar. Ele vai se ver comigo. Trocaram um sorriso, e depois Jack disse:

— Posso lhe fazer uma pergunta meio pessoal?

— Talvez. Depende de qual é.

— É sobre Sally.

— Esse parece ser um terreno que você conhece bem, depois de tudo o que passou.

— Me intriga o fato dela ter posto todos os quarenta e seis milhões de dólares neste jogo que ela criou para seis ou, como depois se soube, cinco pessoas que ela considerava inimigos. Parece-me que ela podia ter conseguido chegar ao mesmo objetivo com quarenta e seis milhões, vinte e seis milhões e até com seis milhões.

— Ela pôs todas as fichas que tinha nesse jogo.

— É exatamente o que me intriga. Um sujeito como Tatum teria lutado com a mesma gana por muito menos dinheiro. Acho que estou querendo dizer que ela não precisava deserdar a irmã completamente. Podia ter deixado vinte milhões de dólares para você e posto os outros para brigar pelos vinte e seis restantes.

— Podia. Mas não deixou.

Jack esperava que ela dissesse mais, e depois perguntou apenas:

— E por que não?

Ela baixou os olhos, como se estivesse reunindo coragem para dizer o que estava prestes a dizer.

— Essa foi uma das coisas que vim aqui lhe dizer.

Jack nem sequer percebeu, mas tinha vindo para a frente e se sentado na beirada da poltrona.

— O quê?

— Uma das minhas obrigações como inventariante do espólio de Sally é procurar saber se há algum outro testamento e/ou codicilo. Bom, acontece que havia outro testamento.

— Outro testamento?

— Sim. Estava em francês. Ela o guardou num cofre de banco em Paris. A data é posterior àquele feito na Flórida.

— O que significa que ele prevalece sobre aquele feito na Flórida.

— É assim que entendo a questão.

— E ele deixa toda a fortuna de Sally para...

Sua expressão ficou muito séria.

— Para mim.

— Tudo?

— Sim. Tudo.

Jack não pôde deixar de sorrir.

— Mas que ótimo! Então isso quer dizer que todas essas pessoas aqui da Flórida estavam lutando, se engalfinhando e literalmente se matando por causa de um testamento que não valia o papel onde estava escrito—disse ela num tom impassível.

— O que você sabe?—perguntou Jack.

— E o que é que você sabe?

— Talvez a pergunta seja o que você sabia?

— Como assim?

— Você ficou surpresa ao descobrir a existência desse segundo testamento? Ou sabia que Sally tinha Aids? Sabia que ela estava tramando alguma coisa para destruir seus inimigos, para se vingar das pessoas que tinham arruinado sua vida? Sabia que ela havia garantido que riria por último, mesmo depois de

morta, com um segundo testamento que deixava tudo para sua irmã?

— Eu tinha esperanças de que você e eu concordaríamos em que foi uma surpresa completa para mim.

— Tenho motivos para pensar que não?

— Não, a menos que você prefira acreditar que fiquei quietinha assistindo esse banho de sangue, sabendo perfeitamente que só eu tinha o poder de revelar a existência desse segundo testamento e dar um fim a essa situação.

— Eu detestaria pensar que você faria uma coisa dessas.

— Eu nunca faria uma coisa dessas. Veja bem, não estou esmagada de tristeza e pesar com a morte de nenhum deles. O advogado especializado em divórcio, o promotor, a repórter que queria ficar rica e famosa escrevendo aquele livro infernal. Todos eles tornaram a vida insuportável para Sally. Mas eu sou uma pessoa que cura, não uma pessoa que mata.

Jack pensou nas palavras dela. Ela estava olhando bem nos olhos dele, e ele sentia aquele olhar penetrando no fundo do seu ser. Queria acreditar nela e sentiu-se convencido. Já havia sido enganado antes pela ex-mulher, e foi brabo; tinha certeza de que conhecia a diferença.

Theo saiu da cozinha com seis copos numa bandeja, três deles copos de coquetel e os outros três cheios de água.

— Drinques?—perguntou ele.

— Eu adoraria—disse Renê—,mas com todo esse reforço da segurança nos aeroportos, eu tenho de ir andando. Desculpe. Fica para uma outra vez.

— Claro.

Jack levantou-se. Ela se despediu de Theo, que obviamente não conseguiu se segurar e teve de lhe dar um abraço, com cheiro de peixe e tudo. Jack acompanhou-a até a porta.

— E então, o que você vai fazer com esse dinheiro todo?

— Hummm... Conheço bem essa instituição de caridade que atua na África, ela é séria.

— Eu estava esperando que você dissesse isso.

— Claro, não sou idiota. Eu estava pensando que podia ficar com um ou dois milhões por conta da minha aposentadoria prematura.

— Eu estava esperando que você dissesse isso também.

— Seja como for, você ficaria surpreso de saber o quanto esses quarenta e

tantos milhões podem fazer por minha instituiçãozinha. Venha nos fazer uma visita uma hora dessas.

Ela deu um passo a frente e beijou-o no canto da boca.

— Na verdade, qualquer hora é hora.

Ele ficou olhando da varanda enquanto ela entrava no carro alugado. Theo juntou-se a ele e ofereceu-lhe um drinque.

— Vai deixar ela ir embora, é?

— Ela vai voltar.

— Não vai, não.

Ele respirou fundo e deixou as palavras saírem:

— Você acertou de novo, meu amigo. Theo enfiou o copo na mão de Jack.

— Tome um desses. Vai se sentir melhor.

Jack despejou a bebida goela abaixo, fez uma careta e imediatamente depois rebateu com um copo bem grande de água.

— Putz! Minha boca está pegando fogo!

— É que a vodca é tão fria que quase queima quando desce. Ou será que eu exagerei na dose de suco de jalapeno?

—Jalapeno? Que diabo é isso?—Mula-sem-cabeça-cuspindo-fogo-pela-boca.

— Nunca ouvi falar.

— Romeu e eu inventamos esse drinque há poucos dias.

Jack lançou-lhe um olhar surpreso, lembrando que Theo tinha ameaçado Javier de lhe arrancar o couro.

— Acho que esse drinque não vai pegar.

— Pena. Eu tinha esperanças de que ele fosse nos deixar ricos.

A porta do carro de Renê bateu e, ao ouvir o motor dando a partida, Jack não pode evitar imaginar Renê saindo do avião em Abidjã, tomando aquela estrada longa e poeirenta que saía de Korhogo e finalmente trocando aquela choupana infestada de moscas, com paredes sujas e um teto podre por um lugar decente onde morar e tratar seus pacientes. Pensou também em Gerry Colletti e nos outros, aqueles que literalmente morreram tentando abocanhar a fortuna de Sally. E então seus olhos se encontraram com os de Renê enquanto ela descia a entrada de carro, e viu contentamento em todo seu rosto, aquele mesmo tipo de contentamento que era bom ter o Theo por perto.

Deu um sorrisinho para Theo e disse

— Bom, por que todo mundo quer ser rico?

— Você quer que eu faça uma lista dos motivos em ordem alfabética por assunto, ou prefere uma ordem numérica para querer ter quarenta e seis milhões de dólares.

Jack riu, os olhos marejando de lágrimas quando Renê tocou a buzina e desapareceu de vista.

— Theo?

— O que é?

— Acho que estou precisando tirar umas férias. Você acha que seria loucura se eu fosse passá-las na África?

Theo entornou uma Mula-sem-cabeça fazendo só uma careta.

— Seria loucura se você não fosse.

Fim